



Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais - IFCHS  
Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia - PPGSCA

## DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Novena da Bênção de São José:  
da tipologia às novas perspectivas do catolicismo

Mestrando: Daniel Oliveira da Cunha

Orientador: Prof. Dr. Tiago da Silva Jacaúna

Manaus (AM)  
2025

DANIEL OLIVEIRA DA CUNHA

Novena da Bênção de São José:  
da tipologia às novas perspectivas do catolicismo

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas. Área de concentração: Processos socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

Orientador: Prof. Dr. Tiago da Silva Jacaúna.

Manaus (AM)  
2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

---

- C972n Cunha, Daniel Oliveira da  
Novena da Bênção de São José: da tipologia às novas perspectivas do catolicismo / Daniel Oliveira da Cunha. - 2025.  
195 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Tiago da Silva Jacaúna.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia, Manaus, 2025.
1. Catolicismo. 2. Novena. 3. São José. 4. Manaus. I. Jacaúna, Tiago da Silva. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Soc. e Cultura na Amazônia. III. Título
-

DANIEL OLIVEIRA DA CUNHA

Novena da Bênção de São José:  
da tipologia às novas perspectivas do catolicismo

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas. Área de concentração: Processos socioculturais na Amazônia. Linha de pesquisa: Redes, Processos e Formas de Conhecimentos.

**BANCA EXAMINADORA**

**Prof. Dr. Tiago da Silva Jacuína (Presidente)**  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Heloisa Helena Corrêa da Silva (Membro)**  
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

**Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Elisângela Socorro Maciel Soares (Membro)**  
Faculdade Católica do Amazonas (FCA)

*In memoriam*

Aos meus pais  
**Francisco e Francisca Cunha**

À grande amiga  
**Luciana Assante**

*“O zelo pela tua casa me consumirá” (Jo 2,17)*

## AGRADECIMENTOS

Louvado seja Deus, fonte de toda graça e inspiração, que nos sustenta em cada passo e renova nossas forças diante dos desafios. A Ele, que ilumina as noites escuras e abre os caminhos no meio das incertezas, elevo minha primeira e mais profunda gratidão. É em razão do Seu chamado que continuo a responder em Suas veredas aos apelos de Sua missão.

Agradeço à família salesiana, que moldou minha vida com o carisma herdado de Dom Bosco. Aos salesianos, irmãos de caminhada e de missão, grato pela oportunidade e pela colaboração com este trabalho. Um especial agradecimento à minha comunidade São João Bosco (2023-2024), particularmente aos assistentes Tailles Pires, Max Olex e Wesley Bento, que, juntamente com os formandos salesianos pré-noviços, foram compreensivos e prestaram suporte imediato e auxílio ao trabalho fraterno da formação enquanto eu desenvolvia este trabalho.

À minha família, na pessoa dos meus irmãos, que sempre me apoiaram com orações e estima, meu grato reconhecimento. Embora não esteja presente devido à função presbiteral que exerço, sei da estima e do apreço por mim e por minhas conquistas, que também lhes pertencem. Aos amigos que caminharam ao meu lado, minha gratidão por sua presença constante, por cada palavra de incentivo e por cada partilha que renovou minhas forças, em especial a Fabíola Carvalho, Rogéria Mesquita, Mariza Leal, Marcelo Magalhães e Rilton Vidal.

Na minha trajetória acadêmica, sou imensamente grato à Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA), espaço onde floresceram saberes e experiências encantadoras por nossa imensa Amazônia, com insignes docentes. À prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Heloísa Helena, minha primeira orientadora, agradeço pelo cuidado e pela paciência no início desta jornada; ao prof. dr. Tiago Silva, que posteriormente assumiu o acompanhamento acadêmico deste trabalho com acuidade; à prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Marilina Bessa, cuja generosidade e acolhimento nas aulas de estágio em Filosofia deixaram sinais deste saber filosófico que também é uma paixão em minha trajetória acadêmica; à prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Andreza Weil, que me acompanhou com atenção e suporte, ofereço meu sincero reconhecimento, assim como à prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Elisângela Maciel, da Faculdade Católica do Amazonas, por sua encantadora paixão eclesial e sua preciosa amorosidade pela Igreja amazônida.

Igualmente agradeço à fomentadora Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) pela bolsa de pesquisa, que favoreceu, em diversos aspectos, o suporte

a este estudo. Agradeço à minha linha de pesquisa 2, “Redes e Formas de Conhecimento”, que me proporcionou reflexões ricas e aprendizados transformadores. Às colegas remanescentes Cristiane Braz, Iracema Ruiz e Vanessa Brito, sou grato por cada troca, pela parceria e pelos momentos de crescimento compartilhado. Na pessoa dessas mulheres, agradeço a toda a turma do PPGSCA/UFAM 2023, com gratas amizades e proximidade com Irvana Góes e Bruna Lira.

Ao Santuário São José, fonte desta pesquisa, lugar sagrado da manifestação das graças de Deus, deixo minha especial gratidão. Na pessoa do reitor, Pe Francisco Alves, gratidão em nome também dos seus antecessores neste serviço evangelizador, continuadores desta obra e missão dedicada a São José. Aos amigos deste santuário, que me ajudaram de diversas maneiras: Jorge Miguel, que gentilmente me cedeu um valioso acervo de reportagens; Luciana Assante, que em vida foi plenamente dedicada ao serviço desta igreja e que, agora, se regozija na paz de Deus; Wania Braga, por sua colaboração generosa e fraterna, a que sou profundamente agradecido; Carla Batista, pela amizade, apoio e suporte material. Meu sincero obrigado a Gilmara Pinto e Alexandre Rodrigo, pela amizade e pelo incentivo na conquista deste sonho. Aos amigos da confraria – Leonardo Bentes, Lucas Campos, Paula Sasaki – e à querida Léa Bentes, agradeço pelo companheirismo e pela amizade de longa data que iluminaram o caminho com alegria e esperança.

Também não posso esquecer o precioso apoio das colaboradoras da Inspetoria São Domingos Sávio por meio da cessão de materiais: obrigado à amiga Josely Moura, cuja colaboração documental junto à secretaria inspetorial foi imprescindível, e também à Danielle Paula, bibliotecária dedicada, sempre pronta a auxiliar. Obrigado aos irmãos de caminhada Ramon Campos e Éder Vasconcelos, que me ajudaram com suas observações preciosas, bem como a Euliene Gonçalves, pelo suporte acadêmico. Agradeço ainda às ilustradoras Ana Maria Freitas e Aline Bispo.

Acolhendo a orientação da banca de defesa, o trabalho seguiu para a atenção ortográfica e normatização ABNT com a revisora Laura Massunari (Instituto Federal de Rondônia), a quem agradeço pelo serviço e pelo zelo de orientações preciosas.

E, sobretudo, rendo graças a São José, modelo de fidelidade e servo do Senhor. Tua vida de silêncio, justiça e trabalho foi para mim inspiração constante. Que tua intercessão continue a nos guiar, a nos fortalecer nas lutas e a nos ensinar a caminhar com confiança em Deus.

*“São José, fiel amigo, refúgio do trabalhador, ensina-nos com teu silêncio a confiar no Senhor. Guarda nossos sonhos e passos, intercede com teu amor, que em tua bênção encontramos a força que vem do Salvador!”*

Com fé, amor e gratidão, confio esta obra à tua proteção, São José, pedindo que continues a abençoar todos que participaram desta caminhada. Amém!

*Esposo de Maria*  
*Gilvan Bispo*

*É José, esposo de Maria*  
*É José, homem de muita fé*  
*Ele aceitou o Senhor com alegria*  
*Ser pai na terra de Jesus de Nazaré*

*Em Belém onde o menino nasceu*  
*Cheio de paz e de amor ele cresceu*  
*Foi um presente que Maria concebeu*  
*Foi uma prova do amor de nosso Deus!*

*Homem justo e muito trabalhador*  
*Obediente, foi fiel ao seu Senhor*  
*Foi pai amigo e a Jesus lhe deu amor*  
*Foi um exemplo para o nosso Salvador!*

## RESUMO

Este estudo investiga a Novena como uma práxis devocional cristã, tendo como objeto empírico a Novena da Bênção de São José, uma iniciativa de cunho pastoral-evangelizador iniciada em 1999 no Santuário São José, em Manaus (AM). Ao longo dos anos, essa prática se tornou um fenômeno religioso significativo, atraindo mensalmente um grande número de fiéis. A pesquisa busca aprofundar a tipologia do catolicismo presente na novena, fundamentando-se em perspectivas antropológicas e sociológicas sobre o catolicismo, a fim de discernir novas implicações eclesiológicas e pastorais para o contexto brasileiro. A Novena da Bênção dedicada a São José ocorre mensalmente no dia 19, em diversos horários ao longo do dia. Inspirado pelo método da sociologia compreensiva, proposto por Weber (1999), o estudo analisa a historicidade e as múltiplas características desse fenômeno, considerando sua relação com os desafios e paradigmas contemporâneos das manifestações religiosas no catolicismo brasileiro, especialmente no âmbito da piedade popular.

Palavras-chave: catolicismo; novena; São José; Manaus.

## ABSTRACT

This study investigates the Novena as a Christian devotional praxis, having as its empirical object the Novena of the Blessing of Saint Joseph, a pastoral-evangelizing initiative started in 1999 at the São José Sanctuary, in Manaus (AM). Over the years, this practice has become a significant religious phenomenon, attracting a large number of believers monthly. The research seeks to deepen the typology of Catholicism present in the Novena, based on anthropological and sociological perspectives on Catholicism, in order to discern new ecclesiological and pastoral implications for the Brazilian context. The “Blessing Novena” takes place monthly on the 19th, at different times throughout the day, in line with the memory of Saint Joseph. Through inspiration from the method of comprehensive sociology, proposed by Weber (1999), the study analyzes the historicity and multiple characteristics of this phenomenon, considering its relationship with the contemporary challenges and paradigms of religious manifestations in Brazilian Catholicism, especially in the context of popular piety.

Keywords: catholicism; novena; Saint Joseph; Manaus.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Santuário São José.....	23
Figura 2 – Livreto da Novena de Natal de 2021.....	35
Figura 3 – Área externa e interna do Santuário de Aparecida, em Manaus .....	57
Figura 4 – Convite semanal .....	60
Figura 5 – Visão externa e interna da Paróquia São José Leste .....	62
Figura 6 – São José: cortejo.....	67
Figura 7 – Escola Industrial Salesiana.....	70
Figura 8 – Montagem de fotos (visão externa e interna).....	73
Figura 9 – Linha histórica da Paróquia São José.....	75
Figura 10 – Percurso histórico do Idealizador.....	83
Figura 11 – Visão externa: altar (1) e quadras, campo e altar (2) .....	86
Figura 12 – Visão externa: campo, quadras e pórtico (1) e altar externo (2) .....	87
Figura 13 – Visão externa das quadras esportivas e do campo .....	88
Figura 14 – Novena de São José, realizada no Sambódromo de Manaus .....	91
Figura 15 – Festa de São José (19 de março): visão geral do Sambódromo .....	92
Figura 16 – São José.....	93
Figura 17 – Arte do Ano de São José .....	101
Figura 18 – Selo comemorativo “75 anos caminhando com São José” .....	102
Figura 19 – Multidão reunida no átrio externo ao santuário, onde se realizam as novenas ...	111
Figura 20 – Uma das várias iniciativas beneficentes promovidas a partir da novena.....	119
Figura 21 – Informativo paroquial <i>O Guardião</i> (2005) .....	120
Figura 22 – Informativo <i>Folha Universal</i> (1999).....	121
Figura 23 – Reportagem sobre a saída do Idealizador.....	124
Figura 24 – Mídia divulgou manifestações sobre a saída do sacerdote.....	125
Figura 25 – Celebração no altar externo do santuário pelos 23 anos da novena.....	125
Figura 26 – Comunicado de despedida.....	126
Figura 27 – Decreto .....	132
Figura 28 – Hierarquia da Igreja .....	177
Figura 29 – Bênção final .....	180

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modelo estrutural da novena em Mariana (MG).....	28
Quadro 2 – Estruturas do catolicismo.....	46
Quadro 3 – Santuário São José, conforme o <i>Guia Pastoral</i> .....	106
Quadro 4 – Elementos rituais da Novena da Bênção de São José.....	113

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- C – Constituições Salesianas
- CV II – Concílio Vaticano II
- CEBs – Comunidades Eclesiais de Base
- CEHILA – Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina e no Caribe
- CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano e do Caribe
- CENESCH – Centro de Estudos do Comportamento Humano
- CESAF – Centro Salesiano de Formação
- CIMI – Conselho Indigenista Missionário
- CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
- CPT – Comissão Pastoral da Terra
- DAp – Documento de Aparecida
- DP – Documento de Puebla
- DS – Documento de Santo Domingo
- DPPL – Diretório sobre a Piedade Popular e Liturgia
- EG – *Evangelii Gaudium*
- GS – *Gaudium et Spes*
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- IGMR – Instrução Geral do Missal Romano
- IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- ISDS – Inspeção São Domingos Sávio
- ISMA – Inspeção Salesiana Missionária da Amazônia
- LG – *Lumen Gentium*
- MEB – Movimento de Educação de Base
- Med – Documento de Medellín
- PASCOM – Pastoral da Comunicação
- PP – Piedade popular
- QRPJS – Quadro Referencial da Pastoral Juvenil Salesiana
- RCC – Renovação Carismática Católica
- RP – Religiosidade popular
- SC – *Sacrosanctum Concilium*
- SDB – Salesianos de Dom Bosco
- TL – Teologia da libertação

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>NOVENA – UMA PRÁXIS CELEBRATIVA</b> .....	<b>24</b>
2.1	ORIGEM DAS NOVENAS: UMA INTRODUÇÃO .....	24
2.2	ENTRE PIEDADE POPULAR E RELIGIOSIDADE POPULAR: O FENÔMENO RELIGIOSO.....	36
2.3	A PARALITURGIA: AS NOVENAS EM MANAUS.....	50
2.3.1	<i>Novena de Aparecida</i> .....	<b>52</b>
2.3.2	<i>Novena de São José Operário Leste</i> .....	<b>58</b>
<b>3</b>	<b>A PRÁXIS DEVOCIONAL E SUAS FIGURAS</b> .....	<b>68</b>
3.1	DAS ORIGENS DA PARÓQUIA DE SÃO JOSÉ AO SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO .....	68
3.2	O IDEALIZADOR E SEUS FUNDAMENTOS .....	79
3.3	SOBRE A DEVOÇÃO A SÃO JOSÉ .....	97
3.4	UMA TRÍADE: O DEVOTO, O RITO, O PRESIDENTE – UM OLHAR SOBRE ...	108
3.5	TENSÕES, MUDANÇAS E CONTINUIDADE .....	122
3.6	PÁROCOS E REITORES.....	127
3.6.1	<i>Padre Gama (2006-2007)</i> .....	<b>127</b>
3.6.2	<i>Padre Delta (2008-2018)</i> .....	<b>130</b>
3.6.3	<i>Demais sacerdotes</i> .....	<b>134</b>
<b>4</b>	<b>ENTRE CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E CAMINHOS – O CATOLICISMO</b> ..	<b>142</b>
4.1	CENÁRIOS – JOÃO BATISTA LIBÂNIO .....	143
4.1.1	<b>Igreja institucional</b> .....	<b>145</b>
4.1.2	<b>Igreja carismática</b> .....	<b>147</b>
4.1.3	<b>Igreja da pregação</b> .....	<b>149</b>
4.1.4	<b>Igreja libertadora</b> .....	<b>151</b>
4.1.5	<b>Igreja plural</b> .....	<b>153</b>
4.2	PERSPECTIVAS – AGENOR BRIGHENTI.....	157
4.2.1	<b>Perspectiva evangelizadora/libertadora</b> .....	<b>162</b>
4.2.2	<b>Perspectiva institucional/carismática</b> .....	<b>168</b>
4.2.3	<b>E os caminhos amazônicos?</b> .....	<b>172</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>181</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>185</b>
	<b>ANEXO A</b> .....	<b>190</b>
	<b>ANEXO B</b> .....	<b>194</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Hoje é dia 19; são 3 h 42 min, e a porta do quiosque São José já está se abrindo. Faz apenas seis horas que Sigma<sup>1</sup> deixou a cozinha, preparando o sopão que logo mais será vendido. Enquanto isso, água no fogo para fazer o café. Kapa peneira a farinha de tapioca para o primeiro pedido do dia, já amanhecendo. É possível ver o belo alvorecer por trás do altar principal, onde os músicos estão “no corre” para a novena das 6 h, que, em breve, vai se iniciar na área externa.

Olho para um lado e outro e vejo gente chegando. Notam-se pessoas de uniforme para ir ao trabalho, donas de casa, muitas mulheres e idosos, mas os jovens também estão presentes e ajudam na logística. Um bom número dos que chegam está com o livrinho da novena na mão; outros trazem seus banquinhos para acompanhar a celebração do meio do campo de futebol. Há quem chegue descalço e quem também traga símbolos para ofertar ou agradecer.

Ao lado do altar principal, o pessoal da filmagem regula as imagens no telão e o pessoal do som faz os últimos ajustes do microfone do coro. Faltam cerca de oito minutos para o início da primeira novena na área externa. Enquanto isso, o *datashow* também já está pronto para a transmissão interna, uma vez que um bom número de fiéis acompanhará tudo de dentro da igreja.

De pé, da porta do santuário na Avenida Visconde de Porto Alegre, vejo a sala do dízimo já movimentada. Na rua, o comércio começa a se arrumar para o dia intenso: tem barraquinha para o café, mas também terços, camisas religiosas, entre outros itens.

Sabemos que, na verdade, todo o espaço começou a ser preparado por funcionários, agentes de pastoral e voluntários ontem, 18. Todo mês é assim: são muitas mãos preparando tudo, pois o movimento é intenso. No dia 19, tudo já tem que estar previamente pronto, especialmente o altar de São José, que, com seus lírios, abre o cortejo.

Amanhã, dia 20, é o momento da limpeza para os funcionários – ainda cansados do dia anterior, que findou com uma rápida limpeza por volta das 21 h 15 min –, mas também é dia de encerrar mais cedo o trabalho e descansar para compensá-lo em outro momento. É contagem de dinheiro para uma equipe e, para o fiel devoto, dia de reviver as boas lembranças das cinco novenas celebradas em mais um dia 19.

---

<sup>1</sup> Os nomes utilizados são em grande parte fictícios. Fizemos a opção de utilizar as letras do alfabeto grego.

Este é apenas um registro mensal do que ocorre há cerca de 25 anos. Este é, portanto, o recorte desta pesquisa: em setembro de 2024, celebra-se o Jubileu de Prata da Novena da Bênção de São José.

A novena é o objeto desta pesquisa – e ocorre todo dia 19, em memória mensal ao santo esposo de Maria, na então paróquia salesiana dedicada a São José, localizada na região das igrejas do Centro Histórico da capital amazonense.

Tudo começou às portas do grande Jubileu de 2000<sup>2</sup>. A Igreja Católica celebra a cada 25 anos um jubileu<sup>3</sup>. O novo milênio da era cristã se iniciou com uma forte expectativa: o que seria do novo século? Atento a essa preocupação foi que o papa João Paulo II propôs aos presbíteros que investissem numa nova evangelização. Foi por causa desse apelo que o Idealizador<sup>4</sup> teve a intuição de suscitar um movimento eclesial diferenciado em torno do orago José e ao redor da Palavra de Deus num horário incomum, ao meio-dia.

A presente pesquisa é propícia justamente por limitar sua existência a esses 25 anos, portanto, ao Jubileu de Prata, celebrado em setembro de 2024. A Novena da Bênção de São José é o objeto empírico deste estudo, um fenômeno religioso católico difundido em Manaus (AM), com alcance notável em seu espaço eclesial e através das mídias – como, por exemplo, por meio da parceria de longa data com o canal Amazon Sat; hoje, a novena é transmitida pela rede de TV estadual Encontro das Águas.

No Santuário São José, o dia 19 é sinônimo de uma grande massa que, desde as primeiras horas da manhã até à noite, vai ao encontro do seu espaço de devoção, louvor, agradecimento, dentre outros motivos. Entretanto, essa programação religiosa é reflexo de uma Igreja múltipla, que carrega em si diversas formas de viver o catolicismo, mas que apresenta grandes lacunas diante da sociedade presente – “líquida”, pluralista, de uma religião

<sup>2</sup> O Grande Jubileu do Ano 2000 foi um evento especial convocado pelo papa São João Paulo II para celebrar o início do terceiro milênio cristão. Inspirado pela tradição bíblica do jubileu, teve como objetivo promover uma profunda renovação espiritual e reconciliação dentro da Igreja e do mundo. O jubileu teve como tema central “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8), sublinhando a centralidade de Cristo na história da salvação e a missão da Igreja no novo milênio.

<sup>3</sup> O papa Francisco anunciou para o ano de 2025 um ano jubilar, chamado Jubileu da Esperança; será um Ano Santo ordinário, focado em temas de reconciliação, perdão e renovação espiritual. Marcando os 25 anos do início do terceiro milênio, este jubileu se apresenta como uma oportunidade para os fiéis se aprofundarem na misericórdia divina e na vivência da esperança. O tema central, “A esperança não decepciona”, busca inspirar os cristãos a testemunhar a esperança em meio aos desafios contemporâneos, como guerras, desigualdades sociais e crises ambientais.

<sup>4</sup> Fizemos opção de usar este termo, ao longo da pesquisa, salvaguardando o critério ético do estudo em sua privacidade e confidencialidade, conforme a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS). O termo é sinônimo de fundador, iniciador, proponente, criador, entre tantos outros, ao referir-se ao projeto que deu início à novena em estudo. A escolha etimológica melhor atribui sentido àquilo que nos referimos enquanto ação pastoral iniciada. Para identificar os presbíteros sucessores, leigos e entrevistados na gestão da novena, utilizaremos o alfabeto grego.

despedaçada e desregulada institucionalmente. Estes eram e ainda são alguns dos desafios contemporâneos que se tornaram mais explícitos, apontados exatamente na virada do século nos estudos religiosos da socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger – que publicou, em 1999, a obra *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*, lançada no Brasil somente em 2008 pela editora Vozes.

Desse modo, a pesquisa, em modo macro, se propõe a ser uma leitura hodierna do cristianismo presente a partir da religião católica. A dissertação em ato tem como objetivo geral analisar o catolicismo e, como objeto, a Novena da Bênção, realizada mensalmente no Santuário São José; para além disso, busca aprofundar quais os cenários e perspectivas contemporâneos do catolicismo brasileiro.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa de campo de caráter descritivo e analítico que vai além do seu objeto empírico, mas que faz um percurso exigente cujo propósito é ler o catolicismo em suas entrelinhas e deparar-se com seu substrato prático e efetivo a fim de encontrar horizontes responsivos para os desafios contemporâneos. Esses horizontes não são únicos, totalitários ou fechados, mas intentam abranger a pluralidade da contemporaneidade e suscitar vias de compreensão do fenômeno religioso em estudo, uma vez que o entendemos como fragmento desse cenário amplo e complexo do catolicismo universal e, em particular, da Igreja urbana presente na Amazônia, por seu singular recorte do catolicismo brasileiro, múltiplo em seu conjunto.

Essa é uma significativa razão pela qual se objetivou, por meio do tema proposto, estudar mais a fundo a Novena da Bênção em sua dinâmica religiosa e seus desdobramentos – embora se olhe em retrospecto a figura do seu Idealizador, a fim de abstrair e indagar alguns fatores manifestados na atração de um surpreendente número de fiéis e num estilo empostado que perdura. No dizer de Jacques Le Goff (2001), trata-se de “compreender o presente pelo passado e, correlativamente, compreender o passado pelo presente”. Contudo, não se trata de privilegiar ou ufanizar nenhum gestor pároco ou reitor responsável a partir de um estilo ou *habitus* litúrgico-pastoral, mas entender, no espírito do tempo e no contexto em que a Igreja viveu ou está inserida, as razões de certas nuances pastorais como fator preponderante para o alcance evangelizador. A finalidade é, portanto, uma leitura geral compreensiva do fato e do fenômeno em causa, a fim de colher razões macro diante do múltiplo tratando-se do catolicismo atual.

Num contexto de crescente universo religioso na região amazônica, com especial destaque para o pentecostalismo em expansão pelo Brasil, projeções estatísticas apontam que até 2032 – portanto, em menos de dez anos – seremos um país de predominância evangélica<sup>5</sup>. Este é um dado notável para a discussão acerca da perda de espaço do catolicismo no Brasil, país cuja origem de colonização portuguesa foi marcada pelo domínio do catolicismo europeu, que se tornou a religião majoritária em todo o território geográfico do país – não obstante a diversidade religiosa, que inclui outras denominações cristãs, religiões afro-brasileiras e diversas crenças.

É fato que a religião está em movimento, não só o catolicismo: do judaísmo ao islamismo, impõe-se de forma transversal e é motivo para muitas razões de ordem política, social e econômica. A temática religiosa parece em constante devir, de modo a transpor a esfera de ordem espiritual para dirimir questões antropológicas, culturais e emocionais, sobretudo neste momento da história do homem do novo milênio, transcorrido apenas um quarto do novo século.

A permanente volta ao sagrado parece mais uma vez em cena, como que a reconduzir o homem à sua essência e à razão do mistério de sua existência, cujo consolo entre fé e razão parece elucidar-se na tênue dinâmica do “*revelar-se-esconder*” diante das indagações do incognoscível e do transcendental ao homem moderno, que ensaiou se desvencilhar da religião e da sua afirmativa desnecessária ao mundo técnico-digital.

O problema da pesquisa nasce, portanto, de uma inquietação pessoal e vocacional; isso me inclui na condição de pesquisador e, categoricamente, de participante da pesquisa, uma vez que sou sacerdote salesiano e também já estive na condição de reitor do Santuário Arquidiocesano São José, o que me exige imparcialidade. Porém, permanece a indagação: estaria o fenômeno religioso submetido ao estilo espiritual da vivência religiosa carismática do tempo presente no catolicismo? Esta parece uma marca do tempo vigente, que se impregnou no “catolicismo hodierno” e, talvez, mais do que isso, se impôs como feitiço preponderante na abordagem que faremos sobre os vários cenários da Igreja e se consolidou como uma perspectiva em crescimento.

Por isso, é necessário um trajeto amplo que nos faça entender alguns percursos importantes, conforme a estrutura da pesquisa, assim proposta em seus objetivos específicos: conferir sentido histórico à crise do catolicismo a fim de compreender avanços, retrocessos e

---

<sup>5</sup> ZYLBERKAN, Mariana. Evangélicos devem ultrapassar católicos no Brasil a partir de 2032. *Veja*, São Paulo, 4 fev. 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/evangelicos-devem-ultrapassar-catolicos-no-brasil-a-partir-de-2032>. Acesso em: 4 dez. 2023.

desafios como forma de compreensão da realidade contemporânea; entender as características tipológicas presentes na Novena da Bênção de São José, identificando elementos simbólicos e rituais que a tornam distintiva ou problemática dentro do contexto religioso e buscando compreender o significado pessoal e espiritual atribuído a essa prática; abordar as novas perspectivas do catolicismo brasileiro, considerando suas distintas categorizações sociais, antropológicas e eclesásticas, a fim de aprofundar suas características e chaves de interpretação do catolicismo hoje.

Dessa maneira, a justificativa da pesquisa é necessária porque, nesses efetivos 25 anos, a novena se transformou num fenômeno de relevo especialmente na capital e se tornou um patrimônio imaterial do estado do Amazonas, atraindo uma massa múltipla de fiéis que, conforme a historiadora Elisângela Maciel Soares (2014), não vive a “romanização”<sup>6</sup> – e que por isso, por seu próprio perfil vasto, requer um aprofundamento de sua tipologia e caracterização, de modo a esclarecer elementos da piedade e da espetacularização da fé como um grande desafio do tempo presente.

Eis porque, metodologicamente, a pesquisa é indutiva numa compreensão rizomática a partir das categorias entre cenários e perspectivas. Partimos do conceito ou da origem da novena para ampliarmos o que, de fato, ela se tornou no emaranhado do catolicismo. Além disso, utilizando o método da sociologia compreensiva desenvolvida por Max Weber (2013), procuramos nos utilizar de uma atenção transversal na pesquisa em seus elementos-chave – que incluem ação social, tipos ideais, compreensão interpretativa e a importância da subjetividade na análise sociológica. A ação social refere-se ao comportamento humano que tem significado para os indivíduos envolvidos. Os tipos ideais norteiam as construções teóricas abstratas que ajudam a entender tais fenômenos. A compreensão interpretativa envolve empatia para compreender os significados subjacentes às ações. Esses elementos, juntos, formam a base da abordagem compreensiva de Weber para a sociologia.

Por outro lado, como pesquisador, procuro tomar distância da instituição de que também faço parte. Não somente pela dupla via de pertença religiosa, como membro do clero e por ser presbítero salesiano, mas busco seguir os passos de Hervieu-Léger (2024) enquanto postura não normativa – ou seja, não emitir julgamento sobre a validade ou verdade das crenças religiosas, mas realizar uma abordagem que enverede por uma postura crítica e

---

<sup>6</sup> A romanização na Igreja refere-se ao processo de conformação dessas práticas litúrgicas, disciplinares, culturais e organizacionais de Igrejas particulares ou ritos locais ao modelo adotado pela Igreja de Roma, ou seja, ao rito latino e à tradição eclesástica ocidental. O conhecimento é aprofundado em: MACIEL SOARES, Elisângela Socorro. *Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926)*. Manaus: Valer, 2014.

analítica para além de julgamentos normativos, pois é nessa dinâmica que se reinterpretam e se reconfiguram as crenças no contexto de modernidade, destacando a subjetividade e a “bricolagem religiosa”<sup>7</sup>.

Desse modo, a pesquisa de campo fez uso de entrevistas semiestruturadas respondidas por cerca de 15 membros do santuário, entre sacerdotes<sup>8</sup> e agentes de pastoral. Por se tratar de pessoas públicas e de uma amostragem pequena, resguardamos o sigilo e a confidencialidade<sup>9</sup>. Optamos por designar os sacerdotes e demais entrevistados com nomenclaturas simbólicas do alfabeto grego, mantendo o anonimato das entrevistas. Embora se possa pensar que a amostragem é relativamente pequena, na seleção nem todas as entrevistas foram utilizadas. Assim, compreendemos que o material coletado é satisfatório, uma vez que a pesquisa focou mais no enquadramento qualitativo-reflexivo que as entrevistas possibilitaram.

O estudo trouxe como referencial teórico o enquadramento popular e histórico do catolicismo, o que favorece a compreensão do seu eixo religioso, de sua universalidade à sua regionalidade, na temática em estudo. Por isso a importância de abordar, no segundo capítulo, o catolicismo em seu percurso basilar voltado ao objeto, para posteriormente compreender nesse parâmetro o fenômeno religioso de que estamos tratando, bem como refletir sobre cenários e perspectivas do catolicismo brasileiro. Desse modo, o trabalho está estruturado conforme o que se segue.

O segundo capítulo faz uma viagem histórica ao buscar as origens da novena, descobrindo suas raízes anteriores ao catolicismo; uma vez assumida na fé cristã, porém, foi situada entre a piedade popular e a religiosidade popular numa tênue relação, não obstante suas diferenças. Nessa dinâmica, discute-se a novena enquanto fenômeno eclesial. Manaus é uma capital marcada pela tradição cristã e católica. A Novena do Perpétuo Socorro, difundida

---

<sup>7</sup> O termo “bricolagem religiosa” utilizado por Daniele Hervieu-Léger descreve como os indivíduos contemporâneos constroem suas crenças e práticas espirituais de maneira fragmentada, selecionando e combinando elementos de diferentes tradições e referências religiosas. Essa ideia está inserida no contexto da modernidade, em que a religião não é mais uma estrutura homogênea e institucionalizada, mas sim um conjunto de possibilidades que os sujeitos escolhem conforme suas necessidades e experiências pessoais. Conferir: HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 27.

<sup>8</sup> Três sacerdotes fundamentais à pesquisa foram convidados a participar e a responder à entrevista semiestruturada. Devido a nenhum deles habitar em Manaus, onde a pesquisa foi realizada, houve submissão e respostas por e-mail; um deles se negou a participar desde o princípio. As dez questões foram respondidas por dois sacerdotes pela metade. Tentamos insistir para que as respondessem, com renovados prazos; porém, optamos por seguir assim mesmo, respeitando o critério ético da livre participação e colhendo somente as respostas obtidas.

<sup>9</sup> Resoluções do CNS nº 466/2012 e nº 510, de 7 de abril de 2016, sobre pesquisa na área das ciências humanas e sociais.

na região há pelo menos 80 anos pelos missionários redentoristas, é sinal efetivo dessa tradição – e se tornou uma verdadeira disseminação enraizada no seio das paróquias amazônicas.

A partir dessa práxis dentro do catolicismo, é necessária uma leitura sobre as tipologias levantadas por estudiosos, com especial atenção à categorização tipológica, para posteriormente lançar um olhar pós-conciliar para as comunidades eclesiais de base (CEBs), bem como entender, em tempo posterior, a eclosão de movimentos e comunidades suscitados no espírito da Renovação Carismática Católica (RCC) – e, ainda, os desafios da realidade urbana e as necessidades de mudança do modelo paroquial.

No terceiro capítulo, aborda-se o objeto de estudo, a Novena da Bênção de São José, a fim de compreender suas origens, história e fundador. O objetivo do capítulo é entender o que significa a novena atualmente e seu alcance numeroso de fiéis, por meio de um olhar crítico e compreensivo do *modus celebrandi* do presbítero e do povo – assim como as mudanças ocorridas ao longo dos anos e sua continuidade, hoje, após a trajetória deste Jubileu de Prata. Além disso, pretende-se compreender o fenômeno religioso que a novena se tornou e os bastidores, mudanças e desafios em seu contexto evangelizador, uma vez que se trata de uma igreja que se tornou santuário<sup>10</sup> – além de seus desafios urbanos como paróquia do Centro Histórico e de sua missão identitária salesiana, voltando um olhar mais detido à tríade *devoto-sacerdote-rito*.

No quarto capítulo, propõe-se um percurso alinhando o que se entende por cenários de Igreja, apontados por José Libânio (2009b) no final dos anos 1990 – ampliando essa prospecção no primeiro decênio do século XXI diante da cultura pós-moderna e fragmentada. Esse trabalho é retomado e atualizado por Agenor Brighenti (2021, 2023), a partir de ampla pesquisa nos quatro cantos do Brasil que enfatiza uma nova conjuntura eclesial de ambiência pastoral do catolicismo a partir de duas perspectivas: evangelizadora/libertadora e institucional/carismática. Depois, a partir dessas perspectivas, passamos a supostos novos horizontes para a vivência do catolicismo no Brasil. Finalizaremos o capítulo percebendo os caminhos amazônicos traçados pela Igreja na região, de modo a denotar o banzeiro já singrado até um dos seus pontos altos com o Sínodo para a Amazônia (2019) – e o mais recente Sínodo da Sinodalidade (2021-2024).

Assim, a pesquisa visa contribuir não somente para a compreensão dos horizontes acerca do fenômeno causado pela Novena da Bênção de São José, mas para ampliar a

---

<sup>10</sup> Neste ano de 2025, em 26 de abril, completará dez anos como santuário.

discussão a partir deste objeto em estudo e seu vasto direcionamento histórico à mercê do Espírito que, de fato, guia, ilumina e faz suceder ao seu tempo caminhos de respostas não somente espirituais, mas aqueles que vencem todo ufanismo religioso.

**Relato da Sr.<sup>a</sup> Maria das Graças Pierre**

[...]

*Durante o ano de 1996, eu rezava com o Edson todas as terças-feiras o terço numa sala reservada na Igreja de São José Operário, e após a reza do terço Nossa Senhora aparecia nesta sala que atualmente é a Capela do Santíssimo Sacramento. Nesse período a igreja era pouco frequentada, e Nossa Senhora havia dito em uma mensagem que o Edson indagou sobre a falta de frequência dos fiéis na igreja, pois era uma igreja tão grande, bonita, mas tão vazia, pelo que Nossa Senhora respondeu, que um dia aquela igreja ficaria tão cheia de gente que não comportaria tantos fiéis que teriam que ficar fora da igreja um grande número de pessoas.*

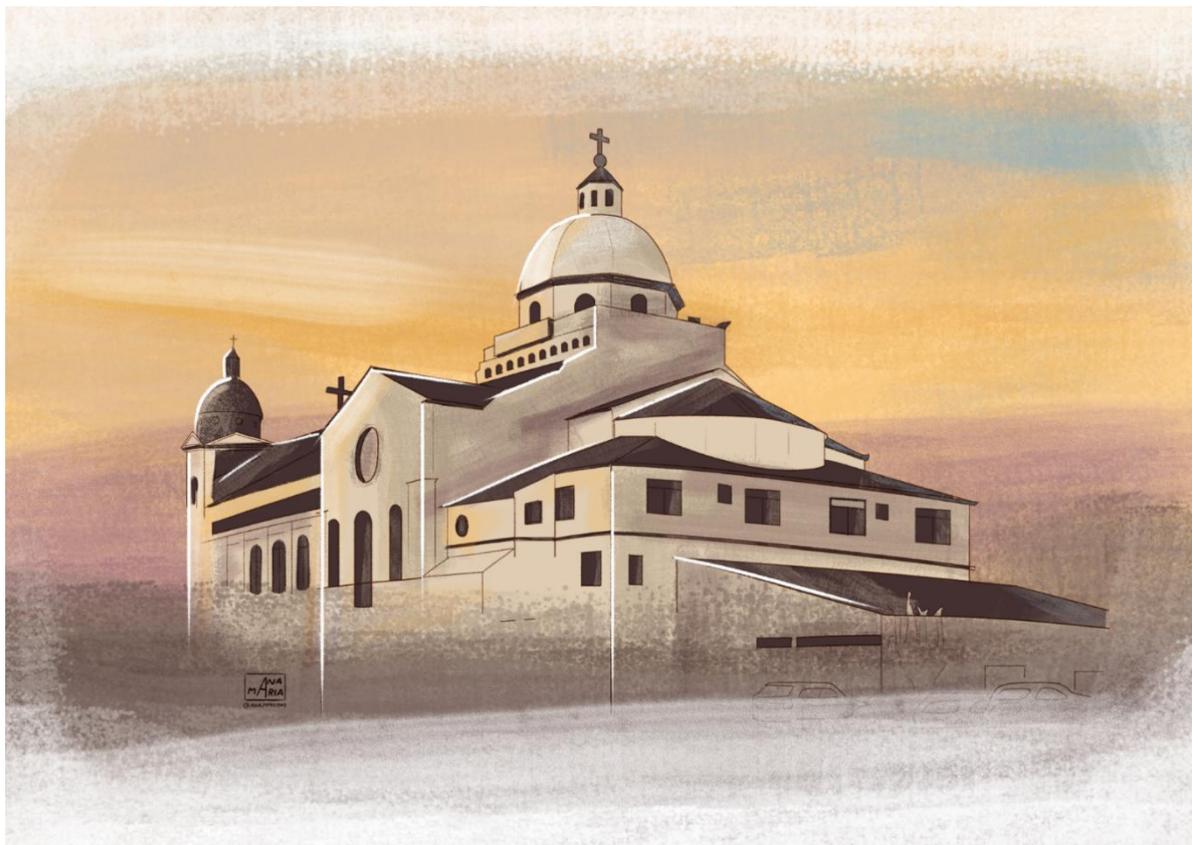
*Após esta mensagem o pároco Pe Mi<sup>11</sup>, adoeceu e teve que ir a Roma se tratar, o padre Idealizador o substituiu e inaugurou a Novena em honra a São José todos os dias 19 de cada mês e, imediatamente, após a primeira Novena, a igreja ficou repleta de pessoas até os dias de hoje e o povo do Amazonas venera São José.*

Extraído de: MOVIMENTO CARISMÁTICO DE ASSIS. Filial do Centro de Estudos da Regional do Amazonas. *Dossiê sobre as aparições de Nossa Senhora Rainha do Rosário e da Paz de Itapiranga*. Manaus, 2017. p. 17.

---

<sup>11</sup> Os nomes que aparecem registrados na obra original foram trocados por outros, fictícios, com a finalidade de manter a confidencialidade.

Figura 1 – Santuário São José



Fonte: Ana Maria Freitas (2025).

## 2 NOVENA – UMA PRÁXIS CELEBRATIVA

Neste segundo capítulo, será realizada uma imersão a fim de se compreenderem as raízes desta pesquisa até se chegar à Novena da Bênção de São José, seu objeto. Portanto, como nos referimos à experiência devocional dentro da religião católica, partimos da revisão teórica, do caráter histórico e conceitual, para compreender as preliminares do estudo, uma vez que se trata de adentrar o universo simbólico, imagético e social da fé católica com o propósito de ir ao que consideramos o subsolo<sup>12</sup> do catolicismo hoje.

Assim, abordaremos a origem das novenas na práxis cristã e trataremos da relação intrínseca entre piedade popular e religiosidade popular a fim de compreender o fenômeno religioso e, nele, a paraliturgia, em que a Novena de São José é foco.

Logo, trata-se de um itinerário tênue e crucial, pois aborda o modo como as formas de piedade continuam a ser um ponto de encontro e de convergência para a participação eclesial católica – ainda que esta seja marcada por diversos interesses e cercada na sociedade atual por inúmeros desafios, imbuídos da identificação tipológica acerca do catolicismo hoje.

### 2.1 ORIGEM DAS NOVENAS: UMA INTRODUÇÃO

As novenas são uma das mais antigas, tradicionais e populares formas de exteriorização da fé professada, que os cristãos adaptaram e puseram à sua própria disposição. Etimologicamente, novena é uma palavra de origem latina, derivada de *novemdialis*<sup>13</sup>, cujo significado se relaciona ao número nove e ao plural de dia; portanto, equivale a um intervalo de nove dias. Muito provavelmente, foi utilizada como adjetivo, pela primeira vez, entre os anos 25 e 27 a. C. por Tito Lívio, que chamou de *Novemdiale Sacrum* um ofício religioso praticado em todo o Império Romano<sup>14</sup> todas as vezes que o Monte Albano entrava em erupção e jorrava pedras, cinzas e lava de suas crateras. Tal cerimônia, que durava exatos nove dias, era realizada em memória do primeiro registro desse fenômeno, ocorrido

<sup>12</sup> Refere-se a uma camada de solo situada abaixo da primeira camada; portanto, abaixo da superfície terrestre. Há vários significados em campos diferentes, mas o utilizamos metaforicamente no campo da literatura e da cultura, como o faz Fiodor Dostoievski em sua obra *Memórias do subsolo* (1864), com o intuito de desvelar ao longo da pesquisa algumas camadas do catolicismo hoje em seus desafios.

<sup>13</sup> Cf. MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*; com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados. 2. ed. Lisboa: Confluência, 1973. v. 3. p. 1675; e NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico resumido*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1966. (Dicionários Especializados, 1). p. 520.

<sup>14</sup> Titus Livius, historiador romano. Nasceu em Patavium, hoje Pádua, Itália, em 59 a. C., e morreu na mesma cidade, no ano 17 da era cristã. Autor, entre outras obras, de *Diálogos sobre a filosofia*.

coincidentalmente tão logo fora confirmada a vitória dos romanos sobre os sabinos – que tiveram suas mulheres raptadas –, ainda nos primórdios daquela civilização<sup>15</sup>. Fúnebre em sua essência, lembrava-se, em seus textos, dos romanos mortos naquela empreitada. Essas celebrações se configuravam, desde suas origens, como claras referências aos cuidados que os povos latinos dispensavam aos seus defuntos. Assim como na Grécia Clássica, eles eram pranteados durante sete dias e incinerados no oitavo, e suas cinzas eram sepultadas no nono e último dia de cerimonial<sup>16</sup>.

Havia também na Roma Imperial outro sacrifício religioso chamado *Novemdial*, que era celebrado para aplacar a ira dos deuses com o objetivo de livrar a cidade das desgraças ou das ameaças de alguma ocorrência que pudesse fugir ao controle de seus moradores e dirigentes. Esse ritual, como os outros, durava nove dias e era, assim como a maioria dos ofícios religiosos romanos, realizado publicamente<sup>17</sup>. Por último, registra-se que, entre os romanos, era bastante comum a realização de cerimônias de purificação dos meninos no nono dia, a contar de seus nascimentos, colocando-os nus sob a proteção da deusa Nundina<sup>18</sup>.

Com o advento do cristianismo, essas e outras práticas devocionais típicas dos pagãos, depois de ajustadas aos propósitos da nova religião, passaram a ser dedicadas pelos cristãos ao próprio Senhor Deus, em Sua unidade ou em uma de Suas três manifestações. Da mesma maneira, puderam ser consagradas à Virgem Maria ou aos anjos e demais santos e santas, membros da Corte Celeste<sup>19</sup>. Assim, essas novenas, tais como aqueles rituais celebrados pelo paganismo latino, são orações realizadas no intervalo de nove dias e, de preferência, em

<sup>15</sup> Verificar a narrativa em: LÍVIO, Tito. Morte de Tulio Hostílio. In: LÍVIO, Tito. *História de Roma*. Trad. Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989. v. 1. (Biblioteca Paumape de História, 1). p. 63. Sobre os latinos, os sabinos e o início da civilização romana, conferir, entre outros: ROSTOVTZEFF, Mikhail. A Itália de 800 a 500 a. C. In: ROSTOVTZEFF, Mikhail. *História de Roma*. 3. ed. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. (Biblioteca de Cultura Histórica). p. 20-33; GRIMAL, Pierre. Lendas e realidade dos primeiros tempos. In: GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Trad. Isabel St. Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1988. (Lugar da História, 34). p. 11-51.

<sup>16</sup> Sobre essas e outras cerimônias fúnebres, principalmente no Brasil, ver: CÂMARA CASCUDO, Luís da. Anúbis e outros ensaios. In: CÂMARA CASCUDO, Luís da. *Superstição no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Global, 2001. p. 17-203. Sobre as novenas ditas, o autor afirma o seguinte: “*Novemdialia* é ainda recordada nas novenas católicas, as nove noites oblacionais voltadas aos cargos das freguesias ou aos santos de especial devoção” (Câmara Cascudo, 2001, p. 26).

<sup>17</sup> Sobre o caráter estatal e público da religião romana e a realização de seus rituais, conferir: BLOCH, Raymond. La religion romana. In: PUECH, Henri-Charles. *Las religiones antiguas*. Trad. Alberto Cardin Garay. 5. ed. México: Siglo XXI, 1984. v. 3. (História de las Religiones, 3). p. 225-289; e SCHEID, John. O sacerdote. In: GIARDINA, Andrea (dir.). *O homem romano*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1992. p. 49-72.

<sup>18</sup> Entre os romanos, deusa invocada na proteção dos meninos recém-nascidos. Sobre esse assunto, consultar: SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário da mitologia latina*. São Paulo: Cultrix, 1982. p. 102.

<sup>19</sup> Sobre a apropriação de rituais pagãos pelos primeiros cristãos, consultar: DANIELLOU, Jean; MARROU, Henri. *Nova história da Igreja: dos primórdios a São Gregório Magno*. Trad. Paulo Evaristo Arns, O. F. M. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. v. 1.

lugares públicos e consagrados: uma igreja, uma capela ou um oratório doméstico, por exemplo. Antecedem uma dessas festas propriamente ditas – numa referência, talvez, aos nove coros angelicais que antecedem o Trono Divino – como um intervalo de tempo aparentemente suficiente para a preparação daquilo que se quer celebrar com maior ênfase, maior dignidade e maior piedade<sup>20</sup>. Pode ser uma clara referência aos nove meses de gestação do menino Deus no seio de Sua Mãe, Maria, e igualmente fazer uma alusão ao intervalo de nove dias a contar da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Cristo até a festa de Pentecostes, momento em que os primeiros cristãos ficaram juntos de Maria, esperando a vinda do Divino Espírito Santo, Paráclito.

Essa imagem da cena de Pentecostes retratada biblicamente no Novo Testamento, sobre a promessa do Consolador, o Espírito Santo, é considerada popularmente a referência basilar, a primeira novena, registrada em Atos dos Apóstolos (cf. At 1,1-14) – atribuída pelos estudiosos ao evangelista Lucas.

Ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem o cumprimento da promessa de seu Pai [...]. Tendo entrado no cenáculo, subiram ao quarto de cima, onde costumavam permanecer. Todos eles perseveraram unanimemente na oração, juntamente com as mulheres, entre elas Maria, mãe de Jesus.

Por nove dias, os discípulos rezaram; no décimo, o dia de Pentecostes, receberam o Espírito Santo. Conforme Hahn (2019, p. 82), a Igreja primitiva tinha outras devoções com nove dias de duração. Famílias e amigos de luto ofereciam nove dias de oração ou missa, bem como práticas de caridade, pelo repouso dos que haviam partido – assim como hoje se mantém o costume cristão de rezar o sétimo dia do ente querido, ou ainda o trigésimo e a data de aniversário de falecimento. A numerologia associada ao simbolismo bíblico continua a ter uma importância indissociável na piedade cristã.

Contudo, em relação às novenas, existem ainda algumas variações quanto ao tempo de duração dessas cerimônias. Como elas não possuem estruturas rígidas, encontram-se em meio aos novenários<sup>21</sup> algumas que duram entre três, cinco, sete e 13 dias. São os tríduos, os quinquídios, os setenários e as trezenas. Na verdade, são minoria. É o caso de se mencionarem

---

<sup>20</sup> Sobre o número nove e seus inúmeros significados, conferir: CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número*. Trad. Vera da Costa e Silva *et alii*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999. p. 642-644. Ver também: CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. Trad. Rubens Eduardo Ferreira Frias. São Paulo: Moraes, 1984. p. 414; LUKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Trad. Vera Barkow *et alii*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 489.

<sup>21</sup> Livros que contêm novenas, coleção de novenas.

o Quinquênio de São Francisco, o Setenário das Dores de Nossa Senhora e a Trezena de Santo Antônio de Pádua, entre outras. Mesmo com essas diferenças, de maneira geral, são todas elas mencionadas e designadas como novenas<sup>22</sup>.

Porém, poderíamos indagar: qual o significado do número nove ou novenário? Aprofundando essa questão, conforme Hahn (2019), alguns comentadores dizem que o sentido deriva do fato de que o nove precede o dez, número redondo que representa a plenitude e a perfeição. O nove, portanto, seria um sinal da nossa carência humana, da nossa imperfeição. Como frequentemente rezamos novenas com intenções específicas, de cunho individual ou coletivo, essa interpretação corresponde à realidade em busca de completude intencional.

Normalmente, essas funções religiosas, até hoje, imploram a proteção ou solicitam a obtenção de alguma graça divina. Pode acontecer também que algumas tragam em suas intenções algum tipo de agradecimento, ou sejam simplesmente comemorativas.

Há atualmente muitas novenas em circulação – como as de caráter devocional, dirigidas à intercessão de inúmeros santos, e também as novenas de simpatia, que mesclam intenções específicas relacionadas a crenças populares com elementos religiosos e tradições culturais. Elas têm em comum o benefício de alcançar graças, embora as novenas de simpatia objetivem resolver problemas de ordem pessoal e material, especialmente relacionados a amor, saúde, dinheiro e proteção. Muitas novenas de simpatia têm raízes no catolicismo, influenciadas por tradições populares e práticas espiritualistas. Em algumas culturas, as novenas de simpatia mesclam elementos do catolicismo com práticas afro-brasileiras, indígenas ou esotéricas.

A Igreja, conforme o *Directório sobre piedade popular e liturgia* (DPPL)<sup>23</sup> n. 189, recomenda que se busque atrelar as devoções individuais ao ano litúrgico, uma vez que o calendário eclesial é também um catecismo, e devemos respeitar a lógica por trás dos seus desdobramentos.

De fato, trata-se de peças com estrutura formal bastante simples, com dois momentos bem definidos. Entre os registros pesquisados no Brasil, encontramos referências aos modelos mais antigos, datados do século XIX, na Diocese de Mariana (MG), descritos por Lima em

---

<sup>22</sup> No Brasil, de modo geral, são práticas muito comuns os novenários. As novenas aqui citadas fazem referência direta à Diocese de Mariana, em Minas Gerais, em sua tradicional vida eclesial. Cf. LIMA, José Arnaldo Coêlho de Aguiar. *As novenas em Mariana*. Mariana: Edição do autor, 2011. p. 63.

<sup>23</sup> Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Directório sobre a piedade popular e a liturgia* – princípios e orientações. Lisboa: Paulinas, 2002.

sua obra *As novenas em Mariana* (2011)<sup>24</sup>. A diocese, sob o governo de Dom Silvério Gomes Pimenta – o primeiro arcebispo negro do Brasil, que exerceu seu mandato de 1896 a 1906 –, aprovou uma coletânea das novenas mais usadas em Mariana como memória e registro dessa forte tradição secular da Igreja.

O roteiro registrado dessa novena de herança portuguesa é composto de dois momentos: um fixo – parte recitativo, parte musical –, repetido diariamente ao longo do tempo da novena, e outro móvel, composto por textos alusivos às circunstâncias da comemoração. Esses últimos quase sempre servem de base a uma preleção, a uma prática, conduzida pelo oficiante e seu auxiliar direto. Em suma, as novenas são formadas por invitatórios, jaculatórias seguidas de ladainhas e pedidos de auxílio divino – para as dificuldades e amarguras da vida terrena ou para a salvação eterna –, intercalados por orações um pouco mais extensas, pregações e cânticos referentes à invocação. No quadro 1, temos um modelo estrutural de uma novena com suas 39 partes<sup>25</sup>, entre cantos e récitas. As estruturas são variáveis, a depender também de sua intenção oracional; são reportadas aqui a fim de melhor compreendermos sua composição.

Quadro 1 – Modelo estrutural da novena em Mariana (MG)

Nº	Orações
01	<i>Aperi, Domine</i>
02	<i>Deus in adjutorium</i>
03	<i>Domine ad adjuvandum</i>
04	<i>Gloria Patri</i>
05	<i>Sicut erat in principio</i>
06	<i>Veni, Sancti Spiritus</i>
07	<i>Repletuorum</i>
08	<i>Emitte Spiritum</i>
09	<i>Et renovabis</i>
10	<i>Deus qui corda fidelium Sancti Spiritus</i>
11	Oração preparatória
12	Hino
13	Meditação do dia
14	<i>Pater noster</i>
15	<i>Ave Maria</i>
16	<i>Gloria Patri</i>
17	1ª jaculatória
18	<i>Pater noster</i>
19	<i>Ave Maria</i>
20	<i>Gloria Patri</i>

<sup>24</sup> José Arnaldo Coêlho de Aguiar Lima foi historiador pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e professor de História da Arte na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Faleceu em 2013. Sua obra é um legado à memória cultural e religiosa de Mariana (MG).

<sup>25</sup> Especialmente no quarto capítulo, Lima (2011, p. 15-16) traz uma explicação detalhada sobre as partes. O modelo acima é um dos mais breves, escrito exatamente assim, com partes laudatórias em latim.

21	2ª jaculatória
22	<i>Pater noster</i>
23	<i>Ave Maria</i>
24	<i>Gloria Patri</i>
25	3ª jaculatória
26	<i>Pater noster</i>
27	<i>Ave Maria</i>
28	<i>Gloria Patri</i>
29	<i>Kyrie, eleison</i>
30	<i>Laetania</i>
31	<i>Agnus Dei</i>
32	Salve Rainha ou uma outra qualquer antífona
33	Cerimônia do incenso
34	<i>Ora pro nobis, beate</i>
35	<i>Ut digniefficiantur promissionibus Christi</i>
36	<i>Oremus</i> (oração final)
37	<i>Per Christum, etc.</i>
38	<i>Divinum Auxilium</i>
39	<i>Amen</i>

Fonte: Lima (2011).

As novenas em si são textos e práticas que não nasceram no meio do povo cristão; todavia, foram por ele adaptados. Pertencem, por isso, ao comum<sup>26</sup>, tendo existido sem muitas interferências da Igreja enquanto instituição ordenadora. Isso fez com que suas diversas partes, fixas ou móveis, tenham sofrido e ainda sofram modificações em função do distanciamento, no tempo e no espaço, de suas supostas origens, ou ainda de acordo com a vontade dos seus organizadores. Estes, independentemente de suas categorias – sacerdotes ou leigos –, até hoje dispõem de certa liberdade na escolha dos temas a serem abordados e na construção dos textos a serem lidos e comentados durante esse exercício espiritual, e, sobremaneira, na composição dos hinos executados.

O registro mais próximo que temos por parte da autoridade eclesial sobre essa inserção remete ao papa Leão XIII (1810-1903), que decretou em sua encíclica sobre o Espírito Santo (*Divinum illud munus*), de 1897, que cada paróquia católica realizasse uma novena anual ao Espírito Santo, imitando os apóstolos e a Santíssima Virgem nos dias entre a Ascensão do Senhor e Pentecostes. Leão XIII, que tinha particular devoção à terceira pessoa da Santíssima Trindade, o Espírito Santo, decretou que a novena fosse celebrada universalmente pelos fiéis. Tal prática é ainda mantida, mas com menor força; isso contribuiu para uma maior compreensão teológica do Espírito Santo na Igreja.

Em Manaus, o novenário em si não é o ponto alto das paróquias, mas é um símbolo de unidade e comunhão. A solenidade de Pentecostes é a culminância desse novenário que marca

<sup>26</sup> Que pertencem a todos – em oposição a ordinário, que é da competência exclusiva da Igreja, da ordem eclesiástica, geralmente exercida por um bispo, em uma diocese.

o fim do ciclo Pascal, mantido por uma grande massa de fiéis que lota o Sambódromo anualmente, junto ao clero da capital.

Todavia, papas mais recentes demonstraram especial atenção à Novena de Natal – nos nove dias que antecedem a festa da Natividade do Senhor, cada dia representa um dos meses que Jesus viveu no útero materno. O papa Bento XVI<sup>27</sup> manifestou o desejo de que todos os católicos vivessem o espírito dessa devoção:

Na Novena de Natal, [...] à medida que nos aproximamos da Noite Santa, a liturgia com crescente intensidade espiritual faz-nos repetir: “Maranathá! Vinde Senhor Jesus!”. Esta invocação eleva-se do coração dos crentes em todas as partes da Terra e ressoa incessante em cada comunidade eclesial.

Demais papas e santos da história recente também tiveram enorme afeição pela Novena da Imaculada Conceição, realizada em virtude da preparação para a grande festa da Santíssima Virgem. O preparo para as festas litúrgicas vale como critério eclesial, em consonância com o calendário vivido pela Igreja, embora tenha se tornado recorrente a adoção do tríduo nas festas dos padroeiros, algo mais em paridade com a cultura pós-moderna devido à brevidade em momentos celebrativos.

Em momentos de grande necessidade, Santa Teresa de Calcutá instruíra suas irmãs a rezar uma “novena de emergência” – nove repetições do *Memorare*, uma antiga prece mariana:

Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que recorreram à vossa proteção, imploraram a vossa assistência e reclamaram o vosso socorro fosse por vós desamparado. Animado eu, pois, com igual confiança, a vós, Virgem entre todas singular, como à minha Mãe recorro; de vós me valho e, gemendo sob o peso de meus pecados, me prostro aos vossos pés. Não rejeiteis as minhas súplicas, ó, Mãe do Filho de Deus humanado, mas dignai-vos de as ouvir e de me alcançar o que vos rogo. Amém.

Madre Teresa de Calcutá disse ter alcançado muitas graças depois de concluir essas novenas, chamadas popularmente de “novenas de emergência”. Aqui está um dos objetivos de qualquer novena, que é recorrer a Deus nas necessidades; é uma forma de oração, marcada por atitudes pessoais e íntimas de piedade, fidelidade, sacrifício e comprometimento, a fim de que se cresça em confiança a quem se dirige e pelo propósito almejado.

Hahn (2019, p. 84) adverte sobre a suposta manipulação ao referir-se à novena como uma prática devocional “infalível”, o que pode presumir manipulação divina no modo de

---

<sup>27</sup> Papa Bento XVI, em discurso às forças armadas italianas de 16 de dezembro de 2005.

obter e de como alcançar uma graça. Já no século II, Tertuliano, autor que viveu no norte da África, preocupava-se com cristãos cujas orações se tinham transformado em superstições, o que não diferia muito das abordagens pagãs; isso recaía em formas de manipular a divindade.

Contudo, a Igreja sempre procurou, com maior ou menor sucesso, ordenar todas as práticas religiosas, principalmente aquelas oriundas do povo. Com esse intuito, ainda no final do século XIX – tentando mais uma vez tornar homogêneos os diversos rituais praticados pelo mundo cristão, entre eles as novenas –, o Palácio Apostólico expediu várias prescrições que mais tarde viriam a fazer parte de uma série de atitudes mais amplas, as quais formariam o mais importante dispositivo jurídico da Igreja Católica Apostólica Romana da atualidade: o *Código de Direito Canônico* (CDC), cuja primeira edição data de 1917. Seu autor era o então cardeal Eugênio Pacelli<sup>28</sup>, na ocasião núncio apostólico em Munique, Alemanha.

Aquelas prescrições deveriam ser acatadas por todo o mundo sob jurisdição de Roma, justamente num momento em que o Vaticano buscava, com desvelo, a centralização do poder papal. Acreditava-se, como em épocas anteriores, que estariam contribuindo para assegurar e reforçar o poder central do pontífice se, entre outras atitudes, igualassem não só o discurso doutrinário e evangelizador, mas também as práticas dos diversos cultos e exercícios religiosos. Isso porque se acreditava, igualmente, no corolário desenvolvido pela Cúria Romana, em tempos passados, segundo o qual, existindo um só Deus, existiria, por conseguinte, uma só doutrina, uma só prática religiosa e, por fim, um só vigário de Cristo sobre a Terra.

Tais práticas de novenários devidamente cantados com acentuado uso do latim foram muito comuns em São Paulo e especialmente em Minas Gerais no final do século XIX<sup>29</sup>. Destaca-se a obra *Colleção das novenas mais usadas na Diocese de Marianna*, considerada anônima – embora em *As novenas em Mariana* (Lima, 2011, p. 17) o autor atribua a provável autoria da coletânea ao padre lazarista italiano Giovanni Batista Cornagliotto, atribuição feita com a ajuda do pesquisador Olinto Rodrigues dos Santos Filho<sup>30</sup>. Além desta obra, outra coletânea ampliada se destaca, com data de publicação no mesmo ano de 1888<sup>31</sup>.

---

<sup>28</sup> Eugênio Pacelli (1876-1958) foi eleito papa com o título de Pio XII e exerceu o papado entre 2 de março de 1939 e 9 de outubro de 1958. Cf. MCBRIEN, Richard P. *Os papas – os pontífices: de São Pedro a João Paulo II*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 369-372.

<sup>29</sup> Há registros de uma antiga coleção na Diocese de Mariana (MG): COLLEÇÃO das novenas mais usadas na Diocese de Marianna com aprovação do Exm. e Rev. Sr. Bispo D. Silverio Gomes Pimenta. 2. ed. Marianna: Tip. de J. A. R. de Moraes, 1897. 696 p.

<sup>30</sup> Segundo o pesquisador, o sacerdote Giovanni Batista Cornagliotto, lazarista da Congregação da Missão de São Vicente de Paulo, habitou em Mariana (MG) nos anos de 1855 a 1902, período em que dirigiu o Seminário de

Lima (2011, p. 12) aponta dois grandes motivos pelos quais tais práticas celebrativas foram perdendo força entre a segunda metade do século XIX até aproximadamente o fim da primeira metade do século XX, isso assinalava certo grau de ruptura com o passado tridentino<sup>32</sup>.

O primeiro motivo se deve a Pio X, que, em 1903, proibiu a execução de músicas com características operísticas<sup>33</sup> nas diversas celebrações religiosas, acusando-as de profanar os lugares santos em que eram tocadas e de distrair em demasia os fiéis, afastando-os do ritual celebrado. Na ignorância ou na impossibilidade de distinguir com segurança o que seria ou não operístico – e, por conseguinte, profano ou não – nas diversas composições musicais que acompanhavam essas e outras celebrações, inúmeros vigários, capelães e regentes, para não incorrer em desobediência, aboliram de vez aquelas músicas, provavelmente executadas durante todo o período Colonial e o período Imperial.

O outro motivo transformador, mais recente e profundo, efetivou-se a partir da década de 1960. Todos os textos em latim usados no culto foram traduzidos para o vernáculo, obedecendo assim aos ditames e preceitos doutrinários emanados do Concílio Vaticano II (CV II, 1962-1965)<sup>34</sup>. Isso provocou um abandono imediato, por parte do clero, de quase todas as práticas tradicionais da Igreja Católica, por serem muitas delas realizadas em latim. Talvez, para um número grande de fiéis, essa mudança brusca os tenha deixado “órfãos” de seus valores religiosos; eles não se reconheciam mais nos novos exercícios espirituais e nos novos rituais a ponto de, quem sabe, não mais frequentarem com a mesma assiduidade essas celebrações – incluindo aí as novenas.

Nesse breve percurso histórico, Lima (2011, p. 46) afirma “que as novenas foram um dos mais prestigiados eventos paralitúrgicos celebrados nas vilas e povoações, desde o Período Colonial”; essas práticas eram muito frequentadas e chegavam, inclusive, a rivalizar

Nossa Senhora da Boa Morte. Além da competência e da sua ocupação em cargo de confiança eclesiástica, demonstrava conhecimento linguístico e gozava da confiança do vigário geral do bispado.

<sup>31</sup> NOVENÁRIO de Mariana; ou coleção das novenas mais usadas nas dioceses de Mariana e S. Paulo. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1888. 422 p. (Edição revista e aumentada).

<sup>32</sup> Referente ao Concílio Ecumênico reunido entre os anos de 1545 e 1563 pelos papas Paulo III – nascido Alessandro Farnese (1468-1549), papa de 1534 a 1549 – e Pio IV – nascido Giovanni Angelo Médice (1499-1565), papa de 1559 a 1565. Também chamado de Concílio da Contrarreforma, seu objetivo principal foi responder às doutrinas e práticas reformistas propostas por Martinho Lutero (1483-1546) e outros reformadores protestantes, além de reformar a própria Igreja Católica. Entre essas reformas, houve uma padronização dos ritos litúrgicos e a reafirmação da validade e da importância dos sacramentos, entre outras.

<sup>33</sup> A música operística, com seu estilo dramático e emocional, era considerada mais apropriada para o teatro do que para a liturgia, pois poderia distrair os fiéis e desviar o foco da adoração.

<sup>34</sup> Concílio Ecumênico reunido pelos papas João XXIII – nascido Angelo Giuseppe Roncalli (1881-1963), papa de 28 de outubro de 1958 a 3 de junho de 1963 – e Paulo VI – nascido Giovanni Battista Montini (1897-1978), papa de 21 de junho de 1963 a 6 de agosto de 1978. Cf. McBrien (2000, p. 375-387), ref. 28.

com a Semana Santa e o Natal – embora o autor se refira a uma prática tradicional específica nos primórdios da ocupação do território de Minas Gerais.

Contudo, tal prática é reflexo da piedade popular, que sempre deu sinais de uma pujança religiosa no Brasil. Não obstante a radical mudança litúrgica ocasionada pela própria Igreja, as novenas não perderam seu valor ao longo do tempo por todo o país, mas foram se modificando e se mantendo entre as práticas devocionais.

Transcorridos 60 anos do CV II (2022), nota-se que na vida dos fiéis católicos as práticas das novenas são comuns e se tornaram, em sua maioria, práticas domésticas, celebradas especialmente em casa, incentivadas pela Igreja – com destaque particular para as festas específicas dentro do calendário litúrgico, como as Campanhas da Fraternidade (fevereiro) e as Novenas de Natal (dezembro); hoje, elas são organizadas do ponto de vista formal por editoras e organismos religiosos, que as preparam e disponibilizam seus roteiros a paróquias e santuários ou diretamente às organizações populares dos fiéis que dão vida a esses encontros tradicionais da fé cristã de modo muito simples e familiar. Conforme ressalta Yone Buyst (2006, p. 4)<sup>35</sup>,

Todos os anos, comunidades, paróquias e dioceses organizam e realizam sua Novena de Natal. Durante nove noites, as pessoas reúnem-se nas casas, acolhem, conversam, oram, cantam, ouvem e comentam um texto bíblico, relacionam com a vida, com seus inúmeros problemas. A dona de casa oferece uma água, um suco, uma bolachinha. Às vezes, leva-se a imagem do menino Jesus de casa em casa, ou vai-se montando o presépio ao longo da novena. O final da novena costuma ser festiva, reunindo às vezes vários grupos de uma mesma região.

Francisco Van der Poel (2013)<sup>36</sup>, antropólogo estudioso da piedade popular, pontua que as únicas expressões da piedade popular no tempo do Natal, manifestadas pelas comunidades pobres populares segundo suas tradições, são as folias de reis e as pastorinhas ou lapinhas<sup>37</sup>. De acordo com ele, as novenas organizadas pela Igreja oficial, pelo clero e pelos agentes de pastoral nas paróquias e dioceses, com livrinhos, cadernos e folhetos, geralmente não partem da fé do povo e costumam não valorizar as legítimas expressões da experiência religiosa dos pobres; logo, não conseguem valorizar a riqueza da religiosidade popular nos dias de Natal.

---

<sup>35</sup> BUYST, Yone. A Novena de Natal: considerações teológico-litúrgico-pastorais. *Revista de Liturgia*, São Paulo, n. 190, p. 4-10, set.-out. 2006.

<sup>36</sup> VAN DER POEL, Francisco. *Dicionário da religiosidade popular: cultura e religião no Brasil*. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

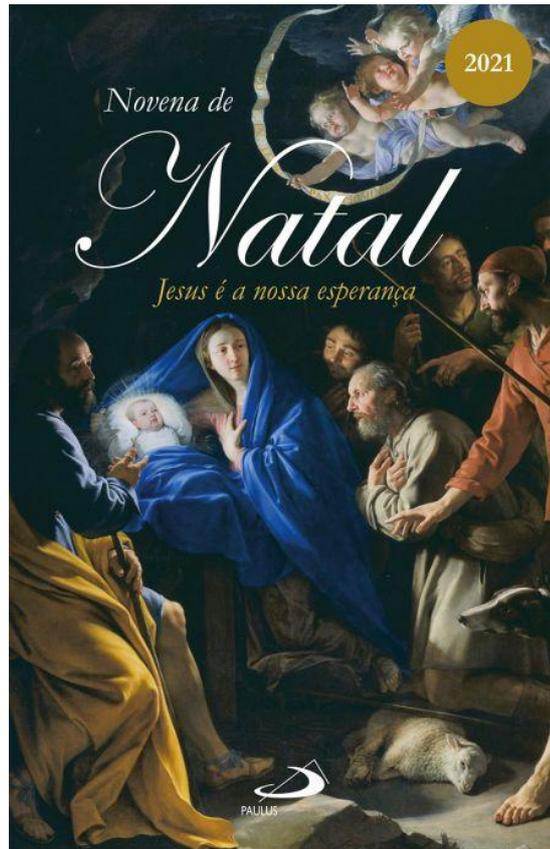
<sup>37</sup> Folias de reis, pastorinhas e lapinhas são tradições culturais e religiosas do Brasil, especialmente populares em algumas regiões do país, como Sudeste e Nordeste.

Yone Buyst (2006) acentua que há uma grande diferença entre as duas situações. Nas rezas da piedade genuinamente popular predomina a ação (cantar, rezar, dançar, acender, etc.) e não há textos escritos. De um ano para o outro, a ação ritual permanece a mesma – não muda ou muda muito pouco; portanto, unir-se é algo conhecido, familiar e importante. A experiência é comunitária; a linguagem, poética e simbólica, sem a preocupação de “passar conteúdos”. De outro lado, nas novenas organizadas nas paróquias e dioceses, prevalecem as palavras, leituras e reflexões: tudo vem escrito, tudo deve ser lido. Os “símbolos” são explicados, até mesmo a oração e as preces. A cada ano, muda o “tema”, o fato a ser analisado, o assunto a ser discutido, os cantos, os “símbolos”. Sente-se claramente que alguém está “dirigindo” o grupo; o povo segue, “vai atrás”, não domina a sequência nem a linguagem.

Falas como as de Van der Poel e de Yone Buyst chamam a atenção para a falta de espontaneidade, que se perde diante de uma proposta fabricada, uma vez que a intenção da novena, especialmente a comunitária, é ser, por natureza, familiar, espontânea e livre de tanto formalismo. Os livretos eclesiais prontos engessam as celebrações e minam a participação livre naquilo que seria um encontro de vida fraterna junto a outras pessoas e suas vivências de fé, algo muito próprio da religiosidade popular.

Na figura 2, segue-se um livreto com o roteiro da Novena de Natal do ano de 2021.

Figura 2 – Livreto da Novena de Natal de 2021



Fonte: Editora Paulus (2021).

No entanto, o DPPL n. 32 acentua que as novenas surgiram na Idade Média como “núcleos de ‘tempos sagrados’ com fundo popular, que se colocam à margem do ano litúrgico”. O *Directório* (2002) destaca o grande valor das práticas de piedade popular e aponta também para suas lacunas; por isso, insiste na harmonização da piedade popular com a liturgia, como havia nos primeiros séculos do cristianismo, antes da centralização clerical. Na relação ato litúrgico e piedade popular (n. 94), o DPPL prioriza a celebração do ano litúrgico sobre qualquer outra expressão e prática devocional como elemento fundamental e imprescindível<sup>38</sup>.

Ao abordar a Novena de Natal (n. 103), o *Directório* pontua que ela nasceu para comunicar ao povo a riqueza de uma liturgia à qual não tinha fácil acesso e que ela desempenhou e continua desempenhando sua função valiosa; porém, orienta que o novenário que antecede os dias de Natal possa dar visibilidade às solenes Vésperas com sua riqueza de

<sup>38</sup> Na Instrução Geral do *Missal Romano* (IGMR) n. 394: “Igualmente se cuide que o ano litúrgico renovado por decreto do Concílio Vaticano II não seja obscurecido por elementos secundários”.

antífonas e assim celebrar plenamente a ação litúrgica, atenta às exigências da piedade popular.

Enfim, denota-se que a prática da novena é antiga no catolicismo e, ao longo do tempo e das circunstâncias eclesiais, foi-se modificando sem perder a essência de sua importância enquanto religiosidade popular ou prática da piedade popular, que nasce com o povo e, através dele, ganha formas de expressão religiosa alinhadas ao catolicismo romanizado.

Scott Hahn, em *Sinais de vida* (2019), argumenta que “novena é uma oração que envolve nove etapas”. Em síntese, podemos deduzir pelos modelos apresentados, não obstante suas mudanças e concepções ao longo do tempo, que a novena continua a ser uma ação religiosa laudatória que conjuga tempo, oração e intercessão.

Para termos mais clareza da coletânea de novenas<sup>39</sup>, fruto da piedade popular dessa herança portuguesa a que nos referimos em Mariana (MG) e conservada em sua integralidade, a registramos no anexo A (p. 191), que pode ser conferido em complemento a esta pesquisa, de modo que se tenha noção desse registro e com qual diligência foi implementado.

As novenas, portanto, continuam a ter forte enraizamento popular; embora o catolicismo instituído tenda a “formatá-la”, ela subsiste por ser uma experiência do sagrado, o que procuraremos entender em projeção ao que hoje é o formato da Novena da Bênção de São José, objeto de estudo deste trabalho.

## 2.2 ENTRE PIEDADE POPULAR E RELIGIOSIDADE POPULAR: O FENÔMENO RELIGIOSO

O catolicismo é marcado por várias maneiras de celebrar a fé; embora sobre cada ato pese um rito, uma rubrica, isso nos faz pensar na importância e no significado de cada ato celebrativo. Não se concebe no catolicismo uma determinada particularidade devocional sem o caráter simbólico do gesto, da ritualidade e do binômio da fé que nasce e se desenvolve, uma vez que brota do interesse espiritual do indivíduo até a participação comunitária.

---

<sup>39</sup> Essa coletânea de novenas, aprovada pelo bispo de Mariana (MG), Dom Silvério Gomes Pimenta, foi publicada originalmente em 1897. Trata-se de uma compilação de 45 novenas dirigidas diretamente a Deus (Sagrado Coração de Jesus, Menino Deus, Divino Espírito Santo, etc.), Nossa Senhora (Imaculado Coração, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Rosário, etc.), São José, São João Batista e muitos outros santos de tradicional devoção dos católicos no Brasil. Todas as orações (português e latim) e meditações foram mantidas na sua integralidade, com a linguagem atualizada somente no indispensável. Cf. COLEÇÃO de novenas. São Paulo: Santa Cruz, 2022.

A força do coletivo expressa no sentido de identificação eclesial, sobretudo, continua a ser um fator preponderante em tempos de mudança de época; seja na “modernidade líquida” (Bauman, 2001), seja na “sociedade do cansaço” (Byung-Chul, 2010), o fato é que a religião continua a exercer sua relevância para a sociedade contemporânea. O raciocínio de que a religião iria acabar ou que seu papel na sociedade diminuiria drasticamente foi sustentado por vários pensadores e teóricos, especialmente durante os séculos XIX e XX; nomes como Comte, Marx, Freud, Nietzsche, Weber – cada um em seu contexto e com abordagens distintas – contribuíram para a ideia de que a religião poderia perder seu papel central na sociedade com o avanço do conhecimento científico, da racionalidade e da justiça social. No entanto, a realidade contemporânea mostra que a religião continua a ser uma força poderosa e influente em muitas partes do mundo e que essas previsões não se concretizaram de maneira uniforme ou total.

No Brasil, o tema religioso é algo sempre em voga; também é fato que perpassa muitas instâncias do conhecimento, e o tempo que vivemos no catolicismo foi obrigado a passar por uma nova grande etapa. Passados 60 anos do CV II (2022), assim assinalam Prandi e Santos (2015, p. 352)<sup>40</sup>:

Além das denominações evangélicas, que agregam as igrejas históricas e as pentecostais, muitas outras religiões vieram compor, ao lado do catolicismo, um quadro de diversidade religiosa que o Brasil nunca antes experimentara, ao qual se somam o pequeno mas expressivo conjunto das religiões afro-brasileiras e o contingente crescente dos sem religião. O país entrou no Século XXI com religiões, denominações, facções e movimentos religiosos que sequer poderiam ser imaginados ao fim do Vaticano II. Mas a mudança no âmbito da religião não se fez sozinha. O Brasil experimentou profundas transformações sociais e econômicas [sic], mudanças que acabaram por se impor e orientar os rumos da religião. A sociedade mudava, a religião seguia atrás.

É fato que a religião está em movimento, e não só o catolicismo: do judaísmo ao islamismo e às demais, ela se impõe de forma transversal e é motivo para muitas razões de ordem política, social e econômica (Hervieu-Léger, 2015). A temática religiosa parece um constante devir, de modo a transpor a esfera da ordem espiritual para dirimir questões antropológicas, culturais e emocionais, especialmente neste momento da história, transcorrido apenas um quarto deste século XXI – embora, em paralelo, autores como Charles Taylor (2007), Peter Berger (2017), José Casanova (1994), Jürgen Habermas (2008), Steve Bruce

---

<sup>40</sup> PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Mudança religiosa na sociedade secularizada: o Brasil 50 anos após o Concílio Vaticano II. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 5, n. 2, p. 351-379, jul.-dez. 2015.

(2002), Pippa Norris e Ronald Inglehart (2004) forneçam base robusta a respeito da secularização em nosso tempo, partindo da investigação da sociedade e sua relação com a religião.

No entanto, de outro aspecto social religioso, especialmente em nossa sociedade brasileira, as projeções estatísticas apontam que, até 2032 – portanto, em menos de uma década –, seremos um país de predominância evangélica<sup>41</sup>. Este é um dado notável para a discussão acerca da perda de espaço do catolicismo no Brasil, país cuja origem de colonização portuguesa foi marcada pelo domínio do catolicismo europeu, que se tornou a religião majoritária em todo o território geográfico do país, não obstante sua diversidade religiosa, incluindo outras denominações cristãs, religiões afro-brasileiras e diversas crenças.

Trazemos esse fato, o crescimento do segmento evangélico no Brasil, para denotar o quanto mudamos de paradigma religioso num país de notável decréscimo no catolicismo e que, não obstante, é marcado pela atenção às práticas cristãs, como estas que estamos discutindo como novenas – às quais podemos acrescentar adorações, noites de louvor, terços e outros devocionismos que, em contrapartida, lotam igrejas e constituem um nicho interno ao catolicismo.

É fato que a permanente volta ao sagrado parece mais uma vez em cena, como que a reconduzir o homem à sua essência e à razão do mistério de sua existência, cujo consolo entre fé e razão parece elucidar-se na tênue dinâmica do “*revelar-se-esconder*” diante das indagações do incognoscível e do transcendental ao homem moderno, que ensaiou se desvencilhar da religião e de sua afirmativa desnecessária ao mundo técnico-digital.

Embora se registre baixa no catolicismo, o que é inegável, soaram alarmantes os dados do Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2022<sup>42</sup>. Matéria publicada na *Folha de S. Paulo* com o título “Brasil tem mais espaços religiosos do que de educação e saúde juntos”<sup>43</sup> apontou que, no país, existem cerca de 580 mil estabelecimentos religiosos, ao passo que estabelecimentos de ensino e saúde, juntos, totalizam pouco mais de 510 mil. Para o sociólogo Clemir Fernandes, diretor executivo adjunto do Instituto de Estudos da Religião (ISER), os dados são assimétricos no comparativo; ele pondera que a “equação é

---

<sup>41</sup> Zylberkan (2020), ref. 5. Ver também: BALLOUSSIER, Anna Virgínia. *O púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos*. São Paulo: Todavia, 2024.

<sup>42</sup> Os dados do Censo do IBGE de 2022, devido à pandemia de COVID-19, foram paulatinamente divulgados ao longo do segundo semestre de 2023.

<sup>43</sup> YUKARI, Diana; VIECELLI, Leonardo; QUEIROLO, Gustavo; LACERDA, Lucas. Brasil tem mais espaços religiosos do que de educação e saúde juntos, aponta Censo. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 2. fev. 2024. Cotidiano, p. 37-38.

falsa, preconceituosa e elitista”<sup>44</sup>, mas afirma que a religião é uma chave de entendimento relevante de nossa sociedade, uma vez que as pessoas buscam esses estabelecimentos religiosos por diferentes razões, sobretudo num mundo de múltiplas inseguranças, e procuram caminhos para superar a anomia e outros problemas que afetam a existência.

Paralelamente, isso nos remete, diante de perdas, avanços e retrocessos no catolicismo, à caminhada histórica eclesial realizada no continente latino-americano a partir das cinco principais conferências episcopais: Rio de Janeiro (1995); Medellín, na Colômbia (1968); Puebla, no México (1979); Santo Domingo, na República Dominicana (1992); e Aparecida do Norte (2007), no Brasil. Não temos o foco de discuti-las, aqui<sup>45</sup>, mas as conferências foram preponderantes para a caracterização evangelizadora em toda a região, com características peculiares numa empostação evangélica diversa.

Medellín, em contexto pós-conciliar, trouxe à Igreja um novo começo e se tornou fonte para a qual Igrejas do continente, leigos, sacerdotes, religiosos e bispos puderam voltar e dela retirar significado para as suas caminhadas em cada momento histórico. Brighenti (2021) e Passos (2018, p. 19), ao estender seus olhares para o passado, o presente e o futuro e buscar discernir no tempo e no espaço a missão evangelizadora da Igreja, descrevem:

Medellín concretizava a consciência histórica conciliar que supera a tradicional cosmovisão essencialista, que entendia a verdade da fé como formulação definitiva e universal e se dispunha a aplicá-la a todos os povos. O *aggionamento* conciliar tomou formas concretas no “Continente da Esperança”: germinou novas formas de ser Igreja e de pensar a fé; sustentou posturas proféticas e lutas políticas por justiça, liberdade e participação política; empoderou os pobres e líderes eclesiais; criou novos ministérios e pastorais eclesiais e inseriu a Igreja na realidade concreta do continente.

As conferências, todas elas, serviram como elos eclesiais que ligaram o CV II ao tempo presente dos povos latino-americanos; foram modos de recepção das orientações conciliares que buscaram aprofundar e concretizar ensinamentos em cada época e, desse modo, levar a Igreja a buscar as formas de vivenciar de modo coerente a própria era conciliar. Não se trata de afirmar fatos, decisões e formulações doutrinárias ou fixações normativas, mas de vivenciar um processo: um modo de ser Igreja que busca permanentemente a coerência

<sup>44</sup> FERNANDES, Clemir. Quantos estabelecimentos religiosos existem no Brasil? O tamanho institucional da religião no Censo do IBGE. *Nexo Políticas Públicas*, 21 fev. 2024. Disponível em: <https://pp.nexojornal.com.br/opiniao/2024/02/21/quantos-estabelecimentos-religiosos-existem-no-brasil-religiao-censo-ibge>. Acesso em: 14 mar. 2024.

<sup>45</sup> Destaques das Conferências Episcopais Latino-Americanas podem ser mais bem apreciados no quarto capítulo, quando trataremos de cenários eclesiais e perspectivas.

com seu fundamento, Cristo. Nesse espírito de fé, a Igreja foi se renovando em cada época e lugar e procurando construir a si mesma como discípula missionária.

Retornando ao objeto empírico desta pesquisa, que ocorre na passagem do milênio marcado pela modernidade nos anos 1990, recuperamos a IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ocorrida em 1992, em Santo Domingo, cujo tema central foi “A nova evangelização, promoção humana e cultura cristã” – que destacou a necessidade de uma evangelização renovada no contexto dos 500 anos de evangelização do continente. Os anos 1990 foram marcados por transformações significativas em nível global e regional nas esferas política, social, econômica e religiosa, fatores que influenciaram diretamente nas reflexões da Igreja Católica e em suas ações pastorais na América Latina e no Caribe.

Dentre essas transformações em âmbito político e econômico, destacamos o fim da Guerra Fria (1989), quando o colapso do bloco socialista e a vitória do capitalismo trouxeram novos desafios – como o avanço da globalização, a hegemonia dos Estados Unidos e a imposição de políticas neoliberais em grande parte do mundo. Na América Latina dos anos 1990, houve reformas neoliberais – com ondas de privatizações, redução do papel do Estado e abertura econômica – que resultaram no aumento das desigualdades sociais e da pobreza. Muitos países da região também estavam saindo de regimes autoritários e entrando em processos democráticos, embora ainda sofressem com a fragilidade nas instituições e recorrentes crises políticas.

No campo social, aprofundou-se a desigualdade social entre os latino-americanos, com milhões de pessoas vivendo em situação de pobreza extrema. O aumento das migrações internas e externas foi impulsionado por crises econômicas, urbanização acelerada e conflitos armados (como na Colômbia). As populações indígenas e afrodescendentes começaram a ganhar mais visibilidade, exigindo reconhecimento de seus direitos, culturas e territórios. Houve um crescimento da violência urbana e o tráfico de drogas tornou-se uma realidade cada vez mais presente.

Do ponto de vista cultural, a globalização trouxe novas influências culturais, muitas vezes vistas como uma ameaça às tradições locais e religiosas. O avanço de igrejas pentecostais e neopentecostais começou a competir com o catolicismo, provocando uma queda no número de fiéis em várias regiões da América Latina. Por outro lado, os movimentos culturais e sociais buscavam resgatar e afirmar as identidades locais, em oposição à homogeneização cultural promovida pela globalização.

No campo religioso, a celebração do quinto centenário da chegada do cristianismo às Américas (1492-1992) gerou debates dentro da Igreja e fora dela. Enquanto alguns setores celebravam o marco como um “evento de graça”, outros denunciavam a evangelização associada à colonização, à violência e à destruição de culturas. A Igreja enfrentava tensões entre setores alinhados à teologia da libertação (TL), que promovia uma visão crítica da realidade social, e setores mais conservadores, apoiados pelo Vaticano sob o governo do papa João Paulo II.

Esse contexto marcou Santo Domingo com uma abordagem mais moderada e menos radical em relação a Medellín e Puebla. Contudo, a Igreja buscava responder às mudanças culturais e sociais com o conceito de “nova evangelização”, cujo objetivo era reavivar a fé em contextos marcados pela secularização e pelo avanço de novas religiões. Foi nesse contexto de profundas mudanças e contradições em meio ao neoliberalismo, à globalização, ao pluralismo religioso e às tensões sociais que o Conselho Episcopal Latino-Americano e do Caribe (CELAM) procurou oferecer respostas pastorais a esses desafios, ainda que de forma limitada.

Todavia, diante de inúmeros fatores, múltiplos aspectos revelaram o quanto a religião, especialmente no Brasil, se manteve em pé e em busca de novos horizontes eclesiais. Nesse contexto de “ressignificação” no catolicismo, surge, diante da “nova evangelização”, a Novena da Bênção de São José<sup>46</sup>, que foi paulatinamente se firmando e abrindo margem para uma discussão no substrato do fenômeno religioso em expansão.

Devido à discussão do fato religioso em si, provocada pela Novena da Bênção, é necessária uma atenção terminológica sobre a relação entre “religiosidade popular” e “piedade popular”<sup>47</sup>. Embora existam outras terminologias, como “exercício da piedade” e “devoções”, todas muito próximas na dinâmica do âmbito religioso, o DPPL n. 7 deixa claro que não há uma “terminologia unívoca” – embora mostre predileção ao longo do texto pelo uso da expressão “piedade popular” –, denotando que, em diversos documentos eclesiais, a Igreja faz referências alternando as terminologias.

---

<sup>46</sup> Os detalhes desta novena e sua origem serão explicitados no terceiro capítulo.

<sup>47</sup> O DPPL n. 7 ressalta que a consideração feita na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* (no n. 48) por Paulo VI faz clara opção pelo termo “piedade popular”, tratando-a como religião do povo, em vez de religiosidade; também na exortação apostólica *Catechesi Tradendae* (no n. 54) adota-se a expressão “piedade popular”; o *Código de Direito Canônico* (CDC, cân. 1234, § 1) usa a expressão “piedade popular”; o *Catecismo da Igreja Católica* (CIC n. 1674-1676) usa a expressão “religiosidade popular”, mas também usa “piedade popular” (n. 1679); a IV Instrução para uma correta aplicação da Constituição Conciliar sobre a Sagrada Liturgia (n. 37-40), *Varietates legitimaes*, publicada pela Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos em 25 de janeiro de 1994, usa “piedade popular” no n. 45.

A locução “piedade popular”, conforme o DPPL n. 9, designa as diversas manifestações culturais de caráter privado ou comunitário, que se exprimem não rigorosamente dentro dos padrões sacros litúrgicos, mas através de formas peculiares a partir do povo, sua etnia ou cultura; são consideradas um “verdadeiro tesouro do Povo de Deus”<sup>48</sup>.

Quanto à locução “religiosidade popular”, o DPPL n. 10 refere-se a uma experiência universal vivida no coração e na cultura de cada povo em suas manifestações coletivas, de modo a ressaltar a dimensão religiosa – o que revela, por sua natureza, um valor histórico em sua manifestação social de significado humano e espiritual, não sendo necessariamente referente à revelação cristã. Em lugares de forte impregnação social dos elementos cristãos, manifesta-se como “catolicismo popular”, coexistindo com outras naturezas religiosas.

Contudo, alargando a relação a partir dos devotos ou fiéis a propósito, a pesquisa utiliza-se da concepção de Ramiro González (2007)<sup>49</sup> sobre liturgia, religiosidade popular (RP) e piedade popular (PP) como um conjunto intrínseco, de modo que o autor não os vê separadamente, mas como decorrência de uma estreita relação, num mesmo campo relacional. No entanto, a RP é um conceito mais genérico, menos definido, às vezes não totalmente aceitável (em todos os seus elementos) do ponto de vista da PP cristã e, por isso, sensivelmente distinto do conceito de RP.

González compartilha da concepção expressa no DPPL a respeito das terminologias RP e PP. Isso explica a coincidência de determinados sentimentos nas distintas religiões e culturas (purificação, adoração, louvor, petição) e de atitudes e expressões culturais muito parecidas (prostrar-se de joelhos, estender os braços de olhos voltados para o céu, bater no peito, peregrinar, chorar os defuntos, etc.). Mas o sentido e os conteúdos são sensivelmente distintos em relação ao culto cristão.

A RP é a expressão ou *visão completa* da transcendência de um povo e sua concepção de natureza, sociedade e história através de expressões culturais, numa “síntese característica” preñe de sentido humano e espiritual. Em diversos lugares onde subsistem elementos cristãos em suas múltiplas formas, constitui uma espécie de “catolicismo popular” no qual se integram, com maior ou menor harmonia, aspectos e elementos derivados do sentido religioso da vida emanados da cultura própria de um povo e/ou da revelação cristã (cf. DPPL n. 10).

---

<sup>48</sup> JOÃO Paulo II. Homilia pronunciada durante a Celebração da Palavra em La Serena (Chile). In: JOÃO Paulo II. *Insegnamenti di Giovanni Paolo II*, Vol. X, 1 (1987). Cidade do Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1988. p. 1078.

<sup>49</sup> GONZÁLEZ, Ramiro. *Piedade popular e liturgia*. São Paulo: Loyola, 2007.

O catolicismo popular no Brasil evoca um histórico conflito entre fé popular enquanto devoção e fé eclesiástica, dogmática. Zeny Rosendahl (1996, p. 73) aponta outra vertente da religiosidade popular:

A religiosidade popular é um protesto das pessoas reprimidas, das classes dominadas, que se organizam em um sistema de crenças e práticas em um Deus ou outra divindade, ocorrendo uma autoprodução religiosa, na qual os sinais e os símbolos do sagrado são recriados para poderem ser de novo amados e acreditados.

Contudo, essa discussão permanente entre o devocional e o dogmático serve como base para a tênue preponderância no catolicismo de seus conflitos hierárquicos, algo que provoca uma atenção ao *modus vivendi* do catolicismo hodierno e suas tipologias em contexto pós-conciliar.

Por outro lado, diante desse *modus vivendi* ou legado receptivo da fé cristã por tradição familiar, especialmente no catolicismo, encontra-se um grande desafio da sociedade pós-moderna. Miranda (2023, p. 17) acentua que, não obstante a forte riqueza da religiosidade popular, com toda a sua gama de devoções, expressões e práticas, ela já não encontra solo tão fértil nessa transmissão geracional como outrora, pois o que se denota no hemisfério Sul e nas metrópoles é que os pais já não conseguem transmitir sua fé a seus filhos.

Todavia, González discerne que a PP é o *resultado* de um trabalho catequético e pastoral que supõe a purificação devida, a correspondente evangelização, a coerência com o Evangelho e a fé da Igreja. A piedade litúrgica é sempre *regra e modelo* para as expressões litúrgicas da RP.

Tais questões inerentes à pesquisa fazem reportar ao questionamento tipológico argumentado pelo antropólogo baiano Thales de Azevedo<sup>50</sup>, no clássico texto “Para uma tipologia do catolicismo brasileiro”, de autoria de José Comblin (1968). Nesse texto, Thales dirige sua crítica aos sociólogos da religião quando estes, ao estabelecerem as tipologias do catolicismo, o fazem tomando por referência básica a ortodoxia católica, estabelecida pelos critérios da Igreja oficial.

Conforme Thales, eles avaliam a integridade, a vitalidade e a conduta da crença a partir da adesão à instituição religiosa estabelecida, deixando de lado, como lembra Comblin,

---

<sup>50</sup> Thales Olympia Góes de Azevedo (1904-1995) é considerado por muitos um dos maiores representantes da sociologia e da antropologia do catolicismo. “Problemas metodológicos da sociologia do catolicismo” é um capítulo que integra o livro *Cultura e situação racial no Brasil*, publicado em 1966 pela editora Civilização Brasileira. O trabalho expõe, a partir de uma análise histórica, que o catolicismo no Brasil só poderia ser plural, diversificado, complexo, e de modo algum uniforme ou homogêneo, devido às razões históricas ligadas ao modo como essa religião foi sendo construída e estabelecida no Brasil.

“todos os comportamentos religiosos dos católicos, que não se reduzem aos cânones da ortodoxia, considerando-os como elementos aberrantes” (Comblin, 1968, p. 46).

A ponderação de Thales reverbera o renomado sociólogo francês Gabriel Le Bras, que faz uma distinção entre devotos, observantes e conformistas (três categorias de praticantes), indiferentes de tradição católica e não católicos; os mais fervorosos, Le Bras chama de *energética religiosa* dos católicos praticantes – enquanto o norte-americano John Fichter propõe uma classificação semelhante, que tende a diferenciar os católicos a depender de sua maior ou menor adesão ao catolicismo oficial.

A crítica de Thales está em afirmar que a classificação tipológica de Le Bras e Fichter não basta para a análise do comportamento religioso global, ainda que restrita às categorias ortodoxas da religião formal, abrindo mão da religiosidade popular ou mesmo de uma participação marginal que ambos deixam de lado, talvez devido a suas vivências da religião em suas respectivas nações.

Thales acentua que, no Brasil, justamente a massa amorfa e vagamente delimitada dos católicos ditos *só de nome* ou *por tradição* constitui a grande maioria. Ou seja, Thales mostra como vários sociólogos e estudiosos de seu tempo adotaram os critérios propostos pela sociologia religiosa dominante na Europa e negligenciaram o essencial do catolicismo, isto é, como ele de fato é vivido a partir da piedade popular dos brasileiros.

No dizer clássico de Hoornaert (1992), o catolicismo desenvolvido no Brasil foi de “pouco catecismo e muita fé, pouco padre e muita reza, pouca missa e muita devoção”. Ao analisar a formação do catolicismo brasileiro, Hoornaert (1974, p. 9) parte do pressuposto da existência de duas tradições na historiografia brasileira: uma decorrente das pesquisas de Varnhagen, a história dos grandes, dos poderosos, das instituições que dominam o povo brasileiro; e a outra, de Capistrano de Abreu, que é a história dos esforços brasileiros comuns, do povo simples.

O fato é que hoje, na sociedade pós-moderna, nota-se com clareza um catolicismo múltiplo. A obra *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas* (2009), organizado por Faustino Teixeira e Renata Menezes, traça essa pluralidade num país em que se percebe a transição do domínio católico para um ecletismo do catolicismo em que há um leque de idiosincrasias – portanto, um universo complexo e dinâmico. Nessa obra, apresentam-se as faces do catolicismo brasileiro contemporâneo e uma tipologia das formas de catolicismo existentes no país, ressaltando a complexidade e a plasticidade desse campo religioso. No livro, discriminam-se algumas “malhas” do catolicismo brasileiro: o catolicismo santorial, o catolicismo oficial, o catolicismo de reafiliados e o catolicismo midiático.

Arnaldo Lemos Filho (2008) também acentua esse aspecto em sua obra *Os catolicismos brasileiros*<sup>51</sup>, que traz um olhar abrangente, do plural ao uno, ao deter-se sobre certo catolicismo vivido na cidade de Itapira, no interior de São Paulo – onde o autor observa que “há não só uma divergência entre o catolicismo oficial e o catolicismo popular” (p. 20). Tal divergência enxerga, por parte dos agentes oficiais, o catolicismo popular na esfera da superstição e da ignorância, ao mesmo tempo que, inserindo-o no catolicismo tradicional, o considera elemento da cultura do povo e instrumento de sua libertação.

Por conseguinte, o que Thales faz é acentuar que no Brasil, como em todos os países da cristandade, há várias formas de catolicismo popular e várias estruturas coerentes e lógicas em sua ordem. Assim, pondera que havia, já em seu tempo, uma tensão entre o que poderia ser considerado catolicismo oficial ou “puro”, ortodoxo, afirmado pelos clérigos, e o catolicismo popular. O que existe na realidade são diferentes sistemas de tradução do cristianismo em condições concretas da vivência humana, pois as formas populares exigem tanto respeito quanto as formas oficiais. Thales enfatiza que a conversão ao cristianismo será feita não por imposição de um cristianismo oficial, mas pelo contato renovado com o Evangelho, que cada um firma dentro de suas próprias estruturas.

Nesse sentido, as ponderações de Thales são importantes porque retomam o valor e a força da piedade popular. Ele mesmo “não chega a categorizar nenhuma tipologia do catolicismo em si” (Comblin, 1968); no entanto, embora leigo para o momento eclesial vivido, tornou-se uma voz importante como pesquisador e estudioso da religião católica no Brasil. É Comblin – a partir da percepção da importância religiosa que Thales tem, de sua visão enquanto leigo e de seu legado de estudo – que decide por arriscar categorizar o catolicismo brasileiro, baseado em obras de sociólogos nacionais e de seu conhecimento teológico. Desse modo, ele parte do princípio histórico, reconhece que no Brasil há heterogeneidade e multiplicidade de catolicismos populares e opta por uma distinção entre áreas de expansão de vários sistemas religiosos, vividos pelos mesmos indivíduos.

Para Comblin, o mais importante não é mensurar a prática, mas o grau de penetração desse sistema de religião popular, enquanto se impõe e se adapta às circunstâncias, e até que ponto um sistema compõe o outro – uma vez que, para ele, o papel de uma tipologia é criar uma problemática e provocar pesquisas, pois não é difícil reconhecer que as tipologias dominantes de compreensão do catolicismo não se revelaram fecundas.

---

<sup>51</sup> LEMOS FILHO, Arnaldo. *Os catolicismos brasileiros*. 3. ed. São Paulo: Alínea, 2020. Nesta obra, Lemos Filho faz um resgate histórico a partir das ciências sociais sobre esses vários catolicismos presentes no Brasil, a partir também das diversas denominações tipológicas (p. 13-41).

De acordo com o critério histórico, Comblin considera sucessivamente as fontes religiosas europeias, africanas e ameríndias, sendo as primeiras as únicas fontes cristãs, mas sem prescindir das outras – pois foi através delas que surgiram combinações, sincretismos ou coagulações com as formas cristãs de religião; as religiões africanas e ameríndias intervêm, portanto, como constituintes de várias estruturas do catolicismo brasileiro.

No quadro 2, a seguir, Comblin (1968) delinea as camadas do catolicismo popular com suas fontes complexas e heterogêneas. As categorias cujas fontes (europeias, africanas ou ameríndias) entraram no Brasil passaram por um longo processo de aculturação; disso Comblin extrai um postulado, uma vez que ainda é possível reconhecer as estruturas primitivas sob as estruturas atuais do catolicismo. O autor apresenta um esquema em que constam as estruturas do catolicismo e das religiões que entraram em composição com ele:

Quadro 2 – Estruturas do catolicismo

<b>A. Estruturas europeias</b>	
Catolicismo medieval	a) o catolicismo milagroso – a contribuição germânica. b) o catolicismo penitencial – a contribuição celta ou irlandesa.
Catolicismo moderno	a) o catolicismo barroco ou pietismo católico. b) o catolicismo iluminista ou estoicismo católico.
Cristianismo contemporâneo	a) o catolicismo revolucionário. b) as colônias europeias. c) o catolicismo secularizado ou interiorizado. d) o pentecostalismo. e) o chamado “marxismo”. f) o espírito “kardecista”.
<b>B. Estruturas africanas</b>	
1) Menos sincretizadas: xangô candomblé...	
2) Umbanda.	
<b>C. Estruturas ameríndias</b>	

Fonte: Comblin (1968).

O quadro acima, esquematizado por Comblin, visa não só apresentar as estruturas do catolicismo popular no Brasil, mas o ordenamento de outras vertentes religiosas que entraram em contato com esse catolicismo. É fato que o quadro, formulado na década de 1960, revela um limite próprio de seu tempo. Ressaltamos especialmente as estruturas ameríndias, que não são aprofundadas – uma vez que, em nossa região amazônica, o processo evangelizador trazido por missionários europeus e suas diversas ordens, particularmente devido à

evangelização dos povos originários, sofreu uma série de controvérsias sociais e culturais em detrimento da relação Igreja-Estado, entendendo-os como súditos<sup>52</sup> cristãos.

Quanto à estrutura ameríndia, de modo particular esta da Amazônia brasileira, por que não chamá-la de “cristianismo amazônico”, como Eduardo Hoornaert assim intitula o capítulo XII de *História da Igreja na Amazônia* (2024, p. 400)? Em seu texto, o autor traz à consciência uma clareza histórica de que a evangelização oficial na Amazônia foi marcada pelo abandono das populações em termos de assistência religiosa em sua longa trajetória, desde a chamada era missionária (1686-1759) ou antes de Pombal. Devido a essa escassez da dinâmica evangelizadora, a imagem que se tem é a de um clero condicionado pelas imensas distâncias tanto físicas quanto culturais da região – especialmente quanto à aproximação entre Igreja e populações indígenas. Essas distâncias geográficas implicam certa ausência quase total do controle eclesiástico ou do poder constituído (Wallace, 1939, p. 289-219 *apud* Hoornaert, 2024, p. 402).

Outro fator preponderante na evangelização da região, descrito por João Santos no capítulo VIII de *História da Igreja na Amazônia* (2024, p. 302-325), foi a romanização da Igreja Católica, especialmente na segunda metade do século XX e nos governos episcopais de Dom José Afonso de Moraes Torres (1844-1859) e Dom Antônio de Macedo Costa (1861-1890). Santos delinea dois horizontes fundamentais. O primeiro refere-se à dinâmica do sistema de prelazias sob a norma jurídica “*nullius diocesis*”, ou seja, que não dependiam de nenhuma diocese, mas eram diretamente ligadas à responsabilidade romana. Hoornaert (2024) aponta dupla intenção nesse propósito: a Amazônia ser “terra de missão” devido à falta de clero, infraestrutura e finanças, uma vez que as prelazias eram submetidas a outro poder episcopal – naquela época, portanto, os bispos de São Luís (MA), Belém (PA) e Manaus estavam sob a dependência de Roma. Um segundo fator é a questão do clero estrangeiro na Amazônia, cuja estrutura eclesiástica até hoje ainda é marcada por essa presença. Embora tenhamos experimentado o crescimento das vocações autóctones, essa constituição eclesiástica estrangeira teve como consequência uma menor aderência da pastoral à religião vivida pelo povo, o que, por outro lado, suscitou também comprometimento político e social em algumas prelazias.

Possidônio da Mata, no capítulo X de *História da Igreja na Amazônia* (2024, p. 346-399), sublinha que a principal virada na dinâmica evangelizadora da região foi a assinatura de

---

<sup>52</sup> O termo aparece na obra *O paiz do Amazonas* (2012), de Marilene Corrêa da Silva. O terceiro capítulo, intitulado “Igreja, colonos e índios” aborda com clareza e domínio essa relação, lançando um olhar mais abrangente a respeito do processo colonizador e suas implicações civis e religiosas e seus desdobramentos.

um convênio com a Superintendência para o Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA), que direcionou recursos públicos com fins diversos para apoio e manutenção das obras eclesiais – o que trouxe sinais a partir da década de 1970, com o Encontro Inter-Regional de Santarém (PA), em 1972, e o Encontro de Manaus, em 1974, que atribuíram novas linguagens e iniciativas pastorais. Todavia, a Igreja começou a sofrer perseguições por parte do mesmo Estado ao qual se aliou. Possidônio lista alguns nomes, membros do clero e do episcopado, que foram sinais dessa perseguição – e por que não chamá-los de “mártires” da região? Isso marcou uma mudança de postura diante das questões econômicas, sociais e políticas das populações da região e da presença da Igreja na Amazônia – e se tornará um marco efetivo da evangelização na Amazônia, algo de que trataremos no quarto capítulo ao abordar os caminhos eclesiais amazônicos.

Voltando ao quadro e às estruturas do catolicismo, o que importa é o significado dessas práticas religiosas na vivência de tais esquemas, no bojo da adesão à religiosidade popular em seus sistemas e mecanismos que promovem uma verdadeira inculturação religiosa – esta que, assim como o trânsito religioso, é uma das características mais marcantes do povo brasileiro. De fato, Comblin expressiu nessa estrutura seu panorama histórico da formação do catolicismo popular no Brasil, mas os dados e a metodologia por ele utilizados, embora sirvam de referência, devem hoje ser vistos com ressalvas e restrições, uma vez que não aprofundam outras vertentes religiosas.

Ao retomar o artigo de Comblin (1968), que completou 50 anos em 2018, a teóloga Alzirinha Rocha Souza (2020)<sup>53</sup> faz uma releitura compreensiva e contextualizada acerca do catolicismo atual no Brasil a partir de três chaves de leitura: identificar a complexidade da realidade; compreender a amplitude do fenômeno religioso transmutado com o tempo; e identificar as influências no catolicismo popular em tempos de modernidade.

É fato que o catolicismo, embora seja universal, é vivido de diversas maneiras e assimilado de diferentes modos conforme as culturas. A evangelização também se reveste de várias facetas e vai sendo pautada por uma forma, um rito e, nele, uma prática de espiritualidade que se torna múltipla – não pelo fim do mistério, mas pelo modo de ser uma prática religiosa satisfatória, e, portanto, de identificação espiritual, algo que de certo modo a sociedade moderna assimilou no modo de viver a religião. Parafraseando Bauman (2001), há uma “religiosidade líquida”; pautada pela necessidade de bem-estar, ela se torna fluida,

---

<sup>53</sup> SOUZA, Alzirinha Rocha. Expressões do catolicismo no Brasil 50 anos depois. Releitura do artigo “Para uma tipologia do catolicismo no Brasil”, de José Comblin. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 80, n. 315, p. 117-137, jan.-abr. 2020.

flexível e personalizada, restando dois caminhos: ou as pessoas permanecem nela e a frequentam de modo livre ou simplesmente a abandonam e se distanciam se ela não estiver a contento de sua individualidade e sua busca interior.

Na constituição do campo religioso popular brasileiro, esse condicionante existencial acaba sendo um elemento determinante nas práticas religiosas de uma legião de fiéis e caracteriza, com frequência, religiões domésticas, ministradas pelos próprios praticantes. Souza Barros (1970) afirma que a religiosidade popular e todas as formas decorrentes dessa relação com o sagrado estão associadas aos problemas do cotidiano dos agentes sociais e gerenciam, muitas vezes, todos os atos de suas vidas<sup>54</sup>. Nesse sentido, o cotidiano se apresenta dominado por influências do sobrenatural que se refletem nos atos da vida material.

Nas manifestações religiosas populares, o sacerdote está no meio social dos demais agentes, o que torna o espaço heterogêneo e fragmentado e aponta para uma relação multifacetada dos agentes religiosos com o sagrado. Nesta perspectiva, Brandão (1981, p. 141)<sup>55</sup> aponta que, dentro das religiões populares, “[...] é a prática religiosa que confere ao crente e ao devoto, não só as formas pessoais de acesso a fração do mistério, além do poder que sustenta a comunidade que invoca o seu sagrado, com os seus recursos”. Ou seja, é a partir de uma relação direta com o sagrado que os agentes sociais, em seus momentos de fé, solidificam suas crenças ao compartilhá-las e vivenciá-las de forma ativa.

Por fim, assinalamos ainda o pensamento do norte-americano William James. Em sua obra *As variedades da experiência religiosa* (2017, p. 43), James explora o fenômeno religioso a partir de uma perspectiva psicológica e filosófica, focando nas experiências individuais e subjetivas das pessoas.

[...] a religião, portanto, como eu a entendo, deve significar para nós as experiências, atos e sentimentos dos homens em sua solidão, na medida em que eles se apoderam de si mesmos na percepção de serem relacionáveis ao que eles podem considerar divino.

James, um pragmatista, argumenta que essas experiências têm uma realidade psicológica independente das doutrinas religiosas específicas.

Desse modo, fizemos uma objetiva passagem pelo fenômeno religioso de modo a entender suas nuances entre religiosidade popular e piedade popular.

---

<sup>54</sup> SOUZA BARROS, Manuel de. *Arte, folclore, subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

<sup>55</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Sacerdotes de viola: os rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e em Minas Gerais*. Petrópolis: Vozes, 1981.

### 2.3 A PARALITURGIA: AS NOVENAS EM MANAUS

O termo “paraliturgia<sup>56</sup> é uma celebração paralela à liturgia: uma celebração piedosa que não pertence propriamente ao que a Igreja chama de liturgia (sacramentos, liturgia das horas, sacramentais, etc.), mas que a ela se assemelha em sua estrutura e textos. Durante alguns anos, deu-se esse nome ao que hoje se prefere chamar de “atos de piedade”, conforme o *Sacrosanctum Concilium* (SC) n. 13: celebrações como as penitenciais sem sacramentos, a Via Sacra, o rosário, as celebrações da Palavra, entre outras.

Desse modo, são práticas que surgem em contextos populares ou carismáticos e podem incluir elementos como orações, bênçãos, ritos de cura, exorcismos e outros atos devocionais que não seguem estritamente as normas litúrgicas estabelecidas.

Essas práticas, sobretudo depois do CV II, perderam muito de sua usança, mas não necessariamente saíram de moda, nem competem com as celebrações oficiais do catolicismo – que inclusive, ao longo da história, acentuou a predileção pelo memorial passional de Cristo celebrado na missa. O termo paraliturgia, atualmente, não é muito usual: nota-se a simples adesão a “celebrações devocionais ou atos de piedade” em igrejas e santuários, que fazem parte da rotina litúrgica de inúmeras comunidades eclesiais pelo país.

Martelli (1995) chama de “despertar religioso” o retorno ao sagrado, vivido ainda no século XIX e a partir dos anos 1970 e 80 do século XX, influenciado pelos novos movimentos religiosos, majoritariamente carismáticos, paralelos às formas de secularização e dessecularização.

Após a efervescência pós-conciliar, voltaram a emergir algumas práticas antigas – como essa, das novenas e demais devocionismos – misturando práticas celebrativas antigas, símbolos e adereços da fé, num misto de tradição, fundamentalismos e ainda rotinização e burocratização dentro do catolicismo, que tendem a dois extremos: frear algumas ações da Igreja na valorização das devoções populares e nas questões sociais e pastorais ou entrar em um rubricismo litúrgico marcado por outra mentalidade cristã, rígida e normativa.

A esse respeito, a religiosidade popular, de acordo com Miranda (2023, p. 27), está por toda parte e atesta a importância de uma fé expressa na cultura das pessoas. Por um lado, representa a necessidade da inculturação dessa cultura dos fiéis; por outro, denuncia a recusa dessas pessoas em acolher uma linguagem religiosa oficial que elas pouco entendem e que pouco as ajuda em sua vida cotidiana.

---

<sup>56</sup> ALDAZÁBAL, José. *Dicionário elementar de liturgia*. São Paulo: Paulinas, 2008.

Exatamente nesse período pós-conciliar, alguns autores italianos como Ferrarotti, Nesti e Cipriani, ao tratar sobre formas de religiosidade e sagrado extrainstitucional, enxergaram uma vasta área de religiosidade subterrânea, possivelmente de cunho sincretista, bem ao lado da religião-de-Igreja.

O estudioso Franco Ferrarotti (1990) afirma que a religião-de-Igreja não esgota em si mesma a dinâmica do sagrado; ela é apenas sua gestão institucional e, como tal, submete o sagrado aos fenômenos de rotinização e burocratização<sup>57</sup>, reafirmando o pensamento weberiano do desencantamento do mundo. Para Ferrarotti, o sagrado é uma realidade em contínuo crescimento; devido à sua natureza ambígua, consegue manifestar-se de forma paradoxal, inclusive no seio da sociedade moderna, considerada altamente técnica e racionalizada.

O paradoxo do sagrado parece consistir no fato, averiguável empiricamente, de que quanto mais uma sociedade se racionaliza, tanto mais aumenta a fome, por assim dizer, do supramundano e do invisível (Ferrarotti, 1990, p. 95).

Nessa dinâmica, Nesti (1985) trata de uma religiosidade “implícita”<sup>58</sup>, ou seja, parte da possibilidade constitutiva de todo homem fazer a experiência do transcendente; para isso, utiliza o termo “religioso implícito”. Para esse autor, a religião oficial e a sociedade estão em crise; isso suscita no homem o desejo de assumir outros caminhos diferentes, todavia implicitamente “religiosos”, o que transpõe símbolos, crenças, normas e práticas a partir da religião-de-Igreja – isto é, trata-se de um “cristianismo sem fé, sem Igreja, ou mesmo esotérico, e até a negação explícita do cristianismo” ou outras formas anticristãs, como ateísmo, ceticismo, etc.

Roberto Cipriani (1988), com a teoria da “religião difusa”<sup>59</sup>, parte da distinção entre religião institucional e religiosidade. O autor distingue socialmente um profundo entrelaçamento cultural do fenômeno religioso, em que considera certo vínculo com a Igreja-estrutura, embora note uma discrepância entre religião-de-Igreja e religiosidade individual. Cipriani acentua, porém, o quanto essa pertença institucional pesa nas escolhas sociais como forma de continuidade ou de representatividade, o que reforça que a religião instituída tem uma força perene.

<sup>57</sup> FERRAROTTI, Franco. *Una fede senza dogmi*. Roma, Bari: Laterza, 1990. p. 94-95.

<sup>58</sup> NESTI, Arnaldo. *Il religioso implicito*. Roma: Lanua, 1985. p. 15.

<sup>59</sup> CIPRIANI, Roberto. *La religione diffusa*. Teoria e prassi. Roma: Borla, 1988. p. 161-177.

Nesse paralelo entre o oficial e o popular, é pertinente a afirmação de Hoornaert em *História da Igreja na Amazônia* (2024, p. 411) sobre um exemplo amazônico: o Círio – uma das maiores procissões anuais, vivida no mês de outubro em devoção a Nossa Senhora de Nazaré, no Pará – é definitivamente do povo. Embora o poder eclesiástico e civil o organize e canalize suas forças, ele escapa ao enquadramento religioso constituído e demonstra o poder afirmativo de sua gente amazônica num cristianismo “tapuio” – categoria de Carlos Moreira Neto, compreendida como uma forma intermediária entre as religiões específicas do Vale Amazônico e o cristianismo caboclo – que se manifesta de modo impressionante.

Desse modo, as formas de piedade na sociedade pós-moderna se tornam “sob medida”. Há um leque de opções que condensa o oficial, embora em formas mais “*lights*” no mercado religioso. É como se a medida do que se busca, especialmente no “*menu à la carte da fé*”, não se deparasse com barreiras diante da regularidade e da normatividade.

Nesse vasto cenário, embora a pesquisa não se detenha a rigor nessa pluralidade, elencamos aqui três novenas em Manaus: duas semanais – a de terça-feira, no Santuário de Aparecida, na Zona Sul da cidade, práxis dos redentoristas; e a de quarta-feira, na Paróquia São José Operário, na Zona Leste – e uma mensal – a Novena da Bênção de São José, também na Zona Sul, com maior atenção a esta última, explicitada a partir do terceiro capítulo.

### **2.3.1 Novena de Aparecida**

A “novenas dita de Aparecida”, do antigo Bairro dos “Tocos”, como é popularmente conhecida e levada à frente em Manaus pelos religiosos redentoristas<sup>60</sup>, ocorre desde pouco depois da chegada dos missionários, datada de 1943 – sua vinda ocorreu mediante o convite do então bispo de Manaus, Dom João da Mata de Andrade e Amaral (1941-1948).

A princípio, os redentoristas da província de Saint Louis, no estado do Missouri, nos Estados Unidos, tinham como objetivo a missão na Tailândia (Ásia); no entanto, devido ao

---

<sup>60</sup> O fundador dos redentoristas é Santo Afonso Maria de Ligório. A congregação, oficialmente chamada Congregação do Santíssimo Redentor (C. Ss. R.), foi fundada em 1732 em Scala, na Itália. A missão principal dos redentoristas é pregar a Palavra de Deus, especialmente aos mais pobres e abandonados, através de missões populares e do trabalho pastoral.

bombardeio de Pearl Harbor, os norte-americanos entraram na Segunda Guerra Mundial, e a guerra no Pacífico impediu os planos da província<sup>61</sup>.

Porém, a guerra não diminuiu o otimismo e o zelo do provincial Pe Francisco Fagen. Com extraordinário senso de responsabilidade, o padre recebeu a carta de Dom João da Mata, originalmente escrita em português e traduzida posteriormente para o inglês, em que Dom João pedia a criação de uma missão na Diocese de Manaus e lhes oferecia duas paróquias, localizadas nos municípios de Coari e Codajás. Naquela época, a província de Saint Louis contava com 312 presbíteros e 68 irmãos leigos.

Como eram tempos de guerra, as correspondências iam e vinham em longos intervalos de tempo, devido à precária rede de comunicações. A província de Saint Louis decidiu, então, aceitar a missão no Amazonas, e, em 28 de junho de 1943, aportaram em Manaus seis jovens redentoristas. Após a chegada dos novos missionários, o bispo imediatamente instalou uma nova paróquia: Nossa Senhora Aparecida.

Os missionários tiveram tempos duros de adaptação, pois a situação era precária. A população de Manaus era de 100 mil habitantes à época; com o clima quente e úmido, havia muitos insetos. Os missionários se inculturavam, trabalhavam e se expandiam. Dentro de um ano, já estavam em três municípios: Manaus, Manacapuru e Coari. Em 1945, abriram mais uma comunidade, em Codajás. Em 1947, abriram a comunidade em Belém do Pará. A província florescia, e a vice-província também. Anualmente chegavam novos missionários e abriam-se novas frentes: Vila Amazônia, em Parintins (AM); Teresina, no Piauí; e São Luís, no Maranhão.

Com uma sensível adaptação e senso de responsabilidade, os missionários jovens se entrosavam no meio do povo e percebiam as necessidades da região. O povo os acolhia muito bem e as portas iam se abrindo. Pregaram as Santas Missões no Amazonas e em outras localidades do Brasil, em colaboração com várias províncias. Com a diminuição do número de confrades e com as novas formas de pastoral pós-conciliar, mergulharam nas CEBs, no Movimento de Educação de Base (MEB), no Centro de Defesa dos Direitos Humanos (CDDH), na Comissão Pastoral da Terra (CPT) e nas preocupações sociais provindas das Conferências Episcopais Latino-Americanas, como as do Rio de Janeiro, Medellín e Puebla.

Nessa efervescência, distanciaram-se dos “modelos tradicionais” de Santas Missões por um período. No decorrer dessas experiências, direcionaram-se carismaticamente por se

---

<sup>61</sup> Muitos dados que se seguem podem ser encontrados na página local *Missionários Redentoristas do Amazonas*, na seção “Sobre nós”. Disponível em: <https://redentoristanaamazonia.webnode.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 29 nov. 2024.

dedicarem às Santas Missões; por isso, reativaram a organização de uma equipe missionária que, apesar do número restrito de membros, seguiu seu propósito com êxito.

Em 1944, deram início às Novenas Perpétuas na Igreja de Aparecida, que, em 2010, se tornou Santuário. As Novenas Perpétuas dedicadas foram um raio da ação evangelizadora à luz do carisma devocional mariano, mas também realizaram desobrigas; fundaram comunidades; colaboraram com o Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH), escolas, hospitais, olarias e com a Rádio Educação Rural de Coari – hoje, Fundação do Santíssimo Redentor, com rádio e TV (Rede Vida) –; trabalharam com o MEB, com as Campanhas da Fraternidade, com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) Nacional, com os deficientes auditivos e tantos outros.

Conforme Souza (2023, p. 54), a presença dos redentoristas no cenário religioso tornou-se “um movimento missionário de forte espiritualidade”<sup>62</sup>; implantada antes do CV II, a devoção que nasceu nos Estados Unidos expandiu-se à luz do carisma redentorista por todo o mundo. No Brasil, conforme Paiva (2016, p. 53), os cinco locais de maior afluência nas novenas são Manaus, Belém, Teresina (PI), Curitiba (PR) e Campo Grande (MS)<sup>63</sup>. Souza (2023, p. 54) afirma que “a devoção mariana constitui e alimenta a fé de muitos católicos onde a Igreja não consegue chegar”. A história do crescimento da presença redentorista em Manaus acompanha o crescimento das obras dos missionários, que expandem a devoção ao Perpétuo Socorro pela capital amazonense.

Hoje, com 16 celebrações diárias, sempre às terças-feiras, a novena é rezada a cada uma hora, das 5 h até à última, às 20 h – às 6 h, 12 h e 19 h, ocorre a celebração da missa. A novena celebrada segue um roteiro breve, composto basicamente por um oferecimento, invocações à Mãe do Perpétuo Socorro e a oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem, seguida posteriormente da comunhão e de outras orações, como a oração pela saúde e a oração sobre os objetos. Reportamos, a seguir, algumas das principais orações da novena.

### **Oferecimento**

Ó Mãe do Perpétuo Socorro, ó meus amáveis protetores São José e Santo Afonso Maria, eu vos ofereço esta novena, por intenção dos doentes, dos aflitos e atribulados, dos pobres pecadores, pelas necessidades da Igreja, por suas vocações sacerdotais, religiosas e leigas, por minha família, e por minhas intenções particulares. Dignai-vos atender-me bondosamente. Amém!

---

<sup>62</sup> SOUZA, Agildo Alves de. *Um estudo mariológico sobre a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Manaus*. 2023. 151 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2023.

<sup>63</sup> PAIVA, Gilberto. *A vice-província de Manaus*. São Paulo: Santuário, 2017.

### **Invocações à Mãe do Perpétuo Socorro**

Eis, aqui, ó Mãe do Perpétuo Socorro, aos vossos pés um miserável pecador, que a vós recorre e em vós confia. Ó Mãe de misericórdia, tende piedade de mim! Ouço que todos vos chamam o Refúgio e a Esperança dos pecadores; logo então, sede vós o meu refúgio e a minha esperança. Por amor de Jesus Cristo, socorrei-me. Dai a mão a um mísero caído, que a vós se entrega e recomenda. Eu bendigo e rendo graças a Deus, por Se ter dignado conceder-me esta confiança em vós que eu considero um penhor de minha salvação eterna. Ah! É mais do que certo que no passado, quando tive a desgraça de cair, a vós não recorri. Contudo, ó minha benigníssima Mãe, não me recuseis o vosso socorro, pois sei que com ele serei vencedor. Sim, sei que vireis em meu socorro se a vós me recomendar; mas temo as ocasiões de pecar, receio deixar então de invocar o vosso auxílio, e deste modo perder-me. É esta a graça que peço e vos conjuro que m'a concedais; fazei, ó Maria, que eu a vós recorra em todos os assaltos que me der o inferno, e que eu possa dizer-vos continuamente: Maria, ajudai-me! Mãe do Perpétuo Socorro, não permitais que eu perca o meu Deus!

### **Oração**

Ó Deus fiel e misericordioso, que nos destes a graça de venerar a Vossa bem-aventurada Mãe, sob o título de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, concedei-nos que em todas as nossas necessidades sejamos acompanhados pela proteção da Virgem Maria, e que, depois de nossa peregrinação nesta vida, alcancemos o prêmio da Redenção Eterna. Vós que viveis e reinais, por todos os séculos dos séculos. Amém!

### **Oração de Santo Afonso à Santíssima Virgem**

Santíssima Virgem Imaculada, Maria, minha Mãe, a vós que sois a Mãe do meu Senhor, a Rainha do Mundo, a advogada, a esperança, o refúgio dos pecadores recorro hoje eu, que sou o mais miserável de todos. Aos vossos pés me prostro, ó grande Rainha, e vos dou graças por todos os benefícios que até agora me tendes feito, especialmente por me haverdes livrado do inferno por mim tantas vezes merecido. Eu vos amo, Senhora amabilíssima, e pelo amor que vos tenho, prometo servir-vos sempre e fazer quanto possa para que de todo sejais servida. Em vós, depois de Jesus, ponho todas as minhas esperanças, toda minha salvação. Aceitai-me por vosso servo, e acolhei-me debaixo do vosso manto, ó Mãe de misericórdia! E já que sois tão poderosa para com Deus, livrai-me de todas as tentações ou impetrai-me força para vencê-las até a morte. A vós suplico o verdadeiro amor a Jesus Cristo, de vós espero alcançar uma boa morte. Minha Mãe, pelo amor que tendes a Deus, vos rogo que me ajudeis sempre, mormente no último instante de minha vida. Não me desampareis enquanto não me virdes salvo no céu, a bendizer-vos e a cantar as vossas misericórdias por toda a eternidade. Assim espero, assim seja.

### **Invocação a São José**

Lembraí-vos, ó puríssimo esposo da Virgem Maria, ó meu amável protetor, São José, que nunca se ouviu dizer ficasse sem consolo quem invoca vossa proteção e solicita vosso apoio. Cheio desta confiança, apresento-me diante de vós e animado de fervor me recomendo a vós. Ah! Não desprezeis minha súplica, ó Pai nutrício do Redentor, mas dignai-vos acolhê-la piedosamente. Amém.

### **Bênção dos doentes**

*Nosso auxílio está no nome do Senhor.*

Que fez o céu e a terra.  
**Senhor, ouvi a minha oração.**  
 Chegue a Vós o meu clamor.  
**O Senhor esteja convosco.**  
 Ele está no meio de nós.

**Oremos:** Senhor, que passastes pelo mundo fazendo o bem e curando a todos, nós Vos pedimos que abençoeis os Vossos filhos enfermos. Dai-lhes a força do corpo e a firmeza de espírito, a resistência à dor e a saúde completa, para que voltando ao convívio dos entes queridos com alegria Vos bendigam. Vós que viveis e reinais para sempre. Amém.

### **Bênção dos artigos religiosos**

Bendito sois, Senhor, fonte e origem de toda benção, pois nos permitis este momento de fé e confiança. Permaneça ao nosso lado e conceda que usemos estes símbolos (terços, velas, água, orações, imagens), que são sinais de fé e piedade para nos transformarmos na imagem do Vosso Filho, que vive e reina para sempre. Amém!

### **Ato de consagração à Nossa Senhora**

Eu vos saúdo, ó Maria, Mãe do Perpétuo Socorro. Eu vos saúdo, Rainha do céu e da terra, a cujo império está sujeito tudo o que existe abaixo de Deus. Eu vos saúdo, Refúgio dos pecadores, cuja misericórdia jamais falhou.

Atendei à vontade que tenho de possuir o Amor Eterno, a graça de Deus, a salvação eterna. Dai-me a graça de ser discípulo de Jesus na santidade dos costumes, no cumprimento dos deveres, no zelo da salvação das almas. Transformai a minha vida em um santuário de virtude onde Jesus seja o centro. Recebei, ó Maria, meus votos e desejos e ofertai-os a Jesus. Quero que Ele receba, por vossas mãos, os meus obséquios, e por vosso coração, o meu coração.

Consagro-me, pois, inteiramente a vós, e ponho-me inteiramente em vossas mãos. Em vossas mãos eu renovo as promessas do meu Batismo; renuncio ao demônio, suas obras, suas pompas. Em vossas mãos, eu me comprometo a levar a minha cruz, obrigando-me a imitar-vos. Em vossas mãos eu deposito o propósito de ser fiel a Jesus, mais fiel do que tenho sido até agora.

Ó Maria, eu vos escolho por minha Mãe e Mestra. Eu vos consagro tudo o que tenho e tudo o que sou. Eu vos dou o meu corpo, a minha alma, os meus bens, o meu passado, o meu presente, o meu futuro, as minhas alegrias, as minhas dores, a minha vida, a minha morte, a minha eternidade. Disponde de mim como vos aprouver. Recebei este meu ato de amor: quero ser vosso para ser de Jesus.

Santa Mãe do Perpétuo Socorro, abençoai-nos! Amém!

Esse modelo racional das novenas é perpetuado por longa data, desde sua origem, em 1922, entre os missionários norte-americanos do Missouri. No cenário brasileiro, segue um mesmo padrão de roteiro oficial.

A novena segue tais partes e é intercalada por hinos, cantos e pregações. Ao final da celebração, os ministrantes – especialmente os religiosos redentoristas, entre sacerdotes e irmãos, desde os jovens em formação seminarística – colaboram nas bênçãos individuais

sobre a cabeça dos fiéis, após cada celebração. Por isso, as celebrações são rápidas e duram cerca de 30 minutos, de modo que, a cada uma hora, uma celebração se inicie.

Figura 3 – Área externa e interna do Santuário de Aparecida, em Manaus



Fonte: maesqueorampelosfilhos.com (imagem à esquerda); a12.com (imagem à direita).

O Santuário de Aparecida, em Manaus, é sempre muito procurado às terças-feiras, da primeira à última hora – bem como outras presenças, como no Bairro de Educandos, na Zona Sul da cidade. Há também, durante as celebrações, uma intensa procura pelo sacramento da confissão. A capela onde o Santíssimo Sacramento é exposto é igualmente muito procurada como espaço de oração pessoal.

Há um vasto movimento do comércio em torno do santuário, desde a tradicional feira comunitária – montada toda semana para atender aos devotos e moradores, sobretudo com a venda de gêneros alimentícios – até restaurantes e barraqueiros; também é muito comum a venda de produtos religiosos. Tudo é movimentado a partir das novenas, uma tradição que faz parte do Bairro de Aparecida. Ressalta-se que o santuário também faz parte do conjunto das igrejas do Setor Centro Histórico de Manaus.

Os reflexos econômicos ligados ao comércio religioso também são replicados mensalmente por ocasião da Novena da Bênção de São José, que será abordada especialmente no capítulo 3. Passemos à próxima menção de novena, que segue sob a animação dos salesianos de Dom Bosco, na Zona Leste de Manaus.

### 2.3.2 Novena de São José Operário Leste

Outra significativa menção se refere à Novena de São José, que desde 2003 ocorre todas as quartas-feiras na Paróquia São José Operário, localizada na Zona Leste de Manaus, nos altos do Bairro de São José I. A paróquia é confiada aos salesianos de Dom Bosco; naquela região da cidade, a congregação também possui um amplo complexo, localizado no Bairro Zumbi I, do qual fazem parte o Colégio Dom Bosco Leste, a obra social Pró-Menor Dom Bosco e a residência com jovens em formação inicial.

A paróquia não está no mesmo local de residência dos salesianos, que são abrigados em outra realidade, o que requer deslocamento para o atendimento paroquial. A paróquia está inserida numa realidade periférica de um bairro com vasta extensão pastoral pela Zona Leste, especialmente o São José – mas já alcançou bairros como Coroado, Zumbi e Puraquequara, após o desmembramento do serviço de suas diversas capelanias.

O complexo da Zona Leste onde os salesianos residem, no Bairro Zumbi I, já passou por diversas mudanças estruturais, inclusive como Centro Vocacional João Paulo II; o amplo espaço, hoje chamado Complexo São João Bosco, data de 1979. O trabalho evangelizador na Zona Leste, onde se instalou a paróquia, deu-se com a presença do Pe Franco Benedetti do Pime no Bairro São José, a partir de 1980. O trabalho avançou com as obras sociais de evangelização. Em 1983, começaram os trabalhos de construção da igreja matriz, com mutirões e a colaboração da população local<sup>64</sup>.

O primeiro pároco salesiano foi o Pe Flávio Giovenalle, em 1987 – missionário italiano, hoje bispo na Diocese de Cruzeiro do Sul, no estado do Acre. A paróquia abrangia do Bairro Coroado ao Jorge Teixeira. Um dos párocos de maior permanência em São José Leste foi o Pe Francisco Laudato, também missionário italiano, que ficou na função de 1992 a 2001. Pe João da Silva Mendonça, manauara, foi o pároco responsável em dois períodos intercalados, de 2003 a 2006 e de 2010 a 2013; em seu segundo mandato, vivenciou um período efetivo de desmembramento territorial, abrindo mão de algumas igrejas confiadas à paróquia – como Cristo Rei, que se tornou paróquia em 2006 e levou consigo outras capelanias, como Santa Isabel, Nossa Senhora do Rosário, São Luís Gonzaga e Bom Pastor, algumas delas situadas no Bairro São José II.

---

<sup>64</sup> Conforme o histórico da Paróquia São José Operário, obtido junto à secretaria da Inspetoria São Domingos Sávio.

Também presente em dois momentos intercalados à frente da paróquia, Pe Alberto Rypel (início de 2014 a janeiro de 2019 e segundo semestre de 2020). Em 2014, deu início a um grande projeto de reforma da igreja, que durou até 1º de maio de 2016, festa do padroeiro. O projeto mobilizou toda a comunidade e resultou na construção de uma igreja arquitetonicamente mais moderna; depois da instalação como paróquia, essa foi a maior reestruturação por que a igreja passou.

Atualmente, a Paróquia São José Operário Leste abrange mais cinco comunidades, a maioria no Bairro São José I. Nessas mudanças territoriais, os nomes dos padroeiros de algumas comunidades foram modificados – como Dom Bosco, que se chamava Santa Rita; Nossa Senhora Aparecida, anteriormente Nossa Senhora do Brasil; e Nossa Senhora Auxiliadora, antiga Santa Maria.

Desse modo, além da matriz paroquial, a Paróquia São José Operário Leste possui outras cinco capelanias, dedicadas a Nossa Senhora Auxiliadora, São Francisco de Assis, Nossa Senhora Aparecida, Divino Espírito Santo e São João Bosco. Na matriz, ocorrem as missas diárias da semana. Com a construção do novo espaço eclesial, foi construída também uma capela anexa à igreja, onde ocorrem as celebrações durante a semana com um público mais reduzido. A paróquia conta com dois presbíteros salesianos, o pároco e o vigário, para o atendimento pastoral; nas comunidades, as celebrações em funcionamento também são mantidas regularmente com o apoio de dois diáconos locais e um vasto grupo de agentes de pastoral – são mais de 20 deles, que animam as diversas frentes evangelizadoras. Dois destaques em sua presença enquanto paróquia salesiana são mantidos: três oratórios juvenis e vários grupos juvenis na matriz e nas comunidades.

Conforme o histórico paroquial, em 2002, um grupo de leigos e leigas, com o apoio do Pe Justino Sarmiento, começou a organizar a Novena de São José. Em 2003, a equipe da novena cresceu, e o Pe João Mendonça elaborou um livro com a novena e textos oracionais; esse livreto é utilizado nas novenas realizadas semanalmente junto às famílias. A Paróquia São José Operário mantém semanalmente, todas as quartas-feiras às 19 h, uma novena dedicada a São José, antecedida pelo Terço de São José (anexo B), com início às 18 h 30. Logo depois, ocorre a celebração da missa, que comporta ainda, em seu ato final, a adoração com o passeio do Santíssimo, práxis que tem se tornado presente em algumas paróquias de Manaus.

Figura 4 – Convite semanal



Fonte: Instagram paroquial (@psajose\_).

O terço dura cerca de meia hora, momento acompanhado por cantos e louvores católicos. Observamos que são cantos em “alta” no catolicismo, considerados “não litúrgicos”, direcionados ao Espírito Santo, marianos ou devocionais; alinhados ao estilo carismático, são mantidos por algum animador condutor do terço até o início da recitação dos mistérios, quando a figura de São José é contemplada. Logo em seguida, dá-se início à celebração da missa, que comporta a novena devotada a São José Operário<sup>65</sup>.

O Terço de São José também é rezado no santuário (Zona Sul), embora a dinâmica de seu roteiro seja um pouco diferente. Nota-se que a proposta da Paróquia São José Leste apresenta regularidade celebrativa semanal; isso favorece uma participação frequente da assembleia, tornando-a mais conhecida junto a sua própria comunidade – deduzimos que, por esse motivo, se trate de uma proposta pastoral de igreja de bairro do povo que a frequenta semanalmente.

<sup>65</sup> A paróquia, em seu perfil no Instagram (@psajose\_), publica cartaz semanal convidando os fiéis para a celebração, que é divulgada como Novena de São José – mas os frequentadores já sabem que primeiramente se reza o terço e, depois, celebra-se a missa.

Na celebração, estão inseridas logo após os ritos iniciais as orações da novena – que são três, todas dirigidas a São José e rezadas de modo sequencial<sup>66</sup>, as quais reportamos abaixo para conhecimento.

**Primeira oração: São José, servo fiel e prudente**

São José, homem justo, servo fiel e prudente, ajuda-nos a trilhar o caminho de Deus e realizar a Sua vontade. Que seguindo teu exemplo sejamos discípulos missionários de Jesus, sob o guia do Espírito Santo e da intercessão de sua amadíssima esposa, a Virgem Maria. Amém. *São José, servo fiel e prudente: ouvi-nos! (3x)*

**Segunda oração: São José, humilde trabalhador**

São José, descendente da casa de Davi, que abraçando o humilde trabalho de carpinteiro provestes o sustento do teu lar, ajudai os operários do mundo inteiro a encontrar trabalho digno, igualdade de oportunidades, aperfeiçoando a obra da criação com o suor de suas mãos e o esforço de sua inteligência. Que não falte o pão em nossas mesas e a caridade em nossos corações. Amém. *São José, humilde trabalhador: atendei-nos (3x)*

**Terceira oração: São José, protetor das famílias**

Ó querido São José, fostes constituído por Deus esposo de Maria, pai adotivo de Jesus, protetor das famílias e de toda a Igreja, olhai para os nossos lares, intercedei pelos pais e mães que choram por seus filhos; pelos filhos que sofrem por seus pais. Defendei nossas crianças e adolescentes, protegei os jovens, dai fortaleza aos adultos, animai os anciãos e expulsai para longe de nossos lares as doenças, divisões, infidelidades e o desamor. Amém. *São José, protetor das famílias: intercedei por nós! (3x)*

**Propósitos com São José: oração da confiança**

Ó meu querido São José, diante dos maiores desafios fizestes as melhores escolhas. Acolhendo Maria por esposa, peregrinando a Belém, fugindo para o Egito ou viajando ao templo, fostes sempre auxiliados pela graça divina e proteção dos anjos de Deus. Olhai para mim que recorro à vossa intercessão, revelai-me o que Deus espera de mim e ajudai-me a alcançar o sonho que hoje humildemente te apresento (*silêncio*). Se eu encontrar graça diante de ti e for do agrado de Deus, alcança-me a graça que tanto preciso e serei teu fiel devoto. *São José, sonhador de Deus: rogai por nós! (3x)*

**Oração à Nossa Senhora Auxiliadora**

Ó Maria, Virgem poderosa, Tu, grande e ilustre defensora da Igreja. Tu, auxílio maravilhoso dos cristãos. Tu, terrível como exército ordenado em batalha. Tu, que só destruístes toda heresia em todo o mundo: nas nossas angústias, nas nossas lutas, nas nossas aflições, defende-nos do inimigo e, na hora da morte, acolhe a nossa alma no Paraíso. Amém.

---

<sup>66</sup> A primeira oração (São José, servo fiel e prudente), a segunda oração (São José, humilde trabalhador) e a terceira oração (São José, protetor das famílias); acrescenta-se, ainda, uma oração de confiança chamada de Propósito com São José e a oração à Nossa Senhora Auxiliadora.

Tais orações (as três orações dedicadas a São José, além da oração à Nossa Senhora Auxiliadora) ocorrem sequencialmente, dentro do ordinário da missa, logo após a homilia – embora, liturgicamente, não façam parte do rito normativo da celebração, a exemplo do momento de adoração, que se tornou práxis ao final da celebração, com um grande passeio do Santíssimo pelos quatro cantos da igreja.

Figura 5 – Visão externa e interna da Paróquia São José Leste



Fonte: Nixon Silva (2023).

A celebração dura cerca de 1 h 30 min, é um compromisso semanal com igreja cheia toda quarta-feira. Gera-se um clima para o momento, com frequência acompanhado de lágrimas, cantos e emoções efusivas: as luzes se apagam e as músicas dão um toque especial e intimista. Nessa hora, ocorrem muitos gestos, como ajoelhar-se, fazer reverência, apresentar fotos (inclusive com o uso do celular, com fotos em tela) como sinal de intercessão diante do Santíssimo Sacramento. Nota-se também que algumas mulheres usam véus. O sacerdote usa todos os paramentos solenes e diversas são as manifestações desse ato celebrativo semanal. Não faltam fiéis para tocar no Santíssimo Sacramento, assim como apresentar fotos de pessoas, carteiras de identidade e de trabalho, além de outros objetos.

A celebração da novena já existe na Paróquia São José Leste há mais de 20 anos. Por meio da escuta dos fiéis, os relatos orais indicaram que ela teve início “copiando” o modelo iniciado na Paróquia São José do Centro Histórico, na Zona Sul, que também era muito frequentada por devotos da Zona Leste. Ainda conforme os relatos, também se registrou que, no início, a novena paroquial era realizada mensalmente no dia 1º de maio, em virtude da memória mensal de São José Operário – diferentemente do modelo semanal, que se iniciou cinco anos atrás. Embora tenha sofrido resistências, o modelo semanal proposto pelo pároco de então prevaleceu e foi perpetuado.

O modelo de novena da Zona Leste mantém a tradição de semanalmente sortear seis imagens pequenas de São José que visitam as famílias. Há, portanto, seis equipes com número

flexível de componentes – na maioria casais, variando entre quatro e oito pessoas –, alguns até membros de outras pastorais e movimentos, mas que celebram a novena nas casas das famílias com as imagens que são sorteadas ao final da celebração semanal na paróquia, antes da bênção do Santíssimo. Essas equipes celebram a novena no decorrer da semana nas respectivas casas dos fiéis, divididos por grupos. Na semana seguinte, essas imagens e os representantes dessas famílias entram no cortejo de entrada da novena na matriz paroquial, como forma de agradecimento.

Essa é uma experiência muito louvável, conforme os fiéis, pois se trata de um testemunho de fé e de proximidade com o “santo que visita as casas”. A celebração é um ato de fé solidário e fraterno, vivido voluntariamente pelos leigos junto a essas famílias, e não faltam relatos de gratidão e reconhecimento ao trabalho realizado pela paróquia. É o modelo de “Igreja em saída”, tão desejado pelo papa Francisco e realizado totalmente por leigos e leigas. Constatou-se que essa iniciativa era igualmente realizada pela Paróquia São José do Centro Histórico, que também teve essa experiência reproduzida na Zona Leste. Atualmente, porém, o santuário já não conta com tamanha regularidade em sua organização, como a que se observou na Paróquia São José Leste.

\*\*\*

Essas práticas de novenas se replicam pelas paróquias de Manaus, sejam semanais, inclusive às terças-feiras, com a devoção do Perpétuo Socorro; sejam mensais, pela memória de santos e santas padroeiros de cada igreja. Tal práxis é crescente nas comunidades católicas pelo país.

Desse modo, à luz dessas referências – especialmente a Novena da Bênção de São José, abordada a seguir –, podemos afirmar que as novenas em si são portadoras de uma profunda piedade do povo e de muitas bênçãos, e exprimem um sentimento genuíno de fé das mais profundas que se possa encontrar. Não é propósito deste trabalho discutir o nível de fé e de piedade dos devotos, nem pautar suas profundas razões, nem averiguar a veracidade das inúmeras graças alcançadas pelos mesmos.

A novena no enquadramento religioso, enquanto manifestação simbólica litúrgica do catolicismo, é, hoje, um fenômeno da expressão religiosa espalhado mundo afora e também muito acentuado em território nacional brasileiro. As paróquias da Arquidiocese de Manaus, em sua grande maioria, mantêm em suas programações semanais, às terças-feiras, o

devocionismo mariológico do Perpétuo Socorro, símbolo da forte piedade mariana alcançada pelos redentoristas, difusores dessa devoção que marcou gerações.

Em 2023, foram celebrados os 80 anos da presença evangelizadora dos redentoristas na cidade de Manaus; tal devoção continua a ter imensa incidência em todo o Brasil e pelo mundo. Na capital amazonense, a novena das terças-feiras no Santuário de Aparecida faz parte não somente do imaginário coletivo da cidade em seu âmbito religioso, mas continua a ser referência religiosa da piedade popular mariana reproduzida nas paróquias.

Desse modo, nas paróquias e comunidades, cresce o número de novenas devotadas aos santos, especialmente aquelas mensais, que trazem presente a memória do santo padroeiro. Isso se tornou um “modismo”, uma forma de atrair fiéis e ressignificar o modelo paroquial que se encontra em crise, no campo e na cidade<sup>67</sup>; as novenas de cunho mensal são sinais claros da ação eclesial de algumas paróquias urbanas, que se utilizam desse artifício para atrair fiéis.

Porém, durante a semana, não faltam espaços nas diversas paróquias da Arquidiocese de Manaus e pelo Brasil para o Terço dos Homens (terça-feira), os encontros da Renovação Carismática (quarta-feira) e a adoração (quinta-feira). É fato que nem todas as paróquias seguem essa escala, a depender dos grupos, mas ao mesmo tempo isso é algo tão forte que se tornou praticamente “instituído” nas paróquias de Manaus, entre outras programações paralelas que concorrem com a celebração do memorial passionai de Cristo (missa) – como já afirmado anteriormente sobre a não plena ciência do mistério celebrado. No entanto, o fato de algumas dessas celebrações terem públicos e fiéis definidos acarreta outros desafios paroquiais em suas finalidades pastorais, como a criação, conforme essas agendas, de nichos categóricos dentro das próprias igrejas, a critério de seus interesses, com vistas a manter diferentes públicos e finalidades.

Por outro lado, o modismo da piedade a Nossa Senhora do Perpétuo Socorro<sup>68</sup> é um lastro diante da referencialidade popular. Muitas vezes, tais novenas não são projetadas pelo corpo eclesial; prova disso é que, frequentemente, não há nenhuma ligação nem mesmo com a

<sup>67</sup> Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Documentos, n. 100). O documento trata justamente sobre o que se espera do papel da Igreja na sociedade pós-moderna: um modelo que se repropõe a partir de um novo conceito de ser comunidade, em que todas têm o mesmo valor enquanto comunidades cristãs.

<sup>68</sup> A dissertação de Agildo Alves de Souza, *Um estudo mariológico sobre a Novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Manaus* (2023), ref. 62, traz um relato histórico da devoção ao ícone do Perpétuo Socorro, da qual se origina a novena na Ordem dos Redentoristas – que se inseriu no Brasil a partir de 1893, primeiramente em Minas Gerais, para, depois, paulatinamente se expandir pelo país. A Novena do Perpétuo Socorro é fortemente presente no catolicismo universal.

referência pastoral do patrono ou padroeiro de determinadas igrejas. No entanto, devido à força da piedade, as novenas acabam sendo um fator significativo, às quais se agrega a bênção de objetos ou da saúde, especialmente pelas paróquias e santuários de Manaus. A bênção da saúde concedida aos fiéis em missas semanais tem crescido também em algumas paróquias de Manaus.

Em grande parte, esse modelo de novena dirigida ao Perpétuo Socorro – ou outras práxis devocionais, como a bênção da saúde – é algo que vai adentrando o seio de comunidades eclesiais menores e paróquias tomadas pelo desejo de devocionismo popular daqueles que frequentam os santuários ou demais paróquias que se destacam em algum momento. Tocados por essa experiência ou vivência eclesial, findam por replicar nas igrejas tais práticas devocionais sem uma razão pastoral explícita no seio das comunidades cristãs – o que ressaltamos como algo positivo, mas que requer certa atenção pastoral, especialmente para fenômenos que crescem e se tornam uma verdadeira “bricolagem” de elementos sobrepostos em graus diferenciados, num *mix* de sentimentos e de vivências religiosas que beiram ao milagreiro e ao sentimentalismo no caldeirão experiencial da fé.

Outra práxis pastoral são os grupos e movimentos que se têm inserido com crescente participação nas paróquias, como já assinalado – tais como Terço dos Homens, Mães que Oram pelos Filhos, Consagração a Nossa Senhora segundo Montfort<sup>69</sup>, entre outras práticas devocionais. A dinâmica do “tem vaga para todos” abarca todo tipo de piedade e devocionismo, não necessariamente sob acompanhamento do pároco ou gestor, mas que se insere na práxis do leque pastoral das comunidades cristãs. Essas práticas impõem um ritmo, um estilo, uma espiritualidade para quem as congrega, não necessariamente com claro assentimento pastoral.

Em síntese, nota-se certa mudança geral no perfil do crente católico de hoje, associado ao período pós-moderno; isso implica uma saída da zona de conforto (Nogueira, 2023), o que assinala uma mudança em ato ao interno do catolicismo, especialmente quanto à forma de vínculo. Há características em evidência, especialmente o nível de pertença institucional (Hervieu-Léger, 2015); isso tem uma implicância pastoral, pois age-se com certa relatividade moral ou não diante da doutrina, chamando em causa o tema da autoridade e da universalidade da Igreja, tanto em seu aspecto positivo quanto no aspecto negativo dos

---

<sup>69</sup> A devoção a São Luís Maria Grignon de Montfort no catolicismo, também conhecida como Espiritualidade Monfortina (século XVII e início do século XVIII), é caracterizada pela ênfase numa profunda consagração a Jesus Cristo por meio de Maria. Essa devoção é amplamente divulgada por meio de seu livro clássico *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*, em que ele apresenta Maria como caminho mais seguro e perfeito para chegar a Jesus.

direcionamentos que ela tem tomado em seus sínodos – o posicionamento sociopolítico tem dado sinais disso.

Há uma tensão contínua entre radicalidade e normatividade religiosa. Aqui, fazemos um parêntese para o perfil em estudo dos devotos ou fiéis – que se configuram mais como uma categoria tipológica própria da devoção, associada à piedade popular e à sua vitalidade religiosa. Se olharmos somente para os assíduos frequentadores das novenas espalhadas pela cidade, sobretudo os presentes nos Santuários de Aparecida e São José Centro, particularmente, vamos notar que são, em grande maioria, os mesmos rostos – alguns de grande zelo pela fé católica, a ela dedicados; outros, de pessoas mais maduras em idade, embora um elevado percentual não tenha nenhum engajamento pastoral e viva sua fé de modo muito pontual nesses momentos esporádicos; outros, por fim, adeptos de uma concepção religiosa muito associada a bênçãos e milagres de forma retributiva, na linha da teologia da prosperidade.

Ou, ainda, é preciso ir além da simples participação ordinária nos atos celebrativos, de modo a entender suas razões. O DPPL sinaliza alguns princípios e orientações que nos indicam um horizonte de resposta diante de algumas “causas de desequilíbrio”, que geram um enfraquecimento dessa relação entre liturgia e piedade popular que, ao longo da história, enfrentou percursos dissonantes<sup>70</sup>. Pontuamos conforme o documento três elementos significativos para essa fragilidade: 1) a débil consciência ou a diminuição do mistério Pascal e seu lugar na história da salvação, do qual promana a Liturgia cristã, de modo que os fiéis, orientados por sua piedade, confundem a “hierarquia de valores” de outros episódios salvíficos da vida de Cristo nesse quadro de importância hierárquica; 2) o enfraquecimento do sentido do sacerdócio universal, que está habilitado, mas sem pleno consentimento de sua condição no culto da Igreja, “refugiando-se” nos exercícios da piedade<sup>71</sup>; isso, no presente momento, abre margem para a ampla discussão a respeito do clericalismo; 3) o desconhecimento da linguagem própria da liturgia (a língua, os sinais, os símbolos e os gestos rituais), de modo que os fiéis não percebam em grande parte o sentido da celebração, o que nos faz pensar numa suposta “não plena” participação e explica a preferência pelos exercícios da piedade.

---

<sup>70</sup> A relação entre liturgia e piedade popular historicamente sempre enfrentou grandes confrontos e embates. O DPPL (Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos, 2002, p. 31-58) faz um percurso de séculos à luz da história para explicar com clareza esta relação nem sempre tranquila.

<sup>71</sup> Entendem-se por “exercício de piedade” as expressões públicas ou privadas da piedade cristã que, embora não façam parte da liturgia, estão em harmonia com ela, respeitando o seu espírito, as suas normas e os seus ritmos; aliás, de algum modo, se inspiram na liturgia, devendo a ela conduzir o povo cristão (Cf. SC 13).

Assim, essas fraquezas podem conduzir os fiéis a serem considerados estranhos à ação litúrgica; por isso, acabam dando mais importância à comum piedade, cuja linguagem lhes resulta mais conforme à sua formação cultural, ou ainda às devoções particulares mais consentâneas dentro de sua realidade concreta da vida quotidiana. Por conseguinte, julgamos assertivos os elementos apontados pelo DPPL, que nos fazem compreender de forma mais particular não somente o fenômeno religioso, mas a relação implícita de rito e ritualidade.

Embora permaneça um grande desafio em aberto, próprio do tempo presente nesta sociedade secularizada pós-moderna, há uma gama de fiéis no seio eclesial em busca de intensas experiências religiosas que ressignifiquem o devocional. Nogueira (2023, p. 806) afirma que, do clero aos leigos, há um movimento em sentidos dispersos e com variações em múltiplas ressonâncias dessa transformação e da crise de época pela qual também passa a Igreja.

Figura 6 – São José: cortejo



Fonte: Ana Maria Freitas (2024).

### 3 A PRÁXIS DEVOCIONAL E SUAS FIGURAS

#### 3.1 DAS ORIGENS DA PARÓQUIA DE SÃO JOSÉ AO SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO

A Paróquia São José, dedicada ao esposo de Maria, conforme o calendário santoral da Igreja Católica, celebra seu padroeiro com data litúrgica anual no dia 19 de março. A igreja está localizada na Avenida Visconde de Porto Alegre, nº 806, Bairro Praça 14 de Janeiro, Zona Centro-Sul de Manaus, sob governo e animação pastoral dos religiosos salesianos desde sua fundação.

Em 5 de fevereiro de 1948, o então bispo Dom João da Mata Andrade e Amaral assinava o decreto de criação da Paróquia de São José Operário, desmembrando-a da Paróquia Nossa Senhora dos Remédios. O intuito da criação da nova paróquia era atender a comunidade do território do Bairro Praça 14 de Janeiro e adjacências, sob os cuidados dos salesianos de Dom Bosco. Alguns meses depois, em 6 de junho daquele ano, com a celebração da Eucaristia, deu-se início formalmente à instalação da nova paróquia, cujo primeiro pároco oficial foi o Pe Estevão Domitrovitsch, missionário salesiano de origem húngara que, posteriormente, seria o primeiro bispo de Humaitá (AM) – nomeado em 3 de setembro de 1961, teve uma passagem muito rápida pelo bispado, vindo a óbito poucos meses depois.

A igreja teve sua sede paroquial iniciada em 4 de junho de 1949, com a bênção da pedra fundamental por Dom Alberto Gaudêncio Ramos, que sucedeu Dom João da Mata. Logo, foram anos de muito trabalho, envolvendo leigos das comunidades e autoridades públicas. As atividades da paróquia, ainda sem espaços formais, funcionaram na capela do Patronato Santa Teresinha das Irmãs Filhas de Maria Auxiliadora – localizado na Avenida Duque de Caxias, distante cerca de 500 metros de onde funcionava o serviço de capelania, mais ligado às atividades religiosas internas do Colégio Santa Teresinha.

Em 1952, foi aberto oficialmente o Oratório São Domingos Sávio, com ambientes apropriados, e a escola primária, conhecida como Escola Industrial. Vários salesianos regeram a paróquia nesse período: além do Pe Estevão Domitrovitsch, missionários como Pe Luigi Venzon, Pe Francisco Bigiaretti e Pe Bento Barlascini figuram entre os pioneiros dessa missão. O espaço que hoje ocupam a sede provincial dos salesianos e a Igreja de São José, na

esquina das Avenidas Visconde de Porto Alegre e Ramos Ferreira, compreende metade do quarteirão do endereço de referência, de propriedade da Inspetoria São Domingos Sávio<sup>72</sup>.

Conforme escritos sobre a origem da presença salesiana<sup>73</sup> em Manaus, Pe Estevão Domitrovitsch descreve que a fundação da obra São Domingos Sávio no Bairro Praça 14 de Janeiro remonta à organização da Liga em Defesa da Criança Pobre, um movimento por ele iniciado visando possíveis obras missionárias com a finalidade de ir ao encontro das necessidades de muitas crianças do entorno do bairro – contando, para isso, com a ajuda de benfeitores e buscando ajuda do governo. Esforços foram empreendidos até a concessão do espaço.

Nesse período, em 1944, Pe Estevão foi nomeado por Dom João da Mata vigário da catedral e diretor do departamento de ensino religioso, tornando-se também reitor do Seminário São José, que havia sido desmembrado da Paróquia dos Remédios e parte de São Sebastião – nesse período, devido a essa divisão, os salesianos ficaram responsáveis pelo seminário. O reitor foi nomeado vigário, e os demais sacerdotes, auxiliares.

O único lugar de culto que havia na região era a capela do Patronato Santa Teresinha, que Dom João declarou provisoriamente igreja paroquial. Em seus escritos<sup>74</sup>, encontra-se o seguinte testemunho:

[...] tinha de ir todos os dias às 15h00 para o Patronato. Descendo pela rua Visconde de Porto Alegre quase sempre encontrava um grupo de meninos, seminus, jogando futebol no meio da rua. O terreno onde se encontra o Colégio Domingos Sávio, era abandonado, um matagal. Era dividido em muitos lotes que tinham donos. Passando muitas vezes por lá, um dia veio a idéia: este terreno serviria para uma obra salesiana, talvez um Oratório.

O terreno referido é justamente onde foi construído o complexo que comporta a Escola Industrial Salesiana (cf. figura 7, a seguir), construída em 1955 e em funcionamento até 1982; ao seu lado, foi construída a atual igreja.

---

<sup>72</sup> Inspetoria São Domingos Sávio é o nome canônico da sede da província dos salesianos de Dom Bosco que atuam na região Norte do Brasil, compreendendo especialmente três estados: Amazonas, Pará e Rondônia. Essa província, ou inspetoria – nome comumente usado pelos religiosos –, também atende pelo nome jurídico-social Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia (ISMA). No Brasil, existem seis inspetorias independentes que correspondem às regiões brasileiras. Descrevemos, a seguir, as siglas de cada inspetoria conforme as capitais sedes, respectivamente: BMA, BRE, BCG, BSP, BBH, BPA (Manaus, Recife, Campo Grande, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre) – identificação em nomenclatura italiana, conforme sede geral da congregação. Cf. *Anuário dos Salesianos* (Inspetoria São Domingos Sávio, 2023).

<sup>73</sup> Escritos manuais não publicados.

<sup>74</sup> *Ibidem*.

A Igreja de São José, pertencente à Arquidiocese de Manaus, é confiada à Congregação Salesiana desde a sua fundação. A congregação tem origem italiana e foi fundada por São João Bosco (1815-1888), santo turinense, inspirado pela doçura de São Francisco de Sales; a paternidade de São José e a devoção a Nossa Senhora Auxiliadora constituem os pilares religiosos da espiritualidade salesiana. O carisma religioso tem por fundamento o binômio educação-evangelização dos jovens, inspirado numa pedagogia própria herdada pelo fundador, chamada de “sistema preventivo”<sup>75</sup>, marcada pela trilogia razão, religião e bondade. Os salesianos hoje estão presentes em cerca de 136 países com a mesma finalidade: educar os jovens. Por esse motivo, suas casas são sempre no campo educacional – como em escolas, faculdades e obras sociais –, nos centros urbanos e em presenças missionárias junto aos povos indígenas.

Figura 7 – Escola Industrial Salesiana



Fonte: Arquivo fotográfico da Inspetoria São Domingos Sávio.

Para não nos distanciarmos do percurso histórico do contexto eclesial no qual a igreja foi constituída, vale precisar que a Diocese do Amazonas foi criada em 27 de abril de 1892 pela bula<sup>76</sup> *Ad Universitas orbis Ecclesia* do papa Leão XIII, desmembrando-a da então Diocese de Belém do Grão-Pará – atualmente, Arquidiocese de Belém do Pará –, que tinha

<sup>75</sup> SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. *Constituições da Sociedade de São Francisco de Sales (Salesianos de Dom Bosco)*. 3. ed. Brasília: DSV Gráfica LTDA, 2016.

<sup>76</sup> As bulas papais são documentos oficiais emitidos pelo papa da Igreja Católica que tratam de diversos assuntos, incluindo o processo formal de criação, modificação ou extinção de entidades eclesiais como dioceses, paróquias, mosteiros, entre outras.

apenas duas paróquias na capital amazonense: Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora dos Remédios.

Em 16 de fevereiro de 1952, com a bula *Ob illud* do papa Pio XII, a diocese foi elevada a arquidiocese e sede metropolitana, passando a denominar-se Arquidiocese de Manaus<sup>77</sup>. Atualmente, o arcebispado está em seu sétimo sucessor, sob o cuidado pastoral do primeiro cardeal arcebispo metropolitano da região, Dom Leonardo Ulrich Steiner, nascido em 1950, em Forquilha (SC).

A arquidiocese abrange territorialmente oito municípios (Careiro, Careiro da Várzea, Iranduba, Manaquiri, Novo Airão, Presidente Figueiredo, Rio Preto da Eva e Manaus) e dispõe atualmente de três regiões episcopais, nas quais colaboram com o arcebispo três bispos auxiliares (Dom Zenildo Lima da Silva, Dom Joaquim Hudson de Souza Ribeiro e um bispo nomeado, Frei Samuel Ferreira de Lima) e um monsenhor (Pe José Carlos Sabino). Congrega cerca de 57 paróquias (das quais duas paróquias, além de uma capela, são militares) e 37 áreas missionárias distribuídas em 13 setores; ao todo, são catalogadas 934 comunidades eclesiais. Quanto ao clero, há cerca de 173 presbíteros, 71 deles diocesanos, e 51 diáconos permanentes, com uma média de 60 comunidades religiosas<sup>78</sup>.

A Paróquia São José é a maior das igrejas do Setor Centro Histórico, imponente em seu estilo e tamanho como poucas na Arquidiocese de Manaus. Logo após a inauguração da igreja, a circular distribuída na ocasião por Dom Pedro Massa relatava:

A nova Igreja, elegante, de majestosas proporções, de linhas arquitetônicas puras e harmoniosas, devidas à competência artística do antigo engenheiro Brazini, ficará em Manaus como um dos mais belos marcos, afirmando como são compensadores os resultados de uma longa jornada, entremeada de sacrifícios e valorizada pela perseverança e confiança em Deus (Ceretta, 2014, p. 341).

A obra erguida foi resultado de muitos anos de trabalho e dedicada atenção de diversos salesianos fiéis ao plano inicial; um foi o projeto e muitos os executores, conforme os registros de Celestino Ceretta (2014)<sup>79</sup>. A igreja foi construída anexa ao complexo educacional e teve dedicação intensa do Pe Estevão Domitrovitsch, que buscou recursos na América do Norte, na Áustria e na Alemanha.

<sup>77</sup> Informação disponível em: <https://arquidiocesedemanaus.org.br/historico/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

<sup>78</sup> Cf. ARQUIDIOCESE DE MANAUS. *Catálogo*. Manaus: PASCUM, 2016. Os dados historiográficos foram recolhidos do *Catálogo* de 2016, ano de sua última edição – mas os dados aqui apresentados, atualizados, são de 2023, coletados junto à Assessoria de Comunicação da arquidiocese (ASCOM), quando a revisão do *Catálogo* estava em andamento. Essas informações também podem ser encontradas em: <https://arquidiocesedemanaus.org.br/abrangencia-e-dados-eclesiais/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

<sup>79</sup> Cf. CERETTA, Celestino. *História da Igreja na Amazônia Central*. Manaus: Biblios, 2014. v. 2. p. 557.

Quanto à presença de instituições religiosas masculinas em Manaus, assim descreve Ceretta (2014)<sup>80</sup>, a respeito dos salesianos de Dom Bosco:

Atendendo ao pedido insistente do bispo do Amazonas os salesianos estabeleceram em Manaus o Colégio Dom Bosco em 1921. Posteriormente implantaram o Colégio Domingos Sávio e a paróquia de S. José Operário em Manaus, a grande casa de retiros Jordão, no Aleixo e o Pró-Menor Dom Bosco na Alvorada II. No mês de agosto de 1965, os salesianos celebraram os 50 anos de presença no Amazonas. A celebração contou com a presença do Núncio Apostólico Dom Sebastião Baggio. Ao aproximar-se de um século de presença Salesiana no Amazonas e Rondônia, é difícil nomear todas as obras e serviços onde se desenvolveram.

Ceretta (2014), em sua obra, destaca a presença dos salesianos nas prelazias de Alto Rio Negro (AM), Porto Velho (RO), Humaitá (AM) e Ji-Paraná (RO). O trabalho missionário inicial dos salesianos na Amazônia brasileira ocorre somente na segunda década do século XX, e remonta à criação da Prefeitura Apostólica do Alto Rio Negro (1910), confiada à Congregação Salesiana em 1914. O efetivo desta missão ocorre com a fixação da comunidade salesiana em São Gabriel da Cachoeira (AM) em 1916<sup>81</sup>, até posteriormente expandir seu alcance por parte da região Norte do Brasil – embora a presença efetiva em Manaus só tenha se dado a partir de 4 de julho de 1921. Dentre as congregações europeias masculinas, os salesianos foram a segunda a se instalar em Manaus<sup>82</sup>.

A construção da igreja ao lado da Escola Industrial Domingos Sávio, por sua imponência e por ser um marco eclesial para os salesianos, recebeu a bênção solene ministrada pelo núncio apostólico Sebastião Baggio no dia 15 de agosto de 1965; na oportunidade, foi aberta oficialmente ao público. A nova igreja, conforme Ceretta (2014, p. 557), já foi construída como suposto santuário, sendo, portanto, inaugurada no dia 1º de maio de 1967. As ações pastorais principais mais significativas foram a catequese e o oratório, que também permanecem formando gerações – não obstante as mudanças ao longo do tempo, seja devido ao espaço físico, seja devido à missão carismática dos salesianos, em atenção ao mundo juvenil.

Localizada numa área entre o Grande Centro e o Bairro da Praça 14 de Janeiro, a localização limítrofe a aproxima de bairros históricos da capital, mas ao mesmo tempo

---

<sup>80</sup> Ceretta (2014, p. 569).

<sup>81</sup> COSTA, Mauro Gomes da (org.). *A ação dos Salesianos de Dom Bosco na Amazônia*. São Paulo: Editora Salesiana, 2009. p. 7.

<sup>82</sup> MACIEL SOARES, Elisângela Socorro. *Entre o Tibre e o Amazonas: a romanização serpenteia a Igreja de Manaus (1968-1958)*. 2023. 425 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2023. p. 176.

também favorece o alcance popular e da classe média manauara. Os limites da Paróquia São José, após o desmembramento da Paróquia dos Remédios, são os seguintes:

[...] ao norte, rua Ramos Ferreira, face de numeração par; ao leste, igarapé do Mestre Chico, margem direita até sua confluência com o igarapé da Cachoeirinha; ao sul, igarapé da Cachoeirinha, margem direta até a confluência com o igarapé de Manaus; e ao oeste, igarapé de Manaus, margem esquerda<sup>83</sup>.

Tais confluências seguem inalteradas. Maciel Soares (2023, p. 178) ressalta que o primeiro pároco foi Pe Estevão Domitrovitsch (1948-1951); o segundo, Pe Celestino Capra; o terceiro, Pe Luiz Venzon; e o quarto, Pe João Seu. No ano de 2023, a paróquia celebrou seus 75 anos de fundação e, no ano da realização desta pesquisa de campo (2024), estava em seu vigésimo pároco.

Figura 8 – Montagem de fotos (visão externa e interna)



Fonte: Foto 1, Anderson Pardo (2022); demais fotos, próprio autor (2023).

Devido à localização, a igreja é facilmente avistada dos altos do Bairro Cachoeirinha. Suas cúpulas vistosas de longe fazem notar a suntuosidade da igreja, que chama atenção pelo

<sup>83</sup> Conforme o Decreto de Ereção Canônica da Paróquia de São José, assinado por Dom João da Mata Andrade e Amaral em 5 de fevereiro de 1948.

tamanho, especialmente por ocasião da última reforma externa, realizada em 2022 – em que foram feitas a pintura externa, a troca de parte do telhamento e a recuperação de sua fachada principal, com a iluminação noturna das cúpulas especialmente na parte da fachada.

Na montagem acima (figura 8), as fotos representam a visão interna e externa do santuário, por meio das quais se pode notar sua composição arquitetônica. Quanto aos traços arquitetônicos<sup>84</sup>, a igreja mistura padrões estilísticos, o que em outro momento foi chamado de estilo neoclássico: a cúpula remete ao Renascimento; o frontão tem um estilo grego triangular; as janelas circulares remetem ao estilo romano – mas a melhor definição para suas características é o ecletismo, também presente no interior da igreja, das colunas ao piso. Isso demonstra que, ao longo do tempo, foi recebendo de seus responsáveis elementos, arredos, e que não necessariamente se observou um padrão característico. Ressalta-se que a igreja não é tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Conforme o *Catálogo* da Arquidiocese de Manaus (2016), existem pelo menos três paróquias dedicadas a São José na capital. A Paróquia São José, objeto desta pesquisa, está localizada no Centro Histórico da cidade; embora celebre como padroeiro São José, esposo de Maria, canonicamente é chamada de São José Operário. Depois, temos outras duas paróquias dedicadas a São José: uma no antigo Bairro de Belo Horizonte, hoje Adrianópolis, situada no Setor Santa Rita de Cássia; e, por fim, a Paróquia São José Operário, localizada no Bairro São José, na Zona Leste de Manaus, cuja festa litúrgica em celebração ao santo se comemora em 1º de maio, Dia do Trabalhador. As paróquias do Centro Histórico e da Zona Leste da cidade são confiadas aos salesianos.

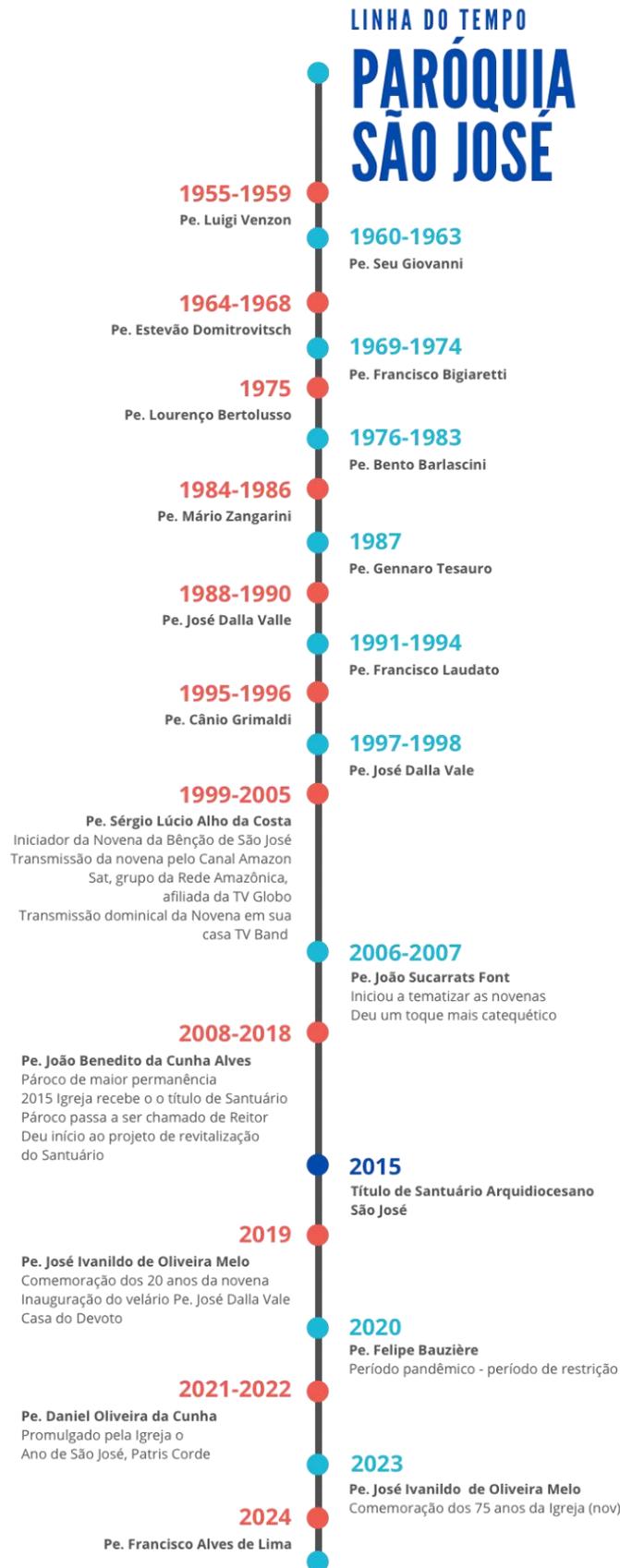
A seguir, na figura 9, a linha histórica da paróquia desde seu primeiro pároco oficial, conforme o *Anuário dos Salesianos*<sup>85</sup>.

---

<sup>84</sup> Para a análise arquitetônica, foi ouvido o parecer do arquiteto e urbanista Hadley Mato Nobre (CAU/BR A73.215-0), sócio-proprietário da Ufficio Arquitetura & Paisagem, localizada no Bairro Adrianópolis, em Manaus.

<sup>85</sup> ANNUARIO 1955-2023. Roma: Salesiani di Don Bosco, 2023. v. 2.

Figura 9 – Linha histórica da Paróquia São José



Fonte: Secretaria da Inspetoria São Domingos Sávio (2024).

Um fator importante que se refere a essas paróquias, especialmente às salesianas, é que ambas mantêm em sua atividade pastoral, há mais de 20 anos, as novenas dedicadas a São José, embora com rituais litúrgicos diferentes. A paróquia do Centro realiza mensalmente a novena, todo dia 19. Já a paróquia da Zona Leste faz memória semanal, com celebração noturna todas as quartas-feiras – embora nesta mesma paróquia a memória mensal tenha sido celebrada por longa data no dia 1º do mês, em menção a São José trabalhador. Conforme registro da escuta de fiéis na Zona Leste, a novena na paróquia começou devido ao “sucesso” da Novena de São José no Centro.

A Paróquia de São José do Centro, hoje, tem *status* de santuário<sup>86</sup>, assim formalmente intitulado em 2015, e faz parte do Setor Centro Histórico da Arquidiocese de Manaus, que compreende oito igrejas, das quais também fazem parte outros dois santuários. A Paróquia Nossa Senhora de Fátima, cuja pedra fundamental foi lançada em 1941, foi elevada a primeiro santuário da cidade de Manaus em 12 de maio de 1982, sob a responsabilidade de animação pastoral dos religiosos palotinos. A Paróquia Nossa Senhora Aparecida, fundada em 1943, sob a responsabilidade dos redentoristas, também se tornou santuário em 12 de outubro de 2007.

Vale ressaltar que o Seminário da Arquidiocese de Manaus também é dedicado a São José. Criado em 14 de maio de 1848, teve que fechar as portas em 1909, devido à grande baixa vocacional; assim, passou a enviar, por longa data, as poucas vocações que surgiram para outros seminários, fora da região Norte<sup>87</sup> – mas foi reaberto posteriormente, muitos anos depois, em 19 de março de 1943.

Atualmente, o espaço da escola é a sede provincial dos salesianos de Dom Bosco – que também já funcionou em outro prédio, na Avenida Boulevard Álvaro Maia, próximo ao Prontocord, não mais de propriedade dos salesianos. O antigo prédio da Boulevard funcionou também como casa formativa para salesianos em formação filosófica. O espaço foi vendido e os recursos foram investidos em outra presença, localizada no Bairro Zumbi I, na Zona Leste de Manaus. A antiga casa pertencia a outra congregação religiosa, os maristas, que fizeram

---

<sup>86</sup> A partir desta nota, chamaremos de forma direta Santuário São José – suprimindo o termo Arquidiocesano de seu nome –, uma vez que este é o título alcançado e o modo mais adequado de nos referirmos a ele ao longo deste texto.

<sup>87</sup> A informação sobre essa escassez vocacional de longa data foi colhida pessoalmente, de forma oral, com Dom José Albuquerque, bispo da Diocese de Parintins (AM), que exerceu o papel de reitor no Seminário Arquidiocesano São José em Manaus. Devido às poucas vocações e, por conseguinte, à dificuldade em compor comunidade formadora, há, especialmente na atualidade, uma práxis comum entre os seminários (sobretudo da Regional Norte 1 AM/RR) de enviar os jovens seminaristas para formação em comunidades mais robustas, em outras regiões do Brasil – motivada por falta de gente para acompanhar essa formação e de congregações religiosas.

uma negociação patrimonial<sup>88</sup> com os salesianos; hoje, esse espaço está “abandonado” devido à invasão que tomou de conta do entorno, tornando o ambiente perigoso para a permanência dos salesianos.

A congregação, atualmente, conta com as seguintes presenças em Manaus: duas escolas, Colégio Dom Bosco Centro e Colégio Dom Bosco Leste (Bairro Zumbi I), que atendem aos segmentos ensino fundamental I e II e ensino médio; e três igrejas: 1) Paróquia Dom Bosco, localizada no interior do Colégio Dom Bosco Centro; 2) Santuário São José, desde a elevação da igreja a santuário, em 2015; o santuário possui algumas comunidades eclesiais sob sua responsabilidade<sup>89</sup>; e 3) Paróquia São José Operário Leste, localizada no Bairro São José I; fundada no final dos anos 1970, a paróquia atende seis comunidades eclesiais que lhe pertencem<sup>90</sup>.

A terceira presença trata-se de um complexo onde está situada a obra social Pró-Menor Dom Bosco, que se deslocou do Bairro Alvorada II para a Zona Leste em 2019<sup>91</sup>; neste complexo, encontra-se o Colégio Dom Bosco Leste, que funciona apenas no período matutino. A Faculdade Salesiana Dom Bosco (FSDB) encerrou suas atividades<sup>92</sup>. Situada após o prédio da faculdade, neste complexo, encontra-se a residência dos salesianos, onde funciona a única etapa formativa dos salesianos em Manaus, chamada de pré-noviciado (a primeira etapa da formação), que acolhe jovens em processo formativo para a vida religiosa consagrada salesiana.

Nos últimos anos, especialmente no sexênio entre 2017 e 2023, correspondente ao governo do 13º inspetor (superior dos salesianos na Amazônia)<sup>93</sup>, algumas presenças dos salesianos foram encerradas em três estados: Amazonas, Pará e Rondônia. Entre essas finalizações, paróquias foram entregues e escolas, encerradas; casas de formação se

<sup>88</sup> Registros encontrados em ata dos salesianos na Amazônia (2008).

<sup>89</sup> As comunidades eclesiais de base (CEBs) são igrejas menores sob a responsabilidade de gestão da paróquia de referência; no caso, pertencem ao santuário, e nem todas possuem espaço físico construído. Listamos seis comunidades: 1) Santa Edwírges; 2) Santa Inês; 3) São Judas Tadeu; 4) Nossa Senhora Auxiliadora; 5) Sagrada Família; 6) São João Batista. As três últimas possuem capelania física. Informações do *Catálogo* (Arquidiocese de Manaus, 2016, p. 27).

<sup>90</sup> 1) São Francisco; 2) Dom Bosco; 3) Maria Auxiliadora; 4) Nossa Senhora Auxiliadora; 5) Nossa Senhora Aparecida; 6) Divino Espírito Santo. Informações do *Catálogo* (Arquidiocese de Manaus, 2016, p. 74).

<sup>91</sup> MELO, Luis. Pró-Menor Dom Bosco: novo local para continuar com missão social. *A Crítica*, Manaus, 23 fev. 2020. Disponível em: <https://www.acritica.com/manaus/pro-menor-dom-bosco-novo-local-para-continuar-com-miss-o-social-1.48336>. Acesso em: 29 nov. 2024.

<sup>92</sup> A FSDB iniciou suas atividades em 2003, no espaço do tradicional Colégio Dom Bosco Centro. Depois, estendeu seu projeto em nível superior: foi a primeira faculdade católica de Manaus, abrindo uma unidade na Zona Leste da cidade. Contudo, encerrou suas atividades no início de 2024. A informação foi obtida junto à direção da Faculdade Salesiana em 2024.

<sup>93</sup> INSPETORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA. Nossa história. *ISMA*, Manaus, 2023. Disponível em: <https://isma.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

consolidaram em outras regiões do Brasil, em parceria com outras inspetorias, e a FSDB em Manaus encerrou suas atividades – o que representa um declínio, em grande parte por razões financeiras e de gestão, mas também devido à escassa demanda vocacional. Este pode ser interpretado como um cenário de crise também para a vida religiosa, uma vez que o problema vocacional é um desafio não somente para os salesianos, mas um reflexo sentido especialmente na vida religiosa consagrada. A crise pandêmica da COVID-19 (2020-2022) também acentuou perdas irreparáveis, especialmente no cenário escolar ou acadêmico.

Esse breve histórico é importante para entender a dinâmica de sustentação das obras, uma vez que a manutenção das obras salesianas ajuda a arcar com as despesas administrativo-financeiras de todas as obras da Inspeção da Amazônia – que conta, em média, com 54 salesianos<sup>94</sup> e mais de 100 funcionários leigos em suas obras institucionais de caráter filantrópico religioso, que movimentam, anualmente, mais de um milhão de reais<sup>95</sup>.

Nota-se, de acordo com a pesquisa de campo, que a maior ação pastoral do santuário, hoje, é a Novena da Bênção de São José; embora isso soe estranho, por se tratar de uma atividade-movimento mensal, assim a definiu Pe Delta<sup>96</sup>. Com base na pesquisa participante, por meio de visitas ao santuário, notou-se que ele é regularmente bem pouco frequentado por cerca de 50 a 100 pessoas, ordinariamente, no decorrer da semana. Na segunda-feira, costuma aparecer um público maior, dentro da faixa referida, devido às intenções de missa dos fiéis falecidos que se acumulam no final de semana. Não obstante, é a partir das celebrações ordinárias das missas aos finais de semana (sábados e domingos) que há uma melhor participação de comunitários, mais ligados à vida comum da igreja em seu ciclo celebrativo.

Conforme um plano emergencial<sup>97</sup> de atendimento às pessoas por ocasião da pandemia de COVID-19, em 2020, a comunidade levantou que a igreja possui cerca de 122 bancos que variam em tamanhos (pequenos e grandes), o que comporta uma média de 844 pessoas sentadas e outras 400 em pé, num total de 1.244 pessoas.

---

<sup>94</sup> Dados do *Anuário dos Salesianos* (Inspeção São Domingos Sávio, 2024). Esses dados compreendem os salesianos como sacerdotes e irmãos comprometidos por votos perpétuos e temporários. Em 2024, a inspeção contou com cerca de 28 jovens na formação inicial. A formação para a vida presbiteral dura 11 anos, ao passo que, para tornar-se irmão efetivamente ativo, leva cerca de oito anos.

<sup>95</sup> Informações de ordem econômica obtidas junto ao setor financeiro da Inspeção São Domingos Sávio.

<sup>96</sup> Pe Delta foi o primeiro pároco reitor do santuário. Ele definiu a novena como algo pontual, um “movimento” envolvendo grande massa realizado mensalmente; portanto, a enquadrado dentro do conjunto das atividades pastorais, embora se note que a novena é a atividade de maior alcance e referência no santuário.

<sup>97</sup> O plano de retorno das atividades no Santuário São José foi elaborado pela comunidade paroquial no período da emergência pandêmica da COVID-19, a partir de dezembro de 2019. A comissão da novena, composta por vários agentes de pastoral, ajuda mensalmente no cuidado e no preparo para a realização da novena.

Durante a semana e aos finais de semana é quando, na verdade, a vida ordinária da paróquia é percebida, o que nos faz constatar que, de fato, a maior ação pastoral em termos de fluxo de pessoas é o dia 19, por ocasião da novena. Esse tema evoca a discussão sobre a eficácia pastoral do santuário, uma vez que parece haver um esvaziamento das atividades de alcance dos paroquianos durante a semana – visto que é notória a sua pouca participação nos atos celebrativos nesse período. Embora haja no santuário um leque de pastorais, movimentos e grupos que tornem presente a ação pastoral em seu conjunto, a novena, de certo modo, se transformou no chamariz ao propósito de tornar-se santuário.

### 3.2 O IDEALIZADOR E SEUS FUNDAMENTOS

“Toda obra tem um pouco de autorretrato”. A frase, atribuída ao escritor francês Jean-Jacques Rousseau, encontra seu elo de razão ao tratarmos do Idealizador da novena, a quem nos referimos, nesta pesquisa, usando este codinome. Compreenderemos um pouco de sua história e formação e os fundamentos que justificam a razão dessa assertiva.

O Idealizador da novena é um filho da classe média manauara que estudou desde sua infância em escola particular: foi aluno, durante boa parte de sua formação humana e intelectual, do tradicional Colégio Dom Bosco – escola confessional católica pertencente à Congregação Salesiana, presente em Manaus desde 1921, localizada no centro comercial e histórico da capital –, que fica a poucos metros de onde sua família reside.

O Idealizador nasceu em 27 de outubro de 1966. Natural de Manaus, filho de família amazonense, foi batizado em 9 de novembro de 1966, na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, e recebeu o sacramento da Crisma em 29 de novembro de 1981, na Capela Dom Bosco, por Dom Milton Correia Pereira. A primeira obra salesiana que frequentou foi o Colégio Dom Bosco, aos nove anos; com 19, entrou para a formação seminarística com os filhos de Dom Bosco no Centro Vocacional Salesiano (Aleixo-Manaus). Fez seu noviciado em 1986, em São Paulo (SP); realizou seus estudos filosóficos de 1987 a 1989 no Centro Salesiano de Formação (CESAF), em Manaus, e foi acadêmico do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH/AM), também em Manaus.

Realizou seu período de tirocínio em 1989 na Chácara São Vicente, em Campo Grande, como assistente dos noviços. Depois, retornou a Manaus em 1990 para o seu segundo ano de assistência, residindo no Colégio Dom Bosco de Porto Velho. No segundo semestre daquele ano, viajou para São Paulo, onde, no Instituto Teológico Pio XI, na Lapa, realizou seu curso teológico, retornando a Manaus para concluí-lo, em 1994, no CENESCH/AM.

Professou seus primeiros votos como religioso salesiano em 10 de janeiro de 1987, em São Carlos (SP), e realizou seus votos perpétuos em 31 de janeiro de 1993. Foi ordenado diácono em 27 de agosto de 1994 na então Paróquia Salesiana de Santa Terezinha, no Bairro Alvorada II, em Manaus, tornando-se presbítero em 15 de junho de 1995, em Manaus, pela imposição das mãos de Dom Luiz Soares Vieira.

Em 11 anos, cumpriu normalmente o ciclo formativo para tornar-se presbítero salesiano. Depois de ordenado presbítero e de breves experiências pastorais, foi enviado para estudar e concluiu seu Mestrado em Comunicação Social na Pontifícia Universidade Salesiana de Roma, na Itália (1997-1999). Ao retornar, no final dos anos 1990, revalidou seus estudos pela Universidade de São Paulo (USP) e assumiu como pároco na Paróquia de São José na Praça 14 de Janeiro, em Manaus, onde atuou por seis anos, instituindo a Novena da Bênção de São José – que alcançou grande êxito, atingindo grandes massas<sup>98</sup>.

Foi definido por alguns salesianos de seu período formativo e por paroquianos da Igreja de São José como um irmão de dotes pessoais na comunicação e na oralidade, com um potencial espírito de eloquência e de tenacidade – porém, de poucas relações no cotidiano em termos de proximidade e afetos, com um humor variável.

Esse histórico é imprescindível para compreender os passos do Idealizador da novena, que se tornou peça fundamental para a compreensão do fenômeno religioso em estudo. O Idealizador construiu sua vocação e formação bebendo das fontes que o formaram no campo cristão, tocado pela espiritualidade redentorista, da qual foi frequente participante desde sua infância, como ele registrou em entrevista concedida ao *podcast* “Estação Bem Viver” (2022):

Eu sou batizado na Paróquia de Nossa Senhora Aparecida. Eu cresci com meu pai e a minha mãe indo à novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro toda terça-feira, que até hoje se celebra, e eu bebi muito da espiritualidade, dessa novena, da religiosidade popular, com a minha avó, com meu vó, via essa espiritualidade própria do nosso povo, o sentido do sagrado e aí eu pensei exatamente nisso, nós precisamos resgatar esse mecanismo que é tão importante pra valorizar aquilo que há de melhor dentro da raiz do nosso povo amazonense, que é a fé, são as novenas.

Não obstante toda a caminhada de assíduo frequentador da Novena de Nossa Senhora Aparecida – tradicional em Manaus, realizada há muitos anos, todas as terças-feiras, em diversos horários –, percebe-se em seu histórico a forte influência do estilo do devocionismo popular mariano presente na Ordem dos Redentoristas, que chegaram a Manaus em 1943 para

---

<sup>98</sup> Os dados não são publicados, foram obtidos na secretaria da Inspeção São Domingos Sávio com a devida anuência para a pesquisa no dia 4 de janeiro de 2024.

a colaboração da expansão da diocese<sup>99</sup>. O estilo redentorista, com suas missões populares, vivido especialmente como frequentador da Novena do Perpétuo Socorro, o marcou profundamente, o que se deduz de sua entrevista ao “Bem Viver”; acreditamos que isso serviu como ideário ao formato dado à Novena da Bênção que foi suscitada.

O jovem em formação intuiu que a novena já fazia parte da piedade popular do povo amazonense; assim, em seu trabalho ministerial, suscitou a Novena da Bênção. O nome dado pressupõe o recebimento de graças através das bênçãos, algo que estava em alta na vertente evangélica da teologia da prosperidade<sup>100</sup>, muito peculiar à mentalidade neopentecostal. Entendemos ser um pressuposto de sua finalidade ser “agraciado”, o que compreende a “bênção” a quem participa da novena, tendo o santo como intermediador.

A novena nasceu com o intuito de ser algo breve, rápido, mas que desse um “*up*” na fé; assim, associou-se à simples figura de São José. Não há registros particulares de por que São José foi o santo escolhido, a não ser devido ao fato de ser o patrono desta igreja em particular, razão desta dedicação santoral, especialmente por causa da memória mensal do santo. Isso pode evidentemente ser confirmado pela promoção de outros trabalhos pastorais realizados pelo Idealizador, dedicados a outros oragos ou santas em outros ambientes de trabalho. A promoção da novena significou uma novidade local; sua escolha foi motivada a partir da igreja que acabara de assumir, tendo a figura deste santo como patrono. Em sua primeira inserção como pároco, foi configurando seu estilo pastoral, associado aos seus dons como comunicador e radialista, conforme sua biografia, como devoto mariano das Novenas do Perpétuo Socorro.

Poucos meses depois de empossado pároco sob a provisão de Dom Luiz Soares Vieira, quinto Arcebispo de Manaus (1992-2012)<sup>101</sup>, perante o governo inspetorial do Pe João Sucarrats Font (nono superior dos salesianos na Amazônia)<sup>102</sup>, inicia a experiência pastoral da Novena da Bênção de São José. Em poucos meses, já atraía numerosa quantidade de fiéis à igreja.

Como explicar a origem, a intuição e o formato projetado para a Novena da Bênção de São José? Pelo histórico da formação pessoal humana, espiritual e seminarística de seu

<sup>99</sup> Cf. Maciel Soares (2014, p. 212), ref. 6.

<sup>100</sup> A teologia da prosperidade é uma corrente teológica dentro do cristianismo, especialmente em igrejas neopentecostais, que associa a fé em Deus a prosperidade material, sucesso financeiro e saúde física. Essa doutrina enfatiza que bênçãos materiais e vitórias na vida são sinais diretos da ação de Deus e da fidelidade do crente.

<sup>101</sup> Cf. *Catálogo* (Arquidiocese de Manaus, 2016).

<sup>102</sup> Disponível em: <https://isma.org.br/nossa-historia/> Acesso em: 24 maio 2024.

Idealizador, podem-se deduzir as influências. A seguir, uma atenção ao contexto da época, que ajuda a compreender o formato idealizado para a novena.

Ao assumir sua primeira e maior missão como pároco na Paróquia de São José, em Manaus, no ano de 1995, vivia-se nacionalmente naquele período uma grande efervescência do modelo sacerdotal difundido pelo Pe Marcelo Mendonça Rossi, conhecido popularmente como Pe Marcelo Rossi. Sacerdote católico paulistano, membro da Diocese de Santo Amaro (SP), nascido em 1967, ordenado presbítero em 1994, cantor e escritor, Pe Marcelo era grande adepto do movimento da Renovação Carismática Católica (RCC)<sup>103</sup>. Conhecido pelo trabalho evangelizador alcançado nacionalmente pelas mídias, tornou-se um fenômeno midiático e da cultura de massas no fim dos anos 1990 e foi considerado o maior fenômeno artístico cristão da América Latina, com mais de 11 milhões de CDs vendidos ao longo de sua carreira, em sua missão que continua até hoje, desde 2002, como reitor do Santuário Nossa Senhora Mãe de Deus – *Theotókos*, em Santo Amaro. O espaço sagrado por ele idealizado foi construído entre os anos de 2006 e 2014 e projetado pelo arquiteto Ruy Ohtake; o edifício substituiu o antigo Santuário do Terço Bizantino, local em que o Pe Marcelo Rossi reunia grande multidão para a récita do terço, que também por ele foi muito difundido no país.

Existiam também no final dos anos 1990 outros modelos sacerdotais no catolicismo brasileiro. A esse modelo carismático embalado pelo crescente movimento da RCC, que enfatizava cura, louvor, música e evangelização midiática, podemos referir nomes como Pe Marcelo Rossi e Pe Zezinho – este último ligado a outro modelo eclesial; os dois contrastam devido à origem e aos estilos um tanto diferentes. Também surgem nesse período Pe Fábio de Melo e, pouco depois, Pe Reginaldo Manzotti. Rossi, Melo, Manzotti e outros foram nomes que impulsionaram a presença midiática.

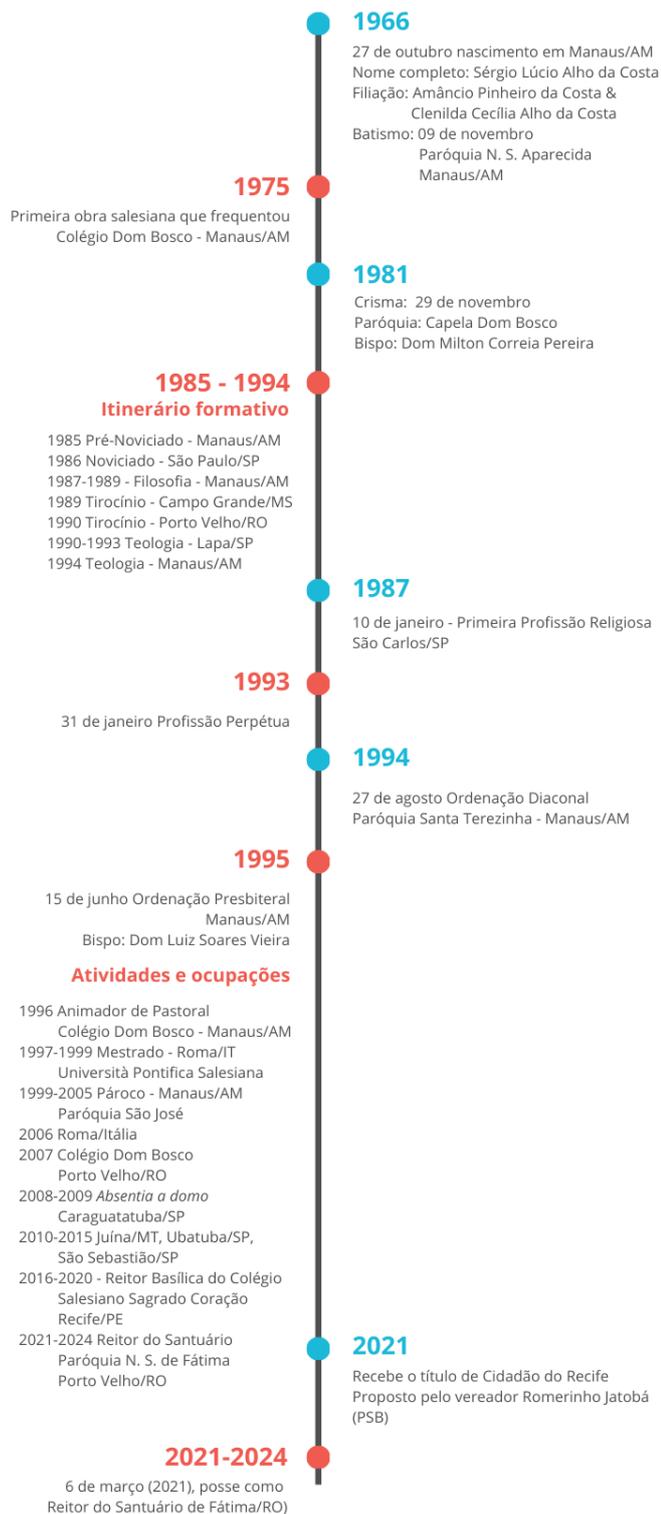
---

<sup>103</sup> A Renovação Carismática Católica (RCC) é um movimento surgido na Igreja Católica dos Estados Unidos, em meados da década de 1960, com a intenção de incorporar ao catolicismo alguns elementos oriundos do pentecostalismo (orações em línguas, glossolalia, liturgias animadas, “encontros pessoais” com Cristo, etc.). Os católicos carismáticos e suas práticas foram criticados por desviar os católicos dos ensinamentos e tradições autênticas da Igreja, especialmente tornando a experiência de adoração mais semelhante à do Pentecostalismo. De acordo com Samuel Rodriguez – pastor e líder evangélico carismático, influente nos círculos pentecostais e carismáticos –, os serviços carismáticos na América mais não fazem do que aumentar o número de católicos que se convertem às denominações pentecostais e evangélicas. É fato que, no Brasil, a RCC tende a certo tradicionalismo eclesial, assim como é notória uma aproximação com a direita política.

Figura 10 – Percurso histórico do Idealizador

## BREVE HISTÓRICO IDEALIZADOR

Natural de Manaus/AM, nasceu dia 27/10/1966. É sacerdote salesiano desde 1995. Graduiu-se em Filosofia pela Universidade Católica de Brasília/DF e Teologia em Manaus/AM. É radialista. Em 1999 concluiu Mestrado em Comunicação Social pela *Università Pontificia Salesiana* em Roma - Itália, sendo título validado no Brasil pela Universidade de São Paulo - USP.



Fonte: Secretaria da Inspeção São Domingos Sávio (2024).

Existia, igualmente, o modelo de sacerdote pastoral e comunitário identificado com a TL e as CEBs, que priorizava o trabalho com os pobres, a justiça social e o engajamento político, também vinculado à organização popular e às pastorais sociais, como a CPT e o Conselho Indigenista Missionário (CIMI) – cujos representantes incluíam nomes como Dom Hélder Câmara, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Luciano Mendes de Almeida e outros.

O modelo de sacerdote tradicionalista representava uma visão mais conservadora, com ênfase na liturgia, na doutrina e no papel hierárquico do padre como mediador entre Deus e o povo; embora em menor evidência eclesial, esses sacerdotes estavam mais ligados a movimentos mais devocionais, como o Apostolado da Oração e as paróquias rurais ou tradicionais. Havia também em cena o modelo de sacerdote missionário, inspirado pelo espírito do *Documento de Santo Domingo* (SD) e pela tradição missionária da Igreja; muitos desses sacerdotes atuavam em áreas de fronteira como a Amazônia e regiões interioranas, tendo como foco comunidades isoladas, inculturação e diálogo inter-religioso.

Percebe-se a presença de vários modelos, que, posteriormente, configuram alguns cenários eclesiais – os quais trabalharemos no capítulo 4, conforme o enquadramento de José Libânio (2009b).

Contudo, diante desses modelos sacerdotais, que se acentuaram ao final dos anos 1990 com uma expressiva participação midiática, foi inevitável a aproximação da figura do padre Idealizador, no Amazonas, ao estilo do Pe Marcelo Rossi, muito popular no Brasil no período referido. Em 2004, depois de o feito histórico da Novena de São José reunir mais de 100 mil fiéis no Sambódromo de Manaus – considerado recorde de público em evento católico particular na cidade –, o Idealizador foi chamado pela mídia local de “Marcelo Rossi Baré”.

O álbum *Músicas para louvar o Senhor* do Pe Marcelo Rossi, considerado seu primeiro álbum ao vivo (gravado no então Santuário do Terço Bizantino e lançado em 1998 pela PolyGram), alcançou o disco triplo de diamante, tornando-se o mais vendido do país e o mais vendido da história da música brasileira. Algumas músicas desse álbum permanecem até hoje entre os “hits” da Novena da Bênção de São José, como “Palmas pra Jesus”. Do mesmo modo, faixas do álbum *Um presente para Jesus* (1999), como “Pai-Nosso”, são consideradas hinos *sine qua non* na novena, cantados em coro pelo grupo de fiéis – entre outras canções próprias desse contexto evangelizador, muito utilizadas nos atos celebrativos.

O Idealizador reconhece que está associado à fonte da espiritualidade redentorista em que cresceu. Porém, inserido na educação salesiana desde a escola primária, vendo, percebendo e descobrindo os talentos que lhe são próprios – como o dom peculiar de sua voz

de locutor somado à sua habilidade comunicativa –, encantou-se com a proposta salesiana, tendo a figura de São João Bosco<sup>104</sup> como exemplo de comunicador e associando tudo isso à sua missão como presbítero.

A novena teve início em 1999, assim que o pároco retornou dos estudos em Roma, e nasceu no impulso do Jubileu do Milênio do ano 2000, convocado pelo então papa João Paulo II, que incitou os sacerdotes para um novo apelo propagador do Evangelho. Nesse contexto, nascia a Novena da Bênção de São José. Quando indagado sobre a origem da novena, assim respondeu: “com a finalidade de ser uma resposta aos desafios da evangelização, com a intenção de reavivar a fé batismal dos fiéis em uma realidade urbana, assim a novena teve início no horário de almoço às 12 h”<sup>105</sup>.

Paulatinamente, a novena atraiu grande número de trabalhadores, desempregados e demais membros fiéis, dado o oportuno horário de intervalo para os comerciantes – e não somente para eles, uma vez que a novena criou vasta popularidade entre diversas classes sociais. A bênção das carteiras de trabalho – e dos demais objetos – ao final da novena foi um sinal do seu crescimento popular.

Sob a animação apostólica do presbítero, a novena ganhou grande notoriedade. O Idealizador esteve à sua frente por seis anos. A pesquisa traça em grande parte um olhar descritivo e crítico desse período de sua animação pastoral, olhando em retrospecto os diversos feitos por parte do Idealizador, e da continuidade da novena nesse arco de 25 anos de existência, ao longo dos quais ainda colhe alguns reflexos desse período de maior alcance fértil de fiéis – que fez a Novena da Bênção de São José crescer a cada ano em participação popular a ponto de tornar-se, de fato, um fenômeno na cidade de Manaus, sendo necessário disponibilizar novos horários, além do tradicional às 12 h, para favorecer a participação de multidões de fiéis.

---

<sup>104</sup> Dom Bosco, ou São João Bosco, é um santo católico cujo nome atribuído foi Giovanni Melchior Bosco (1815-1888), da região dos Becchi, em Turim, norte da Itália. Camponês, aos dois anos ficou órfão de pai e foi criado pela mãe, Margarida Occhiena. Aos nove anos, teve um sonho que se tornaria profecia em sua vida; anos mais tarde, tornou-se sacerdote. Fundou a Pia Sociedade Salesiana, uma congregação religiosa regida pelo binômio educar-evangelizar os jovens de seu tempo. A congregação, de carisma educacional, está presente em mais de 136 países – e o Idealizador da novena faz parte desse carisma. Para conhecer melhor a história de Dom Bosco, conferir: SÃO JOÃO BOSCO. *Memórias do Oratório de São Francisco de Sales*. 1ª reimp. Brasília: Edebê, 2022.

<sup>105</sup> Manuscrito não publicado.

A primeira novena ocorreu em 19 de agosto de 1999<sup>106</sup>, assim que o Idealizador iniciou seu trabalho como pároco. Em menos de um semestre, no andamento daquele ano, começou sua ação pastoral com a igreja repleta de fiéis, algo que aconteceu por meio do “boca a boca”, como ele mesmo revelou em palestra<sup>107</sup>.

O dia 19 refere-se à memória mensal do santo. A Igreja celebra, no dia 19 de março, a festa litúrgica de José, esposo de Maria – embora canônica e popularmente ele seja conhecido com o título de José Operário, que a Igreja celebra em 1º de maio, recordando a figura de São José como patrono dos trabalhadores<sup>108</sup>. O horário a princípio proposto para a novena, 12 horas, tinha o intuito de ser um espaço favorável para trabalhadores em horário de almoço e desempregados, com vistas a possibilitar a participação de um número maior de fiéis e ser um canal de evangelização em horário incomum.

Figura 11 – Visão externa: altar (1) e quadras, campo e altar (2)



Fonte: próprio autor (2022).

<sup>106</sup> BATISTA, Carla Cristina V. *Território e territorialidade da Igreja Católica em Manaus*. 2007. 67 f. Monografia (Especialização em Geografia da Amazônia Brasileira) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007. p. 53.

<sup>107</sup> Fala do Idealizador em comunicação oral no Santuário São José, em Manaus, em 26 nov. 2023.

<sup>108</sup> Em Manaus, conforme abordado no capítulo 2, existe outra paróquia salesiana dedicada ao santo na Zona Leste, no Bairro São José Operário I, especificamente dedicada a São José trabalhador. Essa paróquia também realiza uma novena, todas as quartas-feiras, com orações próprias e adoração ao final da celebração, que também atrai numerosa quantidade de fiéis semanalmente. Esse modelo de novena passou por algumas mudanças, mas surgiu no auge da Novena da Bênção de São José da presente pesquisa, o que nos leva a deduzir que foi uma reprodução do objeto desta pesquisa.

Em 2000, surgiu o horário das 18 h – que posteriormente passou por alteração – e, ao final do ano, o horário das 20 h 30. A mídia local deu destaque ao crescimento rápido da novena. Em junho de 2001, a pedido dos fiéis, iniciou-se o horário das 8 h<sup>109</sup>. Ao longo do tempo, devido à demanda, foi-se fixando o quadro de horários, que eram modificados segundo as necessidades. Porém, hoje, a novena dispõe ao todo de cinco horários: 6 h, 9 h, 12 h, 16 h e 19 h, sendo que a primeira e a última novena do dia são realizadas no altar externo, o qual, com o crescimento da celebração, logo foi finalizado em 2000. O altar foi construído aos fundos da área externa, região bem central da área aberta, anexa ao santuário – que tem, aos fundos, o campo de futebol, de frente ao átrio do pórtico que dá acesso à parte externa do santuário e ao vasto espaço com escadaria, que dá acesso também a três quadras esportivas e ao campo de futebol.

Figura 12 – Visão externa: campo, quadras e pórtico (1) e altar externo (2)



Festa de São José, em 19 de março de 2024.  
Fonte: próprio autor (2024).

De cima do altar externo, quem preside consegue ver toda a imensa gama de fiéis reunidos durante a celebração, realizada na área externa justamente para atender a enorme

<sup>109</sup> Cf. Batista (2007), ref. 106. No terceiro capítulo (p. 48-58), a autora aborda a Novena de São José e faz um apanhado progressivo do surgimento do horário das novenas, ponderando justamente como o efervescer das novenas gerou mais participação e ressignificou a presença da igreja no bairro.

demanda de devotos que participam da novena todo dia 19 e não cabem no santuário – especialmente no horário das 6 h, momento em que grande parte das pessoas se dirige ao trabalho, mas antes passa na novena. O movimento começa ainda na madrugada, a partir das 4 h, quando chegam os agentes de pastorais, membros da Guarda de São José<sup>110</sup>, para os respectivos serviços. Eles se ocupam de toda a logística da novena, desde a acolhida dos fiéis na porta até o recolhimento do dízimo, entre outros diversos serviços, geralmente iniciados no dia 18 de cada mês, a fim de que tudo esteja pronto para a grande presença de fiéis no dia 19.

Por meio da pesquisa de campo, notou-se que a chuva complica bastante o andamento das celebrações em dias de novena, especialmente das novenas externas (manhã e noite), uma vez que o campo de futebol utilizado fica encharcado. Em dias de chuva, opta-se por realizá-las na área interna da igreja.

Figura 13 – Visão externa das quadras esportivas e do campo



Fonte: próprio autor (2023).

<sup>110</sup> A Guarda de São José foi instituída formalmente como grupo na paróquia pelo pároco Delta, em 2008; trata-se de um modelo que copia a Guarda de Nazaré, presente na Basílica de Nazaré, em Belém (PA). É composta por homens e mulheres que atuam voluntariamente como agentes de pastorais nas ações da paróquia, especialmente todo dia 19.

Às 19 h, ocorre a última novena do período noturno, a mais procurada. Muitos devotos presentes são trabalhadores, que retornam cansados de seus afazeres diários e ainda se dispõem a enfrentar pelo menos 1 h 30 min de duração da última celebração noturna.

Venho sempre à noite, é o único horário que posso frequentar, saio muito cedo de casa para ir ao Distrito, não dá tempo de vir durante o dia, mas não posso faltar. Consegui esta graça do meu trabalho através da novena, foi aqui pedindo a Deus e a São José que consegui, a rotina é bem pesada e cansativa do Distrito, mas sou muito agradecida por esta graça alcançada após seis anos sem trabalhar (Entrevista, out. 2023).

Como muitas pessoas se dirigem ao santuário depois da jornada de trabalho, muitas delas também chegam com bastante antecedência, logo após a novena das 16 h. Uma série de fatores é considerada pelos fiéis, como o trânsito no entorno, que fica pesado nesse horário, além da dificuldade para estacionar, especialmente porque, à noite, não são admitidos carros na área interna do campo devido à celebração, entre outros motivos. Antes da novena das 19 h, costumam acontecer momentos de louvor e de cantos católicos, além da récita do terço e da divulgação das atividades do santuário.

Nessas celebrações externas, a igreja permanece aberta, transmitindo a celebração por meio de telão; isso favorece as pessoas idosas e portadoras de necessidades especiais, bem como as que se dirigem do trabalho até lá, já cansadas, que encontram espaço para acompanhar o ato celebrativo.

Conforme dados estimativos do Corpo de Bombeiros, cerca de seis a oito mil pessoas passam pelo Santuário São José e participam, em algum horário, das novenas no dia 19 de cada mês. Como dito anteriormente, a novena é uma prática devocional mensal, seja aos domingos ou às segundas – por causa da possível troca do dia celebrativo, devido às missas de domingo –, e se mantém atraindo fidedignamente grande quantidade de fiéis. Contudo, em alguns momentos de sua história, também decaiu em termos de participação numérica: o período da pandemia de COVID-19 (2020-2021) foi o mais difícil, quando se suspendeu em parte do ano a presença física de fiéis. A Pastoral da Comunicação do Santuário São José (PASCOM) se encarregou das transmissões.

O pároco Idealizador suscitou uma novena muito peculiar, desenvolvendo nela um tipo de espiritualidade particular, ligado ao seu estilo ministerial de tom carismático e com eloquente oratória evangelizadora. Na prática, sua atuação e seu estilo pastoral não revelam com clareza a solicitude espiritual e pastoral salesiana no binômio educar-evangelizar, uma vez que essa espiritualidade tem um estilo mais juvenil e voltado a um apostolado de maior

proximidade com os jovens, em que o coração oratoriano é sinal desta familiaridade juvenil<sup>111</sup>.

Com isso, não se trata de condenar sua ação pastoral ou desmerecer sua ação como salesiano, mas ressaltar que, frente ao carisma religioso do qual faz parte, seu foco pastoral foi exercido totalmente à luz do presbitério, formando, portanto, uma identidade mais dedicada ao modelo de sacerdote paroquial, uma vez que não desenvolveu outras funções em sua trajetória. Seu estilo é tendencioso ou iluminado pelo modelo carismático, com oratória em analogia à teologia da prosperidade, que não é, por natureza, alinhada ao estilo salesiano.

Talvez o que seja importante enfatizar é sua condição eclesial enquanto presbítero voltado ao ministério da pregação nessa “bricolagem” da fé na sociedade pós-moderna e secularizada, na qual muitos fiéis anseiam por mais do que uma evangelização: procuram uma identificação do tipo “autoajuda” ou “coach” em campo espiritual, em meio a modelos midiáticos de alcance, promotores de bênçãos em uma novena peculiar cujo “carisma” se tornou característico.

Atribuiu-se à sua pessoa um estilo próprio, que o fez protagonista de um amplo campo católico e apostólico na cidade de Manaus até hoje, por onde passa esporadicamente para momentos de espiritualidade, eventos religiosos, matrimônios, entre outras ocasiões, permanecendo em grande parte, durante essas passagens, no seio de sua família, residente no Centro da capital – ou raramente na residência provincial dos salesianos, anexa ao prédio do santuário.

Desse modo, a leitura que fazemos desse movimento e o atrelamento à sua pessoa não deixam de ser um modelo autorreferencial. Contudo, isso nos faz pensar na categoria de *individualismo*, de Louis Dumont (1985, p. 35-62), ou no conceito de *carisma*, proposto por Max Weber (1999, p. 174-176).

Para Dumont, o *individualismo* é uma característica das sociedades ocidentais modernas cujas raízes estão nos primórdios do cristianismo e que introduz a ideia de que cada indivíduo tem um valor intrínseco diante de Deus – uma visão que se desdobra na modernidade como a valorização do indivíduo autônomo e livre, mediada por um horizonte transcendente, em que o indivíduo deve subordinar-se a valores superiores, como a obediência a Deus ou à comunidade de fé. Isso acentua, no cristianismo, a proposta cristã de salvação; contudo, a dimensão individual é fundamental.

---

<sup>111</sup> Aqui, fizemos uma leitura a partir das *Constituições Salesianas* (2016), ref. 75 – via de regra para os salesianos, ao tratar da espiritualidade salesiana (artigos 10 a 21). Não se trata de subjugar sua identidade apostólica, mas nota-se um ministério mais centrado no modelo de sacerdote paroquial.

Em Weber (1999, p. 174-176), o *carisma* é uma qualidade extraordinária atribuída a uma pessoa, que é reconhecida como portadora de poder ou autoridade pela comunidade. Neste caso, o líder religioso está associado à capacidade de inspirar e transformar a comunidade por meio de uma conexão especial com o divino ou com os valores transcendentais, especialmente por sua condicionante clerical – uma vez que se trata de um sacerdote com particulares dotes na comunicação. Desse modo, o carisma é, no entanto, uma forma de autoridade que precisa ser constantemente legitimada pelo grupo e é frequentemente institucionalizada, o que Weber chama de “rotinização do carisma”.

Figura 14 – Novena de São José, realizada no Sambódromo de Manaus



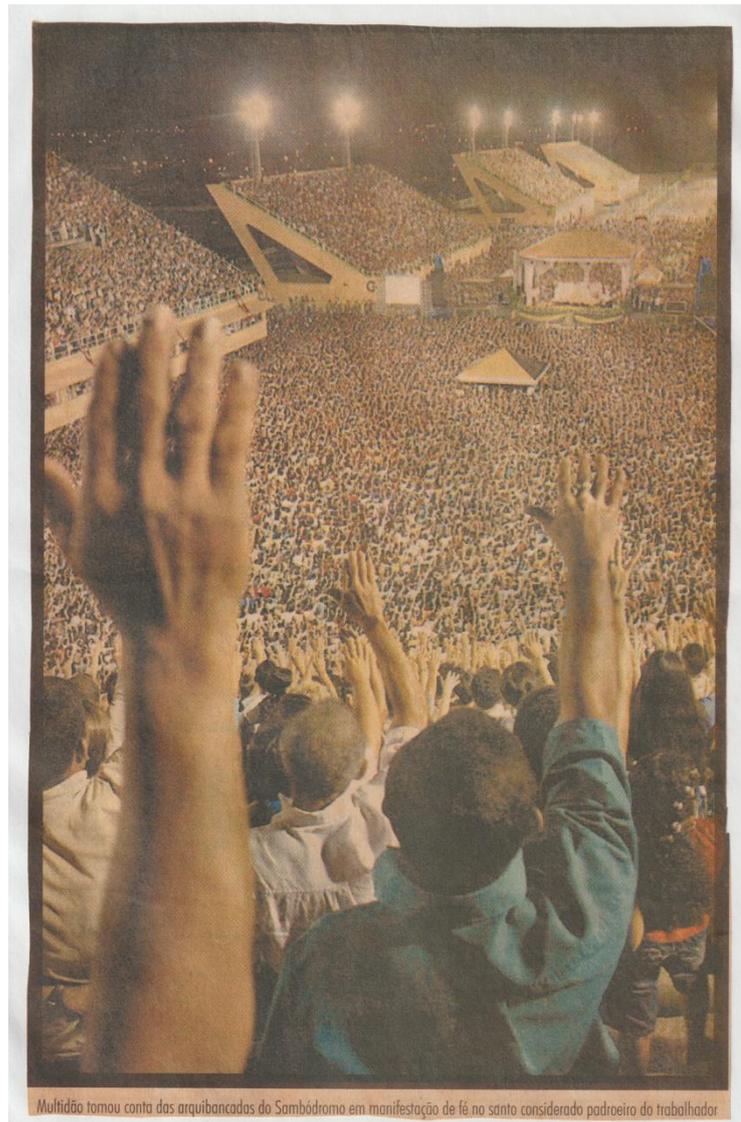
Fonte: Jornal *A Crítica* (2004).

Desse modo, em Weber, o carisma é uma das formas de autoridade reconhecidas na pessoa do líder. Por outro lado, a ideia dumontiana de individualismo, embora não se trate de exclusivismo salvífico ou de graça aleatória, depende do reconhecimento pessoal da comunidade em relação às qualidades únicas do líder.

Portanto, o Idealizador, dotado de um espírito evangelizador notável e uma voz de locutor que o caracteriza, não levou muito tempo para ocupar espaços na mídia e na alta

sociedade amazonense. Gozando dos benefícios de sua popularidade, chegou rapidamente a ter alcance na mídia local, destacando-se entre o clero. A Novena da Bênção de São José, em 2004, arrebanhou cerca de 180 mil pessoas no Sambódromo<sup>112</sup> e foi capa do principal jornal impresso da capital (*A Crítica*) – feito mais simbólico de sua ação pastoral no clero de Manaus.

Figura 15 –Festa de São José (19 de março): visão geral do Sambódromo



Fonte: Jornal *A Crítica* (2004).

A multidão reunida foi um marco histórico de sua gestão à frente da novena e envolve seu “carisma”, sua pregação e seu estilo popular presbiteral muito próximo à teologia da

<sup>112</sup> Disponível em: <https://portalbeiradao.com.br/>. Acesso em: 20 out. 2023. Há divergências de dados conforme os jornais sobre a quantidade de pessoas presentes nessa celebração. Contudo, os números passam dos 100 mil féis – este é, inclusive, considerado um dos maiores eventos católicos envolvendo uma igreja particular.

prosperidade; as bênçãos dadas ao final da novena também foram cruciais para o crescimento e a expansão desse fenômeno religioso.

No breve, mas significativo período em que esteve à frente da Novena da Bênção de São José, foi galgando seus passos como pároco e pastor de multidões, com crescentes participações na mídia local. Seu alcance pastoral na cidade foi imenso a partir de suas novenas, de modo que não passou despercebida sua ulterior ausência, a partir de 2006 – marcada por tensões e crises. Trataremos disso posteriormente.

Figura 16 – São José



Fonte: Aline Bispo (2022).

## **DIA DA FESTA LITÚRGICA: 19 DE MARÇO**

Na tradição da cristandade, São José foi o esposo de Maria e pai adotivo de Jesus Cristo. Apesar da forte presença da devoção a ele no cristianismo popular, a referência a José nos textos dos evangelistas é superficial: Marcos não o cita pelo nome; Mateus e Lucas registram que ele era um carpinteiro, descendente do rei David e morador da aldeia de Nazaré; João o cita como membro da Sagrada Família, sem maiores aprofundamentos. A própria genealogia do esposo da Virgem Maria é nebulosa. Enquanto Lucas (3:23) se refere a ele como filho de Heli, Mateus afirma que José era filho de Jacó (1:16). Sobre a condição de pai adotivo de Jesus, as referências mais explícitas estão no Evangelho de Mateus (1:21-24).

Se os evangelhos canônicos nada falam sobre a morte de São José, alguns textos apócrifos, como a “História de José, o carpinteiro”, não reconhecido oficialmente pela Igreja e provavelmente produzido no século VI, abordam o tema.

Segundo o relato apócrifo, José viveu até os 111 anos com boa saúde. Ao ser visitado por um anjo, que o comunicou sobre a morte próxima, foi ao Templo de Jerusalém e, em seguida, voltou para casa, para aguardar o fim cercado por Maria, Jesus e pelos filhos de um primeiro casamento. Na hora final, teve a alma arrebatada pelos arcanjos Gabriel e Miguel, que o conduziram ao Paraíso. Em algumas versões, Jesus teria banhado e ungido o corpo de José com bálsamo.

Na Idade Média, chegou a ocorrer um debate teológico sobre a necessidade ou não de se citar São José como personagem relevante na vida de Cristo. O grande defensor do santo foi Tomás de Aquino, que abraçou a causa da relevância de José no plano da encarnação. Segundo o filósofo, se Maria não fosse casada, os judeus a apedreariam. Além disso, Jesus, na infância e na juventude, certamente precisou da condução responsável e dos cuidados de um pai humano.

O culto a São José só foi oficializado pela Igreja Católica Apostólica Romana no século XI, quando a ele foi erguido um oratório na Catedral de Parma (1074) e construída uma igreja em Bolonha (1129). As primeiras referências das celebrações ao santo no dia 19 de março são do século XIV e a oficialização da data foi feita durante o papado de Gregório XV, em 1621.

Em 1870, ele foi alçado pelo papa Pio IX à posição de padroeiro da Igreja, com direito a um culto superior aos demais santos. Apenas com o papa Francisco, em um decreto da Congregação para o Culto Divino, de 1º de maio de 2013, foi incluída oficialmente uma

menção a São José na oração eucarística, imediatamente depois do nome de Maria e antes dos nomes dos apóstolos.

Se do ponto de vista institucional o culto a São José só se configura tardiamente, na cultura popular, a devoção ao santo é das mais tradicionais. Consolidou-se no imaginário popular a devoção a um santo humilde, trabalhador, operário, dedicado ao filho de Maria, capaz de abrir mão de qualquer projeto pessoal para salvar a Virgem e o menino da perseguição implacável de Herodes, deixando o próprio lar para se refugiar no Egito. Na carta apostólica *Patris Corde*, lançada em 2021, o papa Francisco ressaltou o caráter de refugiado de São José, em um contexto em que a situação dos migrantes e refugiados era das mais dramáticas no mundo.

Na cultura popular brasileira, a devoção a São José é especialmente marcante no sertão nordestino, com especial destaque no Ceará (estado do qual o santo é padroeiro), e tem forte relação com o cultivo da terra, as chuvas, os riscos da seca e as rogões para a boa colheita. Tal fato é curioso, já que não há aparentemente nada que ligue o santo às chuvas em sua trajetória canônica.

A provável origem dessa ligação inusitada parece ser simples: o dia consagrado a São José, 19 de março, marca o fim do verão e o equinócio do outono, período que anuncia o começo da época das chuvas no agreste e no sertão. As chuvas constantes no dia do santo acabaram fortalecendo a popularidade dele entre os sertanejos, consolidando a crença de que, se a chuva cai no dia de São José, é sinal de que a safra que vem pela frente será próspera.

Além disso, manda a tradição sertaneja que o milho, cultivo fundamental para a cultura alimentar nordestina, tenha a semente plantada no dia de São José para que a espiga seja colhida no dia de São João, em 24 de junho, conforme registra a famosa canção “São João do Carneirinho”, de Luiz Gonzaga e Guio de Moraes:

*Eu prantei meu mio todo no dia de São José  
 Se me ajudar, a providença, vamos ter mio a grané  
 Vou cuiê, pelos meus carco, vinte espiga em cada pé  
 (Pelos carco, vou cuiê vinte espiga em cada pé)  
 Ai São João, São João do Carneirinho  
 Você é tão bonzinho  
 Fale com São José  
 Fale lá com São José, peça pra ele me ajudar*

*Peça pro meu mio dar vinte espiga em cada pé*

Há ainda a referência a São José como um santo casamenteiro mais responsável que Santo Antônio. Enquanto este tem a fama de arranjar qualquer tipo de casamento pedido pelos devotos, inclusive os mais desastrados, São José tem a fama de arranjar casamentos mais firmes, sólidos, com pessoas dispostas a sacrificar a vida pessoal em nome da felicidade e da segurança da família. Exatamente como ele fez com Maria e o menino Jesus, aliás.

Extraído de: SIMAS, Luiz Antônio. *Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022. p. 95-99.

### 3.3 SOBRE A DEVOÇÃO A SÃO JOSÉ

São José foi considerado, por longa data, uma figura subalterna no imaginário coletivo da fé cristã, embora nos documentos da Igreja se destaque como uma figura bastante relevante no plano divino da salvação.

O santo também está ligado à história da cidade de Manaus. Ressalta-se que no período entre 1580 e 1640, época em que Portugal e Espanha estavam sob uma só coroa (União Ibérica), teve início a povoação europeia na Amazônia<sup>113</sup>. O povoado que originou a cidade sede da capitania e da província foi fundado em 1669, na margem esquerda do Rio Negro, a partir do Forte de São José da Barra do Rio Negro (Fortim). O forte havia sido construído para evitar a invasão dos holandeses aquartelados no Suriname (ex-Guiana Holandesa) e garantir o domínio da Coroa portuguesa na região<sup>114</sup>.

O povoado, que se desenvolveu em torno da fortaleza, recebeu o nome de São José da Barra do Rio Negro. Em 1832, sob a denominação de Nossa Senhora da Conceição da Barra do Rio Negro, o lugarejo foi elevado à categoria de vila e, em 1848, a Vila da Barra foi novamente elevada, então à categoria de cidade, com o nome de Cidade da Barra do Rio Negro. A cidade recebeu em 1856, finalmente, o nome de Manaus, em homenagem à nação indígena dos Manáos (que significa “Mãe dos Deuses”), o mais importante grupo étnico habitante da região, reconhecido historicamente por sua coragem e valentia.

Até 1885, Manaus ainda tinha o aspecto de uma vila: um pequeno povoado espreado, seguindo a condição geográfica do local, cortado por igarapés. Entretanto, desde 1850, com a elevação da Comarca do Alto Amazonas à Província do Amazonas, foi autorizada a navegação a vapor ao longo do Rio Amazonas e de seus afluentes. Isso criou as condições de transporte para a nova fase econômica que viria a seguir. Manaus é um dos maiores legados de uma fase econômica ímpar – o período da borracha –, em que a exploração do látex proporcionou o surgimento de cidades que testemunharam a ocupação e o desenvolvimento da região no contexto do incremento da industrialização em escala mundial.

Posteriormente, com a Proclamação da República (1889), Manaus foi elevada a capital do estado do Amazonas, época em que a borracha, matéria-prima da indústria mundial, era cada vez mais requisitada. O Amazonas, como principal produtor, orientou sua economia para atender à demanda, no chamado período áureo da borracha (1890-1910). Para a história do

<sup>113</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 1999. p. 24.

<sup>114</sup> Disponível em: [portal.iphan.gov.br/historia-manaus-am](http://portal.iphan.gov.br/historia-manaus-am). Acesso em: 5 mar. 2024.

Brasil, a borracha, como outros produtos, teve seu lugar no tempo. Por meio dela, o Norte do Brasil se tornou um eixo econômico, possibilitando ao país, ainda que temporariamente, um significativo avanço econômico.

Mas desse período do resgate histórico de Manaus, visto que estamos nos referindo a São José, é fato que existem vários fortes espalhados pelo país, erguidos com a mesma intenção de proteger a população local contra supostas invasões estrangeiras; em sua grande maioria, levam nomes bíblicos ou próprios da piedade popular, o que não nega o forte lastro do catolicismo presente no país.

Logo no ano em que surgiu a Novena da Bênção de São José, em 1999, a devoção ao santo não era tão comum em Manaus, e nem na própria igreja ele era tão invocado. Porém, o processo de romanização vivido no século XIX contribuiu significativamente para a intensificação da piedade em torno de São José, especialmente sobre três pilares: 1) São José como patrono universal da Igreja, promovido por Pio IX em 1870, num contexto de fortalecimento das devoções que destacavam as figuras protetoras da fé; 2) a ênfase na devoção familiar e trabalhista, especialmente em tempos de rápida industrialização e mudanças sociais, reforçada no século XX especialmente pelo papa Leão XIII, que escreveu a encíclica *Quamquam Pluries* (1889) exortando os fiéis a recorrer a São José como protetor da Igreja e das famílias; 3) a romanização também promoveu fortemente a devoção mariana, e São José foi muitas vezes apresentado como o guardião da Virgem Maria e do menino Jesus, fortalecendo sua relevância no âmbito da Sagrada Família.

Todavia, a paróquia já se devotava ao santo, como é ordinário cada ambiente eclesial paroquial ter uma denominação a um(a) patrono(a). A paróquia, portanto, já tinha essa designação desde sua fundação. Na Congregação Salesiana, da qual o santuário faz parte, São José é considerado um santo padroeiro e patrono, bem como São Francisco de Sales (C 9)<sup>115</sup>; ambos, portanto, são figuras fundamentais no carisma salesiano.

Objetivamente, a Igreja, além da devoção a São José Operário (celebrado em 1º de maio), celebra São José, esposo de Maria, no dia 19 de março, como já explicado anteriormente. Porém, não aparece nas falas e entrevistas do Idealizador nada específico em relação a essa suposta devoção a São José. O que se pode deduzir é que ela teve início a partir da titulação do orago da igreja ao qual está dedicada. Os argumentos são os mesmos reconhecidos pela Igreja – que são terminologias próprias a ele designadas, como pai adotivo

---

<sup>115</sup> *Constituições Salesianas*, art. 9 (2016, p. 27), ref. 75.

de Jesus, esposo de Maria, patrono dos trabalhadores, protetor da Igreja, etc., para ficar nos títulos mais comuns, embora exista uma infinidade de alcunhas destinadas ao santo.

Isso revela uma outra faceta própria do santo: não obstante ser figura discreta, sua invocação e proteção é sem dúvida muito popular e reconhecida universalmente, sobretudo na religiosidade popular, em que figura entre os santos de maior devoção. Depois de Maria, a Mãe de Deus, nenhum santo ocupa tanto espaço no magistério pontifício como José, seu esposo. Vários papas aprofundaram a mensagem contida nos poucos dados transmitidos pelos Evangelhos para realçar ainda mais o papel central de José na história da salvação: o beato Pio IX declarou-o “padroeiro da Igreja Católica”; o venerável Pio XII apresentou-o como “padroeiro dos operários”; e São João Paulo II, como “guardião do Redentor”. O povo invoca-o como “padroeiro da boa morte”, conforme o *Catecismo da Igreja Católica* (CIC, n. 1014).

Sua presença bíblica é retratada em poucas cenas. No Livro Sagrado, podemos encontrar trechos sobre São José ao ler os Evangelhos que falam sobre a infância de Jesus, ou seja, em Mateus 1-2 e Lucas 1-2. Em ambos os evangelistas, os dois primeiros capítulos contam como Jesus veio ao mundo e como Ele viveu seus primeiros anos. Lucas e Mateus são os que mais puseram em destaque a figura de José; narraram pouco, mas o suficiente para fazer compreender o tipo de pai que ele era e a missão que a Providência lhe confiou.

Apesar disso, todos os quatro evangelistas mencionam que Jesus era “filho de José” ou “filho do carpinteiro” (Mt 13,55; Mc 6,3; Lc 4,22; Jo 6,42). São José aparece na Bíblia pela primeira vez em Mateus 1,16, que menciona o nome de seu pai, Jacó, e diz que José foi “esposo de Maria, da qual nasceu Jesus chamado Cristo”. Logo em seguida, o evangelista Mateus passa a contar os quatro sonhos de São José em Mt 1,20; 2,13.19.22.

O papa Francisco comentou esses sonhos em sua mensagem para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações (25 de abril de 2021), intitulada precisamente “São José: o sonho da vocação”:

Na realidade, os sonhos introduziram José em aventuras que nunca teria imaginado. O primeiro perturbou o seu noivado, mas tornou-o pai do Messias; o segundo fê-lo fugir para o Egito, mas salvou a vida da sua família. Depois do terceiro, que ordenava o regresso à pátria, vem o quarto, que o levou a mudar os planos, fazendo-o seguir para Nazaré, onde Jesus havia de começar o anúncio do Reino de Deus.

Do nascimento de Jesus à peregrinação a Jerusalém, São José estava presente no nascimento de Jesus, em Belém, na adoração dos pastores e dos magos e na apresentação do

menino no templo. Depois, quando Jesus tinha 12 anos, José fez com Ele e Maria a peregrinação a Jerusalém, narrada em Lc 2,41-50.

Particularmente sobre São José, é notório que Jesus era submisso a ele e Maria (Lc 2,51). Sempre silencioso, não foi guardada nenhuma palavra dele. Ainda biblicamente, os Evangelhos usam um só qualificativo: “um homem justo” (Mt 1,19), alguém que possuía todas as virtudes – obediente a Deus, carinhoso com a família, valente na provação, exemplo de trabalhador.

A missão que foi conferida a José, como homem justo e esposo da Virgem Maria (Lc 1,27), era a de legalmente introduzir Jesus na linhagem de David conforme a promessa (2Sm 7,5-16; 1Cr 17,11-14), que se refere à profecia do nascimento do Messias Salvador, tornando-se pai de guarda. O DPPL n. 218<sup>116</sup> elenca de forma sequenciada a missão única, mas múltipla de José conforme os acontecimentos que ele enfrentou:

[...] São José intervém ativamente nos mistérios da infância do Salvador: recebeu de Deus a revelação da origem divina da maternidade de Maria (cf. Mt 1,20-21) e foi testemunha privilegiada do nascimento de Jesus em Belém (cf. Lc 2,6-7), da adoração dos pastores (cf. Lc 2,15-16) e da homenagem dos Magos vindos do Oriente (cf. Mt 2,11); cumpriu o seu dever religioso relativamente ao Menino, introduzindo-o com a circuncisão na aliança de Abraão (cf. Lc 2,21) e pondo-lhe o nome de Jesus (cf. Mt 1,12); segundo as prescrições da Lei, apresentou o Menino no templo e resgatou-o com a oferta dos pobres (cf. Lc 2,22-24; Ex 13, 2.12-13) e, cheio de espanto, escutou o cântico profético de Simeão (cf. Lc 2,25-33); protegeu a Mãe e o Filho da perseguição de Herodes refugiando-se no Egito (cf. Mt 2,13-22); deslocava-se todos os anos a Jerusalém com a Mãe e o Menino para a festa da Páscoa e participou, aflito, no caso do desaparecimento de Jesus aos doze anos, no Templo (cf. Lc 2,43-50); viveu na casa de Nazaré, exercendo a autoridade paterna em relação a Jesus que lhe era submisso (cf. Lc 2,31), instruindo-o na Lei e no exercício da arte de carpinteiro.

Num salto da Palavra de Deus ao magistério da Igreja, esta proclamou, há mais de 150 anos, a declaração de José como padroeiro universal da Igreja, feita pelo beato Pio IX<sup>117</sup> – o que lhe conferiu maior *status* e visibilidade eclesial.

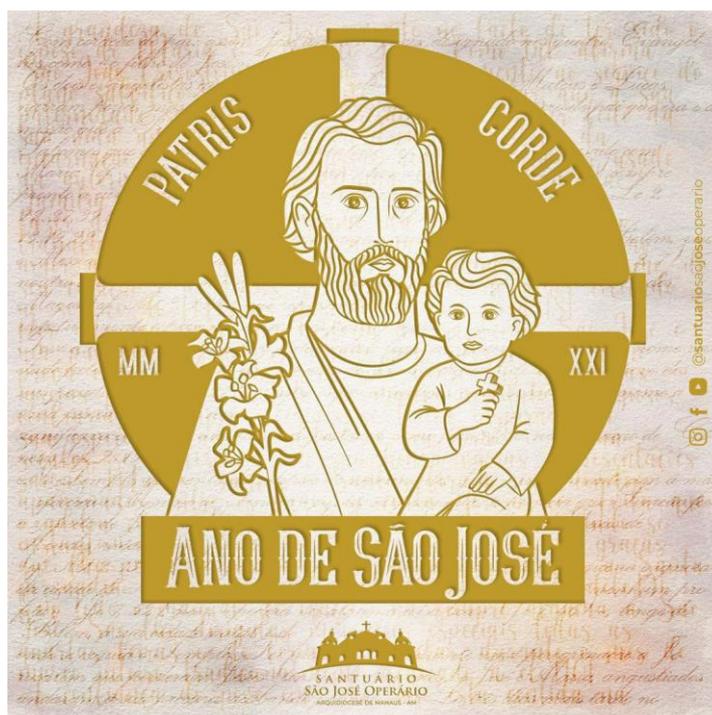
Passado todo esse período, o papa Francisco, em meio à pandemia de COVID-19, ao referir-se a tantos meses difíceis e ver o protagonismo de tantas pessoas agindo no silêncio de suas profissões, como médicos, enfermeiros, técnicos e tantos outros, associou-os à figura de São José, tão discreto e trabalhador, e convidou-nos a comemorar, em 2021, o Ano de São José. Em virtude deste ano pastoral dedicado ao santo, escreveu uma carta apostólica

<sup>116</sup> Cf. Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos (2002, p. 173), ref. 23.

<sup>117</sup> PIO IX. Decr. *Quemadmodum Deus* (8 de dezembro de 1870): ASS 6 (1870-71), 193; cf. PII IX, Carta. Ap. *Inclutum Patriarcham* (7 de julho de 1871). Este decreto proclama São José como Padroeiro da Igreja.

intitulada *Patris Corde*<sup>118</sup>, na qual atribuiu sete virtudes ou qualidades a São José e trabalhou cada uma delas. Papa Francisco revelou sua devoção particular, afirmando na carta que, há mais de 40 anos, recita sempre uma oração a São José<sup>119</sup>, especialmente no mês de março a ele dedicado.

Figura 17 – Arte do Ano de São José



Fonte: Carla Batista (2021).

Nesta carta, as seguintes virtudes ou qualidades foram assim descritas: 1) Um amado pai; 2) Pai na ternura; 3) Pai na obediência; 4) Pai no acolhimento; 5) Pai com coragem criativa; 6) Pai trabalhador; 7) Pai na sombra. A carta trouxe ainda um decreto da Penitenciária Apostólica, com o qual se concedeu o dom de indulgências especiais por ocasião do Ano de São José.

Não vamos comentar cada aspecto da carta, porque cremos já ter ponderado o necessário a respeito da figura de São José – não é intuito desta pesquisa pormenorizar esses

<sup>118</sup> FRANCISCO. Carta apostólica *Patris Corde*, por ocasião do 150º aniversário da declaração de São José como Padroeiro Universal da Igreja, 2020.

<sup>119</sup> A oração consta em um livro francês de devoção do século XIX, da Congregação das Religiosas de Jesus e Maria, que expressa devoção, confiança e um certo desafio a São José: “Glorioso Patriarca São José, cujo poder consegue tornar possíveis as coisas impossíveis, vinde em minha ajuda nestes momentos de angústia e dificuldade. Tomai sob a vossa proteção as situações tão graves e difíceis que vos confio, para que obtenham uma solução feliz. Meu amado Pai, toda a minha confiança está colocada em vós. Que não se diga que eu vos invoquei em vão, e dado que tudo podeis junto de Jesus e Maria, mostrai-me que a vossa bondade é tão grande como o vosso poder. Amém”.

aspectos sobre o santo. Cada elemento mencionado na carta é acentuado com clareza, o que nos faz reconhecê-lo como pai em todas as circunstâncias, que age a seu modo de acordo com o plano salvífico, revelando-se um homem virtuoso e prudentíssimo.

O Ano de São José foi trabalhado pastoralmente no Santuário de São José em 2021 e tematizou as novenas daquele ano, quando foram realizadas diversas atividades em consonância com a arquidiocese. Na abertura pastoral das atividades da Arquidiocese de Manaus, em 19 de março de 2021, celebrou-se uma missa no santuário, presidida pelo cardeal Dom Leonardo Steiner junto aos demais bispos auxiliares e ao responsável pela pastoral da arquidiocese, Pe Geraldo Bendahan. Posteriormente, foi divulgado o logotipo do ano temático, elaborado pela *designer* Carla Batista, agente de pastoral do Santuário São José; a partir de sua arte (cf. figura 17), foram criadas várias peças alusivas ao Ano de São José, como camisetas, canecas, leques, etc.

Em 2023, em razão dos 75 anos do santuário, foi retomada a celebração do Ano de São José, que contou com uma programação especial. Os bispos locais e convidados eclesiais aprofundaram-se na figura de São José com os agentes de pastoral do santuário – evento aberto à participação da comunidade. Nessa ocasião, foi aberto espaço para reconhecer o trabalho social e evangelizador do santuário e a presença dos salesianos ao longo da trajetória do santuário. O padre Idealizador foi um dos convidados, trazendo presente sua memória e história ligada ao santuário. Na ocasião, foi lançado um selo comemorativo com o tema “75 anos caminhando com São José”<sup>120</sup>. Também foram realizadas algumas atividades artísticas, com a presença de Eugênio Jorge, cantor e pregador da Rede Canção Nova, além do bingão comemorativo com 75 prêmios.

Figura 18 – Selo comemorativo “75 anos caminhando com São José”



Fonte: [www.santuariosaojoseoperario.com.br](http://www.santuariosaojoseoperario.com.br). Acesso em: 23 mar. 2024.

Passemos à observação e à análise denotativa e conotativa do roteiro celebrativo da novena, em que a figura de São José é ressaltada continuamente, do início ao fim.

<sup>120</sup> Disponível em: <https://www.santuariosaojoseoperario.com.br/>. Acesso em: 23 mar. 2024

O primeiro gesto se dá com o comentário inicial de acolhida aos fiéis, em sintonia com o tema da novena do santo, que abre o cortejo inicial da celebração seguido da tradicional música “Esposo de Maria”<sup>121</sup>. A imagem do santo é conduzida num andor ou carro do santo; adornada com flores brancas e lírios. No carro, são amarradas várias fitas coloridas, como sinal dos pedidos e agradecimentos. Quando a novena é celebrada na área externa, o santo entra no espaço em um andor trazido pelos agentes de pastoral do santuário.

O passo posterior, depois da acolhida inicial por parte do presidente da celebração, são as orações utilizadas na paraliturgia<sup>122</sup> dirigidas ao santo, que serão descritas abaixo, no esquema do roteiro celebrativo em que se utilizam as quatro orações de invocação a São José. As três primeiras orações são rezadas sequencialmente logo após o primeiro gesto do presidente da celebração, o sinal da cruz. A grande maioria da assembleia presente se ajoelha para acompanhar as orações; todas elas são intercaladas com orações tradicionais do catolicismo, como Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória ao Pai:

#### **Primeira oração: Invocação ao nosso protetor, São José**

Ó glorioso São José, nós vos veneramos como casto esposo da Mãe de Deus, como o chefe da Sagrada Família, como o pai virginal de Jesus Cristo, como fiel protetor do tesouro da Santíssima Trindade. Em vós, veneramos a escolha de Deus Pai, que quis repartir convosco o seu poder, ao lado do seu eterno e único Filho, que desejou ser dependente de vós, e teve sua subsistência do trabalho de vossas mãos. Em vós veneramos a escolha do Espírito Santo, que quis confiar-vos sua Santíssima Esposa, e dar-vos a ela como guarda e companheiro. Em vós veneramos a escolha do vigário de Cristo, que vos declarou patrono, protetor e defensor da Igreja, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.

#### **Segunda oração: São José, árvore forte**

Dulcíssimo São José, tu foste a árvore abençoada por Deus, não para dar frutos, mas para dar sombra; sombra protetora de Maria, tua esposa; sombra de Jesus, que te chamou de pai e ao qual tu te entregaste totalmente; tua vida feita de trabalho e de silêncio me ensina a ser eficaz em todas as situações; me ensina, acima de tudo, a esperar na obscuridade firme da fé; sete dores e sete alegrias resumem tua existência: foram as alegrias de Cristo e de Maria, expressão de tua dedicação sem limites. Que teu exemplo me acompanhe em todos os momentos: florescer onde a vontade do Pai me colocou; saber esperar, entregar-me sem reservas até que a tristeza e a alegria dos outros sejam minha própria tristeza e minha própria alegria. Amém.

<sup>121</sup> No *streaming* Deezer, encontramos na versão de Gilvan Bispo o álbum *Natal com a Sagrada Família* (2022); a canção é a quinta faixa do disco.

<sup>122</sup> A paraliturgia acenada anteriormente é uma celebração religiosa que se assemelha a uma liturgia oficial, ou seja, não segue os ritos estritamente definidos pela autoridade eclesiástica. É um ato de culto que pode incluir elementos como orações, leituras bíblicas, cantos, reflexões e outras práticas devocionais, mas sem o caráter sacramental que caracteriza a liturgia oficial.

### **Terceira oração: São José, protetor**

A vós, São José, recorremos à nossa tribulação, e depois de ter implorado o auxílio de vossa Santíssima Esposa, cheios de confiança, solicitamos o vosso patrocínio. Por esse laço sagrado de caridade que vos uniu à Virgem Imaculada, Mãe de Deus, e pelo amor paternal que tivestes para com o menino Jesus, ardentemente suplicamos que lanceis um olhar benigno à herança que Jesus Cristo conquistou com o seu sangue, e nos assistais nas nossas necessidades, com vosso auxílio e poder.

Afastai para longe de nós, pai amantíssimo, a peste do erro e do vício; defendei-nos das trevas e das ciladas do maligno; amparai cada um de nós com vosso constante patrocínio, a fim de que com vosso exemplo e sustentados com vosso auxílio, possamos viver virtuosamente, piedosamente morrer e obter no céu a eterna bem-aventurança. Amém.

A quarta e última oração, sem um título específico, como as anteriores, é feita após o momento da distribuição da sagrada comunhão. Depois da última oração, temos o momento propriamente dito de adoração ao Santíssimo Sacramento, que é exposto no altar.

### **Última oração**

São José, meu terno protetor, ponho-me para sempre sob a vossa proteção. Considerai-me como vosso filho e preservai-me de todo pecado. Lanço-me nos vossos braços para que me acompanheis no caminho da virtude e me assistais na hora da minha morte. Jesus, Maria, José, eu vos dou meu coração e minha alma. Jesus, Maria, José, assisti-me na última agonia. Jesus, Maria, José, expire em paz entre vós a minha alma. Amém.

Também não é intuito da pesquisa fazer uma análise exegética das orações referidas e nenhuma interpretação crítica ou textual sobre as mesmas; elas falam por si, e todas têm caráter devocional a São José ou à Sagrada Família de Nazaré.

Diante dessa realidade complexa, evocam-se janelas antropológicas da religiosidade popular que não saíram de cena, pelo contrário: demonstram força e leituras de ordem social e cultural no objeto da pesquisa. Desse modo, a respeito de alguns perigos que podem provocar desvios na piedade popular, assim adverte o DPPL n. 63.

[...] a presença insuficiente de elementos essenciais da fé cristã, como significado salvífico da Ressurreição de Cristo, o sentido de pertença à Igreja, a essa e a ação do Espírito; a desproporção entre a estima pelo culto dos Santos e a consciência da soberania absoluta de Jesus Cristo e do seu mistério; o escasso contacto directo com a Sagrada Escritura; o isolamento da vida sacramental da Igreja; a tendência para separar o momento cultural dos compromissos da vida cristã; a concepção utilitarista de algumas formas de piedade; a utilização de “sinais, gestos e fórmulas que, por vezes, ganham uma importância exagerada, chegando até a busca do espetacular”; o risco, em casos extremos, de “favorecer a entrada das seitas e, mesmo, de conduzir à superstição, à magia, ao fatalismo ou à opressão”.

Diante de tais perigos, carências e desvios na piedade popular, o magistério afirma a necessidade de “evangelizar” a piedade popular, pondo-a em contato profícuo com a palavra

do Evangelho, no intuito de “libertá-la progressivamente dos seus defeitos; purificando-a, a fim de consolidá-la, saindo da ambiguidade para uma fisionomia mais clara nos conteúdos de fé, esperança e caridade” (cf. DPPL n. 66). Isso requer grande paciência e prudente tolerância, conforme metodologia da Igreja para enfrentar os problemas de inculturação da fé cristã e da liturgia, especialmente no que tange às devoções populares.

Tal resposta de “evangelização” é suscitada pelo próprio DPPL n. 63; porém, sabemos que se trata de um enorme desafio e que o processo evangelizador é atemporal no sentido de compreender o quanto esse alcance pode ser indeterminado, uma vez que se trata de um longo processo; por conseguinte, há muito da religião na sociedade pós-moderna, marcada pelo secularismo e pela relatividade da vertente religiosa.

A fim de conhecer melhor as demais atividades realizadas no santuário em seu histórico paroquial e sua presença evangelizadora ao longo desses 75 anos de existência, apresentamos a seguir o quadro 3 com dados relativos ao *Guia Pastoral* (2023)<sup>123</sup>. Nele, foram compilados somente os dados relativos ao Santuário São José Operário, embora a pesquisa tenha se dirigido às oito igrejas do Setor Centro Histórico da Arquidiocese de Manaus – que são: Catedral Nossa Senhora da Conceição, Paróquia São Sebastião, Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, Paróquia Dom Bosco, Paróquia Nossa Senhora dos Remédios, Santuário de Nossa Senhora Aparecida, Santuário de Nossa Senhora de Fátima e Santuário São José Operário. Portanto, foram ouvidas todas as paróquias e santuários da região.

Essa sondagem pastoral foi promovida pelo Setor Centro Histórico, coordenada pelo responsável e por seus membros paroquiais<sup>124</sup>, e realizada entre os meses de agosto e outubro de 2022, por meio de formulário eletrônico de caráter quali-quantitativo. Além da dimensão pastoral-sacramental presente no quadro, a pesquisa também sondou questões de ordem administrativo-financeira; esses dados são de conhecimento somente das paróquias e dos santuários, com seus gestores.

O Santuário São José colheu 308 respostas por parte dos agentes de pastorais, o número mais alto de respostas ao questionário de todo setor. Os dados foram analisados e apresentados nos meses de outubro e novembro do mesmo ano da pesquisa às paróquias e aos santuários participantes. A finalidade da sondagem era utilizar os dados como parâmetro

---

<sup>123</sup> ARQUIDIOCESE DE MANAUS. *Guia Pastoral Setor Centro Histórico*. Manaus: Coordenação do Setor Centro Histórico, 2023. O guia está disponível na íntegra em: <https://online.fliphtml5.com/dyrvt/yvso/#p=2>. Acesso em: 4 mar. 2024.

<sup>124</sup> O coordenador do Setor Centro Histórico da Arquidiocese de Manaus, Pe Joaquim Hudson Ribeiro (que se tornou, no período da pesquisa, bispo auxiliar de Manaus), Francisco Assis, Andreza Weil, Miriane Antunes e Areolino Santana.

pastoral para as paróquias e os santuários e, assim, nortear o planejamento pastoral do Setor Centro Histórico.

Também não é intuito desta dissertação avaliar as atividades pastorais do santuário em si, mas acentuamos a dimensão social que ele possibilita aos seus diferenciados públicos, como serviços muito oportunos à comunidade em geral.

Quadro 3 – Santuário São José, conforme o *Guia Pastoral*

<b>SETOR CENTRO HISTÓRICO</b>	<b>ATIVIDADES</b>
<b>Santuário</b>	Santuário de São José Operário
<b>Endereço</b>	Av. Visconde de Porto Alegre, 806 – Centro CEP: 69020-130 Telefone: WhatsApp (92) 98859-4464
<b>Comunidades paroquiais</b>	Santuário São José Operário Comunidade Rainha da Paz Comunidade N. S. Auxiliadora Comunidade S. Judas Tadeu Comunidade S. João Batista Comunidade S. Inês Comunidade S. Edwiges Comunidade Sagrada Família
<b>Congregação</b>	Salesianos de Dom Bosco
<b>Novas comunidades atuantes no setor</b>	Comunidade Católica Hallel Comunidade Nova e Eterna Aliança Comunidade Católica Shalom Comunidade Desperta Comunidade Aliança de Misericórdia
<b>Movimentos</b>	Renovação Carismática Católica Apostolado da Oração Terço dos Homens Legião de Maria
<b>Outros movimentos e grupos</b>	Casais Missionários Arte Litúrgica Grupo Amigos de São José Grupo Juventude Solidária Cristã Oratório São Domingos Sávio Cenáculo Jovem Movimento Carismático de Assis Equipe de Eventos Liturgia Infantil
<b>Atendimento da secretaria</b>	Segunda a sexta Manhã: 8 h às 12 h/ Tarde: 13 h às 18 h
<b>Vida litúrgica Dias e horários de missas</b>	Segunda a sábado: 19 h Domingo: 6 h 30 / 8 h / 18 h

<b>Vida litúrgica Dias e horários das paralitúrgias</b>	Todo dia 19: Novena da Bênção de S. José – 6 h/9 h/12 h/16 h/ 19 h Terças: Novena Nossa Senhora do Perpétuo Socorro – 18 h 30 Quartas: Terço de São José –18 h 40 Todo dia 24: Terço Mariano – 18 h 30 Adoração ao Santíssimo Sacramento nas missas de quinta-feira
<b>Pastorais</b>	Comunicação Batismo Dízimo Litúrgica (MESCE e Música) Catequese Cáritas Coroinhas
<b>Batismo</b>	Todos os meses
<b>Confissões</b>	Semanalmente
<b>Sacramentos e exéquias Catequese</b>	Pré-Catequese Primeira Eucaristia Crisma Catequese com adultos
<b>Preparação matrimonial</b>	Trimestral
<b>Casamento comunitário</b>	Semestral
<b>Visitação aos hospitais</b>	Na medida do possível
<b>Visitação a pessoas idosas, pessoas enfermas e pessoas com deficiência</b>	Conforme os chamados
<b>Exéquias</b>	Na medida do possível
<b>Redes sociais</b>	Facebook – Instagram – YouTube
<b>Atendimento social</b>	Doações de cestas básicas, roupas e calçados. Educação solidária possui duas etapas. A primeira é realizada no início do ano com a arrecadação de materiais escolares para as crianças da comunidade. A segunda fase é referente ao cursinho preparatório para jovens cursando o ensino médio que ocorre ao longo do ano com professores voluntários. Segunda a sábado: 8 h às 13 h
<b>Serviço à vida Atividades socioesportivas</b>	Quadra e campo de futebol do santuário destinados a práticas esportivas Projetos de futebol de mesa e xadrez Grupo de escoteiros
<b>Serviço à vida Alcoólicos anônimos</b>	Encontros no auditório Quartas: 19 h às 21 h
<b>Serviço à vida Narcóticos anônimos</b>	Encontros no auditório Quintas: 19 h às 21 h Domingos: 10 h às 11 h 30
<b>Serviço à vida Neuróticos anônimos</b>	Sala cedida pelo santuário
<b>Serviço à vida Atendimento psicológico</b>	Salas cedidas pelo santuário Quartas: 8 h às 11 h 30

	Sábados: 8 h às 11 h 30
<b>Serviço à vida Atendimento médico ambulatorial</b>	Sinais vitais Pressão arterial Glicemia capilar PSO2 nível de saturação do oxigênio Testagem rápida para IST/AIDS Coleta de papanicolau Teste de antígeno COVID-19 Sábados: 8 h às 12 h
<b>Serviço à vida Distribuição de refeições prontas</b>	Entrega de sopas a cada dois meses (Terço dos Homens) Jantar oferecido no terceiro sábado do mês para pessoas em situação de rua (Casa de Acolhida Dom Sérgio Castriani)
<b>Serviço à vida Capacitação profissional</b>	Grupo Realizar Instituto Rio Negro Inspetoria Salesiana Parceria voltada para cursos de capacitação profissional de atendimento amplo (CETAM)
<b>Serviço à vida Projetos sociais</b>	Associação Brasileira “Acolhe-dor” Projeto do Oratório Projetos da Vara de Execução de Medidas e Penas Alternativas (VEMEPA) Projeto Viva Mais Grupo Esperança Viva (Fazenda Esperança) Terças e quintas: turno vespertino.

Fonte: Guia Pastoral Setor Centro Histórico (2023).

### 3.4 UMA TRÍADE: O DEVOTO, O RITO, O PRESIDENTE – UM OLHAR SOBRE

No Jubileu de Prata (25 anos) da Novena da Bênção de São José, celebrado em setembro de 2024, apresentamos esta pesquisa como chave de leitura antropológica e social da vivência da piedade popular de uma parcela do povo amazonense, que se reúne mensalmente para celebrar a novena em honra a São José no Santuário Arquidiocesano nos diversos horários disponíveis, de manhã até à noite.

Nesta seção, vamos ponderar a partir de três elementos fundamentais interligados: o devoto, ou fiel; o celebrante enquanto ministro ordenado; e o rito utilizado – embora o local, enquanto templo, também seja muito significativo e de fundamental importância. Todos esses elementos são indissociáveis da práxis celebrativa católica, uma vez que, sem o devoto, não há o fervor da novena; sem o presidente da celebração, ela pode ser encarada com “menor” fervor; e, sem o rito, perde-se a essência do mistério celebrado.

Inicialmente, a figura do devoto ou fiel é a base. É ele quem sustenta e dá vida ao fervor incansável da fé que o impulsiona e do devocionismo que o traz religiosamente ao santuário, todo mês. Como afirma o DPPL n. 68, “o sujeito da piedade popular é o cristão”.

Impressiona a multidão de pessoas que todos os meses, no dia 19, mantém suas práticas devocionais de forma contínua e assídua nos cinco horários que favorecem a sua participação. A primeira e a última novena (6 h e 19 h) ocorrem a céu aberto<sup>125</sup>, numa área aproximada de 8.400 m<sup>2</sup> no espaço externo do santuário, que comporta um amplo campo de futebol e três quadras esportivas, além do pórtico que recepciona os devotos, onde se encontram de guloseimas a produtos religiosos. Uma multidão de fiéis comparece mensalmente à novena, seja acompanhando a transmissão de dentro do santuário, seja no espaço aberto onde é celebrada, com grande e variada presença de público.

Por um lado, temos todos os tipos de fiéis presentes à novena: do desempregado ao empresário, do católico assíduo em sua igreja ao cristão esporádico, do católico mais tradicional e genuíno àquele que vive sua fé praticamente a partir da novena, crendo nos milagres e no tipo de bênção oportuno, a partir de sua necessidade. Não se trata aqui de nivelar num mesmo patamar todos os devotos, muito menos desprezar a vivência interior e espiritual de cada um, embora cada perfil seja importante e revelador da multiplicidade de fiéis que frequentam as celebrações. Afinal, como assinala Miranda (2023, p. 48):

Reconheçamos, entretanto, que muitos cristãos chegam realmente a um encontro com Deus através dos sinais tradicionais, como vemos especialmente na religiosidade popular, presente também em outras classes sociais. E conseguem esta experiência salvífica porque dispõem do horizonte de compreensão fornecido por sua fé, que atua como a chave de leitura adequada ao sinal.

Há uma variedade de público permanente em toda a novena. O público dominante é adulto, oriundo de diversas classes sociais, predominantemente composto por mulheres – também presentes em maior número como agentes de pastoral a serviço do santuário. Quando indagada sobre com que frequência participa da igreja, uma entrevistada disse:

Sou devota de São José há vários anos. Comecei a frequentar em 2012, venho todo mês, não posso faltar à novena. Gosto muito de São José, mas não sou do bairro, venho da Zona Norte, Cidade Nova, pego dois ônibus. Só participo da novena mesmo, vou pouco à igreja mais próxima a minha casa (Entrevista, mar. 2024).

A resposta acima é reflexo do grande público de fiéis que frequenta o santuário, mas que também não revela um vínculo territorial ou canônico com sua efetiva participação, uma vez que alguns fiéis moram longe do santuário. Embora haja uma pertença eclesial, dada a

---

<sup>125</sup> Dados fornecidos pelo engenheiro civil Francisco Altemário Rodrigues de Souza (CREA-AM nº 000494084-9/AM), prestador de serviços no espaço do Santuário São José na reforma realizada em 2022.

territorialidade circunscrita a todas as paróquias e áreas missionárias (CDC, cân. 518), isso não é uma barreira para a adesão ou não a nenhuma das igrejas.

Isso, porém, nos faz perguntar: porque vir de tão longe para um simples ato de fé que dura pouco mais de uma hora? Os motivos não foram questionados, mas deduz-se que as razões são particulares. No entanto, fatores qualitativos, como “sentir bem-estar e satisfação, gostar, apreciar, ser acolhido, identificar-se” foram notados no decorrer das entrevistas, especialmente por parte dos leigos, como resposta aos motivos de sua participação na novena. Não foram notados fatores ligados à localização ou a razões formais de caráter eclesial.

Tal resposta é também significativa e representa um leque quanto ao bem-estar do século XXI, a idade moderna em que vivemos; evidenciam-se fatores cada vez mais ligados ao sentimento de conforto, como a beleza do espaço sagrado, a proximidade, a pregação, a compreensão da mensagem e, especialmente, “como a celebração me tocou”, conforme relatos de fiéis indagados sobre aquilo que mais apreciam na novena.

Fatores de ordem técnica ou infraestrutural incluem a acústica eclesial, a qualidade da sonorização, o ar refrigerado na igreja (devido à realidade climática de extrema umidade na Amazônia), entre outros. Também aqui se poderia adensar um verdadeiro tratado sobre o perfil do devoto, suas características, motivações, entre outros fatores que o atraem à sua experiência devocional na novena. No entanto, por razões de objetividade da pesquisa, nos limitaremos a este aceno múltiplo de tipologias católicas presentes na novena.

Outro fator é o *locus* da pesquisa, o Santuário São José do Bairro da Praça 14 de Janeiro – uma vez que, como já explicitado, existem outras igrejas dedicadas a São José espalhadas pela cidade. O santuário é, hoje, ponto de referência católica para a vivência mensal da piedade a São José, esposo de Maria, assim como o Santuário de Aparecida é templo assíduo semanal da novena em honra ao Perpétuo Socorro, todas as terças-feiras – ambos estão localizados na Zona Sul de Manaus. O Santuário de Aparecida é o contraponto de referência devocional mariana na capital amazonense<sup>126</sup>.

---

<sup>126</sup> Souza (2023), ref. 62.

Figura 19 – Multidão reunida no átrio externo ao santuário, onde se realizam as novenas



Fonte: Jornal *A Crítica* (20 maio 2008).

Partindo do templo dedicado a São José, ao analisar de modo particular as celebrações que lotam a igreja nos diversos horários disponíveis, surge a inquietação por um olhar sobre o fenômeno religioso da Novena da Bênção de São José, não somente devido à popularidade que ela alcançou, mas devido à vertente social, econômica, cultural e, sobretudo, espiritual que a evangelização suscita. Há todo um conjunto a ser considerado, desde os campos antropológico, cultural e eclesial, entre outras razões pelas quais a novena atrai os diversos devotos em sua singularidade – a partir do tipo de música que se toca, dos persuasivos discursos da graça e, especialmente, da experiência de fé e de vivência, bem como os ricos testemunhos orais de fé dos devotos que agradecem pelas inúmeras graças alcançadas. Por isso, reforçamos que há uma relação intrínseca entre *devoto-presbítero-rito* como conjunto uníssono para a efervescência religiosa do fenômeno em causa.

São, portanto, 25 anos de história da novena, um quarto de século que já nos assinala grandes mudanças – não pelo rito, que praticamente se “consagrou” ao que ainda é utilizado e que já foi ponderado neste estudo. O rito deixado pelo Idealizador pode ser interpretado como um roteiro “bem-sucedido”. Talvez estejamos sendo irrestritos a essa sua projeção no começo da novena, mas ela denota um valor categórico ao propósito iniciado, enquanto projeto e estilo evangelizador para a época, que significou uma mentalidade eclesial em mudança – não somente pelo começo do novo século, mas porque criou força devido ao estilo carismático e neopentecostalista que foi adentrando a Igreja e persuadindo grupos, movimentos e comunidades, perpassando a ação evangelizadora.

O movimento da Renovação Carismática Católica (RCC) surge na revivescência pós-conciliar, representando uma modulação do catolicismo no diálogo com a era pós-moderna, oferecendo uma nova subjetividade religiosa fundamentada nos paradigmas neopentecostais de emotividade e se estabelecendo como uma agência moderna de aflição. Nasce nos Estados Unidos no final da década de 60, espalhando-se de forma surpreendente por todos os cantos e recantos dos continentes. Atinge a sociedade brasileira aproximadamente nos anos de 1969 (Fernando, 2018, p. 59).

É fato que o período pós-conciliar (1965) abriu a Igreja a novos horizontes; as décadas sucessivas significaram um marco na própria história da Igreja, no Brasil e no mundo. Foi um período de implementações e mudanças, especialmente a partir dos anos 1970; fatores como as reformas litúrgicas, a ênfase do ecumenismo, o envolvimento dos leigos e a promoção da justiça social são algumas áreas desse postulado conciliar.

As chamadas comunidades eclesiais de base (CEBs) surgiram na década de 1960 como formas de organização eclesial, especialmente na Igreja na América Latina, e ganharam impulso a partir do CV II e da Conferência de Medellín (1968). Entre os anos 1970 e 80, as CEBs tiveram grande relevância, especialmente no Brasil, onde exerceram papel fundamental na mobilização social e na resistência a regimes autoritários. O Brasil havia apenas iniciado o doloroso período da ditadura militar de sua história (1964-1985). Contudo, as CEBs perderam força nos anos 1990, passando por um declínio.

Nessa efervescência dos anos 1960 e 70, também cresceu o movimento teológico e social que foi chamado de teologia da libertação (TL), que buscou interpretar a mensagem cristã à luz das condições de pobreza e opressão vividas pelas populações latino-americanas. A TL teve como fundamentos teológicos a opção preferencial pelos pobres e a leitura contextual da Bíblia a partir da justiça social, da libertação e da solidariedade, bem como a prática (*praxis*) da ação transformadora e a luta por justiça como partes integrantes da fé.

Paralelamente a esse acontecimento teológico tipicamente latino, chegou ao país o modelo do televangelismo estadunidense. Embora tenha surgido nos Estados Unidos na década anterior, esse modelo, próprio dos anos 1980 e 90 no Brasil, aqui ganhou força com o movimento carismático. Significou também um período novo, com seus desafios para a evangelização, fator muito explorado pelos pentecostais: nomes midiáticos proeminentes como Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus), Silas Malafaia (Assembleia de Deus) e R. R. Soares (Igreja Internacional da Graça de Deus), entre outros, utilizaram-se da abrangência da TV e de outras mídias para alcançar milhões de fiéis, arrecadar doações e influenciar a sociedade e a política. Há representantes desse modelo do lado católico, como Pe Marcelo Rossi, Pe Fábio de Melo, Pe Reginaldo Manzotti, Pe Jonas Abib (fundador da

Comunidade Canção Nova) e Pe Robson de Oliveira, difusor da Associação Filhos do Pai Eterno (Afipe). Além desses membros do clero, há várias redes e organizações católicas que desempenham um papel significativo no televangelismo, como Canção Nova, TV Aparecida e Rede Vida; por outro lado, Rede Record, Rede Manchete e Rede CNT/Gazeta, entre outras, foram se consolidando como emissoras do segmento católico e evangélico nesse século XXI.

Quando do surgimento da novena em Manaus, às vésperas de um novo século, se celebrava na Igreja Católica universal o Jubileu do Novo Milênio. O ano 2000 se apresentava como um limiar de esperança, mas não deixava de ser uma provocação à própria Igreja nesses 2000 anos de cristianismo, sob o comando de um dos seus mais longevos pontífices: o papa João Paulo II, que governou a Igreja de 1978 a 2005. Curiosamente, é a partir do ano 2000 que a novena se enraíza. O contexto no qual a novena nasce e se funda foi desenhado; entendem-se, portanto o, estilo, o caráter e a finalidade de seu subsolo eclesial.

Passemos a um olhar mais detalhado dos elementos do rito da Novena da Bênção de São José. O rito está ordenado de modo sequencial, que discriminamos abaixo, em forma de quadro comentado.

Quadro 4 – Elementos rituais da Novena da Bênção de São José

<b>NOVENA DA BÊNÇÃO DE SÃO JOSÉ</b>	<p><b>Tema:</b> Cada novena realizada no dia 19 nos cinco horários (6 h, 9 h, 12 h, 16 h e 19 h) segue, igualmente, um tema definido pastoralmente, conforme ano específico definido pela Igreja Católica universal ou de acordo com as propostas da CNBB.</p> <p>Exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ano do Jubileu (2000);</li> <li>• Ano de São José (2022).</li> <li>• Os tempos litúrgicos celebrados em ciclos pela Igreja (Ano A, B, C) com seus respectivos tempos litúrgicos celebrativos: Advento, Natal, Quaresma, Tempo Pascal, Tempo Comum.</li> </ul> <p>Essas orientações fazem parte do que o reitor do santuário e a comissão da novena definem conjuntamente, conforme o ano pastoral.</p>
<b>1. Comentário</b>	A cada novena, um agente de pastoral envolvido em sua organização faz o comentário inicial, motivando o início da celebração em consonância com o tema proposto.
<b>2. Canto processional</b>	O clássico canto “É José, esposo de Maria” abre o cortejo. A canção está presente desde o começo da novena, em 1999. O canto se tornou o hino oficial que dá início às novenas e que prepara o cortejo do “carro” adornado com o santo, São José. Ao final do dia, após a última novena, as flores naturais são doadas aos fiéis.
<b>3. Sinal da cruz</b>	Marca o início da celebração por parte do celebrante e da comunidade que celebra. É sempre o primeiro ato da celebração da parte do ministro ordenado. A depender de quem conduz, pode ser seguido por uma motivação.
<b>4. Primeira oração</b>	Invocação ao nosso protetor, São José
<b>5. Segunda oração</b>	São José, árvore forte
<b>6. Terceira oração</b>	São José, protetor
<b>7. Aclamação ao Evangelho</b>	Prepara a escuta da proclamação bíblica a ser feita pelo presidente da celebração.

<p><b>8. Proclamação do Evangelho</b></p>	<p>Momento de escuta da Palavra de Deus. Única leitura bíblica proclamada, escolhida livremente conforme a temática proposta ou conforme leitura ordinária do tempo litúrgico do dia referido. Em grande parte, reproduz as cenas bíblicas que envolvem as ações pastorais de Jesus ou relativas à Família de Nazaré, ou em que propriamente apareça São José. Proclamado o Evangelho, costuma-se cantar “Palmas pra Jesus”, do Pe Marcelo Rossi, que introduz a homilia, a critério do presidente da celebração.</p>
<p><b>9. Homilia</b></p>	<p>Momento em que o presidente da celebração conduz a assembleia na reflexão sobre a Palavra de Deus ou a temática proposta pela novena. A depender do presidente, pode ter um caráter mais exortativo, exegético, emotivo ou doutrinário. Momento de grande atenção por parte da assembleia.</p>
<p><b>10. Ofertório</b></p>	<p>Neste momento, a comunidade é convidada a fazer uma oferta colaborativa, como nas celebrações ordinárias que ocorrem nas missas. A Igreja possui, hoje, sistema de recebimento do dízimo digital, bem como dispõe de <i>QR code</i> nos assentos para favorecer a colaboração própria do ofertório. Terminado o ofertório, os ministros extraordinários da Sagrada Eucaristia preparam o altar com as âmbulas, para o posterior momento de comunhão eucarística.</p>
<p><b>11. Pai-Nosso</b></p>	<p>Neste momento é, em geral, cantado o “Pai-Nosso”, também na versão do Pe Marcelo Rossi. A música é um hino no corpo da novena.</p>
<p><b>12. Rito da comunhão</b></p>	<p>Neste momento, os fiéis/devotos recebem a hóstia consagrada para a comunhão pessoal, distribuída pelo presidente da celebração e pelos demais ministros extraordinários da Sagrada Eucaristia que colaboram com ele.</p>
<p><b>13. Última oração a São José</b></p>	<p>Esta oração não tem um nome específico como as demais; ocorre após o momento da comunhão, mas tem um tom exortativo de confiança em São José.</p>
<p><b>14. Exposição do Santíssimo Sacramento</b></p>	<p>Os ministros extraordinários da Sagrada Eucaristia trazem a magma (hóstia maior) já consagrada do sacrário, que é posta no ostensório para o momento de adoração.</p>
<p><b>15. Bênção do Santíssimo Sacramento</b></p>	<p>Após adorado, incensado e aclamado com cantos o Santíssimo Sacramento, a depender de quem preside, o presidente da celebração pode fazer um passeio pela nave da igreja abençoando os fiéis. Muitos tocam, choram, cantam, se emocionam e apresentam diversos objetos, como fotos ou carteiras de trabalho, a fim de serem abençoados para, logo depois, o ministro abençoar oficialmente a comunidade inteira. Depois da bênção da comunidade presente, o Santíssimo é recolhido.</p>
<p><b>16. Entronização de imagem</b></p>	<p>A depender do tema ou do tempo litúrgico, pode ocorrer neste momento a entrada de imagens. Exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Mês Mariano (maio): acolhida da imagem de Nossa Senhora Auxiliadora;</li> <li>• Sagrado Coração de Jesus (junho);</li> <li>• Mês vocacional (agosto);</li> <li>• Mês missionário (outubro).</li> </ul>
<p><b>17. Avisos, agradecimentos</b></p>	<p>Momento em que serão feitos os agradecimentos em geral ao povo, ao presidente da celebração, bem com os diversos avisos de cunho pastoral, relativos a atividades do santuário, eventos, etc.</p>
<p><b>18. Canto final</b></p>	<p>Geralmente se entoa o hino “Ó São José Querido”, com letra de Ir. Miria T. Kolling.</p>

Fonte: próprio autor (2024).

O rito da novena é considerado uma paraliturgia. Como já explicado, trata-se de uma forma de culto ou ritual flexível, embora não faça parte dos livros litúrgicos utilizados como

ofícios formais da Igreja Católica. Neste caso, a novena suscitada foi com o tempo caindo no gosto popular dos fiéis, sem deixar-se levar pela rigidez do rito em si. Porém, as paraliturgias são praticadas por alguns grupos ou comunidades dentro de uma tradição religiosa específica. Geralmente, essas práticas são consideradas complementares às liturgias oficiais e podem incluir elementos como orações, cânticos, meditações ou rituais simbólicos.

O rito da novena encontra-se praticamente inalterado desde sua origem, e apenas uma ou outra música foi temporariamente substituída. Ao longo do tempo, foram feitos livrinhos da novena, que são vendidos por um preço simbólico aos fiéis; eles foram produzidos com o intuito de facilitar o acompanhamento do ato celebrativo pelos fiéis, especialmente devido aos cantos e orações dedicados a São José.

Contudo, é importante ressaltar alguns aspectos do sucesso da novena relacionados ao fato de ela ser um fenômeno, mas que inspiram cuidado e cautela pastoral.

Em apenas seis anos de novena, constituiu-se uma “megalomania” que se tornou um fenômeno religioso e foi além, tornando característica “A Novena da Bênção”, como seu Idealizador costuma chamá-la. Goffredo Boselli (2022, p. 190), ao abordar o sentido espiritual da liturgia, adverte para não “aventurar-se à busca ingênua do espetacular”, ou seja, a liturgia como espetáculo, como fenômeno de atração, envolvimento e exaltação, pois, de acordo com o autor, seu problema é que “encanta os olhos de todos, mas não converte o coração”.

Batista (2007), em seus estudos sobre territorialidade, ousa chamar a novena de “cidade-santuário” ou “bairro-santuário”, com público total, naquele ano, estimado em 20 mil pessoas. A novena atrai devotos de todas as partes de Manaus e dos municípios do interior do Amazonas, como Manacapuru, Itacoatiara, Careiro da Várzea, entre outros.

A novena em si, como paraliturgia, não encontra um modelo definido nem mesmo nos diretórios litúrgicos da Igreja, uma vez que se constitui um rito próprio, associando as orações do santo, a Palavra de Deus (com ênfase na mensagem, na pregação) e, por fim, a comunhão eucarística, seguida da bênção do Santíssimo (sobre os diversos objetos apresentados pela assembleia).

O momento celebrativo da novena conjuga exortação e comunhão (sem o momento central da consagração, próprio da missa), mas reforça a necessidade de tomar parte do corpo do Senhor através da comunhão dada aos fiéis – tirando-a do rito formal celebrativo em que o mistério da consagração é vivido para apenas distribuí-la aos fiéis. Isso retira o peso e a formalidade que o rito de consagração pressupõe na celebração da missa, trazendo uma livre compreensão, do ponto de vista da comunhão, ao interno do ato celebrativo.

Do ponto de vista eucológico, há uma digressão litúrgica da ordem das coisas e da relação rito e ritualidade. Teologicamente, é evidente tal digressão entre receber a comunhão e adorar o Senhor na condição exposta do sacramento em adoração, bem como seu suposto passeio entre os fiéis – fato que se tem tornado comum em algumas comunidades em suas paralitúrgias. Mas como explicá-la, uma vez que a historicidade parece tê-la “sacramentado”, especialmente na Novena da Bênção? Como dissociar a figura do celebrante e o estilo peculiar da novena, que permanece?

Interessante notar que, dessa digressão ou desse rito, nascem outras práticas dissonantes na Igreja, como a “missa de cura e libertação”, uma vez que o *Missal Romano* (IGMR) não a contempla – ciente de que a missa é um rito do mesmo memorial passional de Cristo e universal em seu fim celebrativo ao redor do mundo.

Contudo, é curioso notar que dessas práticas abusivas entre rito e ritualidade na Igreja nasce e se propaga um amplo cenário controverso, que se sobressai a ponto de se tornar fundamental, com grande êxito pastoral. A Novena da Bênção de São José faz parte desse cenário, não obstante apresente dissonância litúrgica em seu conjunto. Disso, emerge um perfil plural da espiritualidade católica no cenário atual, marcado por contrariedades e preferências por parte dos fiéis, da forma à matéria sacramental, gerando associações e vivências que condicionam um estilo e o casuísmo de quem celebra. Qual sua origem e seu horizonte? É inegável que na Igreja haja certa polaridade, provocada por parte do setor carismático católico<sup>127</sup> e sua proximidade com a direita, politicamente falando – o que a aproxima de certo tradicionalismo em sua ritualística carismatizada, com notória tendência a um rubricismo litúrgico. Há tipologias no clero que denotam tal identificação e polarização.

Mas afinal, qual o propósito deste estudo, em virtude dos dissonantes problemas de ordem epistemológica litúrgica que englobam os atores envolvidos e que pouco ou nada parecem importar aos fiéis devotos, diante de suas promessas, entre graças, louvores e devocionismo? Há um hiato que acentuamos pelo complexo perfil católico presente na comunidade que celebra, cujos objetivos, em sua maioria, são de ordem material, subjetiva e ainda emocional.

Para além do fiel ou do devoto, já assinalados, e do rito em seu espaço físico do templo, passemos à observação do presidente da celebração neste jubileu de 25 anos. O Idealizador da novena, que esteve à frente dela por seis anos, já teve, de modo particular, explanadas as razões e motivações que moldaram o caráter e o estilo atribuídos à Novena de

---

<sup>127</sup> Cf. ref. 103.

São José. Reafirmamos que sua empostação da novena deu-lhe um ritmo muito peculiar e pessoal, dentro da característica evangelizadora que lhe é própria, e fez nitidamente uma carismatização da novena em teor próspero e benfazejo, por meio da linguagem da pregação e das bênçãos ou graças alcançadas – termo claramente utilizado no ato celebrativo, o que podemos equiparar ao que se entende por milagres enquanto bens recebidos.

Passemos ao segundo elemento: o ministro ordenado ou sacerdote, que, pelo sacramento da ordem, é aquele que preside a celebração. A Igreja o confere, por longa tradição, somente aos homens. É o sacerdote, figura central na formação, instrução e orientação pastoral da Igreja local na hierarquia, que age *in persona Christi*, conforme a *Lumen Gentium* (LG) n. 10; por isso, a Igreja o associa à imagem do pastor, como Cristo é o pastor do rebanho (Jo 10,11).

A figura do sacerdote ou presidente da celebração na Novena da Bênção de São José costuma ser assumida por presbíteros. Eles continuam a ser figuras centrais, uma vez que a novena começou por iniciativa pastoral de seu mentor, que a impregnou com seu estilo de evangelismo carismático – mesmo sendo um religioso salesiano, com uma identidade bem definida, a exemplo de seu fundador, Dom Bosco. Tal postura não tem nada a ver com a espiritualidade salesiana, como já acenado, embora se note, atualmente, uma tendência transversal no clero secular e religioso, especialmente entre os mais jovens, a uma catarse carismática. No Idealizador, trata-se de um estilo adotado e seguido como horizonte pastoral, embora não seja explicitamente confesso ao movimento carismático. Tal atitude não diz respeito aos salesianos específicos da região amazônica ou à competência de seu superior, mas o fato é que isso incide com clareza em sua missão pastoral, replicada em outros ambientes por onde passou, além de Manaus – como São Paulo, Recife (PE) e Porto Velho, que observaremos mais à frente.

Isso, a nosso ver, revela uma estratégia comunicativa consciente, que pode ser interpretada como uma dupla percepção, seja por quem preside, seja por quem escuta. Por um lado, direciona-se ao que o povo realmente quer ouvir em seus desafios ou problemas cotidianos, beirando à autoajuda. Por outro lado, a oratória atribuída ao Idealizador segue uma tênue característica carismática católica e a teologia da graça, ou, ainda, próxima à de uma “célula evangélica”, porém revestida do parâmetro sacerdotal católico, que em pouco ou quase nada se difere de uma pregação típica de uma igreja neopentecostal – cujo substrato versa sobre o bem-estar, com um estilo vibrante, enérgico e emotivo. Não que isso não faça parte também do catolicismo e de diferentes estilos adotados por presbíteros de todo o Brasil,

sobretudo no modelo da perspectiva carismático-institucional, como reflexo desse enquadramento.

Para a grande massa de fiéis do santuário, o Idealizador é a referência de modelo celebrativo até hoje, passados mais de 20 anos da novena, mesmo tendo permanecido tão pouco tempo à frente dela. Ele, em si, se tornou um fenômeno em apêndice da novena por ser um bom comunicador e pregador, a ponto de o considerarem, no dito popular, “ungido”, o que se acentua a partir de seu estilo conservador. Em 2024, trabalhando em outro santuário mariano – em Porto Velho, capital de Rondônia –, bem como em outras passagens por outras igrejas pelo Brasil, nota-se uma implicância ligada ao voto de obediência como religioso, gerando conflitos e tensões, o que veremos posteriormente. Na medida do possível, quando vem a Manaus a convite para celebrar, seja no Santuário São José, seja em outras paróquias, arrebanha multidões; os momentos de espiritualidade que promove costumam atrair grande quantidade de público. Sua presença é contínua nas redes sociais: no Instagram, tem mais de 13 mil seguidores; em seu canal no YouTube, 17 mil inscritos; no perfil do Facebook, mais de 19 mil seguidores.

Porém, com a saída do padre Idealizador, a novena não findou: passou por altos e baixos, mas continua a ser fomentada por seus sucessores. A figura do pastor responsável pela celebração continua sendo peça fundamental, embora, da parte dos fiéis ou paroquianos, seja constante o discurso de que o fundador deixou marcas significativas.

O padre Idealizador é figura emblemática desta novena, seu estilo, sua postura como pastor, sua maneira de pregar, de tocar os nossos corações, continua como sinal de sua presença, ele conseguia arrebanhar multidões e tinha um jeito especial de comunicar e de passar a Boa Nova. Quando voltar continuará sendo o pastor maravilhoso que foi, todo o período que passou conosco e, certamente, conseguirá dar continuidade ao seu trabalho (Entrevista, maio, 2023).

Tal relato, sobretudo para quem conheceu a novena em seu início, facilmente permite associar esse trabalho evangelizador ao seu Idealizador, o que o torna, de certo modo, indissociável da Novena da Bênção de São José. Seu legado não somente lhe dá o título de fundador, mas o associa como “modelo” do rebanho por ele tão cultivado, por meio de suas pregações e de sua postura solidária ao ajudar a igreja – uma vez que atuou, em suas novenas, como promotor das vocações salesianas e dos jovens em seminário de sua congregação e promoveu ações beneficentes de grande visibilidade, a fim de colaborar com as obras sociais da família salesiana, como se verifica na figura a seguir. Várias foram as ações beneficentes e de grande alcance econômico promovidas com vistas ao seu trabalho evangelizador.

Figura 20 – Uma das várias iniciativas beneficentes promovidas a partir da novena



Fonte: Jornal *A Crítica* (2002).

Também como comunicador, explorando suas habilidades nesse campo, iniciou a experiência de um jornal paroquial mensal chamado *O Guardiã*, que surgiu com o intuito de ser um informativo da Paróquia São José Operário. O jornal funcionou regularmente até sua ulterior partida. Tratava-se de um informativo tabloide de quatro faces, que trazia as principais notícias pastorais desenvolvidas na paróquia, mais ligado às atividades da novena; ao final, trazia uma pequena prestação de contas das arrecadações. O jornal se aproximava da *Folha Universal* – jornal semanal da Igreja Universal do Reino de Deus fundado em 1992, com circulação nacional, que circula até hoje entre o público evangélico e é utilizado como material evangelístico nas ruas, em presídios, hospitais, etc. Ao longo do tempo, o jornal foi se modernizando e se ampliando em seus mais de 30 anos de existência. Além do conteúdo cristão, o jornal aborda as principais notícias da semana no Brasil e no mundo; é um meio de divulgação de seus ideais religiosos e controvérsias com as outras religiões, como o catolicismo e as religiões afro-brasileiras.

Figura 21 – Informativo paroquial *O Guardião* (2005)



Fonte: arquivo pessoal de Jorge Pinheiro (2005).

O jornal *O Guardião* serviu como uma ótima estratégia pastoral ao tentar recuperar uma práxis que se perdia na Igreja Católica: o contato com os fiéis por meio de um informativo. Embora, como dito, se restringisse às atividades da novena em sua maioria, servia como um canal para manter acesa essa chama evangelizadora. O tabloide era distribuído gratuitamente, assim como o modelo da *Folha Universal*. O jornal *O Guardião* teve curta duração após a saída do Idealizador.

Por outro lado, quem não conheceu o Idealizador à frente dessa missão evangelizadora mas frequentou as novenas provavelmente já ouviu falar de sua presença e identidade pastoral. A continuidade da novena, embora tenha trazido um estilo mais catequético e até doutrinal, não conseguiu se distanciar da característica carismática que lhe é própria.

Figura 22 – Informativo *Folha Universal* (1999)

Fonte: Blog *Bruno Parodi*, mar. 2008. Disponível em: [https://www.brunoparodi.com/wp-content/uploads/2008/03/coisa\\_do\\_capeta1.jpg](https://www.brunoparodi.com/wp-content/uploads/2008/03/coisa_do_capeta1.jpg). Acesso em: 28 set. 2024.

Logo, deve-se ao fundador o marco que tornou a novena esse movimento de irradiação da fé. Esta pesquisa não poderia dele prescindir como iniciador da novena e como personagem fundamental que deu visibilidade a um fenômeno ainda presente e marcante na cidade de Manaus. Eis porque, ao mesmo tempo, no recorte da pesquisa, não podemos ficar presos a ele e a seus méritos como evangelizador. Portanto, nesse recorte de 25 anos da novena, consideramos oportuno estender o olhar a outros dois responsáveis após a passagem do Idealizador, marcada por tensões que perduraram ao longo do tempo também em relação às iniciativas pastorais de seus sucessores. A opção por outros dois responsáveis deu-se devido ao tempo de sua liderança à frente da celebração e às atitudes tomadas do ponto de vista pastoral – até mesmo porque outros sacerdotes permaneceram à frente da novena por períodos muito curtos de tempo.

### 3.5 TENSÕES, MUDANÇAS E CONTINUIDADE

A Novena da Bênção caiu nas graças do povo, que fez dela um fenômeno religioso em Manaus. A tríade trabalhada no tópico anterior, *devoto-presbítero-rito*, tornou-se um fator-chave da perduração do ato religioso na cidade. Não seria contraditório afirmar que seu auge se deu com os eventos da novena em honra a São José (19 de março) realizados no Sambódromo (2004), como já citado, e no Centro Cultural dos Povos da Amazônia (CCPA)<sup>128</sup>, em 2012. Escolhemos esses dois momentos como destaques do fenômeno religioso especialmente porque, em gestões diferentes, a novena continua a ser um atrativo da fé culturalmente relevante para a identidade de um povo católico na Amazônia amazonense.

A novena, desde o início, lotava a Igreja de São José, e seu espaço externo era tomado pela multidão. O presbítero Idealizador já era conhecido na arquidiocese por seu arrebanhamento de multidões – até que seu superior<sup>129</sup>, por ser salesiano, e depois de diálogos com o arcebispo Dom Luiz Soares Vieira, propôs ao padre uma nova obediência: ele foi designado para outro trabalho, em outro estado. O fato é que isso causou um enorme dissabor para a Inspeção São Domingos Sávio; ressalvas foram perceptíveis, envolvendo o sacerdote, seu superior e o bispo local.

Por causa disso – a permanência ou não do sacerdote no clero da Arquidiocese de Manaus –, os fiéis começaram a se manifestar e a organizar abaixo-assinados pela sua permanência. Há relatos orais da época, por parte de seu superior provincial, de ameaças de morte. Vale notar que o sacerdote também teve crescente espaço na mídia local; à medida que a novena crescia, sua popularidade aumentava na cidade.

O Idealizador da novena conseguiu se aproximar de Phelippe Daou, jornalista e empresário do Grupo Rede Amazônica, que, à frente da Fundação Rede Amazônica, passou a transmitir a Novena da Bênção de São José no Canal 44 analógico para boa parte dos estados da região Norte do país, em horário alternativo. Essa parceria durou mais de 15 anos. O Idealizador também conseguiu se aproximar de Francisco Garcia, empresário, político e sócio-gerente da TV Rio Negro, popularmente conhecida como TV Band Amazonas; nesta emissora, começou a ter espaço para transmitir a Santa Missa na TV todo domingo, às 7 h,

<sup>128</sup> LIMA, Marlen. São José Operário reúne mais de 50 mil fiéis na arena Povos da Amazônia, em Manaus. *A Crítica*, Manaus, 20 mar. 2012. Disponível em: <https://www.acritica.com/manaus/s-o-jose-operario-reune-mais-de-50-mil-fieis-na-arena-povos-da-amazonia-em-manau-1.108052>. Acesso em: 30 de jun. 2024.

<sup>129</sup> O décimo inspetor (2004-2009) da Inspeção São Domingos Sávio negou-se a participar da pesquisa por questões pessoais e alegou que este é “tema superado”, com o qual não queria se envolver. Hoje, atua como docente do teologado universitário no Centro Universitário Salesiano (Unisal) na Lapa, em São Paulo.

também por mais de uma década. Hoje, permanece na programação desta TV o Terço de São José, transmitido no mesmo horário dominical, conduzido por agentes de pastorais do santuário.

Outros espaços também foram suscitados e levados à frente com grande êxito, como a Oração da Manhã, todo domingo, às 7 h, na Rádio Difusora FM 96.9 (hoje, o arcebispo ocupa este lugar). Também era transmitida a Oração do Meio-Dia, todos os dias, pela TV Band, mas o programa saiu do ar com a saída do religioso de Manaus. O Idealizador também colaborou com algumas colunas dominicais nos jornais *A Crítica*, *Diário*, *Em tempo*, etc.

Além disso, o presbítero mantinha contatos na alta sociedade amazonense; com a notícia da suposta mudança e de sua possível saída de Manaus, começou a vitimizar-se em seu discurso, tanto na mídia como em sua comunidade paroquial. Ao mesmo tempo que falava em ir embora, reconhecia a grandiosidade do seu trabalho e da multidão que frequentava a novena da paróquia – e atribuía a si mesmo o mérito pelo êxito da novena, que todo dia 19 recebia numerosos fiéis que frequentavam a igreja especialmente para ouvi-lo, uma vez que ele presidia todas as celebrações. Os fiéis chegavam cedo à igreja, com horas de antecedência, e reservavam seus lugares para aguardar a novena presidida pelo presbítero, sobretudo nos horários de maior pico, como às 19 h.

Sua mudança foi marcada por grande tensão: há relatos de ameaças de morte, suborno e polêmicas de ordem afetiva ligadas ao sacerdote. Graças, milagres, arrebanhamento pastoral de grande alcance e ciúmes por parte do clero, entre outros elementos, fazem parte dos sombrios bastidores do sucesso da novena e do grande alcance arregimentado pelo presbítero, embora muito dessa tensão não fosse de conhecimento público da multidão que acompanhava a novena religiosamente.

A pesquisa não se detém a rigor nesses elementos, secundários à proposta desta investigação; embora não enverede pela ratificação dos fatos, ao mesmo tempo julga que não se pode desconsiderar sua eventualidade, uma vez que assinalam inquietações de cunho humano e eclesial. Tais fatos foram silenciados.

Tudo isso fez com a que a saída do presbítero Idealizador fosse inevitável. Desde então, seguiu-se um grande calvário para o sacerdote, que se retirou do estado do Amazonas e passou longos anos fora do ambiente eclesial de Manaus, inclusive vivendo *absentia a domo*<sup>130</sup> – foram cerca de 20 anos exercendo seu ministério sacerdotal por outros lugares,

---

<sup>130</sup> *Absentia a domo* é um termo em latim utilizado no CDC (cf. cân. 665, §1; 668). Refere-se comumente a um tempo de 12 meses (prorrogáveis), em geral definido com o superior da ordem religiosa ou bispo, para um

como São Paulo, Recife e Porto Velho, entre os mais significativos. Nesses locais, curiosamente e a seu tempo, também fomentou outras novenas, inclusive dedicadas a outros santos patronos, e obteve praticamente o mesmo êxito pastoral – sobretudo no que diz respeito ao arrebanhamento de multidões em seus atos celebrativos, o que configura seu inegável dom comunicativo como presbítero.

Figura 23 – Reportagem sobre a saída do Idealizador



Fonte: Jornal *A Crítica* (2005).

Contudo, várias foram as tensões com a sua saída. Alguns questionamentos a respeito de sua não permanência em Manaus, sobretudo por parte dos fiéis, pairaram no ar. Uma das entrevistadas assim relatou:

Não compreendo até hoje porque o padre saiu, um modelo de pastor, atraidor de multidões, pregador excelente e com grande capacidade de atrair e manter vivo o Povo de Deus na novena que ele fundou. Sentimos muito sua falta até hoje e esperamos que um dia possa retornar para dar continuidade a um trabalho que ele começou. Graças a Deus que as novenas não acabaram e que continuam reunindo muitos fiéis, embora se perdeu um pouco do que ele começou (Entrevista, set. 2024).

---

período de licença por diversos fins. Pode tratar-se de uma excomunhão ou de abandono da comunidade religiosa e do ministério sacerdotal para encontrar as raízes, às vezes não expressadas, que as motivam. Tem a finalidade de um cuidado pessoal para discernimento ou mesmo um cultivo pessoal de saúde, a fim de se alcançar tempo hábil para uma suposta “resolução” de problemas por parte do religioso.

Figura 24 – Mídia divulgou manifestações sobre a saída do sacerdote



Fonte: *Jornal A Crítica* (2005).

Esse antigo contexto foi superado, embora o nome do presbítero esteja sempre à sombra do santuário dedicado a São José – por ter sido não somente o fundador da Novena da Bênção de São José, mas por ter se tornado figura emblemática do movimento populoso de fiéis que tornou a novena expressão da piedade popular na capital amazonense e um persistente difusor da piedade a São José.

Figura 25 – Celebração no altar externo do santuário pelos 23 anos da novena



Fonte: Anderson Pardo (2022).

A foto anterior (figura 25) refere-se à celebração dos 23 anos da novena no horário das 19 h, na área externa do santuário. Ainda que suas passagens sejam momentâneas e

esporádicas pela cidade de Manaus, a presença do Idealizador é esperada por muitos fiéis que o acompanham e não deixam de comparecer às suas preleções.

A popularidade do evangelizador por onde passou permitiu que seu estilo pastoral característico, especialmente enquanto pároco ou reitor, fosse marcado pela atração de muitos fiéis. Depois dos seis anos à frente da Paróquia São José (1999-2005), após sua saída de Manaus, passou cinco anos vivendo entre Roma, Porto Velho (2006-2007), *absentia a domo*<sup>131</sup> (2008-2009), Juína (MT), Ubatuba e São Sebastião, em São Paulo (2010-2015), além de quatro anos como reitor da Basílica do Colégio Salesiano Sagrado Coração, em Recife (2016-2020), onde recebeu o título de cidadão recifense<sup>132</sup>. Em São Paulo e Recife, promoveu novenas semelhantes. O mesmo estilo pastoral alcançou multidões em todas essas suas experiências apostólicas.

Depois disso, retornou à Inspetoria da Amazônia, quando foi destinado à missão como pároco na Igreja de Nossa Senhora de Fátima, em Porto Velho, desde 2021 – o que notavelmente lhe trouxe destaque como sacerdote dentro do modelo paroquial. Ali, suscitou o Terço da Divina Misericórdia e impulsionou o dia 13 dedicado a N. S. de Fátima, que já existia há vários anos em diversos horários. Encerrando sua missão como pároco em 2024, fez o seguinte comunicado anunciando sua saída:

Figura 26 – Comunicado de despedida



COMUNICADO

Caros paroquianos e amigos do Paróquia Santuário de NS de Fátima, comunico oficialmente que recebi do Superior Salesiano a obediência de deixar meu encargo como Pároco em até o fim deste ano em PVH.

Minha consciência está leve e tranquila que sempre fiz e faço o que é o melhor para a Congregação e a Igreja. Foram quatro anos que agradeço a Jesus Misericordioso e a Mãe de Fátima por me terem usado para levantar nosso Santuário e levar até mais longe o amor que Eles tem pelo amado povo de Porto Velho e Região. Jesus e Maria e os fiéis paroquianos são testemunhas de todo o bem realizado nesses quatro anos.

Gratidão a Inspetoria Salesiana e a Arquidiocese de PVH, na figura paternal de Dom Roque Paloschi, que sempre foi um bom amigo. Gratidão a todas as Capelas Comunidades, Pastorais, Movimentos e Família Salesiana por toda ajuda na evangelização. Finalmente obrigado a você, fiel paroquiano, fiel devoto da Divina Misericórdia e de Nossa Senhora de Fátima por ter acreditado no meu ministério e gestão. Deus vos recompense abundantemente, pelas mãos de Maria.

"Porque eu, o Senhor, amo a justiça e odeio a falsidade e toda maldade. Em minha fidelidade os recompensarei e com eles farei aliança eterna" (Is 61,8).

Fonte: perfil do Idealizador no Instagram (2024).

<sup>131</sup> Conforme o CDC (cân. 533, § 2), pode ser traduzido como “ausente de casa” ou “ausência do lar”. Refere-se ao período em que formalmente esteve suspenso de seus exercícios sacerdotais.

<sup>132</sup> Disponível em: <https://11nq.com/Vcags>. Acesso em: 30 jun. 2024.

Pelo comunicado público, percebe-se que há uma autorreferencialidade ao dizer que “levantou” o santuário, uma vez que ele já existia em seu ciclo normativo e pastoral, quando apenas o incrementou com o Terço da Divina Misericórdia, que começou em pleno período pandêmico, e com a junção, às quartas-feiras, do terço e de uma novena semanal, nos moldes estabelecidos em Manaus.

Suas experiências foram replicadas em lugares diferentes, mas seguiram o mesmo estilo “Idealizador”, envolto nas mesmas questões tensas que rondaram sua saída, seja com abaixo-assinados, seja com uma legião de fiéis que insiste em legitimá-lo como pastor “vítima”. A troca de párocos – algo comum no ritmo da vida presbiteral, especialmente no clero religioso – ocorrida em 2006, em Manaus, foi marcada por tensões na Igreja. Como podemos observar, isso é algo que voltou a acontecer por ocasião de sua saída da Paróquia de Fátima, em Porto Velho, em dezembro de 2024, com direto a abaixo-assinado pedindo a sua permanência e comentários em redes sociais diante do comunicado de troca de missão, gerando as mesmas incompreensões no povo.

### 3.6 PÁROCOS E REITORES

Após a saída do Idealizador (2005), seis sacerdotes, até o presente momento (2024), deram continuidade ao trabalho evangelizador no Santuário São José: Pe Gama (2006-2007), Pe Delta (2008-2018), Pe Épsilon (2019; 2023), Pe Zeta (2020), Pe Eta (2021-2022) e Pe Teta (2024-). A maioria teve passagens de curta duração pelo santuário, apesar de Pe Delta ter permanecido por mais tempo na gestão, dez anos (2008-2018).

É fato que se nota uma instabilidade, dada a transitoriedade dos salesianos à frente deste ofício, especialmente à frente de paróquias ou santuários, o que implica mudanças de mentalidade e recomeços diante de um exigente perfil evangelizador. Não é intuito da presente pesquisa avaliar cada gestor sacerdote responsável pelo santuário, mas destacar elementos de cunho pastoral-evangelizador em relação à continuidade do trabalho ali realizado.

#### 3.6.1 Padre Gama (2006-2007)

O primeiro sucessor do Idealizador foi Pe Gama, missionário espanhol, sacerdote maduro, grande conhecedor do seio eclesial de Manaus, escritor e formador, bem diferente de seu antecessor em termos carismáticos. Uma pessoa sisuda e séria: dessa forma o descreveram

os salesianos jovens da formação seminarística. Pe Gama havia sido superior dos salesianos na Amazônia, sendo o nono inspetor (1988-2003)<sup>133</sup>.

Como dito, seu perfil era totalmente diferente do de seu antecessor: não apresentava em sua identidade de presbítero o menor traço de proximidade com a mentalidade carismática da época. Por isso, sendo um intelectual e conhecedor da conjuntura eclesial, enveredou por um caráter mais doutrinal. Pe Gama iniciou um processo de reeducação para a fé na paróquia, onde permaneceu por apenas dois anos (2006-2007).

Havia um clima de indagação sobre a continuidade da novena nessa passagem de gestores, após as tensões vividas na troca do presbítero anterior. Foi ideia do Pe Gama tematizar as novenas e adotar um estilo mais catequético e pastoral. Sem dúvida, isso representou um marco em sua gestão, porque conseguiu englobar um cenário mais eclesiológico na atividade pastoral da novena e aproximá-la do contexto eclesial que celebra em seus ciclos, dentro de seu conjunto litúrgico, o eixo do mistério da fé.

Foi também em sua gestão que se iniciou a experiência da Escola da Fé<sup>134</sup>. A ideia era oferecer aos agentes de pastoral maior conhecimento eclesial, algo oferecido a toda a comunidade, mas especialmente aos membros da equipe do Conselho Pastoral Paroquial, conforme afirmou o gestor.

Por outro lado, havia uma compreensão orgânica da pastoral, que se organizavam em pastorais, comunidades e movimentos; que procuravam atuar nos três âmbitos da evangelização: a Pessoa (promover a dignidade da pessoa); a Comunidade (renovar a comunidade), e a Sociedade (construir uma comunidade solidária). Esses âmbitos, por sua vez, se concretizavam em linhas de ações que se concretizavam no serviço, diálogo, anúncio e no testemunho de comunhão. Neste sentido, do ponto de vista pastoral, havia uma base sólida, e fundamentada nas orientações da Congregação, nos Documentos da CNBB, nos documentos da APA (Assembleia Pastoral da Arquidiocese de Manaus) e do Diretório de Pastoral da Arquidiocese (Entrevista Pe Gama, maio 2023).

Foi nesse horizonte mais amplo da concepção de vida pastoral paroquial que o Pe Gama inseriu a novena de São José, pois havia percebido que as atividades pastorais da paróquia giravam em torno da novena e que ela “substituíra” o projeto pastoral paroquial – em vez de fazer parte dele. Esse foi o motivo pelo qual foram agregados às novenas temas catequéticos e pastorais, com o intuito de acentuar a evangelização, e não o devocionismo.

<sup>133</sup> Disponível em: <https://isma.org.br/nossa-historia/>. Acesso em: 11 jun. 2024.

<sup>134</sup> A Escola da Fé tratava-se de encontros de cunho formativo a respeito da fé cristã, com temas de ordem doutrinal, espiritual, evangelizadora e comunitária – todos voltados à vida eclesial da Igreja Católica. A Escola da Fé era muito frequente no período das CEBs; em algumas igrejas, porém, perdurou até final dos anos 1980 de modo mais intenso.

Seu sucessor, Pe Delta, assim compreendeu e deu continuidade ao trabalho iniciado pelo Pe Gama.

A questão de a novena ser o “centro” das atividades do santuário persiste até hoje, desafio que perpassou as diferentes e sucessivas gestões – e cremos que perdurará por longa data. O fato é que existia uma igreja antes da Novena da Bênção e há uma outra realidade depois do início da novena. Isso “impregnou” um outro horizonte pastoral, que, embora consolidado, ainda se coloca como um desafio específico dessa comunidade por lidar com a não pertença paroquial de uma grande quantidade de fiéis que também vão em busca do sacramento. Esse é um eixo que faz pensar sobre a atividade da novena como fruto de uma fortíssima piedade popular homologada por si mesma, com base em sua popularidade e força, e que dificilmente outra iniciativa seria capaz de superá-la a respeito da atração e do compromisso do povo por esse forte enraizamento piedoso.

Por outro lado, é um desafio que se põe ao santuário, uma vez que recebe mensalmente uma grande massa de crianças para o batismo que, em sua maioria, não tem vínculo com a igreja (referimo-nos às famílias ouvidas a respeito da procura pelo sacramento do batismo).

Essa discussão abre ainda uma outra frente de atenção pastoral, sucessiva ao início e à continuidade da novena, que é sobre o papel da paróquia – ou sobre a evangelização, em que a figura da paróquia, em seu modelo, indica defasagem. Essa análise eclesial já foi suscitada por meio do Documento 100 da CNBB<sup>135</sup>:

A vivência da fé na sociedade atual é geralmente exercida numa religiosidade não institucional e sem comunidade, mais ligada aos interesses pessoais. A busca de curas e prosperidade propiciou o crescimento de novos grupos religiosos que prometem soluções imediatas às demandas da população, especialmente carente de recursos e de atendimento de saúde. De outro lado, aumentam as estatísticas daqueles que se declaram sem religião, inclusive muitos que foram batizados na Igreja. Acreditam em Deus, mas não querem laços de pertença com uma comunidade religiosa.

O fato é que o nível de pertença eclesial mudou. Há um relativismo religioso evidente (Prandi, 1998), sobretudo no que diz respeito à territorialidade eclesial. O fiel não se sente mais atrelado à sua paróquia de origem, fator preponderante para a maioria dos fiéis que frequentam a Novena da Bênção de São José. O tema da “desregulação institucional”, assim batizado pela francesa Hervieu-Léger (2015), já se tornava algo previsível na virada do

---

<sup>135</sup> CNBB (2014, p. 24), ref. 67.

século; isso diz respeito ao perfil de pertença institucional, que definitivamente mudou o modo de aproximação e vinculação eclesial, também amplamente discutidos por Nogueira (2023).

Isso revela o quanto a sociedade pós-moderna encontra algumas barreiras do ponto de vista da compreensão e da inserção eclesial, uma vez que há uma “burocratização” eclesial, algo advertido pelo papa Francisco<sup>136</sup>.

### 3.6.2 Padre Delta (2008-2018)

Depois de Pe Gama, o responsável pela paróquia foi Pe Delta (2008-2018)<sup>137</sup>. Sua gestão foi a de maior duração, período em que a igreja alcançou o *status* de santuário (2015). Descrito pelos salesianos jovens da formação como um sacerdote mais próximo, brincalhão e altruísta, não era adepto do estilo carismático.

Por boa parte do tempo de sua gestão no santuário, Pe Delta também atuou como membro do Conselho Inspetorial dos Salesianos de Dom Bosco na Amazônia. Paralelamente a esse serviço, e devido à sua formação, atuou por longa data como docente de filosofia na Faculdade Salesiana de Manaus, tanto no Polo Centro como no Polo Leste da FSDB.

Este foi um período de continuidade e de maior afirmação de identidade da Novena da Bênção. Pe Delta procurou enquadrá-la dentro do arco pastoral das atividades evangelizadoras da Arquidiocese de Manaus. O pároco não era um tipo “midiático”, no sentido de dar entrevistas ou se promover pelo alcance da novena; desse modo, as atividades existentes foram mantidas e aprofundadas.

A Escola da Fé e a tematização das novenas, iniciadas na gestão passada, foram mantidas. O gestor deu atenção a outras atividades pastorais, que foram promovidas e incentivadas – como a aproximação com os jovens e o espaço dedicado a eles no Oratório São Domingos Sávio. A catequese também passou por um período de renovação. Aos fundos da igreja, suscitou um ateliê onde exercia o *hobby* da pintura, restaurando imagens para o clero e os fiéis.

Pe Delta deu continuidade à novena, com maior abertura para a presença de outros sacerdotes do clero diocesano para presidir novenas e missas – desvinculando um pouco a

---

<sup>136</sup> Mensagem em vídeo do papa Francisco, em 30 de janeiro de 2023, referente à intenção de oração para o mês de fevereiro daquele ano.

<sup>137</sup> Pe Delta colaborou em parte com a entrevista solicitada para a pesquisa e respondeu somente a algumas perguntas. Ele se encontrava em Roma, para estudos acadêmicos, quando foi contatado.

imagem de que a novena pertencia estritamente ao domínio dos salesianos. Com seu estilo mais “pomposo”, introduziu em seu período o “foguatório” de São José, quando fogos de artifício anunciavam o início de cada novena; com o tempo e as mudanças das leis civis, essa prática foi abolida.

Também em sua gestão foi lançada a campanha de revitalização da igreja, com vistas a uma reestruturação geral, interna e externa – um projeto ousado, com valor orçamentário elevado, a ser vivenciado por etapas. O projeto avançou em partes: na parte interna da igreja, foram realizadas mudanças estruturais e de logística, especialmente quanto às adaptações para acessibilidade em todo o prédio – embora elas não tenham sido plenamente concluídas.

Pe Delta também exerceu, enquanto pároco, funções de animação como coordenador do Setor Centro Histórico da Arquidiocese de Manaus, animando a comunhão pastoral das paróquias dessa região, em parceria com demais leigos. Também cumpriu o papel de animador pastoral da área de Manaus, função confiada aos salesianos à frente das ações pastorais junto aos jovens e leigos das distintas casas salesianas.

Devido às suas relações sociais e políticas, em decorrência de sua função eclesial, Pe Delta conseguiu se aproximar de autoridades da política amazonense, que favoreceram a elevação da igreja a Santuário de São José em 2015. Pessoas como a viúva católica Marilda Jacob e o deputado Sabá Reis, além da deputada Mayara Pinheiro e do governador Wilson Lima, que ganhou as eleições naquele ano político para o seu primeiro mandato na capital (2019-2022), chancelaram esse feito na cidade de Manaus, sob o governo pastoral de Dom Sérgio Eduardo Castriani.

No decreto, fala-se de uma “renovação da piedade popular Mariana”, o que pode sinalizar um erro, uma vez que o santuário tem São José como patrono. O processo leva a crer que a elevação da igreja a santuário só foi alcançada por mérito da grande afluência de pessoas, como afirma o documento – mas certamente por causa da Novena da Bênção de São José. Todavia, não deixa de ser um incentivo à práxis da devoção mariana, papel dos demais santuários de Manaus, como Aparecida e Fátima, já citados anteriormente.

Com o decreto que muda a titulação hierárquica da igreja – que passa a se chamar santuário –, também o seu responsável eclesialístico passa a atender pelo título de reitor. Portanto, aos sacerdotes que geriram a paróquia antes desse período chamaremos de párocos.

## Figura 27 – Decreto



**DOM SÉRGIO EDUARDO CASTRIANI**  
*Arcebispo Metropolitano de Manaus*

*Por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica*  
*Arcebispo Metropolitano de Manaus*

**DECRETO**

**SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO DE SÃO JOSÉ**  
**OPERÁRIO**

*Atendendo ao pedido da Inspetoria Salesiana Missionária da Amazônia, Congregação Pia Sociedade São Francisco de Sales -Salesiano e examinados os motivos da petição: a grande afluência de fiéis ao Templo e o constante trabalho pastoral exercido pelos Missionários Salesianos proporcionando uma renovação da piedade popular Mariana. Havemos por bem dar origem, ao "SANTUÁRIO ARQUIDIOCESANO DE SÃO JOSÉ OPERÁRIO" a teor do cânones 1230, 1232 e 1234 do Código de Direito Canônico.*

*De acordo com os referidos cânones, mandamos que sejam elaborados e, posteriormente por nós aprovados, os estatutos nos quais se estabeleçam a finalidade e a autoridade do Reitor.*

*Queremos que o referido Santuário seja um centro de renovação espiritual, através da conversão, oração e do perdão.*

*Dado e passado em nossa Cúria Metropolitana de Manaus Livro 14 Folha 18 Nº 540, sob o Nosso Sinal e Selo de Nossas Armas aos 26 dias do mês de abril do ano de dois mil e quinze.*

*E eu, Pe. Flávio Gomes dos Santos, chanceler da Cúria, o subscrevi.*



*+ Sérgio Eduardo Castriani*  
**Dom Sérgio Eduardo Castriani**  
*Arcebispo Metropolitano de Manaus*

O *status* de santuário conferido à Igreja de São José, embora se trate de um título hierárquico, designa um local sagrado, de suma importância para a Igreja, onde os fiéis realizam peregrinações ou buscam um encontro espiritual profundo com Deus. Geralmente, está associado a eventos importantes da história religiosa, aparições marianas, milagres ou à devoção santos específicos.

Conforme o *Quadro Referencial* da Pastoral Juvenil Salesiana (QRJS, p. 84), observa-se que:

Os Santuários e/ou Basílicas são igrejas reconhecidas como tais pela autoridade eclesial e centros de acolhida e de oração para muitos fiéis. A Congregação é particularmente rica em santuários e basílicas. Os “santuários” são lugares sacros aonde os fiéis vão por motivos de piedade, de romaria (cf. CIC, cân. 1230-1234). Neles se oferecem os meios de salvação, a palavra de Deus é proclamada com diligência, a Eucaristia e a Penitência são celebradas, preservando as formas saudáveis de piedade popular (cf. CIC, cân. 1234). Via de regra, os Santuários, além de serem objeto de meta particular de romarias, são locais de veneração e devoção relacionados com os acontecimentos ou manifestações de Nossa Senhora, dos Santos ou Mártires. Alguns, de fato, conservam relíquias ou imagens consideradas milagrosas ou são lugares particularmente marcados pela santidade de algum Servo de Deus ou, ainda, por múltiplas formas de “piedade popular”.

O documento, além de referenciar o santuário como local de acolhida, procura orientar alguns critérios ou ações concretas (p. 82-83) em sintonia com a espiritualidade salesiana: a promoção do voluntariado para a acolhida e a formação dos que estão envolvidos, elaborando programas e manuais específicos de formação humana, doutrinal, espiritual e pastoral; a organização de visitas guiadas no interior da estrutura; a preparação qualificada dos sacerdotes que exercem o ministério da Palavra e da Reconciliação; e a definição clara do carisma próprio do santuário, que deve dar forma ao espírito e ao sentido da vida e da ação do voluntariado.

Prestes a completar dez anos (em 26 de março de 2025) nesta condição de santuário, nota-se que ainda há uma série de fatores a serem considerados em sua estrutura interna; quanto à atenção pastoral, alguns aspectos do atendimento e do serviço são necessários para que o santuário se desenvolva como lugar de peregrinação e solicitude pastoral.

Ao ser questionado sobre a presença do padre Idealizador e os desafios que tinha pela frente, Pe Delta respondeu:

[...] não foi um estigma para mim, pois como salesiano já tenho um “modelo”, é Dom Bosco, como versa o artigo 21 das *Constituições Salesianas*. [...] Entretanto, se tivermos que falar de maior desafio e mudança, acredito que seja fazer as pessoas entenderem que a Paróquia era confiada aos salesianos, ou seja, à comunidade salesiana, o que deveria ficar evidente pela atenção peculiar e preferencial pelos

jovens, e especialmente os mais pobres! Em suma, o maior desafio era “salesianizar” a paróquia seguindo as linhas orientativas da Congregação, segundo o Documento do QRPJS (Entrevista Pe Delta, maio 2023).

Questionado sobre não dar espaço ao fundador no tempo de sua gestão, Pe Delta alegou em entrevista que isso se trata de uma falsa premissa, uma vez que o Idealizador foi convidado pela secretaria paroquial quando de sua passagem por Manaus e permanência na residência salesiana, mas recusou o convite para presidir missas ou se envolver diretamente nas atividades da paróquia depois que deixou esse serviço. Sua presença deu-se somente depois, nos 20 anos da novena, celebrados em 2019, quando o então reitor o convidou, como veremos a seguir. A celebração com a presença do Idealizador da novena atraiu muitos fiéis, embora se considere que, passadas mais de duas décadas, independentemente de sua presença, a novena atrairia por si grandioso número de participantes.

Na gestão do Pe Delta, foram iniciadas algumas reformas estruturais com vistas à revitalização do santuário, embora nem todas tenham se concretizado. Alguns projetos mais ousados ficaram de lado, como o dos vitrais, que não se efetivou. Também durante sua gestão, houve a ampliação, por parte da prefeitura de Manaus, do Projeto Prosamim nas redondezas do Bairro Praça 14 de Janeiro. Desse modo, algumas capelarias foram “negociadas” em vista da construção do Prosamim.

A gestão do Pe Delta foi marcada por algumas questões de ordem administrativa; a falta de transparência econômica foi um dos fatores apontados pelos demais entrevistados, porém sem a precisão dos fatos. Sobre isso, a pesquisa não se aprofundará por uma questão ética.

### **3.6.3 Demais sacerdotes**

Depois do Pe Delta, que terminou sua gestão em 2018, outros quatro sacerdotes o sucederam, todos com passagens muito breves à frente da gestão. Por esse motivo, não vamos nos deter neles ou enfatizá-los.

Pe Épsilon tomou posse no início de 2019 e celebrou solenemente, em 19 de setembro, os 20 anos da novena. Na ocasião, convidou o Idealizador para presidir a novena nos principais horários, às 6 h e 19 h. Este foi o primeiro retorno oficial do Idealizador após sua saída do santuário.

Foi nesse clima de festejos pelos 20 anos da novena que a igreja, elevada a santuário, recebeu o título de patrimônio cultural e imaterial do estado do Amazonas – prova de que a

extensão da novena logrou outros patamares. Isso demonstra a força pastoral e evangelizadora que a novena alcançou ao obter esse título; afinal, como disse bíblicamente Gamaliel, “se esta obra é de homens, não triunfará, mas se é de Deus, não a combatais, pois estareis combatendo o próprio Deus” (At 5,38-39). A expressão bíblica foi utilizada pelo próprio Idealizador em entrevista ao *podcast* “Estação Bem Viver” #15, do portal *A Crítica* (2022), onde reconhece a ação divina que conduziu a novena mesmo depois de sua saída, marcada por vários questionamentos e manifestações de ordem interna e eclesiológica, como já assinalado.

Essa foi a ocasião do primeiro retorno oficial do Idealizador, após grande exílio. Também ali grande multidão se fez presente, atendendo ao chamado divulgado por meio das redes sociais e pela Rede Amazônica de Televisão, afiliada da Rede Globo, que convidava a população para participar desse momento festivo. Durante a celebração, foi lançado o CD comemorativo dos 20 anos da novena, com canções escolhidas pela equipe do Grupo de Oração Magnificat do Santuário São José Centro, que sempre acompanhou o Idealizador em sua gestão e continua a acompanhá-lo em suas vindas a Manaus.

Foram gravadas 20 mil cópias do CD comemorativo. Na ocasião dos 20 anos, também foram lançados um velário, denominado “Padre José Dalla Valle”<sup>138</sup> (na área externa do santuário), e a Casa do Devoto, com intuito de acolher os objetos e pertences dos fiéis pelas graças alcançadas por intermédio de São José; porém, esta proposta não foi bem-sucedida, e o espaço da Casa do Devoto foi posteriormente cedido à realização de atividades da RCC.

Depois de apenas um ano de atividade do Pe Épsilon, o Pe Zeta assumiu a reitoria do santuário (2020). Durante sua animação, enfrentou o período mais crítico da pandemia de COVID-19<sup>139</sup>, quando o santuário, por normativa da Arquidiocese de Manaus, pediu a suspensão das atividades ordinárias das paróquias. Logo, a novena passou a ser vivenciada de modo híbrido. Foi um ano de baixa participação, com os movimentos e ações pastorais praticamente condicionados ao clima preocupante da pandemia – um período de distanciamentos e também de perda de fiéis, associados à crise pandêmica.

Posteriormente, o Pe Eta ficou à frente do santuário por dois anos (2021-2022); o reitor também enfrentou o período da pandemia no início de sua gestão, e procurou seguir a

---

<sup>138</sup> Missionário salesiano italiano, Pe José Dalla Valle (*in memoriam*) foi pároco por duas vezes (1988-1990, 1997-1998) e um colaborador do santuário, atendendo regularmente o sacramento da confissão em idade senil. Faleceu em 2019.

<sup>139</sup> A pandemia de COVID-19 teve um impacto significativo na capital do Amazonas, e foi marcada por momentos críticos e várias ondas de infecção, como a primeira onda (março a agosto de 2020) e a segunda onda (dezembro de 2020 a fevereiro de 2021), que desafiaram o sistema de saúde, especialmente por falta de oxigênio na cidade.

mesma normativa da arquidiocese que mantinha as igrejas fechadas. Isso foi necessário em dois momentos de pico da COVID-19, ao longo do ano de 2021, quando se restringiram as celebrações em virtude da alta dos casos da doença. Contudo, em virtude da proclamação do Ano de São José para o final do ano de 2021 e vivência plena em 2022, o Ano de São José foi o norte das celebrações temáticas das novenas. Em seu curto período na reitoria, Pe Eta fez investimentos significativos na estrutura da igreja, como a troca da sonorização e a reforma externa.

Após a passagem do Pe Eta, assumiu o Pe Épsilon (2023), que retornou como reitor, permaneceu por apenas um ano e retomou o Ano de São José.

Em 2024, assumiu o Pe Teta, empossado em 10 de março de 2024, ano do Jubileu de Prata da novena. Pe Teta presidiu solenemente a condução dos trabalhos pelos 25 anos da Novena da Bênção de São José (completados em setembro de 2024). Além das celebrações, o tema norteador “Paixão, Gratidão e Esperança” foi trabalhado no último trimestre, em preparação para a festa. Houve um ato solene na Câmara Municipal de Manaus e outro momento solene no auditório do Colégio Dom Bosco Centro, em que foram entregues medalhas e diplomas comemorativos a diversas pessoas e segmentos colaboradores da novena ao longo de seus 25 anos.

\*\*\*

No percurso feito até aqui, procuramos passar em resenha os 25 anos da Novena da Bênção de São José. Não se trata de simplesmente exaltar ou se fixar no trabalho do Idealizador, mas de perceber o quanto sua empostação e o estilo por ele adotado sujeitou a animação pastoral, especialmente das novenas; embora tivessem toda a liberdade para fazer mudanças, seus sucessores, ao mesmo tempo, ficaram sujeitos a um “estilo” impregnado, marcado pela “sede de Deus”, e, portanto, robustecido pelo fenômeno alcançado, independentemente de sua condução.

Com perfis próprios e independentes, porém, cada pároco ou reitor ao longo desses anos, exatamente pelo estilo e personalidade de cada um, impôs seus trabalhos e continuou, como sinal massivo e expressivo de um catolicismo vivo e presente – não obstante as baixas numéricas da assembleia, reflexos de uma Igreja Católica universal em mudança, especialmente devido ao estilo pastoral adotado por papa Francisco e à sua mentalidade de insistir numa Igreja de portas abertas.

Portanto, das demais gestões, especialmente das últimas – marcadas pela brevidade, que não permitiu o desenvolvimento de um trabalho pastoral mais significativo para além do “esquenta banco” que se sucedeu em todas elas –, não se pode ponderar tantas coisas, embora pequenos gestos tenham sido muito significativos.

No entanto, a associação de demais presbíteros à frente da novena sempre foi fator fundamental para o andamento das atividades. A sombra que pairava sobre a sua continuidade foi dissipada; nota-se que a tematização das novenas, iniciada na gestão do Pe Gama, foi um fator pastoralmente importante por direcionar a ação evangelizadora. Após altos e baixos nesses 25 anos, procurou-se abrir o leque de celebrantes a presidir as celebrações da novena, sem deixá-la somente nas mãos dos salesianos – o que retoma uma preocupação sobre a qual Pe Delta ponderava: sua abertura a outros presbíteros seria um sinal claro de maior comunhão com as atividades pastorais da arquidiocese.

Nota-se que o estilo do presbítero conta muito na animação e na condução pastoral. Embora a novena tenha um corpo próprio definido, o estilo e a forma de conduzir a celebração contribuem também para a satisfação dos anseios dos devotos que participam das novenas – e que aguardam os “grandes momentos”, como a adoração e o passeio do Santíssimo entre os fiéis, a bênção dos objetos e a bênção individual ao final das celebrações (ainda que nem todos os presbíteros façam tais gestos). São inúmeros os fiéis que correm ao encontro do presidente para serem pessoalmente abençoados ao final do ato celebrativo, como ocorre nas celebrações da novena no Santuário do Perpétuo Socorro todas as terças-feiras, no Bairro de Aparecida, em Manaus – não obstante já terem recebido a bênção final com o Santíssimo.

Contudo, as acentuações aqui feitas especialmente no governo do Idealizador, associadas à sua pessoa, demonstram um enquadramento de um modelo eclesial institucional-carismático que será mais perceptível no capítulo a seguir. Nota-se com clareza uma transição histórica, como um quebra-cabeça no qual se vê com nitidez seu horizonte de fundo, de modo a perceber como, linearmente, os feitos realizados *a posteriori* o denotam como uma *persona* na ordem clerical.

Na conjuntura pós-moderna, há uma satisfação na supervalorização do “eu”, o que provoca um desmantelamento do coletivo. Essa tendência é precedida por uma crise profunda de identidade e de pertencimento, amparada por uma lógica diferente do grupo: há um processo egoico, gerado por um fechamento pessoal. Leite (2024, p. 2) chama isso de “atomização” (de *a-tomus*, ou seja, que não se divide); os sujeitos atomizados podem agrupar-se novamente em novos grupos que comungam das mesmas ideias.

De modo macro, para melhor compreensão, nos referimos ao Centro Dom Bosco (Rio de Janeiro) ou à Confraria Dom Vital (Recife), conectados à Liga Cristo Rei<sup>140</sup>. Esse movimento possibilita uma ruptura com a comunidade local, que tem como características duas razões: 1) a uniformização das ideias e do comportamento; e 2) a eleição de um “inimigo comum” que precisa ser combatido. Esse inimigo é “demonizado” e violentamente enfrentado por aqueles que pensam de maneira padronizada, e suas características podem variar de acordo com a diversificação das identidades e dos agrupamentos.

Hannah Arendt (1998), em *As origens do totalitarismo*, por exemplo, faz referência a uma possível relação existente entre os sujeitos atomizados (e/ou uma atomização social e uma individualização extrema) e discursos e práticas totalitários, tendo em vista que essas práticas nasceram de um substrato fragmentado de massas sociais que se atomizaram ao longo dos tempos. Essa atomização/individualização, no presente contexto epocal, pode ainda ser acrescida de dois elementos que lançam luzes sobre nossa análise litúrgico-pastoral. O primeiro é a lógica narcísica do consumo, que introjeta na pessoa o mecanismo de competição, o vazio existencial e aquilo que Byung-Chul Han (2022, p. 41) chama de *positividade do igual* (isto é, exercício de equiparação que torna impossível a experiência atópica do outro, que é expulso da relação em nome do igual, do si-mesmo: “O eu se afoga no si”). O segundo é o lugar que os meios de comunicação, as mídias sociais e a tecnologia ocupam no corpo da organização social, fazendo das presentes gerações as pioneiras de um “enclausuramento nos seus quartos”.

Em suma, esses fatores complexos reverberam em posicionamentos e discursos eclesiais completamente fechados e rígidos, com corte fatalista e ameaça soteriológica. Sua estrutura é aparentemente bem-intencionada; porém, sua real finalidade não é o evangélico Reinado de Deus, mas o reino narcísico da autorreferencialidade. Assim, aqueles elementos de uniformização de ideias e eleição de um inimigo comum, somados à competição consumista na esfera digital, transformam-se em programa metodológico de (pseudo)existência do tempo presente.

---

<sup>140</sup> A Liga Cristo Rei é uma organização católica criada no início do século XX para promover o reinado social de Cristo, inspirada pela encíclica *Quas Primas* (1925), de Pio XI, que instituiu a Solenidade de Cristo Rei. Seu principal objetivo é engajar leigos na luta contra o secularismo, promovendo valores cristãos na sociedade e fortalecendo a fé católica em tempos de mudanças culturais e políticas. A Liga Cristo Rei foi criada em 2017; a ela, estão associados 49 grupos, como Centro Dom Bosco, Confraria Dom Vital e demais centros católicos, espalhadas pelo território brasileiro, além de nomes como Pe Paulo Ricardo, a deputada Chris Tonietto e os ativistas Bernardo Küster e Allan dos Santos. Nas redes sociais, tais perfis não interagem com seus seguidores, ou seja, são perfis de divulgação de conteúdo para influência sobre a clientela desejada.

João Décio Passos (2021) traz uma exemplificação compassada desses elementos: de um lado, apresenta uma espécie de roteiro metodológico que constitui a psicologia das pessoas fanáticas (em relação aos que esvaziam o comunitário); de outro, cita alguns exemplos de possíveis inimigos tomados pelo tradicionalismo insurgente na extrema direita católica. O fanático (cuja etimologia remonta a uma pessoa possuidora do fogo divino), entendido desde o ponto de vista social contemporâneo, é aquele que possui um zelo excessivo por uma ideia ou causa (Passos, 2021). Nesse sentido, a atomização do indivíduo foge do comunitário; ao fixar-se em sua cosmovisão particular, gera o fanatismo, alimentado pelas orientações de líderes que combatem o “inimigo”.

Assim se constitui o modo de pensar desses indivíduos: a) adesão a uma *crença na verdade* proclamada pelo líder que os representa; b) tal crença provoca um mecanismo de *alienação* (inclusive psiquiátrica), que lança a pessoa para dentro de um mundo imaginário; c) tal alienação provoca uma *segregação*, na qual o fanático rompe com aqueles que ele julga contrastantes; d) a segregação, por sua vez, gera o *sectarismo*, que alimenta a lógica da autorreferencialidade e do fechamento em grupos de iguais; e) nesse estágio, o fanático perde toda autonomia, e a *heteronomia* vem do líder e da bolha virtual que o acompanham; f) o líder forma o fanático para que este *reproduza* o conteúdo recebido como verdade máxima, absoluta e transcendente, sob pena de *excomunhão* em relação aos que formam o novo agrupamento; g) a reprodução é só uma das maneiras de *servilismo* fanático (Passos, 2021). O fanático, em linhas gerais, torna-se um *militante* do líder, ainda segundo o autor supracitado, através de uma operação passiva de reprodução de falas, gestos e ideias.

O universo político-religioso de efetivação desse cenário é profundamente marcado pela negação do presente e pela deturpação do que seja a tradição da Igreja. O futuro ao qual se agarram está na força do passado. Assim, quem diverge da hegemônica e invariável opinião do líder tradicionalista está inscrito no *index* do inimigo a ser perseguido e derrotado. Por isso, o tradicionalismo e suas múltiplas variáveis aparecem revestidos de uma piedade puritana e salvífica anacrônica e de uma contradição interna: demonizam a modernidade, mas abraçam todos os seus símbolos. Desse modo, Passos (2020) categoriza várias formas de tradicionalismo: no *tradicionalismo de resistência*, os inimigos são a modernização da sociedade; no *tradicionalismo de legitimidade*, os inimigos estão dissolvidos nessa modernidade, como as ciências modernas, a democracia, os Estados laicos, o relativismo moral; no *tradicionalismo emergente*, os inimigos são o comunismo, a TL e seus teólogos, as posturas relacionadas a um catolicismo social de opção pelos pobres, os bispos comunistas, a CNBB e, muitas vezes, até o papa Francisco (Passos, 2020, p. 117).

A partir da problemática em estudo, essa visão macro favorece conhecer as correntes que tensionam a vida eclesial; são situações que crescem no seio da Igreja e que tendem a estar na contramão da sinodalidade. Voltamos, assim, à imagem do *carisma*, que, conforme Weber (1999), é rotinizado no poder e na autoridade constituída a partir do poder clerical.

***Portas***

*Marisa Monte, Dadi, Arnaldo Antunes (2022)*

*Nesse corredor, portas ao redor  
Querem escolher, olha só,  
Uma porta só. uma porta certa  
Uma porta só, tentam decidir a melhor,*

*Qual é a melhor?  
Não importa qual. não é tudo igual  
Mas todas dão em algum lugar*

*E não tem que ser uma única  
Todas servem pra sair ou para entrar  
É melhor abrir para ventilar  
Esse corredor*

*Nesse corredor, portas ao redor  
Querem escolher, olha só,  
Uma porta só, uma porta certa  
Uma porta só, tentam decidir a melhor*

*Qual é a melhor?  
Não importa qual, não é tudo igual  
Mas todas dão em algum lugar*

*E não tem que ser uma única  
Todas servem pra sair ou para entrar  
É melhor abrir para ventilar  
Esse corredor, esse corredor*

#### 4 ENTRE CENÁRIOS, PERSPECTIVAS E CAMINHOS – O CATOLICISMO

Os instrumentos de análise e discernimento adotados na Igreja Católica sempre serviram como grandes sinalizadores *ad intra* e *ad extra* muros. Tais instrumentos colaboraram para a Igreja agir com sabedoria à luz dos tempos, compreender direcionamentos e balizar as ações eclesiais, especialmente como horizonte de resposta universal a diversas situações sociopolíticas.

Esses mecanismos começaram a se estruturar formalmente no início do século XX, mas suas raízes podem ser encontradas em práticas muito anteriores. A Igreja sempre teve instrumentos para interpretar a realidade e discernir a ação pastoral adequada, especialmente através de concílios, sínodos, cartas pastorais, etc.

A Igreja desenvolveu ao longo dos séculos vários métodos de atuação e reflexão que orientam seus direcionamentos. Esses métodos são aplicados em diferentes contextos e têm como objetivo alinhar a prática na Igreja com os ensinamentos de Cristo, sempre considerando a realidade concreta de cada época e lugar. Entre os principais métodos, destacam-se o método ver-julgar-agir, desenvolvido pelo cardeal Joseph Cardijn e oficializado na encíclica *Mater et Magistra* (1961), amplamente adotado na doutrina social da Igreja em suas três etapas consecutivas (analisar, avaliar, propor); e o método do discernimento espiritual, influenciado pela espiritualidade de Santo Inácio de Loyola, portanto, um método de inspiração jesuíta de reflexão e decisão baseadas na escuta da vontade de Deus em meio às circunstâncias da vida.

Entre as práticas das grandes assembleias eclesiais, o CV II (1962-1965) foi um marco na atualização dos métodos de avaliação da Igreja, promovendo uma abertura ao diálogo com o mundo moderno e incentivando uma leitura mais profunda dos “sinais dos tempos” em sintonia com as transformações sociais e culturais.

Mais recentemente, o papa Francisco tem sido um defensor do uso de uma abordagem pastoral mais integrada e contextualizada, como em vista de suas duas encíclicas, *Laudato Si* (2015) e *Fratelli Tutti* (2020), que combinam uma avaliação detalhada das questões sociais e ambientais globais com uma proposta de ação concreta da Igreja.

Desse modo, o Sínodo da Juventude (2018), o Sínodo para a Amazônia (2019) e o Sínodo da Sinodalidade (2021-2024) têm em comum uma abordagem que reflete a visão do atual pontífice para uma Igreja mais participativa, inclusiva e em diálogo com o mundo. Embora cada sínodo tenha um tema específico, todos eles seguem princípios e métodos

semelhantes, especialmente no que diz respeito à sinodalidade, à escuta ativa e ao discernimento pastoral à luz do discernimento do Espírito, com diferentes nuances.

Particularmente, o Sínodo para a Amazônia – que nos toca mais de perto, devido à realidade na qual estamos inseridos – sinalizou um grande desafio para a Igreja ao possibilitar sinal aberto para a inculturação e promover ciclos de escuta profunda das populações indígenas e comunidades locais, com destaque para o papel das mulheres e lideranças locais, levantando sérias questões quanto às formas de evangelização e inserção no contexto amazônico, incluindo a consideração de novas formas de ministério e o respeito às culturas indígenas.

Tais questões, levantadas especialmente no Sínodo para a Amazônia, se reverberam e demandam do Sínodo da Sinodalidade questões em aberto que estão ao fundo de problematizações suscitadas nesta dissertação. Entender a postura eclesial e suas questões emergentes a respeito da vivência da fé implica conhecer melhor o perfil da Igreja hoje e nos remete a questões profundas.

As percepções a seguir retratam um tempo da Igreja, entre presente, passado e futuro, com suas assinalações importantes e características pertinentes entre *cenários*, categoria prospectiva que José Libânio delinea em sua obra *Cenários da Igreja: num mundo plural e fragmentado* (2009b), e a posterior releitura das *perspectivas*, categoria descrita por Agenor Brighenti em sua obra *O novo rosto do catolicismo brasileiro: clero, leigos, religiosas e perfil dos padres novos* (2023).

As breves descrições dos dois autores, a seguir, visam estabelecer um paralelo entre *cenários* e *perspectivas*, caracterizando cada realidade a seu tempo de modo a nos permitir fazer um enquadramento de fundo à Novena da Bênção de São José em estudo. Para além disso, nos permitirá uma maior compreensão, ao longo do tempo, das categorizações que existem no meio eclesial e que permanecem no atual contexto em análise. Não se trata de um simples olhar *ad intra*; embora os dois autores façam parte da hierarquia eclesial na condição de presbíteros, são pesquisadores que, junto à realidade social, traçam em momentos diferentes um olhar para dentro de questões eclesiais a partir da sociedade e suas mudanças que interferem ou desafiam demandas emergentes.

#### 4.1 CENÁRIOS – JOÃO BATISTA LIBÂNIO

Na obra *Cenários da Igreja – num mundo plural e fragmentado* (2009b), publicada originalmente em 1999 pela editora Loyola, João Batista Libânio, sacerdote jesuíta, escritor e

teólogo, faz um panorama e enquadra o que ele considera, com clareza, cenários eclesiais em evidência às portas do novo milênio da era cristã no ano 2000.

O livro não se trata apenas de um título de impacto, mas trata de uma categoria bem delineada com suas características e formas de organização que a tornaram um eixo norteador do panorama identificado em quatro cenários: Igreja institucional, Igreja carismática, Igreja da pregação e Igreja da práxis libertadora. Numa atualização de sua obra (a quarta edição, de 2009b, utilizada nesta pesquisa), dez anos depois, Libânio acrescentou um novo cenário: uma Igreja plural fragmentada pós-moderna.

O autor elege os principais elementos comuns e os modos próprios de organização e crença, de modo a apontar eixos em seus cenários constituídos a partir das perspectivas de cada paradigma, identificando as forças dominantes e as forças sociais opostas e apontando elementos críticos da viabilidade histórica e desafios eclesiológicos.

Libânio utiliza-se de uma gama de autores e correntes teológicas para compor sua visão crítica e reflexiva sobre a situação da Igreja no mundo contemporâneo. Entre os principais autores e influências que ele cita ou com os quais dialoga ao tratar do tema, incluem-se Karl Rahner, Hans Küng, Yves Congar, Paulo VI, Leonardo Boff, Joseph Ratzinger, etc.

Faremos a seguir uma breve caracterização dos cenários assinalados por Libânio. Trata-se de leituras complexas, ampliadas em suas obras, mas que delineiam com riqueza de informações tais paradigmas. O próprio autor utiliza os verbos no futuro para indicar um porvir. Embora sua obra tenha completado 25 anos em 2024, nota-se o quanto o autor foi assertivo, quase profético, em suas prospecções como chave de leitura, além de provocador em suas assinalações com base em sua experiência e ministerialidade.

Vale ressaltar que Libânio faz uma escolha linguística por dois termos essenciais: cenários e prospecção. Cenários são descrições de possíveis situações ou eventos em configuração, usados em diferentes contextos para planejamentos, análises ou tomadas de decisões; eles representam projeções alternativas. Isso justifica também o uso do termo prospecção, pois são alternativas que podem ocorrer ou não, dependendo de uma série de fatores, e que permitem explorar as consequências de diferentes escolhas ou circunstâncias. Logo, tais cenários prospectivos ajudam a modelar possíveis evoluções de longo prazo com base em variáveis presentes e visíveis no contexto social em que a Igreja está inserida.

#### 4.1.1 Igreja institucional

Neste cenário, o aspecto estritamente institucional predomina a partir de seus três centros organizacionais: a Cúria Romana, a diocese e a paróquia. Sua força vem da visibilidade institucional; as vestes clericais são o maior símbolo, sustentadas pelo Direito Canônico e por ritos, regras, títulos – por fim, a primazia da lei.

Nele, predomina a teologia europeia, aquela a serviço do magistério oficial; qualquer outra compreensão teológica que surja será entendida como paralela à oficial e sofrerá, portanto, forte pressão do modelo eurocêntrico. Libânio reitera que o documento *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo* (1990), da Congregação para a Doutrina da Fé, teve um cunho balizador das supostas intervenções no campo doutrinal, servindo como alerta à dissensão eclesial. A característica teologal exegética deve manter-se no campo doutrinal; trazê-la ao campo popular se torna arriscado.

Da mesma forma, a catequese será centrada no CIC em sua uniformidade, expressa em uma única fé, de modo que a liturgia será espaço de equilíbrio pautado pela formalidade do rito – de forma a evitar as extremidades e conter as emoções diante da onda carismática.

Os movimentos de leigos e de espiritualidade ganharão função-chave com crescente expressão e identidade; porém, reforçarão os vínculos com a instituição, pondo-se a serviço dela e do seu poder organizativo. Com isso, ajudarão a manter a unidade e a visibilidade da Igreja e estabelecerão forte vínculo com o clero, embora permaneçam autônomos em suas dioceses. São classificados em três tendências: 1) positivista (carismáticos); 2) totalidade (orientação apocalíptica que nega o mundo e os valores); 3) subjetiva (a fim de libertar as pessoas de sofrimentos psíquico-comportamentais).

Esses movimentos nascem no interior do cristianismo; são, em grande parte, fruto da ala carismática e se apresentam como solução pastoral com muitos aspectos positivos, mas também com desafios problemáticos, especialmente devido à tendência fundamentalista – abrindo a Igreja ao desafio da pastoral urbana, ao mesmo tempo, e aproximando-se do trabalho com os jovens.

Libânio recupera o pensamento otimal a respeito dos movimentos que o cardeal J. Ratzinger atribui em *A fé em crise* (1985), juízo que continua presente na Igreja institucional em relação a esses grupos em efervescência: carismáticos, cursilhos, focolarinos, comunidades neocatecumenais, comunhão e libertação.

Quanto aos movimentos e comunidades eclesiais, considera-se que os dois têm em comum perspectivas totalizantes, o que representa fonte de tensão, uma vez que ambos ocupam camadas sociais médias e populares.

Libânio recupera o pensamento teológico de Hans Kung e do jesuíta espanhol González Faus ao tratar da relação com a hierarquia episcopal, processando uma inversão – para não dizer involução – eclesial<sup>141</sup> no modo de a hierarquia relacionar-se com os fiéis. Para Faus, “o pontificado é mais conservador que o pontífice”<sup>142</sup>.

Neste cenário, é predominante o retorno ao clericalismo e se acentuam os sinais distintivos de sua condição (festas, vestes, poderes), distanciando-se da questão social – mas, ao mesmo tempo, com pouco amor pelos estudos e nenhuma paixão pelo ecumenismo ou pela justiça social. Tais apelos e características marcam também a formação do clero nos seminários, entendidos como espaços de instituição total na análise de Goffman (1961)<sup>143</sup>; o espaço do seminário seria o lugar da inculturação do *habitus* e do controle em realidade urbana pós-moderna, cujo cenário visa ao reforço da instituição.

A vida religiosa retomará seu curso normal entre interioridade e serviço pastoral conforme modelos das dioceses; porém, abrindo-se ao contexto pós-moderno, a flexibilização do hábito ou a permanência dele é sinal dessa aproximação da figura dos religiosos com as pessoas.

No campo moral, atenção a temas como moral sexual e familiar e a problemática da bioética; uma vez que tais questões são consideradas polêmicas ou discordantes, prevê-se a saída da Igreja de pessoas com caráter mais crítico, bem como se prevê o retorno das que buscam na Igreja pontos de referência.

No aspecto cultural, passará a uma postura de resistência, crítica e combativa diante dos desvalores da modernidade, especialmente enquanto ameaça à fé, à moral e à estabilidade familiar. Por outro lado, haverá crescimento e o investimento em mídias e tecnologias, procurando seu espaço em canais de TV, na imprensa e no rádio.

---

<sup>141</sup> Involução eclesial refere-se a um período ou processo no qual a Igreja Católica, especialmente após períodos de renovação, como o CV II (1962-1965), parece recuar em relação a algumas das reformas, atualizações e aberturas que haviam sido promovidas. O termo é usado frequentemente por teólogos, historiadores e sociólogos da religião para descrever uma espécie de retorno a práticas mais tradicionais ou conservadoras, e pode ser observado em diversos aspectos da vida e da organização eclesial.

<sup>142</sup> Cf. GONZÁLEZ FAUS, José Ignacio. El meollo de la involución eclesial. *Razón y Fe*, v. 220, n. 1089/90, 1989, p. 72.

<sup>143</sup> O conceito de “instituição total” foi desenvolvido pelo sociólogo Ervin Goffman em sua obra *Manicômios, prisões e conventos* (1961). Goffman define uma instituição total como um lugar em que um grande número de indivíduos com uma situação de vida semelhante está separado da sociedade em geral por um período de tempo considerável, onde leva uma vida confinada e rigidamente organizada.

Frente ao surto religioso, haverá duas posturas institucionais: 1) domesticá-lo, trazendo-o para dentro de seu universo institucional a fim de evitar a perda do controle; e 2) afastá-lo, como acentuação da perturbação do espírito católico, ou ainda entendê-lo como abuso dissonante do formalismo católico.

Quanto aos pobres, serão motivo da assistência social, fora da perspectiva crítico-social; a Igreja assumirá o papel de Estado enquanto suplência, com a coadjuvação do setor privado ou das classes burguesas.

Este cenário se apresenta como o mais forte, configurado em longa data, e colhe resquícios de um poder totalitário ainda fruto da histórica relação Igreja-Estado, bem como da compreensão do catolicismo como religião oficial e universal.

#### **4.1.2 Igreja carismática**

É um cenário que traz outra vertente, embora seu vigor institucional seja contemplado de outro modo. Sua força vem da subjetividade, não como característica intelectual ou projetual, mas marcada pela exuberância da emoção num clima de predominância religiosa, espiritual.

Trata-se de um modelo eclesial que chegou ao Brasil a partir da RCC, no final da década de 1960, com base na experiência norte-americana em contexto acadêmico – marcada pela experiência do “batismo no Espírito Santo”, que trouxe um “sobressalto” na dinâmica da Santíssima Trindade, ou seja, a acentuada presença da terceira pessoa, o Espírito, como força dinamizadora da ação evangélica.

Neste cenário, depara-se com o surto religioso. Libânio, em *O sagrado e as religiões do terceiro milênio* (1998, p. 11), cita Antoniazzi ao fazer uma objetiva descrição da sedução do sagrado. A Igreja vive uma dupla fonte carismática: a primeira porque é fruto do Espírito Santo; a segunda promana de sua raiz institucional, animada e conduzida pela força do Espírito. Desse modo, o surto religioso reconforta pessoas angustiadas pela vida, em busca de experiências espirituais que as ressuscitem de um vazio interior e tragam consolo, tranquilidade e paz em meio a um mundo agitado e estressante, em frenesi. Conforme Libânio (2009b, p. 58), “a religião torna-se mais uma solução dos problemas que uma relação de culto, adoração do ser humano a Deus”.

Este cenário se apresenta como a força pulsante da Igreja, cuja experiência espiritual e mística encontra campo propício em seu interior. A Palavra de Deus é um instrumental e a Bíblia se encontra de forma mais frequente nas mãos dos católicos da classe popular e das

elites – que, porém, seguem os apelos do imediatismo e da interpretação literal. Pouco se recorrerá à atenção científica, mas sim à espontaneidade da leitura direta.

A teologia estará presente, mas será ignorada e indesejada, nutrindo mais o coração e o lado emocional do que iluminando a inteligência. Os temas ligados ao Espírito Santo e a uma literatura teológica serão mais abundantes, porém na linha de milagres, cura interior, batismo no Espírito, do Espírito, etc. Será carente de um espírito crítico, mas focado em nutrir a espiritualidade carismática em expansão na perspectiva da autoajuda espiritual.

A catequese assumirá forma experiencial, atraindo as crianças com o uso de formas visuais, de modo a suscitar nelas o lado emocional. Por esse viés, haverá um grande crescimento dos recursos audiovisuais com investimento em novas tecnologias, em detrimento do conteúdo doutrinal.

A liturgia acentuará as expressões festivas, emocionais, com ritos alegres e estéticos a critério da criatividade da comunidade. A igreja carismática será essencialmente celebrativa, com tempos de celebração mais longos.

Neste cenário, os leigos terão muita liberdade no campo da espiritualidade. Os movimentos de espiritualidade serão valorizados, dando a tônica pastoral às igrejas locais. O diferencial deste cenário está na acentuação carismática católica, que estará ao fundo das ações numa crescente espiritual cuja tendência é tornar toda a Igreja carismática, deixando o cristocentrismo mais de lado. Essa convicção se tornará dominadora à medida que os frutos de tal transformação se manifestarem. A crescente presença e atuação do Espírito Santo será tamanha a ponto de se sobrepor ao seguimento de Jesus e ao compromisso com os pobres.

Embora os leigos assumam relevância no campo espiritual, o foco da ação pastoral diminuirá em favor da interiorização e da privatização da vida cristã. A Igreja passará a ter uma crescente presença espiritual na mídia, investindo em sua imersão neste campo tecnológico.

A vida religiosa ganhará visibilidade à medida que aderir aos movimentos religiosos, tornando-se foco irradiador. Surgirão vocações de origem carismática, atraídas pela emotividade da experiência, mas que revelarão uma fragilidade de fundo. Assim como a vida religiosa será capaz de atrair muitas pessoas, se notará uma fragilidade de tais experiências, pois se vive antes uma experiência religiosa do que uma experiência propriamente de Deus.

Este cenário representa um duplo sentido para a vivência espiritual: demonstrará entusiasmo e interesse diante do surto religioso, sendo alimentado por ele e reforçando-o em toda a sua ambiguidade, ou o tornará um oásis de experiências espirituais com técnicas de espiritualização. Desse dualismo, se notará que o fenômeno religioso será tanto um campo

fértil para o crescimento da fé quanto o contrário, afastando as pessoas do núcleo da fé, o seguimento de Cristo, para uma comunhão vaga, emocional e sem compromissos pastorais diante do Sagrado.

A Igreja se encontrará diante de um mundo questionado pela cultura pós-moderna, contrária a toda instituição – embora o fenômeno religioso esteja presente e será o seu porto seguro.

Por fim, este cenário é aquele que representa uma força em ascensão. Aliado ao modelo institucional, evita contrapor-se às leis e às normas presentes no catolicismo, tendo presentes a força e o discernimento do Espírito numa espiritualidade forte a ser enraizada em todo o seio da Igreja.

#### **4.1.3 Igreja da pregação**

Depois do cenário da instituição como primazia eclesial, o segundo cenário é ascendente, vem do alto, é Espírito. O terceiro paradigma encontra seu fundamento na Palavra.

A Palavra associa o aspecto doutrinal que emana do conhecimento, a pregação e o ensino. Este cenário poderá ser compreendido como um achado, um retorno à essência do anúncio, pois é ancorado na Palavra. Da Palavra, demandam a catequese, a teologia, a evangelização e o anúncio missionário como focos em correlação. É um cenário que busca para o fiel um aprofundamento de sua fé pela via do saber, cujo alcance para os de fora está em anunciar a revelação de Deus e a salvação, ao passo que, para os que abandonaram a Igreja ou que se encontram fora dela, o escopo é a forma de evangelizá-los.

Este cenário marca uma passagem da cristandade para uma Igreja evangelizadora, quando ela se dá conta de estar num mundo pluralista e complexo, em que não é mais a única Palavra. Uma Igreja que precisa ir além da manutenção de suas estruturas suntuosas e visíveis para ir ao encontro do seu fundamento. Uma “Igreja criatura da Palavra”, no entender do teólogo Bruno Forte (1985), que descobre a paixão missionária, a riqueza do diálogo ecumênico, que sente a necessidade da participação e da corresponsabilidade de todos enquanto ouvintes e servos da Palavra.

Nesse sentido, a premissa basilar é em torno da Palavra: cursos de Bíblia e de teologia para formar os catequistas, os agentes de pastoral e os membros dos movimentos. Tanto a catequese como a liturgia exigirão melhor nível de conhecimento da Escritura e das verdades de fé, embora, para Velasco (1988), a centralidade da dimensão missionária e evangelizadora

encontrará maior rigidez ligada às estruturas. Desse modo, precisará realizar movimentos internos relativos à missão e à evangelização, bem como utilizar-se de suas ferramentas (como o estudo da Bíblia e da teologia) a fim de alcançar maior prestígio e popularidade.

Neste cenário, o resgate da teologia como campo do saber atribuirá à Igreja e a seus ensinamentos maior respaldo em nível acadêmico e de conhecimento pastoral necessário à sua missão. Esse conhecimento e seu aprofundamento permitirão uma melhor atualização ao clero e maior preparo teológico à formação seminarística.

A publicação da encíclica *Fides et ratio* (1988), de João Paulo II, foi um sinal dessa aproximação entre fé e razão. O cerne hermenêutico da encíclica foca na Igreja evangelizadora, em que a razão se apresenta como preâmbulo da fé. Tal inteligibilidade só é possível a partir dos procedimentos lógicos, metodológicos e epistemológicos que conduzem a razão em sua compreensão da realidade. A encíclica identifica e estabelece a relação necessária entre fé e razão como duas asas do conhecimento, e reaproxima também outros dois fundamentos importantes como cultura e história.

Nessa intenção, aproximará mais a espiritualidade da teologia, o que possibilitará também maior abertura e interesse pela formação intelectual na vida religiosa, com cursos de atualização. A catequese se abrirá a um contexto mais moderno, inserindo na metodologia recursos tecnológicos em sua ação pedagógica e na base de formação dos catequistas, com a adoção de recursos didáticos atualizados.

Na liturgia, as celebrações da Palavra e os cultos sem ministros ordenados oferecerão aos fiéis vias de conhecimento dos mistérios da fé. Isso acentuará a presença de ministros não ordenados no cenário eclesial, mas como ministrantes da Palavra, embora sem perder de vista a autoridade clerical. Neste cenário, se ensaia uma passagem de um sacramentalismo eclesial para a vivência a partir da Palavra, já que dela promana a eficácia da verdade para além da subjetividade do sujeito.

Entre a liturgia eucarística e o culto dominical, a Palavra tenderá a ter maior importância. O teólogo Karl Rahner (1972) aprofundou este aspecto, o relacionamento entre sacramento e palavra, uma vez que o sacramento é o grau mais alto da Palavra, da graça, pois a Palavra manifestada, revelada, é a Palavra última, definitiva, escatológica, portanto irreversível, insuperável. Não é transitória nem provisória, mas vitoriosa. Ela só é inteligível, como autocomunicação de Deus em graça, afinal, sua manifestação é o Verbo que se fez carne e habitou entre nós (Jo 1,14). A Palavra de Deus é sua presença escatológica no mundo; isso significa uma dupla realidade definitiva na história, e que a ultrapassa.

Paralelamente a tudo isso, há um fenômeno religioso em ato que exigirá lucidez à evangelização. A Igreja terá a árdua missão de superar uma nebulosa mentalidade religiosa emocional, afetiva e subjetiva; tal obscuridade precisará ser iluminada pela fé cristã num verdadeiro processo de discernimento, pois a Igreja, em seu interior, se defrontará com surtos carismáticos, pouco abertos às reflexões críticas e ao aprofundamento teológico. Desse modo, a fé cristã será obrigada a aprofundar sua especificidade a fim de estabelecer um diálogo em seu interior e com demais denominações religiosas e não cristãs, o que deve guiar o diálogo religioso com maior abertura ecumênica e tolerância religiosa.

Por fim, no entender de Libânio, a Igreja da evangelização vem ao encontro do saber, pois o conhecimento se tornará meio de produção em todos os campos. Este cenário não sairá de moda, uma vez que a razão de seu fundamento é sempre iluminada pelo maior legado histórico, a Palavra.

#### **4.1.4 Igreja libertadora**

Este cenário retoma um compromisso evangélico assumido pela Conferência Episcopal de Medellín (1968). Sua opção preferencial pelos pobres continuará; porém, com todas as modificações próprias dos novos tempos, não será uma entre as opções, mas o eixo estruturante de toda a Igreja. Como eixo transversal, atingirá a fé e as expressões dogmáticas, conferindo nova hermenêutica e deslocando a centralidade moral sexual e familiar para o campo social. Isso determinará uma nova estrutura eclesial em crescimento, as CEBs.

Neste eixo eclesial, a partir do pobre, terão enlevo os oprimidos, os excluídos. Será a Igreja da práxis, dos desfavorecidos, da libertação. A partir da década de 1970, se acentuou uma abundante literatura eclesial em torno desse eixo marginalizado. Nomes como Leonardo Boff, Márcio Moreira Alves, Jon Sobrino, Pablo Richard, Ronaldo Muñoz e o teólogo peruano Gustavo Gutiérrez favoreceram a força da teologia da libertação (TL) em seu olhar contraventor, da América Latina para o mundo.

Alguns elementos ao interno da Igreja ganharão destaque, pois neste cenário predominará a leitura popular da Escritura nos círculos bíblicos, em que se articularão fé e vida. Nome popular no Brasil foi o do teólogo Carlos Mesters, em sua difusão militante da Escritura pelo método texto-contexto-pretexo. A teologia continuará a seguir a metodologia ver-julgar-agir, reafirmar seus passos e crescer a partir das pequenas comunidades, constituindo a figura da Assembleia Povo de Deus, imagem da Igreja local. Porém, na dimensão teológica, este cenário fará uma inversão sociopolítica já apontada em Puebla, para

além do condicionamento político – embora, para muitos, este talvez tenha sido seu calcanhar de Aquiles: sua forte incidência política.

A Escritura será a maior riqueza da Igreja, superando o cenário da Igreja Palavra com um duplo futuro – entre a realidade do povo em que a Bíblia foi escrita e a realidade do povo que hoje a lê.

A teologia continuará a ser repensada a partir do seu método ver-julgar-agir; serão acrescidas ao método outras duas dimensões: celebrar e avaliar.

Surgirá o império do neoliberalismo e da tecnociência, que vislumbrará o progresso das ciências; porém, entre as variáveis de futuro, restará o capitalismo após a queda do socialismo, em que a ideia de democracia liberal propiciará a TL como a utopia a ser salvaguardada – embora o neocapitalismo guarde em si a exclusão social, em que a força reinante é o mercado em torno do capital financeiro. De fora desse eixo dominante, restarão os excluídos; no dizer de Libânio, os que “não ganham, não gastam, não vendem, não compram” (2009b, p. 114). Portanto, a TL terá a vocação de anunciar o engodo da “morte da ideologia”, desmascarando a veste ideológica do sistema neoliberal e retomando-a da utopia, da esperança.

De modo transversal, a perspectiva libertadora estará presente na catequese, na liturgia e na pastoral. O fortalecimento das CEBs propiciará as celebrações da Palavra sem ministros ordenados. A Igreja de modelo paroquial começará a entrar em crise, de modo que a comunidade eclesial se relacionará de modo autônomo com a matriz, tornando a paróquia uma comunidade como as demais, embora ainda sirva como referência para alguns serviços<sup>144</sup>. O leigo assumirá maior relevância e assumirá, portanto, comunidades e ministérios; isso redimensionará o papel do clero.

A espiritualidade que guiará o seguimento de Jesus será pautada pela proximidade com os mais pobres. Desse modo, a vida religiosa se aproximará do meio popular, fortalecendo-se e influenciando as congregações em suas espiritualidades. Os frutos vocacionais surgirão deste meio popular e dos demais grupos sintonizados.

Outros fatores importantes a se ressaltar referem-se à mudança de época ou ao contexto sociopolítico – entre eles, a inculturação, especialmente no que diz respeito à catequese, à evangelização e à liturgia, de modo que se possa encarar o desafio de expressar-se nas culturas afro-brasileira, ameríndia, etc., procurando ser sinal de aproximação entre o

---

<sup>144</sup> O Documento n. 100 da CNBB, *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia* (2014), já refletiu sobre essa realidade – cf. ref. 67.

Evangelho e as culturas, o que significará ampliar o leque catequético da evangelização no modo de anúncio.

Contudo, a chamada nova evangelização pós-conciliar será marcada por uma dicotômica divisão, fruto dos dois cenários presentes – o da Igreja institucional e o da Igreja carismática. Neste meio, será suscitado um pluralismo que irá multiplicar novas formas de expressão, retomando o sincretismo no país e suas distintas presenças religiosas, com base em suas origens culturais e históricas – tendo presente a figura miscigenada da formação cultural do povo brasileiro. Temas como liturgia e espiritualidade voltarão a ser repensados.

Por outro lado, a presença da Igreja se tornará mais crítica, especialmente a partir de seu engajamento social; isso se refletirá em suas práticas pastorais. Também ocorrerá expansão através da comunicação social, especialmente através das rádios populares, assim como crescerá a religiosidade popular, em meio ao povo simples.

Este é um cenário que se fortaleceu após Medellín e Puebla e que conseguiu ser presença significativa no continente latino-americano por meio de uma pastoral libertadora, uma teologia consistente e um testemunho de vida assinalado pelo martírio de fortes personagens neste continente.

No entanto, este também é o cenário que se apresenta como o mais enfraquecido no contexto sociopolítico e religioso vivido hoje no país. A corrente da TL sofreu seus altos e baixos, perdeu forças e foi associada a um substrato político mais para o negativo e pejorativo do que para o otimal e esperançoso na vida do cristão.

Na obra *A crise da Igreja Católica e a teologia da libertação* (2023, p. 24), os autores Leandro Rases e Clodovis Boff acentuam uma dissensão entre a corrente teológica mencionada e o poder institucional. Para eles, houve uma inversão social da fé: em vez de ela determinar o social, é o social que determina a fé. Os autores detectam um sintoma que perpassa o propósito dessa Igreja libertadora: ela deslocou o centro gravitacional do espiritual para o social, ou seja, de Deus para o mundo. O posicionamento do teólogo Clodovis Boff revela o quanto este cenário teve uma forte ascensão pós-conciliar; hoje, passados mais de 50 anos, seu paradigma ideológico preferencial pelos pobres tende a ser redimensionado enquanto eixo norteador.

#### **4.1.5 Igreja plural**

Este novo e complexo cenário foi delineado por Libânio após a publicação de sua obra *Cenários de Igreja*, em 1999. Uma década depois, ele o acrescentou a uma nova edição

ampliada e atualizada de seu livro. Falecido em 2014, Libânio viveu a passagem para o novo milênio, entre os pontificados de João Paulo II e Bento XVI, e notou grande tensão no interior da Igreja. Ele caracterizou esse cenário e o chamou de *Igreja plural fragmentada pós-moderna*; em sua categorização, descreve uma Igreja subjugada pela cultura pós-moderna, às voltas com conflitos e tensões.

Sua particularidade está na coexistência silenciosa de “submodelos” de Igreja a partir de uma tensão entre os modelos anteriores, especialmente o institucional. O modelo plural foi sendo constituído a partir das dificuldades com a modernidade, quando o poder romano se impôs; porém, seguiu-se o acatamento silencioso ou a saída dos redutos eclesiásticos por parte das vozes discordantes, de modo que se notou um clima de intolerância, relativismo e fragmentação diante da pós-modernidade – o que permitiu a exposição de posições diferenciadas e até opostas no interior da Igreja. Os grupos intelectualizados são os que mais ressentem esse problema e geram embates<sup>145</sup>.

Na grande massa de fiéis, também há margem para discordâncias. A voz oficial da Igreja já não atinge, em sua maioria, os ensinamentos propostos; é como se houvesse um abismo entre o oficial e a vida ordinária dos fiéis, mas que não necessariamente implica abandono da identidade católica. Ainda há entre a grande massa um setor intermediário que remete aos anos 1960, caracterizado pela liberdade de consciência e pela dimensão prática, em paralelo às normas e aos ensinamentos oficiais. Quando esses ensinamentos e normas não vão ao encontro do modo como esses fiéis compreendem a vida, a ética e o comportamento humano, divergindo em temas ligados à moral sexual, familiar e disciplinar, esse setor intermediário pormenoriza tais questões e acolhe o que julga oportuno diante dos assuntos em questão – embora seja considerado grave não cumprir os ensinamentos da Igreja.

Outra via deste cenário reside na onda carismática, que criou uma espécie de “porto seguro” desse universo ideológico, tornando-se um ambiente de vivência. Contudo, sem se dispor a grandes embates doutrinários, exatamente por ter se constituído um modelo consolidado ou mesmo visto como paralelo, oscila entre um moralismo religioso e um espiritualismo emocional, situando sua força no braço do carisma.

Enquanto isso, no interior da Igreja, alguns novos movimentos eclesiais impõem-se de modo destemido, levantando a bandeira da institucionalidade; essas características transparecem nos diversos meios sociais em que estão inseridos.

---

<sup>145</sup> O grupo religioso Dom Bosco, associado à RCC existente no Brasil, é um grupo considerado autônomo inspirado na espiritualidade salesiana, embora não faça parte da família salesiana, e já causou algumas controvérsias no cenário eclesial brasileiro, inclusive em conflito com autoridades da CNBB.

As questões levantadas expõem o universo desta Igreja fragmentada, feita de guetos ou grupos dominantes, como num cabo de força em uma clivagem, cujo estilo dominante tende a exercer o domínio. A diferença deste cenário – comparado ao passado da própria Igreja, que gerou excomunhão e cismas – está no fato de que certos grupos dissonantes se consideram mais Igreja que a própria Igreja oficial.

Há casos internos e situações dissonantes entre hierarquia e vida ordinária da arquidiocese<sup>146</sup> em que se notam verdadeiras fissuras eclesiais, motivadas por diversas razões – por exemplo, da rejeição do bispo à não aceitação de membros do clero, talvez em decorrência de algum escândalo – que geram divisões a ponto de não se ter clareza sobre de que lado está, realmente, o “sentido da fé” e o “sentido dos fiéis”, tão valorizado pelo CV II.

Há um paradoxo servil que se estende sobre a ala conservadora, que encontra certo conforto enquanto paradigma institucional, e uma ala relativista que, em nome da liberdade de expressão, assume essa seletividade diante do posicionamento moral e ético, admitindo inclusive em seu modo religioso outras vivências religiosas, como candomblé, espiritismo, etc., embora saibam (ou não) que há uma divergência escatológica.

No mundo pós-moderno vige o binômio existir e aparecer, que ocupa o lugar do ser e ter de outrora. Fatores como consumismo e materialismo recebem muita ênfase num mundo midiático que ganha cada vez mais força, onde a imagem é sinal da exterioridade típica deste tempo. A propaganda, o tempo de exposição e a visibilidade também ganham contornos dentro da religiosidade. A expressão “jogar no ataque”, usada por Libânio (2009b, p. 165-166), sai da esfera do futebol para motivar outro papel no campo religioso.

Jogar no ataque significa ocupar os espaços midiáticos com sua linguagem de beleza, superficialidade, emoção, impacto. Interessa ser visto por maior número possível de espectadores, comunicar-se no sentido de lançar mensagens para responder às necessidades das pessoas. Os pentecostais e os neopentecostais tornaram-se exímios nessa arte. E o atual modelo está a produzir os pregadores pop com música, discurso, gestualia própria. Não cabe nenhuma profundidade de vida

---

<sup>146</sup> Para elucidar tais fatos, retomamos aqui um exemplo citado por Libânio (2009b, p. 162) para melhor compreensão: o caso de aborto ocorrido na Arquidiocese de Recife, em 2009, envolveu uma menina de nove anos, vítima de abuso sexual cometido pelo padrasto, que a engravidou de gêmeos. Médicos avaliaram que a gravidez representava um risco grave à vida da menina, devido à sua idade e às condições físicas. Com autorização da família, o aborto foi realizado num hospital público. O arcebispo de Recife e Olinda na época, Dom José Cardoso Sobrinho, excomungou os envolvidos no procedimento, incluindo a mãe da menina e os médicos, alegando que o aborto era contra a doutrina católica. No entanto, a criança não foi excomungada, pois, de acordo com o Direito Canônico, menores de idade não estão sujeitos a essa penalidade. O caso gerou uma ampla discussão no Brasil e internacionalmente, envolvendo debates sobre os limites de intervenção da Igreja em casos de saúde pública e a aplicação de excomunhão em contextos de risco de vida. Posteriormente, o Vaticano declarou que, embora o aborto seja moralmente inaceitável, a prioridade deveria ser a proteção e o cuidado da vítima.

cristã, mas o toque do consolo e da satisfação imediata das carências materiais e espirituais. As camadas populares esperam solução para seus problemas econômicos. As faixas agraciadas materialmente desejam consolações espirituais. Embala-se no clima generalizado de religiosidade que invade a cultura pós-moderna em nítido contraste com a onda materialista e consumista. O cansaço da vida, que se enche de coisas, de gozos imediatos, de bens de consumo, levado ao tédio, ao vazio de sentido. E esse modelo de Igreja da visibilidade e aparência oferece o consolo imediato de Deus sem muito esforço.

Torna-se evidente que a fragmentação possibilita muitos paradoxos, muitos deles influenciados pelo contexto pós-moderno. Cresce neste cenário a imagem negativa que a cultura pós-moderna nutre contra a Igreja e suas hierarquias, e paira certa animosidade contra a Igreja na opinião pública. Referente às tomadas de posição da Igreja em relação à política, às intervenções do Estado e aos seus conflitos internos – como os casos de pedofilia e abuso sexual contra crianças entre os sacerdotes –, não obstante o reconhecimento de seus pecados, essa cultura induziu a grande mídia a confirmar a imagem de uma Igreja hipócrita, que denuncia os pecados dos outros, mas acoberta os seus. Logo, expôs um universo fora da pauta evangelizadora, percebendo a duplicidade de uma instituição que ora condena e, agora, aparece manchada diante dos holofotes.

Esses fatores se tornam explícitos e perceptíveis na sociedade do consumo e do prazer. Tudo cabe na Igreja plural, fragmentada, e isso escapa às mãos da hierarquia, que continua sob a égide de um poder centralizador romanizado que se sente ameaçado pelo surgimento de novas forças leigas numa Igreja dominada pelo medo da diversidade e das questões unificadoras próprias deste tempo.

\*\*\*

Finalizamos o breve percurso prospectivo conforme o pensamento de Libânio, cuja obra é esclarecedora sobre os vários cenários da Igreja. Em relação aos paradigmas abordados, apresentou-se sobre cada um deles: a descrição das características gerais; o recuo histórico; os elementos internos da Igreja; a relação com o mundo de fora; e a análise da plausibilidade tanto positiva quanto negativa de cada ambiente. Nesses cenários, percebe-se o modelo estrutural e a fé em que se sustenta – e, numa leitura macro, a diversidade do interior da Igreja Católica, com suas várias facetas eclesiais.

A partir de uma leitura weberiana, notam-se três tipos ideais de poder presentes nos cenários de Igreja caracterizados por Libânio. Na resenha de sua obra, Silva (2007)<sup>147</sup> destaca: 1) *tipo carismático*: caracterizado como certo tipo mágico e credor da revelação divina espontânea; neste tipo, prima-se pela subjetividade e pelo triunfo da emoção; 2) *tipo tradicional*: a autoridade conta muito; reverencia-se a pessoa em virtude de sua dignidade, tal qual o cenário da Igreja institucional; 3) *tipo legal*: obedece-se à regra estabelecida e à base do funcionamento técnico; é a disciplina do serviço, muito presente no cenário da Igreja instituição, que prima pelo zelo da lei.

Desse modo, Libânio deixa uma lacuna transversal na reflexão sobre o exercício do poder no interior de cada cenário. Por fim, é possível questionar-se em que medida a Igreja, Povo de Deus, é assumida como espaço privilegiado da manifestação do Deus que é revelação, do Deus que escolheu nascer na tenda dos pobres.

Perpassados os cinco cenários de Igreja de Libânio – institucional, carismático, de pregação, libertador e plural –, nota-se que essas classificações não somente detalham um estilo, uma postura ou uma identidade, mas estabelecem conexões e características que retratam, a seu tempo, uma realidade eclesial. Nessas classificações, vemos desafios e estilos que perduram no tempo e que têm muito a ver com a realidade sociocultural na qual a Igreja está inserida.

Esses cenários encontram claro enquadramento na Novena da Bênção em estudo, pois revelam as camadas que se sobrepõem a ela para além do fenômeno das novenas – não somente o fator da piedade popular, mas a identidade da Igreja, em visão ampliada, revelando outras facetas que talvez possam passar despercebidas pelo fiel ordinário.

## 4.2 PERSPECTIVAS – AGENOR BRIGHENTI

Após uma panorâmica dos cenários eclesiais que nos permitiu compreender diferentes facetas da Igreja Católica, passaremos às perspectivas condensadas pelo teólogo brasileiro Agenor Brighenti<sup>148</sup>, à frente de uma ampla equipe de leigos e sacerdotes<sup>149</sup> responsável por

<sup>147</sup> SILVA, Helena Mendes da. Uma paisagem institucional. *Revista Nures*, n. 5, p. 1-5, jan.-abr. 2007.

<sup>148</sup> Agenor Brighenti (1930-), presbítero da Diocese de Tubarão (SC), é doutor em Ciências Teológicas e Religiosas pela Universidade Católica de Lovaina, professor na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) e professor convidado no Centro de Formação do Celam (Cebitepal), em Bogotá. Foi perito do Celam em algumas conferências, como Santo Domingo (1992), Aparecida (2007) e Sínodo da Amazônia (2019). É membro da Equipe de Reflexão Teológico-Pastoral do Celam, da Comissão Teológica do Sínodo dos Bispos (2021-2024) e do Grupo de Teologia Íbero-Americana, além de pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

duas publicações sequenciais: *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil* (Vozes, 2021) e *O novo rosto do catolicismo brasileiro: clero, leigos, religiosas e perfil dos padres novos* (Vozes, 2023). Os livros são frutos de pesquisa quali-quantitativa que aprofundou temas, percepções e desafios da comunidade católica brasileira.

Entendemos a categoria *perspectivas* em continuidade à leitura analítica e crítica feita por Libânio há duas décadas. Trata-se de um trabalho científico fundamental que se dedica a uma sondagem sociopastoral, a fim de analisar o adensamento da realidade social de que a Igreja faz parte e compreender, de forma abrangente, os fatores em andamento que se configuram a partir de suas *personas* (entre clero, religiosos e leigos).

A pesquisa de campo aprofundada por Brighenti foi assessorada por uma equipe multidisciplinar – composta por cientistas sociais, teólogos, pastoralistas e membros do campo das ciências da religião – e realizada nas cinco regiões do país (Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste e Norte) entre 2012 e 2016, em três dioceses de cada uma delas, tendo como critério basilar a representatividade em cada região (sendo uma diocese urbana, outra com realidades urbanas e semiurbanas e uma terceira com maior extensão rural).

O estudo em si teve o grande mérito e o desafio de analisar o catolicismo, especialmente o brasileiro, em suas diversidades. Os dados de amostragem foram coletados de forma gradativa nos anos referidos, com uma significativa representatividade: cerca de 743 agentes eclesiais participaram da pesquisa em suas respectivas categorias, o que amplia o leque de visão e de percepção a partir de análises categóricas.

A pesquisa gerou dados abundantes nas duas obras citadas, complementares ou interdependentes. Nelas, algumas abordagens contemporâneas permitem compreender melhor os direcionamentos do catolicismo com o objetivo de investigar o papel da Igreja no Brasil e sua missão na sociedade atual. Devem ser publicados em breve novos estudos, interligados ao período sinodal concluso em 2024<sup>150</sup>. Brighenti recentemente publicou outro volume, chamado *Sinodalidade: o jeito de ser Igreja, comunhão e participação* (Vozes, 2024), que,

---

<sup>149</sup> A pesquisa tem coautoria de Alzirinha Rocha de Souza, Benedito Ferraro, Celso Pinto Farias, César Kuzma, Antônio Manzatto, João Décio Passos, Luís Carlos Susin, Manfredo Araújo de Oliveira, Manoel José de Godoy, Paulo Sérgio Gonçalves e Vitor Hugo Mendes.

<sup>150</sup> A Igreja Católica encerrou um longo período sinodal, que começou em 2021 e se estendeu até outubro de 2024. O chamado Sínodo da Sinodalidade, que teve como tema “Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”, já é considerado um dos mais amplos e ambiciosos na história da Igreja. Ele envolveu uma fase de consultas em três etapas: fase diocesana (2021-2022), fase continental (2022-2023) e fase universal (2023-2024). O objetivo central do sínodo foi promover uma Igreja mais participativa, em que todos os membros, especialmente os leigos, têm um papel importante na missão evangelizadora.

embora não trate diretamente dos dados da pesquisa, volta ao tema em correlação ao Sínodo, que interpôs novos horizontes para Igreja.

A pesquisa sociopastoral realizada por Brighenti se torna muito oportuna para o estudo desta dissertação a respeito da Novena da Bênção de São José, uma vez que está plenamente direcionada à linha de pesquisa deste trabalho (“Redes, Processos e Formas de Conhecimentos”). A pesquisa, aqui desenhada em seu objeto, encontra enquadramento categórico a partir das dimensões do catolicismo, o que proporciona uma chave de leitura a fim de compreender melhor os meandros do fenômeno religioso em Manaus enquanto fragmento do cenário católico do país, com grandes desafios pastorais em ato.

É a partir da categoria *perspectivas* trabalhada por Brighenti e outros paralelos que nos debruçamos sobre o último capítulo, o que nos permite compreender melhor e aprofundar o fato religioso discutido – a Novena da Bênção de São José e seu conjunto celebrativo –, uma vez que essa categoria retoma e amplia o fenômeno em discussão e seus desdobramentos.

Grande parte desse horizonte de problematização encontra mais esclarecimentos a partir da pesquisa liderada por Agenor Brighenti, que, ao indagar sobre um emergente “novo rosto do clero e um novo rosto do catolicismo brasileiro”, afirma que estamos vivendo uma ambiência de duas perspectivas sociopastorais enquanto tipologia eclesiológica, fator presente e marcante no catolicismo brasileiro, mas que se reflete em toda a universalidade da Igreja, especialmente no Ocidente. Isso promove na esfera religiosa um outro tempo marcado por tensões e saudosismos. Ressalta-se que esse novo perfil de presbíteros no catolicismo brasileiro também está presente em outros países; portanto, não é um fenômeno a ser desqualificado ou desprezado e restrito à Igreja do Brasil.

Depois de 60 anos do CV II, nota-se com clareza a coexistência das perspectivas aqui suscitadas; o catolicismo já experimenta um pluralismo interno mais acentuado. Para uma melhor compreensão do tema, serão abordadas a seguir as perspectivas trabalhadas por Brighenti, entendidas como agrupamentos dos cenários eclesiais delineados por Libânio com base em novas referências.

De acordo com o estudioso das ciências sociais Carlos Eduardo Sell<sup>151</sup>, com raras exceções, a pesquisa do catolicismo ficou praticamente estagnada no âmbito religioso no país; o foco foi dirigido sobretudo para a inter-relação entre pentecostalismo e política. A propósito

---

<sup>151</sup> SELL, Carlos Eduardo. O declínio da teologia da libertação: uma releitura de “O novo rosto do clero”, de Agenor Brighenti. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 27 out. 2021. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/613974-o-declinio-da-teologia-da-libertacao-uma-releitura-de-o-novo-rosto-do-clero-de-agenor-brighenti>. Acesso em: 30 out. 2024.

do catolicismo, Sell (2021) faz uma preliminar distinção na lógica organizacional da Igreja, a fim de entendermos os diferentes modos através dos quais efetivamente o catolicismo é vivido por seus membros. Sell os distingue entre corporação e quadros dirigentes, de modo a enfatizar que sua estrutura detém um grau de autonomia em seu funcionamento, estabelecendo, portanto, o poder hierárquico na relação Igreja Católica/catolicismos.

Não adentraremos em toda a pesquisa de Brighenti, devido à objetividade necessária neste trabalho, mas trataremos de pontuar sua compreensão basilar. É fato que seus dados assinalam o contexto dos sujeitos da pós-modernidade “líquida” em seu modo de ser e agir, que questiona práticas eclesiais e comportamentos e nos desafia a um estudo aprofundado para além do pragmatismo fenomênico.

Os dados se tornaram conhecidos a partir da primeira publicação, *O novo rosto do clero* (2021), cujo foco é o perfil dos “padres novos” no Brasil. Vale ressaltar que a pesquisa só foi divulgada em 2022<sup>152</sup>, em pleno período pandêmico. Outro fator importante a ser considerado foi a elaboração do Censo do IBGE (2022), cujos dados, em decorrência da pandemia e de demais fatores, só começaram a ser divulgados paulatinamente no final do primeiro semestre de 2023 – e assim devem continuar, até 2025.

O Censo de 2022 registrou baixa no número de católicos no país. Os últimos Censos já denotaram essa tendência de queda: se em 1970 os católicos representavam 91,8% da população brasileira, passaram a 64,6% em 2010, até chegar a 51% em 2022<sup>153</sup>. Isso é sintomático na vivência da religião num país que tem como pano de fundo uma série de fatores, especialmente o trânsito religioso<sup>154</sup>.

Na obra *Trânsitos religiosos, cultura e mídia*, de Adilson Francisco (2015, p. 12), o autor faz uma radiografia do campo religioso brasileiro e o define como um contencioso terreno de proselitismos religiosos contemporâneos, que ganham novas mídias e impactos marcados por perdas, desenlaces, angústias e subjetividades, dominadas por releituras bíblicas que refazem crenças, liturgias e visualidades rituais, além das performances a partir de cantos

---

<sup>152</sup> A doença da COVID-19 afetou o mundo inteiro e caracterizou-se como pandemia, deflagrada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020; o fim da pandemia foi anunciado em 5 de maio de 2023. Só no Brasil, cerca de 704.794 pessoas morreram em virtude da enfermidade. Cerca de 14,9 milhões de pessoas morreram de COVID-19 em 2020 e 2021 em todo o mundo, conforme dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Disponível em: <https://www.patiao.org>. Acesso em: 2 ago. 2023.

<sup>153</sup> Os dados aqui apontados têm como base as previsões do Instituto Datafolha; até o presente, os dados do último Censo, divulgados no final do primeiro semestre de 2023, ainda não estão plenamente acessíveis.

<sup>154</sup> O trânsito religioso refere-se ao movimento ou à passagem de pessoas de uma prática religiosa para outra, ou de uma crença religiosa para outra. Isso pode incluir a conversão de uma religião para outra, a adoção de novas práticas espirituais ou a mudança de afiliação dentro da mesma tradição religiosa.

religiosos, etc. O fato é que esse fenômeno representa uma sangria crescente para o catolicismo.

Paralelamente ao trânsito religioso, também há um processo de “*involução eclesial*”<sup>155</sup> em curso que impacta na perda de fiéis. Além disso, o catolicismo brasileiro viu acontecer nas últimas décadas a inclusão de um termo utilizado por Brighenti em seu vocabulário: “padres novos”<sup>156</sup>. Podemos dizer que esse perfil se enquadra como outra tipologia dentro do grau dos presbíteros, pois revela uma mentalidade pastoral e comportamental em nível pessoal bastante diferenciada, se comparada a outras práxis pastorais em distintos períodos na história da Igreja.

O chamado novo perfil de presbítero, sintetizado como “padres novos”, tem provocado por meio de “suas práticas pastorais e comportamentos pessoais um deslocamento religioso do profético para o terapêutico e do ético para o estético” (Brighenti, 2022, p. 124). Isso tem causado tensões e entraves em questões pastorais entre os presbíteros nas igrejas locais, bem como entre religiosos e leigos nas paróquias em que atuam.

Brighenti categoriza, com base em duas matrizes básicas, a) um catolicismo “institucional”, tributário do modelo de Igreja e da cristandade, vigente durante todo o segundo milênio e que se prolongou até o Vaticano II; e b) uma Igreja “carismática”, ligada à crise da modernidade ou à “pós-modernidade”, que toma distância da Igreja como instituição e da fé como compromisso social, valorizando mais o emocional, a subjetividade e uma espiritualidade de corte pentecostal.

A outra perspectiva sociopastoral tem também duas matrizes: a) uma “Igreja evangelizadora”, o modelo oriundo da renovação conciliar, voltado para uma evangelização inserida num mundo pluralista, centrado na força da Palavra e do compromisso cristão na concretude da história; e b) uma “Igreja libertadora”, o modelo da Igreja na América Latina, tecido em torno da recepção criativa das conferências episcopais de Medellín e Puebla e que tem na opção pelos pobres e na ação libertadora suas características principais.

---

<sup>155</sup> Involução eclesial no catolicismo tem sido usado principalmente por teólogos ligados à teologia da libertação, especialmente como uma crítica ao retrocesso ou fechamento institucional da Igreja Católica diante das mudanças impulsionadas pelo Concílio Vaticano II. Trata-se de uma leitura teológica e histórica que observa uma *reversão (involução)* das aberturas pastorais e eclesiológicas promovidas pelo CV II, particularmente nas décadas posteriores, especialmente a partir dos pontificados de João Paulo II e Bento XVI. Cf. ref. 141.

<sup>156</sup> O termo foi utilizado pelo teólogo pastoralista Agenor Brighenti, membro do Instituto Teológico-Pastoral para a América Latina do CELAM. O termo aqui utilizado é fruto de uma pesquisa de campo em todo o território nacional a respeito do perfil dos padres novos no Brasil, que deu origem à obra *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil*, publicado em 2021 pela editora Vozes. O termo “padres novos” não se restringe ao fator cronológico, mas sobretudo a uma perspectiva sociopastoral que toma distância da renovação do Concílio Vaticano II e de sua “recepção criativa” na América Latina, em torno das conferências de Medellín e Puebla e, atualmente, de Aparecida e do magistério do papa Francisco.

Por seus comportamentos e práticas, como comprovam os dados levantados pela pesquisa, os presbíteros das últimas décadas, comumente denominados “padres novos”, em sua grande maioria se alinham à primeira perspectiva sociopastoral, intitulada por Brighenti como “institucional/carismática”; já os presbíteros das décadas anteriores, denominados “padres das décadas de 1970/80”, preponderantemente se alinham à perspectiva intitulada “evangelização/libertação”. Essas duas perspectivas sociopastorais serão compreendidas neste capítulo.

Diante desse enquadramento de perspectivas eclesiais, o sociólogo Eduardo Sell<sup>157</sup>, em sua observação crítica sobre a pesquisa de Brighenti e equipe, assinala uma orientação clara do trabalho que o condiciona, sua dimensão prática e pastoral das interpretações dos dados e, especialmente, a opção teológica libertadora em que a obra se posiciona, o que pode ter inibido uma compreensão mais acurada da complexidade das transformações em curso.

De princípio, há um contrapeso entre o polo sociocultural, que acentua a teoria dos catolicismos popular, de libertação, carismático, tradicionalista, entre outros, e o polo institucional como organização social da análise e seus intelectuais orgânicos – gerando assim diferentes modelos de Igreja. Essas acentuações do polo sociocultural, por estarem na base, tendem a suprimir o polo institucional.

Sell adverte que o problema é que esses modelos idealizados são utilizados muito mais em função de suas disputas intramuros do que da compreensão empírica da correlação de forças internas que moldam o perfil da Igreja – portanto, os dois modos assimétricos, denominados por Brighenti institucional/carismático e evangelização/libertação, podem claramente ser orientados para um aporte dicotômico que reproduz inadvertidamente o maniqueísmo da divisão direita/esquerda, que também ganha força político-religiosa no país diante do cenário sociopolítico.

#### **4.2.1 Perspectiva evangelizadora/libertadora**

Partimos do pressuposto de que o enquadramento categórico que se segue é uma forma idealizada de configuração dos cenários de Igreja, que podem ser reduzidos a dois polos distintos, embora decorrentes: o modelo institucional/carismático e o modelo evangelizador/libertador. Todavia, o papel da Igreja oficial se obscurece como variável causal-explicativa; como se trata de um poder hierárquico piramidal, o peso institucional

---

<sup>157</sup> Cf. Sell (2021), ref. 151.

segue inalterado, conforme Brighenti (2024). Pudera o Sínodo da Sinodalidade (2024), em sua implementação, conseguir idealizar seu propósito enquanto participação e comunhão.

Feita essa premissa, as duas perspectivas sociopastorais seguem como reflexo da Igreja Católica pós-conciliar. Observemos nesta sessão o modelo evangelizador/libertador, ao qual se vinculam os “padres dos anos 1970/80” – preponderantemente alinhados a essa perspectiva, normalmente abertos à renovação do CV II, em sintonia com a tradição libertadora da Igreja na América Latina e as conferências episcopais ocorridas neste continente americano.

Pastoralmente, tal perfil de padres está alinhado à TL, às CEBs, à pastoral social e popular, à leitura popular da Bíblia e à memória dos mártires das causas sociais, embora existam outras influências, interpretações e visões que os caracterizam. O caráter “evangelizador” remete à renovação do CV II, que almeja ir da “sacramentalização” à “evangelização”, ao mesmo tempo que reconhece que este é um desafio num mundo pluralista, procurando centrar-se a partir da Palavra, o que implica a Igreja ser missionária a partir de sua essência preciosa, o Povo de Deus (Velasco, 1988, p. 285). Esse modelo deixa para trás a cristandade, em seu modelo racional metafísico e essencialista, para direcionar-se a uma virada antropológica, em que o ser humano é o caminho da Igreja. Situada num mundo pluralista, impõe-se uma outra postura dialógica frente à diversidade de culturas, ideologias, igrejas e religiões (cf. Dupuis, 1997). Desse modo, o caráter “libertador” remete ao acolhimento do CV II na América Latina a partir deste projeto iniciado em Medellín e, posteriormente, desenvolvido e ampliado pelas demais assembleias latinas.

Nesta perspectiva, a centralidade da Palavra é acessível a todos os cristãos, portanto, favorável a uma formação teológico-pastoral, capaz de tornar o laicato sujeito da Igreja e de sua missão evangelizadora. Sua centralidade também se revela na liturgia, presente numa assembleia toda celebrante, de modo a enfatizar a Igreja toda ministerial, devolvendo ao laicato um lugar que o clericalismo havia desconstruído. A dimensão evangelizadora desta perspectiva aposta num laicato maduro na fé e não só competente teologicamente, mas interlocutor da Igreja no diálogo com o mundo. Para isso, viabiliza a formação permanente de seus agentes de pastoral, favorecendo a qualificação teológica profissional do laicato.

Na formação do clero, redimensiona-se o processo formativo através das dimensões espiritual, intelectual, comunitária e pastoral, a fim de evitar um peso doutrinal e jurídicista. Do ponto de vista da doutrina social, a presença da Igreja no mundo visa contribuir para uma sociedade mais fraterna e solidária, expressão da dimensão imanente do Reino de Deus. Na mídia, seu papel é estritamente evangelizador, sem o espaço e a visibilidade de outras formas

de religiosidade. Trata-se de um modelo na contramão, seja do modelo institucional ou carismático, na contracorrente do tradicionalismo saudosista do passado e da experiência religiosa pela força carismática, uma vez que sua preocupação se volta ao futuro e à qualidade para além da quantidade dos seus adeptos.

Nesta perspectiva, no imediato pós-Concílio, a Igreja na América Latina, ao fazer uma “recepção criativa” do CV II, forjou um novo modelo de ação, que poderíamos denominar a partir de eixos fundamentais do CV II em contexto empobrecido. Na América Latina, a referência ao CV II remonta à Medellín, conforme Brighenti (2021, p. 28):

O que o Concílio representa para a Igreja no mundo, o “evento Medellín” significa para a Igreja na América Latina, na medida em que se propôs aterrissar as instituições básicas e os eixos fundamentais do Vaticano II em um contexto periférico e empobrecido. *Medellín* dá à Igreja na América Latina uma palavra própria e um rosto autóctone, deixando de ser “reflexo” ou caixa de ressonância de uma suposta “Igreja universal”, para constituir-se em uma fonte inspiradora e programática para as Igrejas locais do continente. A autocompreensão da Igreja, em estreita fidelidade às instituições básicas e aos eixos fundamentais do Concílio Vaticano II, foi mola propulsora de uma ação evangelizadora em perspectiva profética e transformadora, engendrando no continente o que ele tem de mais precioso – os milhares de mártires das causas sociais. Em Medellín, ecoou o grito do sofrimento dos pobres que delatava o cinismo dos satisfeitos e foi escutado, o mesmo grito que não tinha sido acolhido de maneira mais contundente na aula conciliar.

Medellín dá a Igreja na América Latina uma característica própria a partir de sua realidade social e se torna uma fonte inspiradora e programática para as Igrejas locais. Dada a forte convocação sociotransformadora e libertadora deste modelo, a ação pastoral é levada a cabo pelo protagonismo dos leigos e dos pobres. Em relação aos leigos, são então vistos como sujeitos com “vez e voz”, com ministérios próprios e oportunidade de formação bíblica e teológico-pastoral, num lugar de decisão em conselhos e assembleias e de coordenação à frente dos diferentes serviços pastorais.

Quanto aos pobres, muda-se a ótica: de objetos da caridade alheia, passam a ser tomados como sujeitos de um mundo solidário e fraterno. A Igreja, além de assumir sua causa, assume igualmente seu lugar social, através de comunidades eclesiais inseridas numa perspectiva libertadora. Nascem serviços de pastoral, com espiritualidade e fundamentação próprias, em especial voltados para o social. Para isso, a comunidade eclesial é organizada em pequenas comunidades de vida na base, no seio das quais se promove a leitura popular da Bíblia. Desde a fé, procura-se formar igualmente consciência cidadã, para que os próprios excluídos, organizados como cidadãos, sejam protagonistas no seio da sociedade civil de um mundo solidário e inclusivo.

Em virtude de definir horizontes desta perspectiva evangelizadora/libertadora, Brighenti (2021, p. 1139) parte de três aspectos que precisam ser considerados: 1) quais os pilares do modelo pastoral do CV II e da tradição libertadora da Igreja na América Latina, dos quais a Igreja no Brasil se distanciou, especialmente os “padres novos”; 2) quais as possíveis razões do processo de involução eclesial, vivido nas três décadas dos dois pontificados que antecederam o atual e ainda em curso, apesar do resgate do CV II e da tradição libertadora do papa Francisco; e 3) o que configura a perspectiva teológico-pastoral “institucional/carismática”, que continua se distanciando da renovação conciliar, e a perspectiva “evangelização/libertação”, que resiste e, mesmo cedendo em vários aspectos, continua acreditando e apostando no CV II e na tradição eclesial libertadora.

O modelo pastoral desta perspectiva tem dois referenciais: a renovação conciliar e sua “recepção criativa” pela Conferência de Medellín. A tradição eclesial libertadora é consequência e desdobramento das intuições básicas e eixos fundamentais do CV II, num contexto marcado por injustiça e exclusão. Desse modo, recuperamos os cinco pilares ou eixos fundamentais descritos por Brighenti (2021, p. 1141-1145).

Um dos principais pilares da tradição libertadora são as CEBs (cf. Azevedo, 1969). O CV II procurou superar o binômio clero-leigos e concebeu a Igreja como a comunidade dos batizados, na comunhão da radical igualdade em dignidade de todos os ministérios. Esta proposição está presente na LG (n. 10): não há dois gêneros de cristãos, mas um só – os batizados – numa comunidade toda ela ministerial. Tirando consequências desta nova autocompreensão da Igreja, para Medellín, a comunhão eclesial precisa ser real e palpável, através de verdadeiras comunidades eclesiais, no seio das quais todos são sujeitos. Isso só é possível em pequenas comunidades, como nas CEBs (Med 7,4), concebidas como “célula inicial da estruturação eclesial, foco de evangelização” (Med 15,10). Trata-se de comunidades de tamanho humano, ambientais, inseridas na sociedade numa perspectiva profética e transformadora. Aparecida resgata Medellín e reafirma as CEBs, assumindo as duas categorias de Medellín – célula inicial da estruturação eclesial e foco de evangelização (Dap 178). Trata-se do modelo normativo da Igreja primitiva e antiga, a *domus ecclesiae*, que o CV II resgata na eclesiologia Povo de Deus, em sua volta às fontes bíblicas e patrísticas. É a Igreja concebida como “eclesiogênese”<sup>158</sup>, que se origina e se prolifera a partir de pequenas

---

<sup>158</sup> Termo utilizado pelo teólogo Leonardo Boff, inserindo este conceito numa perspectiva de renovação da Igreja a partir da teologia da libertação no acolhimento dos pobres e das minorias. Cf. BOFF, Leonardo. *Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja*. São Paulo: Record, 2008.

comunidades. Porém, nos dados da pesquisa de Brighenti, não se ressalta a distância entre a eclesiologia subjacente às CEBs e a eclesiologia presente nos movimentos apostólicos.

O segundo pilar está muito associado ao primeiro: refere-se aos sujeitos da evangelização a partir das comunidades eclesiais. Para Medellín, com o CV II, se a comunidade dos batizados, em todos os seus membros, é o sujeito eclesial, então, é também a comunidade como um todo o sujeito da ação evangelizadora (Med 6,13; 9,6). Por isso, é preciso superar o binômio estrutural clerical-centralizador, em comunidades de serviço no seio da sociedade, de forma propositiva e transformadora (Med 7,13). Para a Conferência de Santo Domingo, os leigos devem ser os protagonistas da evangelização, o que implica a promoção do laicato, livre de todo clericalismo e sem redução de sua atuação ao âmbito intraeclesial (SD 97). Para Aparecida, a Igreja como um todo precisa estar em estado permanente de missão, de modo que “cada comunidade seja um poderoso centro irradiador da vida em Cristo” (DAp 362), comunidades evangelizadoras para uma Igreja missionária. Na pesquisa, ao se equipararem os movimentos apostólicos com as CEBs, estão sendo contrapostas duas eclesiologias: uma pré-conciliar, que faz dos movimentos a extensão do braço do clero, e outra do CV II, que faz da comunidade como um todo o sujeito da evangelização.

O terceiro pilar é uma Igreja que assume o pobre como sujeito e também seu lugar social, a periferia (Boff, 2008, p. 27). O CV II conclamou a Igreja a inserir-se no mundo, pois, embora ela não seja deste mundo, está no mundo e existe para a salvação do mundo (LG 48). Medellín volta a este questionamento, reconhecendo que é impossível evangelizar sem dar testemunho, sem estar com os pobres, sem solidarizar-se com sua situação, fazendo-se um com eles (Med 14,7). As Conferências Episcopais Latino-Americanas sucessivas, cada uma a seu tempo, retomam esse olhar para o pobre, que também passou por mudanças socioculturais. A última assembleia de Aparecida ratifica e potencializa a opção pelos pobres, apoiando-se no discurso inaugural de Bento XVI: “a opção pelos pobres radica na fé cristológica” (DAp 392), pois diante das intoleráveis desigualdades a Igreja continua advogada da justiça e defensora dos pobres, que clamam aos céus inclusive no martírio, se preciso for (DAp 395). A opção pelos pobres não é assistencialismo e nem deixar de tomar posição diante da exclusão que tem causas estruturais. Os dados da pesquisa atestam como se tem tomado distância do mundo dos pobres e como tem minguado o serviço da Igreja no meio deles.

Um quarto pilar da tradição libertadora, que caracteriza o modelo de pastoral dos “padres das décadas de 1970/80”, é uma evangelização libertadora. O CV II, superando os

dualismos matéria e espírito, sagrado e profano, história e meta-história, concebe a salvação como redenção da pessoa inteira e de todas as pessoas (GS 45). Em consequência, para Medellín, como não há duas histórias, mas uma única história de salvação que se dá na história profana, a obra da salvação implica uma ação de libertação integral e de promoção humana a partir da intra-história (Med 2,14a). Na evangelização, é preciso estabelecer laços entre evangelização e promoção humana (Med 7,9); em consonância com o CV II, que afirma a vontade de Deus de salvar em comunidade, a promoção humana implica o estabelecimento de estruturas justas, uma sociedade justa.

Assim, a salvação se faz libertação. Santo Domingo, retomando Medellín, enfatiza que a promoção humana significa passar de condições menos humanas a condições cada vez mais humanas (SD 162). Para Aparecida, a promoção da vida plena em Cristo, na perspectiva do Reino, nos leva a assumir as tarefas prioritárias que contribuem com a dignificação não só dos cristãos, mas de todos os seres humanos. Necessidades urgentes nos levam a colaborar, conseqüentemente, com outras pessoas, organismos ou instituições para organizar estruturas mais justas, no âmbito nacional e internacional (DAp 384). Como Aparecida denuncia e os dados da pesquisa atestam, em lugar de uma evangelização integral, em determinados espaços da Igreja há a volta de espiritualidades pré-conciliares, desencarnadas e espiritualistas.

Um quinto pilar são os mártires das causas sociais. A *diakonía*<sup>159</sup> histórica é a forma de exercício desta caridade a serviço do mundo (GS 42), é o modo como se contribui sem reservas para o progresso e o desenvolvimento humano e social. Assim, Medellín, em sua opção pelos pobres e seu lugar social, faz da *diakonía* um serviço profético – e afirma que a missão evangelizadora se concretizará na denúncia da injustiça e da opressão, constituindo-se um sinal de contradição para os opressores (Med 14,10). Medellín lembra e encoraja que o serviço profético pode levar ao martírio, expressão da fidelidade à opção pelos pobres. Para Aparecida, o empenho da Igreja no continente em favor dos pobres redundou em perseguição e morte de muitos, que consideramos testemunhas da fé, nossos santos e santas, ainda não canonizados (DAp 98). Neste particular, constata que, em nossa experiência eclesial, as CEBs têm sido verdadeiras escolas de formação de cristãos comprometidos com sua fé, testemunhas de entrega generosa, até mesmo com o derramar do sangue de muitos de seus membros (DAp 178) – que, em nome da fé, deram a vida para que outros tivessem vida e foram conseqüentes

---

<sup>159</sup> Na Igreja, a *diakonía* é um termo de origem grega que significa “serviço” ou “ministério”. Esse conceito é fundamental na teologia cristã e se refere ao compromisso de serviço aos outros, especialmente aos pobres, marginalizados e necessitados, em imitação ao exemplo de Jesus Cristo. A *diakonía* é vista como uma dimensão essencial da missão da Igreja, que inclui ações de caridade, justiça social e solidariedade.

com exigências históricas da mensagem evangélica. Trata-se de um testemunho que sobretudo a perspectiva “institucional/carismática” tem dificuldade de reconhecer, com a tendência de ver os mártires das causas sociais mais politizadores da fé do que inaugurando um novo perfil de santidade, já reconhecido pelo papa Francisco na canonização de Dom Romero.

Por fim, esta perspectiva evangelizadora associada ao modelo de pastoral dos “padres das décadas de 1970/80” está longe de se constituir suporte para a prática pastoral da perspectiva “institucional/carismática”, particularmente dos “padres novos” a ela alinhados. É fato que esta perspectiva perdeu terreno em sua ação pastoral: ela continua presente, mas não mais com a mesma intensidade e entusiasmo, e não só mostra cansaço como também distanciamento, mesmo sem regredir a modelos pré-conciliares. Como os “padres das décadas de 1970/80” já são um contingente em menor número e este modelo de Igreja por décadas se afirmava ultrapassado, eles acabam acolhendo e convivendo com práticas impulsionadas ou fortalecidas pelos “padres novos”, particularmente quando chegam a uma paróquia que os teve como predecessores.

#### **4.2.2 Perspectiva institucional/carismática**

Os dados levantados pela pesquisa atestam que as práticas da perspectiva “institucional/carismática” à qual se alinham os “padres novos” estão atreladas a três modelos de pastoral conhecidos. Os dois primeiros vêm do período pré-conciliar, e o terceiro configurou-se mais recentemente no contexto de crise da modernidade. O reflexo dos dois modelos pré-conciliares é fruto da involução eclesial em relação à renovação do CV II, vigente nas décadas que precederam o atual pontificado.

O primeiro modelo é a “pastoral de conservação”, assim denominado por Medellín (Med 6,1) e referido também por Aparecida (DAp 370). Apesar de ter sido superado pelo CV II há mais de meio século, o modelo de pastoral do regime de cristandade nunca desapareceu, mas agora voltou com força na atuação dos “padres novos”.

Pesa o viés “institucional” que remete ao processo de institucionalização da Igreja a partir dos séculos IV e V, que teve seu momento forte nos pontificados de Gregório VII, Inocêncio III e Bonifácio VIII, sendo retomado com vigor pelo CV II e prolongando-se até o final do pontificado de Pio XII. Após breve intervalo, passado o CV II, foi retomado na década de 1980 com a “volta à grande disciplina” (Libânio, 2009b, p. 44) e se estendeu até a renúncia de Bento XVI. No entanto, não desapareceu, como constata Brighenti (2021, p. 24). Esta perspectiva institucionalizante continua viva e atuante na Igreja, em oposição, às vezes

aberta, ao pontificado de Francisco, que se alinha à perspectiva “evangelização/libertação” na medida em que resgata o CV II e a tradição eclesial liberadora da Igreja na América Latina.

Num contexto de “pós-modernidade” desestruturante e desagregadora, ergue-se a apologia a uma tradição que se crê perene e imutável. Para H. Kung (1995, p. 310-322), este é o paradigma católico romano da Idade Média, pois toma distância das fontes às quais estava ligado o anterior, o paradigma helenístico ecumênico da Antiguidade cristã.

A dimensão institucional desta perspectiva se pauta pela teologia escolástica e rejeita a teologia moderna europeia e a TL, acusando-as de terem se rendido à virada antropocêntrica e à razão praxica da Modernidade. O modelo catequético desta perspectiva se fixa sob o aspecto doutrinal, pois entende que o poder institucional depende da unidade doutrinal. A liturgia é outra clara expressão da visibilidade institucional, em vez da celebração da fé na vida. Os movimentos apostólicos e de espiritualidade são considerados extensões do braço do clero – deste é que emergem os vocacionados que fortalecem a Igreja instituição. Alguns segmentos vão além do tradicionalismo, mergulhando em fundamentalismos, fator de atração para os que buscam referenciais diante da insegurança de critérios e valores num mundo que valoriza a autonomia, a subjetividade e a experiência.

Tais características não eram atrativas em meio à camada popular e se restringiam a certo público de classe média; hoje, já se notam tais identificações nas camadas populares, oriundas das “novas comunidades de vida”. Os “vocacionados” deste modelo eclesial primam pela “fidelidade e obediência visível à Instituição, que privilegia o perfil sacerdotal ao profético, tanto que se dedicam mais ao altar do que ao pastoreio” (Brighenti, 2021, p. 25). Trata-se de um modelo atraído pelo clericalismo, focado na sacralidade do ministério sacerdotal, atraído pela visualidade manifestada nos paramentos e pelo discurso doutrinal, mesmo servindo-se dos recursos modernos da comunicação de massa (Benedetti, 1999, p. 89). A ética volta-se a um objetivo ensinamento moral, focado na sexualidade e na família, sem espaço para o diálogo ecumênico e inter-religioso. A caridade fica na esfera assistencial, evitando-se conflitos com o Estado e os setores mais enriquecidos da sociedade.

Desse modo, as características do viés institucional mostram que ele funciona centralizado no presbítero e na paróquia – decorre disso a volta do clericalismo, denunciado por Aparecida (DAp 100). Na pastoral de conservação, em sua configuração pré-tridentina, a prática da fé é de cunho devocional, centrada no cultivo aos salmos e composta de procissões, romarias, milagres e promessas, práticas típicas do catolicismo popular medieval. Já em sua configuração tridentina, a vivência cristã gira em torno do presbítero, baseada na recepção dos sacramentos e na observância dos mandamentos da Igreja. Neste modelo, “o administrativo

predomina sobre o pastoral, a sacramentalização sobre a evangelização, o padre sobre o leigo, o estilo rural sobre o urbano, o pré-moderno sobre o moderno, a missa sobre a comunidade” (Brighenti, 2022, p. 127).

Um segundo modelo de pastoral que configura esta perspectiva é a “pastoral coletiva”, o modelo de pastoral do regime de neocristandade, que teve seu auge no século XIX, quando a Igreja pré-moderna jogou suas últimas cartas no confronto com a Modernidade. Pouco tempo depois, o modelo seria desautorizado em seu pressuposto pelo CVII; ele se insere na Igreja em atitude de “diálogo e serviço” ao mundo.

Nos dias atuais, com a crise da modernidade e a falta de referenciais seguros, a “pastoral coletiva”, centrada nos movimentos e grupos institucionalizantes e tradicionalistas, volta com ares de “revanche de Deus”, com muito dinheiro, poder e visibilidade, guardião da ortodoxia, da tradição e da “família tradicional”.

Grande parte das práticas e atitudes dos “padres novos” está atrelada a este modelo. Ao desconstrucionismo religioso e ao relativismo reinante, que geram vazio, incertezas e medos, contrapõem-se o “porto seguro de certezas” da tradição religiosa e um elenco de verdades apoiadas numa racionalidade metafísica. Se a “pastoral de conservação” é pré-moderna, a “pastoral coletiva” é antimoderna e apoia-se numa missão centrípeta, que consiste numa atitude apologética e proselitista, cuja ideia é trazer de volta as “ovelhas desgarradas”. Numa atitude hostil frente ao mundo, cria seu próprio mundo, uma espécie de “subcultura eclesiástica”, em típica mentalidade de seita ou gueto. A redogmatização da religião e o entrincheiramento identitário acabam sendo suas marcas. A missa tridentina alimenta o imaginário de novos cruzados no resgate da pré-modernidade perdida.

Um terceiro modelo de pastoral atrelado à perspectiva “institucional/carismática” é o que se poderia chamar “pastoral secularista”, restrita ao presente, ao aqui e agora. Aqui se encontra também a maioria dos “padres novos”, que configuram em si os três modelos aqui apresentados. Na “pastoral secularista”, há o encolhimento da utopia no cotidiano, uma espécie de “religião do corpo”, no seio da qual a salvação é sinônimo de prosperidade material, saúde física e realização efetiva. Neste modelo, a religião passa a ser consumista, centrada no indivíduo e na degustação do sagrado, entre a magia e o esoterismo.

O viés carismático desta perspectiva é quase oposto ao viés institucional, embora se sirva dele para se autoafirmar e prime pela subjetividade. Na liturgia, o que se percebe é a exuberância da estética e da emoção no lugar da tradição e do institucional; prima pelo indivíduo e pela interioridade, e no lugar da pertença, a adesão parcial. A liturgia é o lugar por excelência da vivência espiritual, em tom festivo, solene e emotivo, sem limites de tempo e

em espaços cada vez mais massivos, com cantos alinhados ao estilo emotivo. Há um deslocamento da militância presente no modelo evangelizador/libertador das décadas de 1970 e 80 para a mística na esfera da subjetividade individual. É o primado da experiência, em que o sagrado se impõe por sua força de sedução (Libânio, 2009b, p. 53).

No modelo carismático, Deus tende a ser objeto de desejos pessoais. A reflexão ou a teologia são mais ignoradas e indesejadas do que controladas. Mais importante do que a reflexão são as vivências emocionais ligadas à experiência do Espírito, que unge os iniciados pelo “batismo no Espírito”. A busca por milagres e cura interior propicia toda uma literatura voltada para a autoajuda espiritual e a devoção dos santos. Na catequese, a doutrina dá lugar à mistagogia e ao experiencial, voltados para o emocional. Movimentos de espiritualidade, sobretudo “comunidades de vida e aliança”, são os únicos espaços institucionais.

Muitas dessas “novas comunidades” se apresentam como alternativas à vida religiosa, com menos obras e mais missões diretas junto ao povo, algumas delas entre os mais pobres. As grandes congregações religiosas vivem um momento de crise devido ao contexto da pós-modernidade, que tem medo das escolhas definitivas. Os rastros da “modernidade líquida” deixam seus sinais diante das escolhas de vida, a influir também na vida religiosa; logo, os modelos das “comunidades de vida e aliança” acabam se mostrando mais atrativos e vão ao encontro do estilo vocacional que arrebanha os mais jovens. Trata-se de espaços, juntamente com os movimentos, de onde se origina grande parte dos “padres novos”, que, uma vez ordenados, voltam para alimentá-los ou se inserem completamente a serviço deste perfil.

Na moral, há um discurso oficial tradicional para fora e outro, muito tolerante e aberto, em nível interno, o que tem gerado surpresa e escândalos, inclusive da parte de fundadores – que não estão isentos da fragilidade e da vulnerabilidade vocacional em meio a um padrão rígido, tomados por questões de ordem afetiva sexual. O caráter pentecostal da experiência de fé, para afirmar a identidade católica, em geral tênue, evitará toda e qualquer proximidade com as igrejas evangélicas neopentecostais – quando, na prática, há uma relação mimética. Há fraca sensibilidade por questões sociais e pela inserção no mundo, centrando-se na conversão interior, depois expressada na compaixão para com os pobres por uma caridade assistencial. Sua forte presença na mídia leva a simplificar ao máximo a mensagem, adaptando o Evangelho às exigências do mundo midiático, pautado pela audiência.

Embora estejam em contraponto, o viés carismático e o institucional convergem e se completam. Como a espontaneidade, a fluidez e a mobilidade religiosa geram insegurança, além de recorrer ao emocionalismo, o viés carismático busca segurança no institucional por seu caráter autoritário, rígido e fundamentalista, que veicula certezas (Hervieu-Léger, 2015 p.

12). Desse modo, entendemos não serem conflitivos os dois paralelos entre o institucional e o carismático.

Assim, a perspectiva institucional/carismática propõe responder às necessidades imediatas das pessoas, em sua grande maioria órfãs de sociedade e de Igreja, muitas delas machucadas, desesperançadas, em busca de autoajuda, habitadas por um sentimento de impotência diante dos inúmeros obstáculos a vencer, tanto no campo material como no plano físico e afetivo. São pessoas que querem ser felizes hoje, buscando solução para seus problemas concretos e apostando em saídas providencialistas e imediatas. Nestes meios, há um encolhimento da utopia no momentâneo. É a religião *à la carte*: Deus é um objeto de desejos pessoais, solo fértil para os mercadores da boa-fé, no seio do atual, próspero e rentável mercado religioso.

Como afirmado, Brighenti faz uma síntese dos cenários ao enquadrar como perspectivas duplas tais percepções e ao afirmar que existem ambiências pastorais entre os modelos evangelizador-libertador e institucional-carismático. Se relacionados à experiência da Novena da Bênção de São José, há também claro enquadramento, como num jogo de forças de vivências eclesiais, de modo a empostar horizontes no catolicismo brasileiro que geram profundos contrapontos, da aproximação ao distanciamento – como na política, entre esquerda e direita. Isso revela não somente uma mentalidade ideológica, mas também estilos em contraste e em dominação. São camadas que também podem ser imperceptíveis para o devoto ordinário, que “não entende” que o modelo eclesial propagado, especialmente no padrão institucional-carismático, revela um campo de força em domínio, mais consonante ao perfil do homem pós-moderno em seu conjunto característico.

#### **4.2.3 E os caminhos amazônicos?**

Após contemplar cenários e perspectivas eclesiais, que não deixam de ser leituras socioculturais, e sua incidência no meio eclesial católico, nossa pesquisa se volta para um olhar amazônico, como forma de recuperar o que existe, o que foi feito e o porvir dessa dinâmica religiosa na região.

Ainda paira sobre a Amazônia neste século XXI um misto do coletivo imaginário social como “inferno verde”, conceito construído por exploradores, escritores e cronistas europeus que ao longo do tempo, especialmente durante o século XIX e início do século XX, descreveram a Amazônia como espaço predominantemente verde, selvagem e inóspito, um lugar de mitos e lendas e uma imagética em torno da fauna, da flora e de seus povos

originários. Esse conceito surgiu principalmente da visão eurocêntrica de desenvolvimento sobre a Amazônia, que contrastava com a percepção dos povos indígenas, os quais conheciam e respeitavam o ecossistema local.

Entre os que ajudaram a popularizar a imagem da Amazônia como “inferno verde” estão escritores e aventureiros europeus, como relata Euclides da Cunha em *À margem da História* (1909). Nesta obra, o autor abordou a complexidade e a dureza da vida na floresta, retratando o ambiente amazônico como um espaço cheio de desafios naturais e sociais.

Por uma questão de objetividade, não temos espaço neste trabalho para uma verificação mais acurada ao longo do tempo histórico sobre as etapas vividas na Amazônia, da colonização ao reconhecimento legítimo de seus povos – inclusive em âmbito religioso, uma vez que a semente religiosa do catolicismo feriu suas vivências ontológicas e cosmológicas e também singrou sobre outras percepções amazônicas.

O fato é que perdura sob diversos olhares uma grande chaga histórico-social sobre a Amazônia e seu contexto. Márcio Souza, literato da região, satiriza em seu ensaio *Amazônia regional e universal* o contraponto literário que pormenoriza a região: “do regional ao universal não estaria sendo vista do avesso?” (2024, p. 31). Ampliando sua interlocução basilar, “o fato é que não podemos prescindir das culturas amazônicas sem uma referência aos povos indígenas”. Por outro lado, o autor enfatiza: “espreita-nos uma amplidão criadora, uma tradição milenar que produziu literatura de rara beleza e complexidade, fábulas de rara crueza, forte e sensível expressão de forças primevas” (2024, p. 24). O reconhecimento de Souza é não somente à população erudita que a formou desde o século XIX, mas à anterior vida ribeirinha, indígena, cabocla e urbana que há na Amazônia como sinal de resistência e sobrevivência na região.

Hoje, a Amazônia está em evidência, especialmente devido a suas questões ambientais. A sociedade atual vive um momento de atenção e de tensão ao falar da Amazônia, por reconhecer que seu bioma está em perigo: as queimadas, que tornam o clima maléfico em decorrência dos focos de incêndio espalhados na região, pioram a instabilidade climática vivida no mundo inteiro e agravam o fenômeno preocupante da estiagem dos rios que compõem o bioma e, conseqüentemente, a vida social, econômica e cultural desses povos – em especial, os povos originários e ribeirinhos da Amazônia brasileira, a quem nos referimos.

No âmbito histórico e eclesial, que é o campo de maior interesse desta pesquisa, é esclarecedor o percurso feito por *História da Igreja na Amazônia* (2024), obra projetada no

final dos anos 1980, publicada em 1990 pela seção brasileira da Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina (CEHILA)<sup>160</sup> e posteriormente reeditada e ampliada, com a coordenação de Elisângela Maciel Soares (2024), membra do CEHILA. A obra nos faz perceber que “o cristianismo amazônico formou-se longe dos parâmetros clericais e dos centros de coerção” (2024, p. 10). Trata-se de uma obra oportuna por sua composição multidisciplinar e atualização, sob o olhar de uma autora amazônida que compila e atualiza as questões em voga, juntamente com outros pesquisadores do CEHILA.

Desse modo, faremos a seguir um breve percurso a fim de recuperar a trajetória eclesial na Amazônia, alinhada ao propósito desta pesquisa. No capítulo X de *História da Igreja na Amazônia*, “A Igreja Católica na Amazônia na atualidade” (2024, p. 346-371), Possidônio da Mata traça dois momentos mais recentes da situação da Igreja na Amazônia: o primeiro, do final do século XIX e início do século XX, até 1915-1920; o segundo, em vista de uma visão de conjunto da situação eclesiástica, de 1920 ao momento atual.

O autor destaca que, no primeiro momento, a Igreja na Amazônia é retratada a partir de seu contexto regional, da penúria do amazônida, diante do processo de exploração da borracha e suas consequências. Em paralelo, a Igreja foi se organizando paulatinamente, dando vida à sua base elementar e fazendo acontecer o processo evangelizador, interrompido pela ação pombalina desde o século XVIII e sufocado pelo controle das leis imperiais do século XIX. Entende-se que havia de fundo, por parte dos bispos que deram acolhimento a tantos religiosos(as) e missionários(as), uma proposta nova de retomada, restauração e reevangelização.

No segundo momento, de modo cronológico, vai-se percebendo a visão da Igreja através de sua organização estrutural em dioceses e prelazias, sua história e sua relação com a realidade amazônica, que vai mudando junto à política governamental desenvolvida na região – um processo dúbio entre promoção da Amazônia e interesse em explorá-la, algo que permanece até hoje devido à sua importância ambiental.

Resumidamente, nesse primeiro momento da Igreja na Amazônia, são assinalados quatro acontecimentos fundamentais na segunda metade do século XIX – navegação a vapor,

---

<sup>160</sup> A Comissão de Estudos da História da Igreja na América Latina e no Caribe (CEHILA) é um grupo de estudiosos e pesquisadores dedicados ao estudo da história da Igreja Católica nesta região. Fundado em 1973, o CEHILA tem como objetivo central analisar a história da Igreja numa perspectiva crítica, buscando valorizar as vozes dos povos latino-americanos, especialmente dos setores populares e marginalizados. Essa comissão promove uma abordagem historiográfica que destaca a relevância da Igreja no contexto social, cultural e político e a forma como a fé cristã se entrelaça com as realidades da América Latina, muitas vezes marcadas por desigualdades e lutas por justiça social.

abertura às nações amigas, crescimento da borracha e migração de nordestinos para o trabalho de extração da borracha (Mata, 2024, p. 347) – e todos convergem para um único fator: o econômico, com suas consequências humanas e políticas.

Dentre esses acontecimentos, a exploração da borracha e a migração nordestina foram os que mais impactaram a história do povo amazônico, com consequências até os dias atuais. Manaus e Belém foram dois grandes centros urbanos que se destacaram na fase do auge vivido pela produção de borracha. Foi durante esse ciclo e seu crescimento populacional que a Igreja, envolvida nessa complexa realidade, se desenvolveu e procurou retomar seu projeto missionário evangelizador, reorganizando suas estruturas após a libertação do Estado (sistema de padroado) com a Proclamação da República e a presença oportuna de ordens e congregações religiosas, o que possibilitou novas perspectivas para a ação evangelizadora.

Progressiva e paulatinamente, foi-se dando o percurso histórico do surgimento da diocese e a articulação da Igreja na região Amazônica. Outro fator fundante foi o papel de leigos e do clero secular, preponderantes na evangelização de toda a vastidão amazônica. O catolicismo, em suas expressões mais tradicionais e populares, cultivou desde muito tempo as festas dos santos, a reza do terço, as ladainhas em latim, benditos e reisados, procissões, etc., que se mantiveram graças ao empenho de homens e mulheres que, pela tradição, cultivaram esse legado.

Já no segundo momento, a partir de 1920 até os dias atuais, com o declínio da borracha, a região amazônica dependeu de outra situação: o retorno ao extrativismo, à coleta da castanha, à pecuária e à garimpagem – e, posteriormente, de uma política desenvolvimentista, iniciada na segunda leva da Era Vargas (1951-1954) e continuada por outras frentes de governo. Tais iniciativas atraíram muitos migrantes, especialmente nordestinos, o que trouxe outras implicações sociais com a chamada “ocupação indesejada da Amazônia”. Posteriormente, forjaram-se políticas governamentistas. Na década de 1960, instalou-se a Zona Franca de Manaus, marcada por interesses econômicos e financeiros, o que acarretou crescimento demográfico; no final da década, eclodiram conflitos fundiários entre Pará, Amazonas, Acre e Rondônia.

Nos anos 1970, com a implantação de projetos de rodovias e hidrelétricas, as terras dos povos indígenas foram invadidas e apropriadas, o que abriu outra chaga: o garimpo nesses territórios. Os indígenas foram os que mais sofreram nessa vastidão da Amazônia<sup>161</sup>. Isso

---

<sup>161</sup> Mata (2024, p. 365) assinala de forma esclarecedora acerca dos indígenas: sobre estes, sempre existiu uma visão colonialista, de domínio e ocupação de suas terras e de morte. Desde a chegada dos portugueses, só há

também gerou outro problema por ocupação de terras entre lavradores e posseiros. Em decorrência desses entraves, se inicia um processo de militarização da Amazônia. Contudo, é nesses cenários sociais, políticos e culturais que a Igreja vai se espraiando nesta região e moldando suas estruturas, com especial destaque ao contingente de missionários religiosos, em grande parte estrangeiro.

Somente em 1952 Manaus foi elevada a arquidiocese, tornando-se a segunda sede metropolitana na Amazônia. Várias prelazias foram constituídas em anos posteriores, como Parintins, Óbidos, Abaetés do Tocantins, Humaitá, Coari, Borba, etc. Em 1978, foi criada a prelazia de Rondônia, que se tornou diocese em 1983. Em 1979, a prelazia do Rio Branco tornou-se diocese de Roraima. Em sequência, outras várias prelazias foram criadas dentro do espaço chamado Amazônia Legal.

Com a instalação de tantas prelazias e a constituição de dioceses, surgiram várias instituições, como colégios, hospitais, orfanatos, escolas de arte e prendas, oficinas, oratórios e missões indígenas, além de organismos assistenciais e promocionais. A presença dos salesianos de Dom Bosco na Amazônia, tanto no Alto Rio Negro como na capital, Manaus, se põe nessa dimensão carismática assistencial, especialmente no campo educacional.

Em 1952, após a fundação da CNBB, Belém sediou a primeira reunião geral dos bispos e prelados da Amazônia. Em 1957, houve a segunda reunião dos prelados da Amazônia. A partir de 1960, com vistas a melhor atender a região, a CNBB se dividiu em regionais – a Amazônia ficou com duas: Norte I (Amazonas, Acre, Rondônia e Roraima) e Norte II (Pará e Amapá).

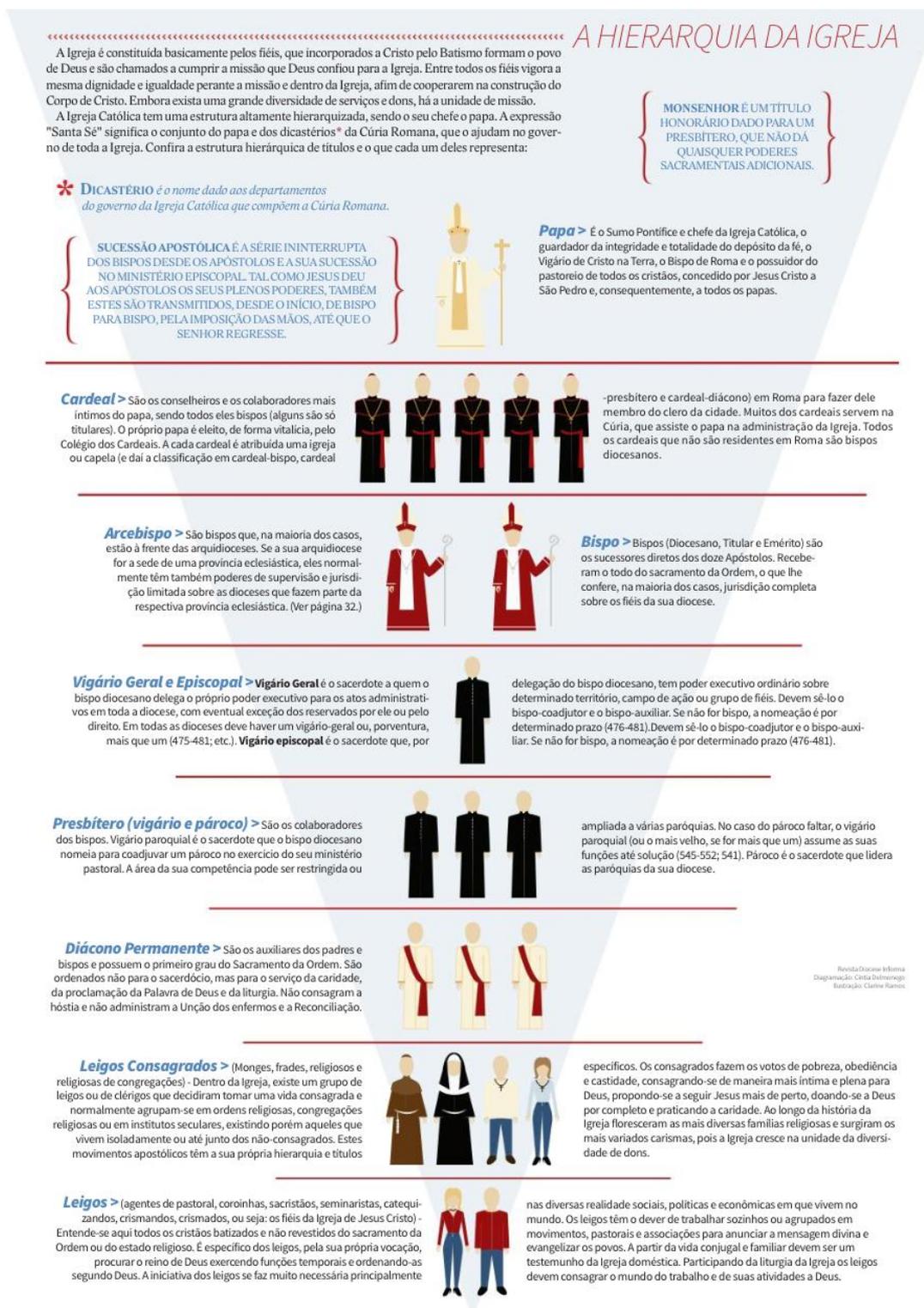
O CV II (1962-1965) e as encíclicas sociais possibilitaram um renovado ardor, especialmente diante das causas sociais presentes na região. A Conferência de Medellín (1968) foi fator importante para um novo olhar sobre a realidade amazônica. É a partir desse olhar que ocorre em 1972, em Santarém, o Encontro Inter-Regional e, posteriormente, em 1974, a ampliação desse encontro em Manaus, em que os bispos trabalharam linhas prioritárias para a ação pastoral da Igreja sob duas diretrizes: a encarnação da realidade e a

---

registros de truculência. A visão colonialista lançou as bases para um projeto considerado “civilizador” que estava intrinsecamente ligado ao processo evangelizador, tendo a Igreja como parceira. Eram poucos os profetas, os mártires e as instituições criadas para respeitar e salvar os indígenas. Não foi o projeto Rondon, lançado pelo governo ao final dos anos 1960 para promover a integração social e o desenvolvimento de comunidades carentes, nem a Fundação Nacional do Índio (Funai), ambos suscitados pelo governo, que se puseram em defesa real dos indígenas. Acredita-se que somente o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), órgão vinculado à CNBB, dedicado à defesa dos direitos dos povos indígenas, é que conseguiu mudanças por respeito a sua cultura e tradições, ajudando-os a defender suas lutas e a manter suas terras e a sobrevivência. Foi o CIMI a ajudar os povos indígenas, a falar por si, a se organizar e a defender como grupo étnico distinto.

evangelização libertadora – com destaque especial para a formação de agentes de pastoral, atenção às comunidades cristãs de base, pastoral indígena, estradas e outras frentes, além da pastoral da juventude.

Figura 28 – Hierarquia da Igreja



Fonte: Diocese de Joinville (SC).

Em 1972, houve a criação do CIMI e, em 1975, da CPT, que encontraram apoio na Igreja regional, assinalando um novo tempo desde o período colonial. Com o golpe militar de 1964, algumas tomadas de decisões implicaram atitudes rígidas, expulsando e afastando membros do clero na região por claro apoio às causas indígenas. Diante das problemáticas da região amazônica, não faltaram nomes significativos, entre membros do clero e leigos, em defesa da Amazônia – inclusive alguns mártires.

Após o CV II (1961 e 1965) e Medellín (1968), ocorreu na Amazônia brasileira o IV Encontro Pastoral da Amazônia, em 1972, em Santarém. Paulo Suess (2024, p. 420) comenta que o encontro se deu em uma “perspectiva de Igreja em saída” (cf. EG 20ss.), entendendo o contexto político da ditadura militar e sua ideologia desenvolvimentista. O ano de 1972 foi considerado um ano de resistência, carismático e profético. Em setembro daquele ano, foi inaugurado um trecho da Rodovia Transamazônica (BR 230), que atingiu espaços de 29 povos indígenas. Algo semelhante ocorreu com a BR 364, de Cuiabá a Porto Velho, que invadiu e matou populações Nambiquara.

O ano de 1972 foi considerado ano jubilar, quando a Igreja do Brasil assumiu um programa de ajuda mútua entre as dioceses por meio do Projeto Igrejas-Irmãs. Naquele mesmo ano, foram constituídos o CIMI e o Conselho Missionário Nacional (Comina). Também ocorreram, em 1972, o Encontro da Pastoral da Amazônia (Santarém) e a Conferência de Estocolmo, que foi a primeira reunião das Nações Unidas a tratar, em nível mundial, de questões ligadas a degradação do meio ambiente, clima e desenvolvimento.

Paulo Suess (2024, p. 419-437) faz um importante registro histórico desses 50 anos de evangelização na Amazônia: trata-se de um rastreamento documental entre Santarém I (1972) e Santarém II (2022)<sup>162</sup>.

Nesse intervalo, aconteceram vários encontros e passos importantes após o CV II e Medellín, como o IV Encontro Pastoral da Amazônia (1972); o II Encontro Inter-Regional de Pastoral (1974), que estabeleceu linhas prioritárias da Pastoral da Amazônia; e o III Encontro Inter-Regional de Pastoral (1990). Além disso, registramos as duas Conferências Episcopais Latino-Americanas e do Caribe, Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007); o Seminário de Estudos e Assembleia das Regionais Norte I e II (1997), celebrando o 25º aniversário de Santarém I; os bispos da Amazônia na 38ª Assembleia Geral da CNBB (1999), onde se voltou

---

<sup>162</sup> Os termos aqui empregados, Santarém I e II, são utilizados por Suess na obra *História da Igreja na Amazônia* (2024) para facilitar a referência e a retomada do Encontro de Santarém, em 1972, bem como demais Assembleias que retomam ou celebram marcos para a Igreja Católica na Amazônia; embora não sejam identificados assim nos contextos eclesiais, são um retorno importante referindo-se a Santarém e seus marcos celebrativos ao longo da história.

a discutir a Amazônia a partir de sua exploração por obra de interesses externos e contra a vida do amazônida; e o XI Encontro Inter-Regional de Bispos da Amazônia, em Manaus (2007), onde se discutiu a importância de sermos discípulos missionários na Amazônia.

Em 2014, surge a Rede Eclesial Pan-Amazônica (REPAM), como resposta a tantas ameaças enfrentadas pela região e sua crescente exploração. Anos depois, ocorre o Sínodo para a Amazônia (Roma, 2019), que resulta na publicação da exortação *Querida Amazônia* (2020). Após o Sínodo para a Amazônia, ocorre o IV Encontro da Igreja Católica na Amazônia Legal, Santarém II (2022).

Neste longuíssimo percurso de 50 anos, o encontro de Santarém I (1972) foi retomado; voltou-se às linhas prioritárias da pastoral da Amazônia, sendo Santarém II (2022) uma grande assembleia eclesial que envolveu diversos(as) leigos(as), consagrados(as), bispos e presbíteros, que retomaram as duas linhas prioritárias anteriores: 1) encarnação da realidade; e 2) evangelização libertadora – além dos quatro sonhos do papa Francisco que constituem *Querida Amazônia*: os sonhos eclesial, social, cultural e ecológico. Santarém II foi sinônimo de gratidão e profecia, como rosto de uma Igreja fidedigna à missão que lhe foi confiada em seu processo de missão encarnada e evangelizadora na realidade, acrescentado aos sonhos a “igreja dos mártires” como símbolo deste comprometimento pela causa divina.

Contudo, renovando-se em seu processo de continuidade da missão, Santarém II saiu com seis linhas prioritárias em seu documento “Novos caminhos de evangelização”, processos já iniciados: 1) CEBs com enfoque na ministerialidade e participação feminina; 2) formação dos discípulos missionários do laicato aos ministérios ordenados; 3) reconhecimento dos direitos da natureza e da vida dos povos da Amazônia; 4) cuidado com a casa comum, incluindo a atenção a migração, mineração e projetos de infraestruturas; 5) evangelização das juventudes; e 6) manutenção econômica e a comunicação.

Dois temas esperados com ansiedade na exortação *Querida Amazônia*, a admissão de pessoas casadas ao ministério de presidência da Eucaristia e o diaconato ministerial das mulheres, causaram decepção no processo pós-sinodal. Porém, uma resposta ao Sínodo foi a criação, em 2020, da Conferência Eclesial da Amazônia (CEAMA), cuja novidade foi justamente sua composição não apenas por bispos, uma vez que também inclui leigos, religiosos e clero numa estrutura mais sinodal. A CEAMA é uma entidade eclesial suscitada para fortalecer a presença da Igreja Católica na região amazônica e atuar em defesa dos povos e da biodiversidade da Amazônia.

Posteriormente, o oeste do estado do Pará volta a ser local referencial e produz o “Documento de Santarém 50 anos: Gratidão e Profecia”. Consentindo a autoridade de

*Querida Amazônia*, repropôs algumas solicitações, como a ordenação presbiteral de diáconos casados (Santarém II, n. 45); propôs facultar a cristãos leigos receber da Igreja local permissão para assistir como testemunhas qualificadas ao matrimônio; e a admissão de mulheres ao diaconato ministerial permanente (Santarém II, n. 48).

Essas questões, já levantadas em *Querida Amazônia*, voltaram a ser sonhadas para o Sínodo da Sinodalidade (2021-2024). Porém Brighenti (2024, p. 11) assinala que, com Francisco, se vive um momento de renovação ainda na esteira do CV II, um processo sinodal desde o Sínodo da Amazônia, que foi trazendo à Igreja uma experiência descentralizadora a partir do seu amplo processo de escuta e em fases, embora continue como centro de poder eclesial e clerical com poucas vozes.

Diante de tais questões, ainda em discernimento pela Igreja no seu mais recente Sínodo da Sinodalidade, Suess (2024, p. 436) imagina escutar a voz do papa Francisco, que responde: “Me dêem um prazo. As dívidas eclesiais de séculos não posso pagar à vista. Estou pagando em prestações. Rezem por mim”.

Figura 29 – Bênção final



Fonte: Ana Maria Freitas (2024).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Remei, remei, pra chegar até aqui.  
Cheguei, vou cantar minha alegria.  
(Raízes Caboclas)*

Partidas e chegadas marcam esta trajetória, não como fim, mas como horizonte.

É preciso considerar em primazia que não se trata de um ponto final deste longo percurso, nem de condenar, causar ou simplesmente apontar entre acertos e erros no objetivo deste trabalho ao ter um olhar “vespeiro” ou no “calor da emoção” para a experiência religiosa da Novena da Bênção de São José ao longo deste jubileu de 25 anos, embora para a historicidade ainda tão cedo, com um subsolo próprio da jovialidade.

À luz desta experiência religiosa, observamos algumas tipologias, espriando um olhar mais a fundo para o catolicismo brasileiro desde a virada do terceiro milênio desta era cristã, entre cenários e perspectivas.

Coincidentemente, estamos agora diante de um novo jubileu eclesial, o Jubileu da Esperança, a ser trabalhado ao longo de todo o ano de 2025, com o tema “Peregrinos da Esperança” – uma vez que, a cada 25 anos, a Igreja celebra um jubileu. Este, sob o governo do papa Francisco, tem por objetivo inspirar os fiéis a uma renovação espiritual, com foco em valores como a solidariedade, a paz e a perseverança. Trata-se de um período que bendiz a ação de Deus na história (*aliança com seu povo*) e, por essa razão, comporta implicações ético-religiosas que a comunidade de fé é chamada a viver e praticar.

A finalidade maior desta pesquisa participante foi traçada e percorrida com diligência. Temos, agora, uma vasta e múltipla faceta do catolicismo brasileiro, que não é unívoco e puramente romanizado, mas vivido, experimentado e mutável diante deste universo que é o catolicismo universal. Está na ordem do Espírito, não por se tratar simplesmente de um trabalho religioso, mas por perceber o entrelaçamento de fatores que tal campo espiritual comporta, abrindo senda rizomática sobre diversas esferas.

Na lógica do método sociológico abrangente de Weber (1999), a compreensão é um momento da explicação, pois, conforme Dominique Schnapper (*apud* Hervieu-Léger; Willaime, 2009, p. 79), a compreensão sociológica não significa “compreender as condutas dos homens de modo intuitivo e simpático”, mas “torná-las inteligíveis em um projeto de conhecimento intelectual e racional”; trata-se de um fator que esclarece a explicação causal.

Desse modo, partimos de certas considerações na perspectiva de duas janelas: a primeira, com um olhar de dentro para fora; a segunda, de fora para dentro. Não podemos prescindir do cumprimento dos 60 anos do CV II, completados em outubro de 2022, como o maior acontecimento eclesial do século XX e, sem dúvida, um marco importante no processo de renovação da Igreja nos últimos tempos; um divisor de águas na compreensão da Igreja sobre si mesma e sua missão. Neste ocaso, papa Francisco é o pastor com mais de dez anos à frente deste pontificado, que tem demonstrado notável identificação e afinidade com o impulso de renovação que o CV II trouxe para a Igreja, desde sua primeira exortação apostólica, *Evangelii Gaudium* (EG), até o Sínodo da Sinodalidade (2021-2024), recentemente concluído – um retorno às suas fontes e à sua finalidade evangelizadora e missionária num mundo de múltiplos altares, na linguagem berguiana.

Começemos com nosso olhar de dentro. Introduzimos o trabalho reportando-nos a uma obra referencial, *O peregrino e o convertido* (Hervieu-Léger, 2015). Trazemos agora outra obra oportuna, que responde a algumas indagações aqui suscitadas: *O entardecer do cristianismo*, de Tomáš Halík (2023), como chave de leitura para o que o autor entende ser o *entardecer* no cristianismo.

O conceito de “entardecer” no texto de Tomáš Halík – especialmente presente em sua obra anterior, *A noite do confessor* (2016), em que adentra as crises de fé contemporâneas – é uma metáfora que o autor utiliza para explorar temas relacionados à espiritualidade e às crises existenciais que ocorrem na vida das pessoas.

Halík sugere que o “entardecer” representa um momento de transição, quando a luz do dia (que pode ser vista com clareza, a certeza e a segurança) começa a desaparecer, dando lugar à escuridão da noite (que simboliza a incerteza, a dúvida e a crise). Nesse contexto, o “entardecer” é uma metáfora para a fase da vida ou da jornada espiritual em que as certezas anteriores começam a desvanecer e as pessoas são confrontadas com suas próprias vulnerabilidades e dúvidas.

Ele vê essa fase não como algo necessariamente negativo, mas como uma oportunidade para um aprofundamento da fé e do entendimento espiritual. É no “entardecer”, na transição entre a luz e a escuridão, que muitas vezes somos chamados a refletir mais profundamente sobre nossa fé e a encontrar um novo sentido, mesmo no meio da incerteza.

O “entardecer” é, portanto, um símbolo da complexidade e da profundidade da experiência humana e espiritual, quando a escuridão que se aproxima pode levar à descoberta de uma fé mais madura e resiliente.

Desse modo, esta leitura interna sob o catolicismo enxerga crise, desalinhamento, fases em conflito, mas ao mesmo tempo lugar de passagem, transição entre continuidade e desafios. Este é o deslocar da fé que intriga, satisfaz e instiga diante de tantos horizontes impactados pelas mudanças socioculturais, entre outros fatores. É uma percepção endógena que nos faz distinguir um movimento próprio da espiritualidade à luz dos tempos, sob um outro paradigma religioso instituído, em que o nível de adesão não necessariamente sinaliza pleno consentimento axiológico, mas que se polariza.

Ainda sob o ponto de vista institucional, como eco ao CV II, papa Francisco, na EG, expressa seu desejo de que a Igreja assuma uma fisionomia verdadeiramente missionária, a fim de que os “costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcional mais à evangelização” que à sua autopreservação (EG 27). É o apelo premente da Conferência de Aparecida pela chamada “conversão pastoral” (DAp 365).

Noutra perspectiva, de fora para dentro, no tempo presente é premente a secularização, a pós-modernidade e o que isso representa socialmente como forma de se colocar no mundo ao dar-se conta da dimensão espiritual natural ao ser humano em todo tempo e lugar, especialmente na América Latina e, ainda, sob uma ótica amazônica, em que a religiosidade está imbricada socialmente.

O fato é que a percepção de João Daniel, registrada em seu *Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas* (século XVIII), ainda continua a ser um registro dessa força propulsora no vale amazônico: “um cristianismo não obrigatório, mas muito devocional; não sacramentalista, mas intensamente voltado para a veneração dos santos” (Daniel *apud* Maciel, 2024, p. 242) – ou ainda a afirmação de Hugo Fragoso, sobre a existência de “uma cultura tapuia relativamente autônoma do controle eclesiástico, em toda a área amazônica” (Maciel, 2024, p. 406). Essa constituição se deu devido a imensas distâncias geográficas, escassez do clero, diversidade cultural, entre outros fatores, não obstante outras forças como a romanização e a internacionalização. Esse catolicismo se desenvolveu pela *via devocionis*: sua condição e formação cultural constituiu um cristianismo autônomo e fiel, cuja força da piedade é viva e fidedigna à evangelização aqui semeada. O Círio de Nazaré é a imagem emblemática do povo da Amazônia; o período pandêmico foi um sinal eloquente disso, quando o Círio saiu às ruas na informalidade do povo, para além da oficialidade que lhe é ordeira.

Ainda que sob o olhar externo de quem não tem o menor vínculo institucional com a religião, o fato é que, com a modernidade, foi-se impondo o pluralismo; este, de fato, cria pressões para a liberdade religiosa enquanto direito básico.

Portanto, na esfera religiosa aqui abordada, de modo a entender os meandros da Novena da Bênção de São José e, nela, vias de compreensão do catolicismo brasileiro, consideramos que o paradigma crescente chamado de “padres novos” se trata, de fato, de uma outra visão de mundo sobre o próprio ministério presbiteral; afinal, trata-se de uma outra geração, iluminada ou constituída por outros referenciais eclesiológicos.

Brighenti e seus colaboradores conseguem trazer à luz, por meio da pesquisa, o norte das perspectivas sociopastorais numa panorâmica histórica ascendente, de modo a denotar a ambiência destas duas visões: “institucional/carismática” e “evangelização/libertação”. Tais perspectivas são não somente divisoras de águas, mas propulsoras de um outro limiar no seio da Igreja, seja por suas razões ou contravenções no que nela mesma não é aceito ou assimilado; disso decorre sua razão ao falar em “involução eclesial”. Entende-se que a receptividade do CV II é um desafio em ato, depois de vários anos de sua concepção, e que vai se configurando – embora surjam diversos desafios no contexto concreto da sociedade.

Vale retomar que compreendemos a ambiência pastoral, referida por Brighenti, como um “condensamento” dos cenários de Igreja apontados pelo teólogo brasileiro João Libânio, em *Cenários da Igreja* (publicado em 2009b). O que Brighenti faz é uma atualização e um reenquadramento ao categorizar as chamadas ambiências pastorais, enriquecidas por novos elementos próprios da sociedade pós-moderna, com todas as características próprias do tempo presente e os desafios atuais à ação evangelizadora da Igreja no Brasil e seus distintos pares, do clero ao laicato.

Os números do catolicismo no Brasil diminuem; porém, para o tempo presente e sua pós-modernidade, não é que seja menos arreligiosa, mas sim plural e secularizada. No catolicismo, há claros sinais que tais perspectivas precisam encontrar uma via de diálogo permanente entre o velho e o novo para que tal ambiência não se agrave entre certo e errado, tradição e transgressão, mas postule uma cristandade múltipla que colhe do diferente o necessário para sua real existência.

A experiência da Novena da Bênção de São José, entre altos e baixos de sua trajetória, é sinal deste termômetro num catolicismo plural, pós-moderno e mais consonante à era espiritual que vivemos, entre escolha individual e instituição voluntária.

## REFERÊNCIAS

- ARENDRT, Hannah. *As origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- AZEVEDO, Thales de. Catolicismo no Brasil. *Revista Vozes*, Rio de Janeiro, n. 63/2, p. 117-124, 1969.
- AZEVEDO, Thales de. *Cultura e situação racial no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- BALLOUSSIER, Anna Virgínia. *O púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos*. São Paulo: Todavia, 2024.
- BATISTA, Carla Cristina Vasconcelos. *Território e territorialidade da Igreja Católica em Manaus*. 2007. 67 f. Monografia (Especialização em Geografia da Amazônia Brasileira) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: formação social e cultural*. Manaus: Valer, 1999.
- BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- BOFF, Clodovis Maria; RASERA, Leandro (org.). *A crise da Igreja Católica e a teologia da libertação*. São Paulo. Ecclesiae, 2023.
- BOFF, Leonardo. *Eclesiogênese: a reinvenção da Igreja*. São Paulo: Record, 2008.
- BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Edições CNBB, 2022. (Coleção Vida e Liturgia da Igreja).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular*. 3. ed. Uberlândia: EDUFU, 2007.
- BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do catolicismo brasileiro: clero, leigos, religiosas e perfil dos padres novos*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- BRIGHENTI, Agenor. Perfil dos padres novos no Brasil. Interpelações dos resultados de uma pesquisa de campo. *Seminários*, v. 67, n. 230, p. 123-134, 2022.

BRIGHENTI, Agenor. *Sinodalidade: o jeito de ser Igreja, comunhão e participação*. Petrópolis: Vozes, 2024.

CERETTA, Celestino. *História da Igreja na Amazônia Central*. Manaus: Biblos, 2014. v. 2.

CIPRIANI, Roberto. *La religione diffusa*. Teoria e prassi. Roma: Borla, 1988.

CÓDIGO de Direito Canônico. Trad. CNBB. 3. ed. Brasília: Edições CNBB, 2016.

COLEÇÃO de novenas. São Paulo: Santa Cruz, 2022.

COMBLIN, José. Para uma tipologia do catolicismo no Brasil. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 28, n. 1, 1968.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia – a conversão pastoral da paróquia*. Brasília: Edições CNBB, 2014. (Documentos CNBB, 100).

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS. *Directório sobre a piedade popular e a Liturgia: princípios e orientações*. Lisboa: Paulinas, 2002.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. São Paulo: Paulus, 2007.

COSTA, Mauro Gomes da. (org.). *A ação dos Salesianos de Dom Bosco na Amazônia*. São Paulo: Editora Salesiana, 2009.

DUMONT, Louis. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FERNANDO, Adelson da Costa. *Nas teias do comunitarismo carismático católico: uma análise sociológica da Comunidade Vida Nova em Parintins/AM*. 2018. 225 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2018.

FERNANDO, Adelson da Costa. *Religião e sociedade contemporânea: manifestações carismáticas em Manaus*. 2001. 184 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2001.

FERRAROTTI, Franco. *Una fede senza dogmi*. Roma, Bari: Laterza, 1990.

FERREIRA, Reuberson *et al.* *Ano jubilar “Peregrinos da Esperança”*: uma visão espiritual, histórica, bíblica, pastoral e litúrgica. São Paulo: Paulinas, 2024.

FRANCISCO, Adilson J. *Trânsitos religiosos, cultura e mídia: a expansão neopentecostal*. São Paulo: Paulus, 2014.

GONZÁLEZ, Ramón. *Piedade popular e liturgia*. São Paulo: Loyola, 2007.

HAHN, Scott. *Sinais de vida: quarenta costumes católicos e suas raízes bíblicas*. São Paulo: Quadrante, 2019. (Coleção Vértice, 113).

HALÍK, Tomáš. *O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar*. Petrópolis: Vozes, 2023.

HAN, Byung-Chul. *A expulsão do outro*. Sociedade, percepção e comunicação hoje. Petrópolis: Vozes, 2022.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean-Paul. *Sociologia e religião: abordagens clássicas*. Aparecida: Ideias e Letras, 2009.

HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

HOORNAERT, Eduardo. *Novos desafios para o cristianismo: a contribuição de José Comblin*. São Paulo: Paulus, 2012.

LEITE, Pedro. Liturgias vigiadas, católicos divididos: como a crise de pertencimento esvazia os ritos. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 54, n. 1. p. 1-12, jan.-dez. 2024.

LEMOS FILHO, Arnaldo. *Os catolicismos brasileiros*. Campinas: Alínea, 2020.

LIBÂNIO, João Batista. Cenários da Igreja. *Vida Pastoral*, São Paulo, n. 215, p. 2-5, 2009a.

LIBÂNIO, João Batista. *Cenários da Igreja: num mundo plural e fragmentado*. São Paulo: Loyola, 2009b.

LIMA, José Arnaldo Coêlho de Aguiar. *As novenas em Mariana*. Mariana: Ed. do autor, 2011.

LOPES, André Camargo. Os espaços da fé: um estudo sobre o campo religioso na perspectiva da religiosidade popular. *Mediações*, Londrina, v. 13, n. 1-2, p. 231-259, 2008.

JAMES, William. *As variedades da experiência religiosa: um estudo sobre a natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 2002.

MACIEL SOARES, Elisângela Socorro. *Entre o Tibre e o Amazonas: a romanização serpenteia a Igreja de Manaus (1968-1958)*. 2023. 425 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2023.

MACIEL SOARES, Elisângela Socorro (org.). *História da Igreja na Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 2024.

MACIEL SOARES, Elisângela Socorro. *Igreja de Manaus, porção da Igreja Universal: a Diocese de Manaus vivenciando a romanização (1892-1926)*. Manaus: Valer, 2014.

MARTELLI, Stefano. *A religião na sociedade pós-moderna*. São Paulo: Paulinas, 1995.

MIRANDA, Mário de F. *O Deus escondido: a pertinência do cristianismo no mundo atual*. Petrópolis: Vozes, 2023.

MISSAL Romano: restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado por ordem do Papa Paulo VI. Edição típica vaticana traduzida para o português. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2004.

NESTI, Arnaldo. *Il religioso implicito*. Roma: Lanua, 1985.

NOGUEIRA, Celeide Agapito Valadares. Clero e catolicismo brasileiros: subjetividades e identidade no mundo plural. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 83, n. 326, p. 788-909, set.-dez. 2023.

NOGUEIRA, Erlen Barbosa. *Novena de São José: patrimônio religioso do bairro Praça XIV de janeiro*. 2019. 46 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Turismo) – Escola Superior de Artes e Turismo, Universidade Estadual do Amazonas, Manaus, 2019.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *A religião na sociedade urbana e pluralista*. São Paulo: Paulus, 2014. (Temas de Atualidade).

ORIONE, Silva; CARMO, Solange Maria do. Os santos e as imagens na religiosidade popular. *Revista Pastoral*, São Paulo, ano LIV, n. 289, p. 28-37, mar./abr. 2013.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PASSOS, João Décio. *A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020.

PASSOS, João Décio. *No lugar de Deus: ensaios (neo)teocráticos*. São Paulo: Paulinas, 2021.

PEREIRA, Fabia Maria Gama. Invisibilidades e esquecimentos: a obra de Thales de Azevedo e sua importância para a antropologia nacional. *Revista de Estudos Brasileños*, Salamanca, v. 2, p. 73-82, 2015.

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito Santo: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Mudança religiosa na sociedade secularizada: o Brasil 50 anos após o Concílio Vaticano II. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*, São Carlos, v. 5, n. 2, p. 351-379, jul.-dez. 2015.

ROSENDAHL, Zeny. *Espaço e religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

SALESIANOS DE DOM BOSCO. *Quadro referencial da Pastoral Juvenil Salesiana*. 3. ed. Roma: Dicastério para a Pastoral Juvenil, 2014.

SIMAS, Luiz Antônio. *Santos de casa: fé, crenças e festas de cada dia*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.

SOCIEDADE DE SÃO FRANCISCO DE SALES. *Constituições e Regulamentos da Sociedade de São Francisco de Sales*. 3. ed. Roma: Editora Salesiana, 2016.

SOUZA, Agildo Alves de. *Um estudo mariológico sobre a novena de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro em Manaus*. 2023. 151 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2023.

SOUZA, Alzirinha Rocha. Expressões do catolicismo no Brasil 50 anos depois. Releitura do artigo “Para uma tipologia do catolicismo no Brasil”, de José Comblin. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, v. 80, n. 315, p. 117-137, jan.-abr. 2020.

TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. *Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009.

VELASCO, Luis. *Modelos de Igreja na pastoral latino-americana*. São Paulo: Paulus, 1988.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Editora da UnB, 1999.

## ANEXO A

### DIRETÓRIO PARA AS NOVENAS

Revestido o sacerdote de sobrepeliz, estola branca e capa de Asperges, com barrete na cabeça, sai da sacristia com dois acólitos de velas ou tocheiros acesos e dois que lhe levantem a capa pelos lados (se puder ser). Ao chegar ao altar onde vai rezar a novena, descobre-se e dá o barrete ao acolito à sua direita, e posto de joelhos, entoa em voz alta e clara:

*Aperi, Dómine, os nostrum ad benedicéndum nomem sanctum tuum, munda quoque cor nostrum ab óminibus vanis, pervérsis et aliénis cogitatió nibus, intelléctum illúmina, afféctum inflámma, ut digne, atténte ac devóte hoc sanctum exercítum per ágere valeámus, et exaudírem ereámur ante conspéctum divinae Majestátis tuae. Per Christum Dóminum Nostrum.*

**R. Amen.**

Logo, em voz alta:

*V. Deus in adjutórum meum inténde.*

**R. Dómine adjuvándum me festína.**

*V. Glória Patri et Fílio et Spíritui Sancto.*

**R. Sicut erat in princípio, et nunc et semper et in sæculasæculórum. Amen.**

Entoa o coro ou os cantores o:

*Veni Sancte Spíritus, reple tuórum corda fidélium et tuiamóris in eis ignem accénde.*

*V. Emitte Spíritum tuum et creabúntur.*

**R. Et renovábis fáciem terrae.**

O *Oremus* se diz de pé:

#### ***Oremus***

*Deus, qui corda fidélium Sancti Spíritus illustratióne docuísti, da nobis in éodem Spíritu recta sápere et de eius semper consolatióne gaudére. Per Christum.*

**R. Amen.**

De joelhos, no meio do altar, lê a oração preparatória para todos os dias e, em seguida, o coro entoa (se for possível) um cântico qualquer em honra ao santo, cuja novena se faz.

Concluído este, o sacerdote levanta-se e vai ao lado do Evangelho, fazendo a devida reverência à cruz, lê de pé a meditação do dia, marcada no novenário ou uma qualquer comum para todos os dias, tendo à direita os seus dois acólitos.

Desce depois ao meio do altar, com as mesmas reverências, e o coro canta três vezes: Pai-Nosso, Ave-Maria e Glória e a jaculatória ao santo. Segue-se, então, a:

*Ladainha de Nossa Senhora*

*Kyrie, eléison.*

**R.** *Kyrie, eléison.*

*Christe, eléison.*

**R.** *Christe, eléison.*

*Kyrie, eléison.*

**R.** *Kyrie, eléison.*

*Pater de cœlis, Deus,*

**R.** *Miserérenobis.*

*Fili, Redemptor mundi, Deus,*

**R.** *Miserere nobis.*

*Spíritus Sancte, Deus,*

**R.** *Miserére nobis.*

*SanctaTrínitás, unus Deus,*

**R.** *Miserére nobis.*

*Sancta Maria,*

**R.** *Ora pro nobis.*

*Sancta Dei Génitrix,*

*Sancta Virgo vírginum,*

*Mater Christi,*

*Materdivínaegrátiae,*

*Mater puríssima,*

*Mater castíssima,*

*Materinvioláta,*

*Materintemerata,*

*Materamábilis,*

*Mater boni consílii*

*Materadmirábilis,*

*Mater Creatóris,*

*MaterSalvatóris,*

*Virgo prudentíssima,*

*Virgo veneranda,*

*Virgo praedicánda,*

*Virgo potens,*

*Virgo clemens,*

*Virgo fidélis,*

*Spéculum justitiae,*

*Sedes sapiéntiae,*

*Causa nostraelaetítiae,*

*Vas espírituále,*

*Vas honorábile,*

*Vas insgígne devotiónis,*

*Rosa mystica,*

*Turris davídica,*

*Turris ebúrnea,*

*Domus áurea,*

*Foederis arca,*

*Jánua caeli,  
 Stella matutina,  
 Salus infirmórum,  
 Refugium peccátorum,  
 Consólatrix afflictórum,  
 Auxilium christianórum,  
 Regína angelórum,  
 Regina patriarchárum,  
 Regina prophetárum,  
 Regina apostolórum,  
 Regina mártýrum,  
 Regina confessórum,  
 Regina vírginum,  
 Regina sactórum ómnium,  
 Regina sine labe origináli concépta,  
 Regína in cælum assumpta,  
 Regína Sacratíssimi Rosárii,  
 Regina pacis.*

*Agnus Dei, qui tollis peccátamundi,  
 R. Parce nobis Dómine.  
 Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi,  
 R. Exáudi nos Dómine.  
 Agnus Dei, qui tollis peccáta mundi,  
 R. Miserere nobis.  
 V. Ora pro nobis, Sancta Dei Génitrix.  
 R. Ut dignie fficiámur promissionibus Christi.*

### **Oremus**

*Gratiam tuam, quaesumus, Dómine, méntibus nostris infúnde, ut qui, angelo nuntiánte,  
 Christi Fílii tui Incarnatióem cognóvimus, per passiónem eius et crucem ad resurréctionis  
 glóriam perducámur. Per Christum Dóminum nóstrum.  
 R. Amen.*

Logo depois do último *Agnus Dei*, o coro entoia a Salve Rainha ou qualquer outra antífona. Ao  
 começar esta, o sacerdote se levanta, põe incenso no turíbulo que recebe das mãos do acólito  
 de seu lado direito e incensa o altar, do modo ordinário, entrega depois o turíbulo ao acólito  
 que o incensa com três ductos, com as reverências de costume, e o sacerdote, descendo ao  
 meio do altar e munido da sacra, livro de oração ou missal, diz o Oferecimento:

*V. Ora pro nobis Sancte N. (ou Sancta N.).  
 R. Ut digniefficiámur promissionibus Christi.*

E, de pé, *Oremus*, cantando ou recitando a oração do santo, cuja novena se faz. Finalmente,  
 diz de pé:

*V. Divinum auxílium máneat semper nobíscum.  
 R. Amen.*

E volta à sacristia do mesmo modo que de lá veio, tomando o barrete, e fazendo as devidas reverências.

## ANEXO B

### TERÇO DE SÃO JOSÉ

#### **Oferecimento do terço**

Oferecemos este terço em louvor e glória de Jesus, Maria e José, para que sejam a nossa luz, guia, proteção, defesa, amparo e fortaleza em nossa vida, em todos os nossos trabalhos, alegrias, agonias e tribulações. Pelo Nome de Jesus e pela glória de Maria, imploramos de vós, glorioso São José, que alcanceis a graça que desejamos. Advogai a nossa causa, falai em nosso favor, no céu e na terra, alegrai a nossa alma, para honra e glória de Jesus e Maria. Amém!

#### **Contemplação do 1º mistério**

“José, que era homem de bem, não queria difamar Maria e resolveu rejeitá-la secretamente. Enquanto estava pensando nisso, eis que um anjo do Senhor apareceu a ele num sonho e disse: – José, descendente de Davi, não tema receber Maria como sua esposa, pois o que nela foi concebido vem do Espírito Santo. Ela dará à luz a um filho, a quem porá o nome de Jesus, pois ele salvará o seu povo de seus pecados.” (Mt 1, 19-21)

#### **Contemplação do 2º mistério**

“Despertando, José fez como o anjo do Senhor lhe havia mandado e recebeu Maria em sua casa como esposa. E sem que ela o tivesse conhecido, ela deu à luz ao seu filho que recebeu o nome de Jesus.” (Mt 1, 24-25)

#### **Contemplação do 3º mistério**

“Depois da partida dos sábios, um anjo do Senhor apareceu a José em sonho e lhe disse: – Levante-se! Pegue o menino e a mãe dele e fuja para o Egito. Fique lá até eu lhe avise, porque Herodes vai procurar o menino para matá-lo. José se levantou, pegou o menino e sua mãe e partiu para o Egito durante a noite. Eles ficaram no Egito até a morte de Herodes.” (Mt 2,13-14)

#### **Contemplação do 4º mistério**

“Com a morte de Herodes, o anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse: – Levanta-te, pega o menino e sua mãe e retorna à terra de Israel, porque morreram os que atentavam contra a vida do menino.” (Mt 2, 19-20)

#### **Contemplação do 5º mistério**

“José ficou com medo de voltar para a Judeia, pois quem reinava na época era Arquelau, filho de Herodes. Então, ele partiu para a região da Galileia e foi habitar na cidade de Nazaré, para que se cumprisse o que foi dito pelos profetas: – Será chamado Nazareno.” (Mt 2, 22-23)

#### **Salve Rainha**

Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura e esperança nossa, salve! A vós bradamos os degredados filhos de Eva. A vós suspiramos, gemendo e chorando neste vale de lágrimas. Eia, pois, advogada nossa, esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei, e depois deste desterro mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre, ó clemente, ó piedosa, ó doce e sempre Virgem Maria. Rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Amém.

**Oremos**

Ó Deus, que por infável providência Vos dignastes escolher a São José por esposo de Vossa Mãe Santíssima; concedei-nos, Vo-lo pedimos, que mereçamos ter por intercessor no Céu aquele que veneramos na Terra como protetor. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amém!

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!  
Para sempre seja louvado!